



Lucy Benton

minha doce  
**Menina**  
Deixe o amor te guiar



minha doce  
Menina

Deixe o amor te guiar



**Copyright2018© Lucy Benton**  
**Minha Doce Menina**  
**1º edição.**

Todos os direitos reservados.  
Proibida toda e qualquer distribuição sem a autorização prévia  
da autora.

Essa é uma obra de ficção.  
Quaisquer semelhança com nomes, pessoas, lugares ou  
acontecimentos, será mera coincidência.

Foto da capa: Deposiphotos.

*A Deus, por ser minha rocha e fortaleza. Por me amar, mesmo sem o meu merecimento.*

*E ao João Pedro, meu doce e profundamente amado menino...  
Você faz tudo valer a pena!!!*

*“Sonha menina, mas sonha muito. E se disserem a você que sonhar é uma perda de tempo, sonha mais. Quem impõe, ou não, limites nos seus sonhos, é você.”*

*Laureane Antunes.*



## Índice

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e Um](#)

[Vinte e Dois](#)

[Vinte e Três](#)

[Vinte e Quatro](#)

[Vinte e Cinco](#)



Vinte e Seis

Vinte e Sete

Vinte e Oito

Vinte e Nove

Trinta

Trinta e Um

Trinta e Dois

Trinta e Três

Trinta e Quatro

Trinta e Cinco

Trinta e Seis

Trinta e Sete

Trinta e Oito

Trinta e Nove

Quarenta

Quarenta e Um

Epílogo Um

Epílogo Dois





## Sinopse

**Mia** viu o pai poucas vezes ao longo da vida, a última delas há mais de cinco anos. Então, não sabe qual a razão de receber um telefonema em seu nome no meio da noite, pedindo para ir até a delegacia mais próxima.

Depois do choque inicial, de várias negativas e de uma intensa interação com o policial do outro lado da linha, ela sai de casa cheia de dúvidas. E de todas as possibilidades, nada poderia prepará-la para o que realmente a esperava...

Uma meia-irmã de três anos, vestida de bailarina e com os olhos mais lindos do mundo.

Após passar a vida toda sozinha, com pais negligentes, Mia não se sente capaz de cuidar de uma criança. Não quando ela mal pode cuidar de si mesma. Mas como virar as costas para alguém tão frágil?

O amor escolhe os seus caminhos e o de Mia será longo e cheio de percalços. Talvez ela encontre em um determinado policial, lindo e de personalidade forte, o apoio que precisa para passar por essa turbulência.

Talvez ela encontre em si mesma.

Mas, quem sabe, ela encontre nos lindos e doces olhos de uma criança...



## Prólogo

Atlanta, onze anos antes...

Mia

**Olho** para o bolo à minha frente e suspiro.

Seu glacê já foi todo destruído com o calor que faz em nossa sala e ele nem de longe se parece com o lindo bolo que minha tia trouxe do supermercado mais cedo.

Eu nem mesmo tenho mais vontade de prová-lo, não da mesma forma que tive quando o vi pela primeira vez. Ele era lindo e apetitoso. Agora só parece um desastre completo e me embrulha o estômago.

Eu não posso dizer em minha imaturidade, se esse nó em meu estômago tem algo a ver com a ausência do meu pai, ou é simplesmente um mal estar causado pelo calor. Talvez uma mistura dos dois. Eu só espero não ficar doente, porque amanhã tenho aula e também tenho certeza que minha mãe não me deixará faltar, se for o caso.

Mas, o desconforto em meu estômago persiste e em meu coração também. Não quero olhar ao redor e perceber que as parcas bexigas coladas à parede atrás de mim, já despencaram e estão flutuando para o quintal e a entrada da casa, através das portas abertas.

Meus amigos já se foram também. Não, eles não são tão pacientes como eu, na arte de esperar um homem que nunca chega na hora. Um homem que raramente cumpre as suas promessas. Mesmo assim, sempre acredito nelas.

Provavelmente por ele ser o meu pai e devemos acreditar em nossos pais, e não importa o quanto ele me magoe ou me faça chorar; sempre volto a acreditar nele.

Talvez, só talvez, esse seja o momento em que começo a duvidar de suas histórias mirabolantes. Do seu castelo dourado e de tudo o que garantiu que me daria, começando pelo seu amor.

Olhando para esse bolo horrível, que representa tão verdadeiramente a minha própria vida, talvez esse seja o momento de perceber que não nasci para ser amada por minha família e isso não é uma tragédia. Quanto mais cedo perceber que só preciso do meu próprio amor para crescer, da minha própria confiança para seguir em frente, melhor. Eu posso fazer isso... Eu definitivamente posso fazer isso...

— Seu pai não virá, Mia — Minha mãe diz sem paciência. — Você vai soprar essas malditas velinhas, sim ou não?

*Que diferença realmente faz?* Tenho vontade de lhe perguntar, mas minha coragem é ínfima cada vez que ela fala assim. Ela tem olhos severos e incrimináveis. Eu a respeito como a mãe que coloca comida em meu prato sem o apoio de um pai, mas, mais do que isso; eu a temo como a mulher rigorosa e exigente que ela tem sido ano após ano. Engulo o meu choro e todo o terrível desconforto que sinto e finalmente a olho. É tão evidente o seu desagrado com toda essa situação, que eu me forço a sorrir fracamente, mesmo que o que eu mais deseje agora seja chorar.

— Tudo bem... — digo com o mesmo tom manso e complacente que venho treinando há anos.

Eu nunca a contradigo, nunca a questiono, nem mesmo pergunto por que algo aconteceu ou precisa ser dessa forma. A única frase que remotamente possa trazer alguma felicidade ao rosto da minha mãe é: *Sim senhora...* Ou apenas: *Sim*. Os dois são uma variação da minha eterna e inquestionável obediência.

— Não deveríamos ter esperado tanto, — ela resmunga, andando pela sala em busca da velinha para o bolo. — essa festa foi o maior desastre de todos os desastres.

— Eu sei... — afirmo em derrota. *O que posso fazer, além de concordar?* E ela não está mentindo, afinal. Essa festa foi uma péssima ideia, mas realmente acreditei que pudesse ser uma garota normal ao menos uma vez na vida. Ao contrário disso, o que esse fatídico dia me mostra é que posso ser tudo, menos normal. — Sinto muito, mãe.

— Não sei por que concordei com essa ideia... — ela permanece balbuciando, quase que para si mesma, enquanto abre e fecha as gavetas do

armário da cozinha.

O sentimento que me domina e preenche a minha alma, é de derrota absoluta. Muito pior do que perder um jogo de tabuleiro ou cair na quadra da escola ao tentar acertar uma cesta de basquete. É um sentimento amargo, como descobrir que toda a esperança do mundo não passa de uma ilusão. Apesar de tudo, do quanto me sinto humilhada diante da minha mãe, sabendo que serei a piada do mês no ônibus da escola; ainda assim mantenho minha cabeça em pé. E hoje, em meu aniversário de doze anos, uma espécie de orgulho e amor próprio começa a nascer em mim. Um do qual eu sei que irei precisar ao longo da minha vida. Demanda um grande esforço para conter as lágrimas que quero tanto derramar, mas sou especialista em esconder a minha tristeza, basta morder disfarçadamente a minha bochecha e concentrar o olhar em um ponto qualquer na parede logo à frente. Sei que irei chorar à noite em meu velho e surrado travesseiro, porque é no silêncio e segurança do meu pequeno quarto, que finalmente sinto que posso me comportar como a criança que ainda sou. Cheia de medos e incertezas.

— Achei, — minha mãe grita por fim, caminhando apressadamente até a mesa onde espero pacientemente. — essa droga de velinha parece que estava se escondendo...

— Devo ter deixado ao lado da torradeira. — Lamento, porque certamente devia ter lhe comunicado esse fato antes.

Ela bufa, colocando a pequena vela cor de rosa sobre o bolo. — Que seja...

Prendo a respiração, as chamas rápidas da vela recém acesa, capturam toda a minha atenção. Eu espero, mas a essa altura de todos os acontecimentos, é mais do que claro que ninguém fará a bondade de cantar um *Parabéns a Você*.

Olho para a minha mãe e ela revira os olhos, aparentemente esperando que eu faça algo. Meus olhos também vagueiam rapidamente para o rosto cansado da minha tia e então ela sorri sem jeito, com complacência evidente e sussurra:

— Sobre a velinha, Mia.

Sim... *soprar a velinha, fazer um pedido*. Vagamente me recordo que esse

era o roteiro. Fecho os olhos e fixo o meu pensamento em algo que desejo com todas as forças. São tantas coisas, mas existe um desejo que se sobressai a todos os outros... *Quero ser feliz!*

— A vela está derretendo — Minha mãe sibila sem um pinga de paciência, que lhe é tão comum.

Encho os meus pulmões e sopro a velinha em um fôlego só. Meus olhos ainda estão cerrados, entretanto, um sorriso bobo preenche o meu rosto. Esse foi o pior de todos os aniversários, sem dúvida, mas se esses são os limões que a vida está me oferecendo; só posso dizer que sei fazer uma ótima limonada...



Um

Mia

**Tem** poucas coisas na vida que nos trazem tanta satisfação quanto dormir. É de graça, não engorda, não faz mal...

*Deus, eu amo dormir!* Provavelmente, porque o faça pouco todas as noites, com o meu trabalho e seus horários malucos.

Então, o telefone que toca sem parar tentando tirar um dos poucos prazeres que tenho na vida, soa agora como as trombetas do apocalipse. Eu realmente não quero sair do pequeno casulo que criei embaixo das minhas cobertas. Abandonar esse calor reconfortante e colocar os pés sobre o piso frio do meu quarto me parece uma tortura, mas, eu o faço antes que o barulho insistente acorde metade do meu prédio.

Ainda meio cega e absolutamente sonolenta, caminho até a sala e tateio o telefone ao lado do sofá.

— Alô. — Minha voz soa engraçada, como o grunhido de um pato agonizante. Acho que isso é normal para alguém que é acordado inesperadamente no meio da madrugada.

— Amália Anderson? — pergunta uma voz masculina. Uma voz muito bonita por sinal, mas eu desperto imediatamente.

Ninguém no mundo me chama de Amália, apenas os cobradores e eles não têm me ligado com frequência ultimamente. Tem sido difícil, mas tenho conseguido pagar todas as minhas contas em dia.

— Quem quer saber? — devolvo a pergunta com cautela.

— Detetive Scott. — A voz diz, de forma sóbria e linear. — Você é filha de Joseph Anderson?

— Depende do ponto de vista. — Digo, com uma risada sem graça. No mundo no qual fui criada, ser filha de alguém pode ser algo realmente vago. — Mas sim, o seu nome está em minha certidão.

— Sinto muito, — ele suspira e eu também, embora não faça a menor ideia do por que. — mas ele foi preso.

Eu me sento, apertando um pouco mais o telefone entre os dedos. Isso já aconteceu outras vezes. Dirigir embriagado, brigas de bares, perseguir uma ex-namorada, entre outras maluquices. É óbvio que Joseph nunca foi o pai exemplar, na verdade ele nunca foi sequer um pai realmente, ele é mais como um personagem do *GTA V*.

— Alô, ainda está aí? — detetive Scott pergunta.

— Sim, eu divaguei? — me preocupo, porque meus pensamentos geralmente têm vida própria.

— Não em voz alta. — Sua voz é tão profissional, mas posso sentir um sorriso mal disfarçado em suas palavras.

— Desculpe, eu costumo divagar. — Falo, rindo outra vez. — Obrigada por avisar, mas eu não posso fazer nada pelo Joseph.

— Eu imaginei que não pudesse, de qualquer forma nem poderá vê-lo hoje.

— Então? — a pergunta me escapa.

— Então, — ele diz vagarosamente. — você precisa vir até aqui.

— Sinceramente, não entendo, são duas da manhã. — Digo, olhando para a janela e a cidade quieta lá fora.

— Tem algo para você aqui, é muito importante

— Eu não quero. — Recuso sem pensar. — Não importa o que seja não quero.



Joseph nunca me deu algo de bom, tenho certeza que não será hoje a exceção a essa regra.

— Você precisa. — Ele articula pausadamente cada palavra. — Não existe outra opção, senão esta.

— Não tenho nenhum vínculo com o Joseph, a última vez que o vi foi no meu aniversário de dezoito anos, — digo, em um fôlego só, parando um mísero segundo apenas para engolir uma lufada de ar. — no qual ele apareceu completamente bêbado e isso foi há cinco longos anos, só para constar.

— Entendo, — ele me parece muito condescendente. — mas é realmente importante que você esteja aqui e logo.

— Ouça senhor Scott. — Demando com um pouco de petulância. — A menos que possa me dar mais detalhes, eu não sairei da minha casa.

— Então eu irei lhe buscar. — Ele replica sério.

— Não acho que seja assim que as coisas funcionam. — Me defendo, mesmo sem muita certeza.

— Eu acho que é sim senhora. — Ele devolve imediatamente, como se esse fosse um jogo de poder.

— É senhorita. — O corrijo, ignorando o seu tom anterior. — De todos os filmes policiais que já assisti, os policiais não se comportam assim.

— Isso, porque precisamos ter essa conversa pessoalmente, — fala, com a voz mais branda agora. — senhorita Anderson.

Eu estou tentada a não ouvi-lo, quer dizer, que mal poderia acontecer se eu não fosse?

Sou uma cidadã que vive dentro da lei, não importa que meu pai dê os seus passos errados, isso não deveria me atingir diretamente. Mas estou curiosa.

— E onde é exatamente aqui? — pergunto, percebendo que em nenhum momento ele me disse sua localização. Eu nem mesmo tenho certeza se ele é quem diz ser.

— Conhece a delegacia central?

— Claro. — é totalmente fora do meu caminho, mas isso é óbvio que ele já deve saber.

— Procure pelo detetive Scott, quando chegar. — Ele desliga, antes que eu possa dizer mais alguma coisa. Isso foi tão estranho, que preciso me beliscar para descobrir se não estou sonhando. Será que devo ir?

Minha mente vagueia com as dezenas de possibilidades que me esperam, e depois de alguns minutos não chego à conclusão alguma. Isso significa que se eu não for não poderia voltar a dormir com a curiosidade que me rói nesse instante.

Troco-me rapidamente, tirando com um pouco de relutância o meu pijama quentinho de flanela, e colocando um jeans e camiseta simples. Não sei se estou descabelada, mas não me preocupo muito em arrumar o cabelo, afinal, esse não me parece o momento para se estar bonita. Saio do meu pequeno apartamento quinze minutos depois, xingando internamente o detetive Scott, pelo dinheiro que terei que gastar com um táxi.

Espero que seja um bom motivo...

Um, definitivamente surpreendente, para compensar.

*Não se brinca com o sono de uma mulher.*



— Problemas? — o motorista de táxi, pergunta assim que me sento e lhe digo aonde ir.

— Talvez. — Respondo, olhando pela janela e vendo a cidade adormecida passar rapidamente. — Meu pai foi preso.

— Isso me parece um grande problema.

Poderia ser sim, se eu realmente me preocupasse com meu pai. Mas, me desculpe; os anos de negligência e desprezo me tornaram um pouco insensível, ainda mais quando ele não fez absolutamente nada nesses vinte e três anos para ganhar o meu amor ou o meu respeito. Na realidade, ele aparentemente se

esforçou muito para perder os dois.

Eu não tirei a sorte grande no quesito pais. Minha mãe também é excelente quando o assunto é *deixar sua filha se cuidar sozinha*. O que foi algo bom para mim, já que me tornei uma grande aluna da vida. Tenho cuidado de mim mesma desde os dezessete anos, e embora eu não seja a profissional mais bem sucedida do mundo, tenho conseguido caminhar com minhas próprias pernas. Isso é uma vitória.

Tenho um trabalho de meio período em uma livraria quatro vezes na semana e outras três vezes, trabalho como garçom em alguns eventos à noite. Não é o trabalho dos sonhos, eu sei. Mas eu tenho economizado cada centavo para a minha faculdade de turismo, que só começarei quando tiver toda a soma em dinheiro. Nada de crédito estudantil e dores de cabeça intermináveis com dívidas sem fim. Já vi pessoas enlouquecerem por não conseguirem pagar seus estudos, e eu não quero isso para mim. Mesmo que já tenha vinte e três anos e me sinta velha a maior parte do tempo, é assim que estou traçando meus objetivos. E quando eu penso que tudo seria mais fácil se tivesse tido pais que me apoiassem, percebo que meu pai não merece nada de mim.

— Chegamos! — o taxista diz, chamando minha atenção outra vez.

Eu espero não ter divagado em voz alta, eu diria que esse é um grande defeito meu. Quando começo a pensar em minha vida e nem percebo que estou falando, ao invés de pensar. Isso acontece sempre e me causa grandes constrangimentos.

— Obrigada. — Balbucio, pagando o com muita relutância.

Eu não poderia gastar esse dinheiro. Táxi é um luxo imenso para mim, que normalmente ando de ônibus ou metrô, mas, a maior parte do tempo, caminho. O que claro, eu não poderia fazer às duas da manhã... *Obrigada, detetive Scott...* Agora eu estou dezesseis dólares mais pobre, graças a ele.

— Quer que eu espere aqui? — o taxista pergunta.

— Não. — Me apresso em recusar, enquanto o olho como se ele tivesse perdido todo o seu juízo. Não faço ideia de quanto tempo irei demorar... *Ele pensa que sou rica?* — Mas, obrigada.

Ele acena depois que fecho a porta e o vejo sumir na madrugada.

Ok, eu não sei como farei para voltar para a casa, mas resolverei depois, uma coisa de cada vez. Agora eu preciso encontrar um determinado policial.

Nunca estive em uma delegacia antes e enquanto eu subo os oito degraus que me levam até a entrada, aperto meu casaco fino ao redor do meu corpo. Estamos no final da primavera e Atlanta não costuma ter um clima frio nessa época, mas, as noites têm sido mais amenas nos últimos dias.

O vento sopra uma mecha do meu cabelo loiro, cobrindo meus olhos. Eu o afasto, no instante em que paro em frente à recepção.

— Posso ajudá-la? — um jovem policial me pergunta, do outro lado do balcão.

Ele parece ter a minha idade e pela voz, muito mais suave que a de quem me ligou, deduzo facilmente que ele não é quem eu procuro.

— Detetive Scott, por favor. — peço com voz gentil.

Ele me examina com curiosidade, seus olhos castanhos se demorando em meu rosto, antes de um largo sorriso estampar a sua boca. Como se tivesse ouvido uma piada que só ele entendeu, um riso rápido escapa dela antes que ele me diga:

— Última porta à direita, no final do corredor. — Ele me encara, ao mesmo tempo em que aponta. — Basta bater na porta.

— Obrigada. — Aceno levemente e então me afasto do balcão.

Caminho com cautela, contando meus passos e virando o rosto uma única vez, para encontrá-lo ainda parado e me olhando. A julgar pelo seu sorriso, eu imagino que ele deva pensar que tenho algum envolvimento amoroso com seu colega de profissão. O que me preocupa um pouco, pois policiais não deveriam receber namoradas em seu horário de trabalho; deveriam?

Chego à sala indicada e percebo a porta entreaberta, bato rapidamente e os murmúrios internos cessam de forma imediata. Uma mulher muito bonita vem até mim, ela está totalmente vestida de preto fazendo um conjunto quase gótico com os cabelos da mesma cor.

— Amália Anderson? — ela indaga com expectativa.

— Sim. — Respondo, me esforçando para não revirar os olhos.

Eu não gosto muito do meu nome. Foi dado a mim em homenagem a uma tia que eu nunca conheci, e ajudou o fato de que minha mãe maluca me chamou de Mia desde que eu nasci. Talvez eu tivesse gostado de ser uma *Amália* se tivesse nascido em uma família normal.

— Sou Claire Donalds, assistente social. — Aceito brevemente a sua mão estendida. — Precisamos conversar, entre, por favor.

Não faço a menor ideia do que esteja realmente acontecendo aqui. *Assistente social? Por quê?*

Ela se afasta um pouco, deixando espaço para que eu possa passar. Tem mais três pessoas na sala; dois homens e uma criança. Seguro minha respiração quando meus olhos se encontram com os da criança sentada no pequeno sofá à esquerda. Ela se parece comigo, com exceção dos cabelos castanhos. Mas, mais do que isso, ela se parece com o meu pai.

— Que bom que pôde vir. — A mesma voz forte do telefone, ecoa por toda sala.

Deixo a criança de lado e toda a minha curiosidade por ela, para me virar em direção a essa voz. Nossos olhos se encontram também. Os dele quase negros e tão intensos que preciso desviar para a sua boca, o que é uma péssima ideia, já que ele tem uma boca extremamente bonita.

Ele é um homem lindo, o que eu não deveria admitir, já ele é o motivo para eu ter saído de casa de madrugada e não estar dormindo agora.

Quando as pessoas dizem nos romances; seu rosto parece esculpido. Bem, eu sempre ri dessa comparação, porém, agora faz muito sentido. O homem parado a alguns metros de mim, tem um rosto esculpido sim, muito proporcional, como se Deus tivesse escolhido as melhores partes e harmonizado em uma única pessoa. Mas eu adoro os olhos, em poucos segundos, decido que essa é a minha parte favorita de todo o conjunto.

Seu cabelo também é preto, cortado muito curto e sua pele tem um tom lindo de bronzeado, algo que eu não consigo nunca. Desvio meu olhar para a sua gravata preta e camisa branca, desejando ardentemente que eu não tenha dito tudo isso em voz alta.

— Alguém pode me dizer o que está acontecendo? — peço, olhando

vagamente para o outro policial.

— Amália. — Claire começa.

— Mia, por favor. — Peço, interrompendo suas palavras. — Me chame de Mia, eu detesto ser chamada de Amália.

— Mia. — Ela repete, usando o mesmo tom calmo que talvez use com uma criança. — Conhece sua irmã Chloe?

Eu congelo quando a palavra *irmã* sai de sua boca, claro que não precisava ser nenhum gênio para deduzir que a criança e eu temos algum laço sanguíneo. Mas, *uma irmã*? Meu pai teve outra filha e sequer achou necessário me contar? Eu me recuso a acreditar que seja isso, embora combine tanto com as atitudes impensadas de Joseph Anderson.

— Pelo seu silêncio, vou deduzir que você acabou de conhecê-la. — Claire continua. — Chloe é sua meia irmã, ela acabou de completar três anos, é uma pena que se conheçam dessa forma.

— Sim, é uma pena... — para dizer o mínimo, eu classificaria como um pesadelo. — Mas, por que estou aqui exatamente?

— Você é a única familiar da Chloe, com seu pai preso e todas as outras circunstâncias do dia.

— E a mãe dela? — questiono em um sussurro.

— Seu pai se casou há quatro anos com Rebecca Anderson. — Ela conta com calma. — Ambos foram presos hoje, por tráfico de drogas.

Coloco minha mão na boca em um gesto de choque. *Tráfico de drogas*, realmente? Isso é muito mais do que poderia ter pensando e eu pensei muitas coisas.

— Posso me sentar? — peço, sentindo minhas pernas fracas e o restante do corpo dormente. — Quão sério isso é?

— Muito, muito sério. — O detetive Scott finalmente se pronuncia. —

Receio que seja do tipo grave permanente.

Minha mente parece um turbilhão, um milhão de pensamentos por segundo, o motivo da minha presença aqui se tornando claro aos poucos, como uma cortina de fumaça que se dissipa de repente.

Uma cadeira foi colocada diante de mim e eu nem percebi, mas, já estou sentada, olhando para Chloe, para a minha pequena irmã. Ela está sentada também, encolhida em um canto do sofá à minha frente. Seus cabelos chegam até seus ombros e agora estão caídos sobre o seu rosto, e por isso só posso visualizar parte das suas bochechas rosadas.

Sua roupa de bailarina é muito rosa, camadas grandes de tule em sua saia, terminando em seu All Star, também rosa. Ela é uma verdadeira fofura. Seus olhos verdes são como os do meu pai; como os meus, já que essa é uma das poucas características físicas que herdei dele, e me espreitam curiosamente sob a cortina de cabelo.

Sinto pena dela, meu coração não se tornou tão insensível assim. De qualquer forma, não existe nada que eu possa fazer por ela; nada.

— Eu não posso fazer isso. — Sussurro, para mim mesma. — Definitivamente, não posso fazer isso.

Então coloco minhas duas mãos sobre o rosto e choro. Porque é como se eu fosse criança outra vez e estivesse totalmente sozinha, e eu odeio o meu pai.



**Dois**

**Drew**

**Amo** o meu trabalho, a maior parte do tempo ao menos. Mas, como toda profissão tem seu lado ruim; a minha não fica atrás.

Esse é um dos momentos em que eu me sinto cansado de uma forma que não posso descrever. Eu posso me deparar com os piores bandidos e as mais difíceis situações, tiro de letra. Nada afeta a minha concentração, ninguém é capaz de tirar a minha frieza necessária em momentos de tensão. Mas, se colocarem uma criança nisso tudo, indefesa, negligenciada, as coisas mudam.

Tenho trabalhado nesse caso há meses, de forma exaustiva e calculando cada um dos meus passos de forma milimétrica.

Eu investiguei Joseph Anderson por muito tempo, isso exigiu de mim uma imensa quantidade de paciência. Posso dizer que anotei cada respiração que ele deu. Ele está bem longe de ser um dos chefões dessa operação. Na realidade, eu o descreveria apenas como um idiota, ambicioso e preguiçoso o bastante para se envolver com as pessoas erradas e não medir seus próprios passos. Ao que parece, a imprudência sempre esteve atrelada a ele.

— Posso ficar um momento a sós com a senhorita Anderson? — pergunto à Claire.

— Claro. — Ela pega a pequena Chloe nos braços e sai, seguida por Thompson.

Estamos sozinhos na sala agora, mas ela nem percebe, perdida em seus próprios pensamentos. Ao que parece; totalmente chocada com a situação que acabamos de lhe apresentar.



— Amália! — eu a chamo, me aproximando um pouco mais.

Ela tira lentamente as mãos do rosto, enxugando as poucas lágrimas que derramou nesses segundos. Eu poderia lhe dizer que seu pai não merece sua tristeza, nem o sal das suas lágrimas, mas eu me calo.

— Mia. — Ela me corrige com voz fraca. Seus lindos olhos verdes, vermelhos agora.

— Mia. — Eu repito, testando a sonoridade de seu nome em minha boca.  
— Pode me chamar de Drew.

Eu realmente não deveria ter lhe dito isso, foi quase involuntário da minha parte. Mas se quero fazê-la confiar em mim, preciso deixá-la à vontade.

— Andrew?

Aceno em concordância, cruzando os braços em seguida. Anos de treinamento para esconder minhas emoções e estou quase derrubando minha máscara impassível, ao pensar que Mia não levará a irmã para casa hoje.

— Posso imaginar o quanto tudo isso seja chocante. — Digo de forma calculada. — Mas, percebe o que irá acontecer com sua irmã se não ficar com ela?

Isso é quase uma chantagem, eu sei, porém, são as cartas que me restaram. Então, prefiro encarar como uma negociação.

— Eu sei. — Ela afirma. — Mas, sendo totalmente sincera, eu não posso levá-la comigo.

— Por quê? — eu sei o porquê e ela claramente sabe também, mas faz parte do meu jogo fazê-la duvidar de suas decisões.

— Porque não posso cuidar dela.

— Entendo que você pense assim, mas tudo o que possa oferecer a ela, será infinitamente melhor do que a espera se sair por aquela porta sozinha.

— Eu não posso. — Ela diz pausadamente. — Sinto muito, muito mesmo.

Já estou sem paciência, tudo o que quero é ir para casa e dormir por uns dois dias, talvez mais. Uma pena que seja algo que não poderei fazer com o caso em andamento.

— Ao que parece, seria temporário. — Acrescento, passando a mão pelo cabelo. — Chloe tem uma avó materna que mora em Londres, estamos tentando encontrá-la desde essa manhã.

— Eu tenho o meu trabalho, meus horários, a minha vida. — Mia diz exasperada. — Como eu irei encaixar uma criança nisso tudo?

Não faço ideia, por isso me calo. Não sei nada sobre crianças, apenas que ao longo dos anos vi coisas que jamais me esquecerei.

Eu sei como o sistema funciona, se Chloe ficar aqui será mandada para um lar temporário, com muitas outras crianças. Na melhor das hipóteses, ela será ignorada por sua mãe adotiva, que só se interessará pelo dinheiro que o governo possa lhe dar. E ela é tão pequena. Sua vida poderá ser transformada de forma definitiva, com marcas permanentes; apenas porque as pessoas que deveriam protegê-la não foram responsáveis o bastante.

— Eu não deveria lhe dizer isso, Mia. — Eu me aproximo mais e digo em tom de confissão. — O sistema é horrível, ele realmente não funciona. Chloe não ficará bem, isso eu posso te afirmar com convicção. O mundo infelizmente não é um lugar cor de rosa.

Mal termino de falar e ela levanta totalmente o rosto para mim, o queixo erguido em desafio, os olhos verdes sustentando os meus com coragem. Eu disse algo errado, ou certo, porque ela me olha quase furiosa agora.

— De todas as pessoas no mundo, eu sou a que aprendi isso há muito tempo. — Ela afirma, com voz firme. — Acredite em mim, eu sei que o mundo não é nada cor de rosa.

— Eu posso imaginar, com o pai que você tem.

— Eu não tive muita sorte com minha mãe também, eu diria que minha

vida está mais para cinza ou totalmente escura.

Não sei se ela está contando isso a mim, ou a ela mesma. Seus olhos parecem perdidos por um instante, como se estivesse se lembrando de algo, e esse algo não a faz feliz.

— Foi seu pai quem pediu para que eu te ligasse. — Conto. — Ele também pediu que cuidasse de sua menina, era uma grande preocupação dele que você fosse a única pessoa a fazer isso.

Ok... Mais chantagem emocional, mas eu só quero o bem de Chloe.

— Ele poderia ao menos ter me contado sobre ela. — Ela recita quase para si mesma, como se não tivesse me escutado. — Ele se casou e teve uma filha, e eu nem fazia ideia.

Não há muito o quê eu possa dizer a respeito disso, a não ser que Chloe e ela não merecem um pai como o delas. Isso se nós pudéssemos mesmo chamá-lo de pai.

— Eu gostaria de tê-la conhecido antes. — Mia continua e eu percebo que são apenas divagações. — Espero que meu pai tenha sido melhor para ela do que ele foi para mim.

— Bom, ela parece bem cuidada, — eu puxo uma cadeira e me sento à sua frente. — mas, infelizmente a sua mãe Rebecca é uma usuária de drogas.

— Verdade? — ela demanda em choque. — Tão ruim assim?

— Sim, seu pai também, embora ele não pareça tão viciado como a esposa.

— Meu Deus, por que ele fez isso? — ela pergunta, cobrindo o rosto outra vez e balbuciando em suas mãos. — Ele nunca foi um poço de responsabilidade, mas isso é demais até para ele.

— Eu sinto muito. — Digo, segurando suas mãos e as afastando do seu rosto. — Exatamente porque tudo é tão errado, você precisa fazer o certo para a sua irmã.

Ela se afasta lentamente de mim, ficando em pé e caminhando pela sala pequena por alguns minutos. Posso dizer que está pensando tanto, que espero que não desmaie.

Eu a deixo fazer o que precisa, enquanto fecho os olhos e solto uma respiração pesada... Isso está demorando mais do que pensei, geralmente sou muito bom em convencer as pessoas.

— Se eu levá-la será por quanto tempo? — ela finalmente pergunta.

— Alguns meses, para ser mais sensato, talvez menos. — Respondo.

— Me parece muito tempo. — Mia pondera, sem olhar para mim.

— Precisamos esperar o julgamento do seu pai. — Explico, com calma.  
— O que minha experiência diz que não irá demorar.

— Você acha que ele será condenado? — há preocupação em sua voz, um pouco disfarçada, mas há.

— Para dizer o mínimo. — Eu espero que ele apodreça na cadeia, mas seria crueldade acrescentar essa esperança.

— E então, o quê acontece com a Chloe? — ela me pergunta, se sentando outra vez.

— Talvez a sua avó queira ficar com ela, — dou de ombros. — ou até lá, Claire possa encontrar uma boa família adotiva que seja capaz de cuidar bem dela.

Ela volta a caminhar, posso dizer que está lutando consigo mesma, seu rosto me diz o quanto está tocada com a situação. Embora, eu já tenha conhecido dezenas de pessoas que apenas virariam as costas para a criança sem pensar duas vezes, posso afirmar que Mia não é uma delas.

E quando ela se senta pela segunda vez e mantém os olhos fixos em mim, sei que já se decidiu.

— Tudo bem, eu farei isso. — Ela murmura, com um pequeno sorriso e pouca convicção. — Não sei como, mas, vou cuidar dela.

Graças a Deus e todos os anjos, isso tira um peso imenso de minhas costas. Não sei explicar ao certo, mas eu me sinto muito comovido com a situação de Chloe. Não posso dizer o que o futuro lhe reserva, mas seus pais ficarão na cadeia por um longo tempo, sua mãe um pouco menos talvez, mas será um longo caminho até que ela os reencontre.

— Você tomou a decisão certa, por mais difícil que pareça. — Toco sua mão, em um gesto de conforto. — Vocês duas ficarão bem.

— Como você sabe Drew? — ela recita meu nome com um pouco de deboche, e um sorriso mal disfarçado. — Você não me conhece e eu poderia ser como o meu pai.

— Sou um policial, Mia, sei ler as pessoas e você me parece cem por cento confiável.

Ela sorri, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. Seu sorriso a deixa mais bonita, iluminando todo o seu rosto de uma forma que captura o meu olhar.

O que eu não lhe digo, é que fiz uma pequena pesquisa a partir do instante em que seu pai nos falou sobre ela.

Sei quase tudo sobre Amália Anderson, desde onde trabalha, até o número do seu seguro social, e ela vive de forma segura, sem nenhuma mancha em seu currículo. Não lhe confiaria a sua irmã de três anos, se o resultado da pesquisa fosse outro. Entretanto, eu diria, baseado somente nesses poucos minutos que estamos conversando, que ela trilhou o seu caminho para ter uma vida completamente oposta a do seu pai.

— Posso ir embora agora? — ela indaga com ansiedade.

— Vou chamar a Claire.

Saio rapidamente da sala, buscando por Claire e a encontro na recepção, com Chloe em seus braços, comendo um chocolate.

— Ela deveria comer isso a essa hora? — pergunto, apontando para o chocolate pela metade na mão rechonchuda de Chloe.

— Não deveria. — Claire responde com um sorriso sem culpa, antes de continuar. — Mas, ela merece depois de todo esse pesadelo.

Não posso contradizê-la e balanço a cabeça, sorrindo pela primeira vez no dia.

— Como foi lá dentro? — ela me questiona com expectativa.

— Ela ficará com a irmã, — conto, soltando a respiração com lentidão. — por enquanto.

— Por enquanto é tudo o que precisamos.

Aceno em compreensão — Sim, eu sei.

Ela se levanta, colocando a nossa pequena bailarina no chão e segurando a sua mão, começa a voltar para a sala.

— Vou preparar tudo. — Diz, quando passa por mim.

Fico em pé, vendo as duas desaparecerem dentro da sala.

São quase três da manhã e eu estou acordado desde às sete, porém, posso dizer que meu cansaço é muito mais emocional que físico. Coloco a mão esquerda na testa, sentindo o início de uma dor de cabeça se formar. Esse é um dos ônus que o dia agitado me deixa.

Sento-me com uma garrafa de água na mão e engulo metade do seu conteúdo de uma vez, junto com dois analgésicos.

Espero pacientemente que Claire acerte as coisas com Mia e eu possa finalmente ir para casa. Na verdade, eu poderia ir agora mesmo, mas, quero esperar e ter certeza de que ela não mude de ideia. Sei que é uma grande responsabilidade para alguém tão jovem... Bom, acho que o melhor seria dizer que é uma grande responsabilidade para qualquer pessoa, ter uma criança caindo de repente em seu colo.

Entretanto, meu instinto me diz que Mia é a pessoa indicada para estar com Chloe, não somente pela ligação sanguínea que ambas dividem. A questão mais importante é que Mia fez um grande trabalho ao cuidar de si mesma, e sei que fará o mesmo pela irmã.

Quinze minutos depois, já estou quase adormecendo quando todos saem da sala. Chloe segurando a mão da irmã, com timidez. Ela é uma criança muito

doce, o que com certeza será um bônus para Mia.

Quando chegamos até sua pequena casa hoje de manhã, com um mandado de prisão para os seus pais, nós a encontramos na cozinha comendo cereal sozinha. Sua mãe no quarto, esparramada na cama, mais inconsciente do que uma porta, provavelmente depois de ter passado a madrugada toda se drogando. Seu pai estava no quintal falando ao telefone e não parecia nem um pouco preocupado com a filha pequena.

Eu disse a Mia que Chloe parecia bem cuidada e isso é verdade a olhos nus, é claro. E ela foi submetida a vários exames depois de estar sob nossos cuidados. Mas a verdade é que essa criança já viveu muita coisa que não deveria, e eu espero que ela tenha mais sorte a partir de agora.

— Tudo certo, — Claire diz, parando ao meu lado. — por enquanto.

Ela deu ênfase no *por enquanto*, como eu fiz agora a pouco. Não existe nada de definitivo nessa situação. Tudo é apenas temporário e só Deus sabe como irá terminar.

— Então, boa sorte! — eu digo a Mia, estendendo a minha mão. — Espero que fique tudo bem.

— Eu também espero. — Ela aperta a minha mão e me dá um rápido sorriso, mordendo os lábios em seguida.

Mia é uma mulher muito bonita, com um sorriso doce e olhos expressivos. Chloe e ela formam um conjunto lindo, e provavelmente sejam as únicas coisas boas que Joseph Anderson tenha feito em toda a sua vida.

— Você está dirigindo? — pergunto a ela.

— Não, vim de táxi.

— Então Thompson pode levá-la — Ofereço, fazendo um gesto para o meu companheiro. Eu poderia levá-la, mas não me parece uma ideia muito boa no momento.

— Seria ótimo, obrigada. — Ela me dá um último olhar, antes de ajeitar a bolsa com as coisas de Chloe e caminharem juntas até a saída.

Dou um leve aceno de despedida para a criança, então coloco as mãos no bolso e espero que desapareçam pela porta principal. Vou para a minha sala, pego meu celular, casaco e as chaves do meu carro, e saio pela entrada dos fundos.

Minha dor de cabeça passou totalmente e tenho certeza de que terei um pouco de paz... *Por enquanto!*





Três

Mia

**Eu** realmente fiz isso, cometi essa loucura, e agora tenho uma criança de três anos ao meu lado na cama.

Estou deitada no escuro, ouvindo sua respiração tranquila no silêncio da noite, me sentindo incapaz de dormir outra vez diante de tantas emoções. Chloe não falou comigo, aliás, eu nem sei se ela fala. Mas, ela apertou a minha mão por todo o caminho até aqui e posso deduzir que isso foi um sinal de medo.

Quando chegamos em casa, ela quis dormir com sua roupa de bailarina e eu não discuti. Não sei nada sobre educar uma criança, nunca tive sequer um cachorro. Sei que é uma comparação infeliz, mas eu não sei ditar regras, impor limites; eu não sei nada.

Algo me diz que Chloe é uma criança doce, mais calma que o habitual e tenho rezado a cada instante para que isso seja verdade. Já vi algumas crianças se arrastando pelo chão e arrancando os cabelos na livraria onde trabalho, e só de pensar em viver algo assim, meu coração palpita.

E falando em livraria, como vou fazer para trabalhar daqui a algumas horas? Talvez eu possa levá-la comigo, arrumar alguns brinquedos e doces e deixá-la no canto do balcão, escondida dos olhos dos clientes. Mas e amanhã quando tenho um coquetel de três horas? Já estou me desesperando e o dia nem amanheceu.

Minha vida deu um giro de duzentos e oitenta graus, e não foi para melhor, infelizmente. Embora eu saiba que estou fazendo um ato de caridade, ainda assim, queria não estar vivendo essa situação maluca. Eu devo óbvio, agradecer ao meu pai por isso.

*Meu pai*, Jesus, como ele foi fazer algo assim?

Um homem de quarenta e cinco anos, que vive como se não houvesse amanhã. Como se suas atitudes não gerassem consequências e elas com certeza

geram. Graves consequências, por sinal.

Mas agora ele está bem encrencado, e pela primeira vez em toda a minha vida, eu me senti realmente envergonhada por ser sua filha. Suas atitudes nunca reverberaram tão forte em mim, e eu me sinto como se houvesse sido atropelada por um trem.

Eu fui decepcionada muitas vezes ao longo da vida, a maioria delas, pelos meus próprios pais. Eles nunca se relacionaram realmente, foi algo casual, como minha mãe sempre fez questão de pontuar. Sim, eu sou filha da casualidade e isso dói às vezes, agora bem menos que sou adulta, mas ainda é uma ferida pequena.

Morei com minha mãe e minha tia, em uma pequena casa no subúrbio de Atlanta e só conheci meu pai quando tinha seis anos. A minha vida não tinha sido um mar de rosas, desde que minha mãe nunca foi do tipo maternal, então eu achei que meu pai pudesse me salvar da minha vida estúpida.

Ledo engano; ele apareceu de repente, com alguns presentes e um sorriso no rosto, a voz suave e todo charme possível brilhando em seus olhos verdes, mas sumiu da mesma forma que chegou.

Ele voltou algumas vezes ao longo dos anos, nunca com a pretensão de permanecer, embora não tenha se importado em me fazer acreditar no contrário todas essas vezes.

Segurança, estabilidade, confiança são palavras que não fizeram parte da minha vida familiar.

Minha mãe é narcisista, sempre preocupada com ela mesma, vivendo como se ela fosse o próprio Sol e nós os pobres mortais que orbitamos ao seu redor. A minha vida não foi nada cor de rosa, *ouça isso, detetive Scott*, mas a de Chloe pode ser. Desde que ela ainda é tão pequena e existem centenas de casais querendo adotar uma criança. Casais que podem oferecer segurança, estabilidade e confiança. A sua vida pode ser infinitamente melhor do que a minha. Eu a ajudarei a chegar lá, não importa o quão difícil seja; eu farei. Esse pensamento me traz uma ínfima paz e adormeço, por fim.



Acordo com uma pequena e quente mão sobre o meu rosto, a luz da manhã entrando pela grande janela do meu quarto e se infiltrando pela cortina fina e barata.

O despertador ainda não tocou e sei que o programei para depois das nove. Por um segundo eu me esqueci de Chloe. Por um segundo meu cérebro

julgou que todos os acontecimentos da madrugada, haviam sido mero fruto da minha fértil e saudável imaginação.

Mas quando abro meus olhos lentamente e a encontro sobre mim, com os cabelos bagunçados e o rosto sonolento, lhe fazendo parecer mais fofa ainda, eu sei que tudo isso é real.

Assustadoramente, eu acrescentaria.

— Olá! — digo com voz suave, tocando seu rosto também. — Está com fome?

Ela deve estar... Crianças comem muito, não comem? Ou seria o contrário? Bem, eu não sei. Essa é apenas mais uma das coisas que terei que descobrir com o tempo.

Sustento seu olhar, esperando sua resposta, porém, ela apenas acena.

— Vamos para a cozinha. — Saio da cama e estendo a mão para ajudá-la a fazer o mesmo e seguimos pelo pequeno corredor.

— Espere, — paro em frente ao banheiro. — você quer usar o banheiro?

Articulo muito bem as palavras, tentando me fazer clara. Não sei o quão independente uma criança de três anos pode ser. Para mim ela ainda parece um bebê, um pouco grande, porém, apenas um bebê.

— Não. — Ela diz simplesmente e ouço sua voz infantil pela primeira vez e eu gosto desse som. É doce e suave como ela.

— Tudo bem. — Concordo sorrindo.

Continuamos nosso caminho até a cozinha, e eu a coloco sentada em uma, das duas banquetas que tenho. Minha cozinha é minúscula, para combinar com o restante do apartamento, mas eu nunca me importei com isso. Sempre foi perfeito apenas para mim.

— O que você gosta? — pergunto, abrindo as portas do armário e depois a geladeira, inspecionando tudo o que posso lhe oferecer. — Então?

— *Celeal*. — Ela balbucia, com timidez.

— Cereal? — pergunto rindo com a sua fofurice.

Ela acena, sorrindo também. Deveria me preocupar com o fato de que ela não perguntou pela mãe em nenhum momento?

Sirvo uma pequena tigela de cereal com leite e coloco à sua frente, pegando uma pequena colher em seguida.

Eu a observo comer em silêncio, antes de fazer uma jarra de café preto para mim. Depois me sento e comemos lado a lado, ainda em completo silêncio. Essa situação é tão estranha, o mais difícil de tudo é a nossa falta de comunicação e ainda não faz nem vinte e quatro horas que estamos juntas.

— Você terminou?

— Sim.

Três palavras em menos de quinze minutos; estamos fazendo progresso. Encosto-me a pia, pensando no próximo passo que preciso dar.

— Precisamos tomar banho. — Na verdade, deveria ter lhe dado um banho ontem, mas não queria fazê-la chorar com a insistência em tirar sua roupa de bailarina. — Tudo bem?

Ela acena mais uma vez, então eu a tiro da banqueta e seguro sua pequena mão para irmos até o banheiro. Ligo o chuveiro e espero a água esquentar, ao mesmo tempo em que ajoelho diante dela.

— Vamos tirar sua roupa de bailarina, mas eu irei lavá-la e você poderá usá-la depois.

Quero que perceba que não farei nada que ela não queira. Por isso eu antecipo verbalmente as minhas atitudes, sei o quanto a confiança é importante para uma criança e eu quero definitivamente conquistar a sua.

Atrapalho-me um pouco com sua roupa, mas enfim consigo tirá-la e a coloco lentamente sob a água quente.

— Posso lavar o seu cabelo? — peço com carinho.

— Sim. — Ela responde.

— Sim? — reforço, porque ela falou muito baixo.

Ela balança a cabeça de forma engraçada, espalhando a água por todo o Box.

— Feche os olhos. — Demando.

Ela aperta os olhos fortemente, me fazendo rir. Coloco uma pequena quantidade de shampoo na mão e espalho por todo o seu cabelo, em uma massagem suave e enxágua rapidamente. Repito o processo, porque não sei qual foi a última vez em que ela o lavou.

— Pode abrir os seus olhos agora. — Falo, pegando a esponja em seguida. — Quer fazer isso sozinha? Consegue se lavar?

Ela acena em silêncio e eu entrego a esponja a ela. Despejando um pouco de sabonete nela, espero pacientemente Chloe esfregá-la por todo o corpo. Em alguns momentos eu a direciono, em outros apenas a deixo brincar com a espuma que se forma. É divertido e ela parece realmente gostar de tomar banho.

Alguns minutos depois, desligo o chuveiro. Eu a enxugo rapidamente e a embrulho no meu enorme roupão. Talvez eu devesse comprar um menor para ela. Não sei quanto tempo ficaremos juntas, e também não sei exatamente o que trouxe em sua bolsa, porém, tenho quase certeza de que precisarei gastar algum dinheiro com produtos infantis. Dinheiro esse, que não tenho de sobra... Mas, um passo de cada vez.

Voltamos para o quarto e eu retiro todo o conteúdo de sua pequena bolsa pela primeira vez, e coloco tudo sobre a cama.

Três camisetas, dois shorts, um vestido, um pijama, algumas calcinhas e meias, e não podemos nos esquecer de sua roupa de bailarina. Mesmo assim, ainda parece pouco para mim.

Pode ser que exista a possibilidade de eu pegar o restante de suas coisas na casa do meu pai. Claire me disse para ligar, caso precisasse de algo e eu faço uma nota mental para fazê-lo mais tarde; talvez quando voltar do trabalho.

Escolho o pequeno vestido rosa de flores e ajudo Chloe a se vestir, penteando e secando seus cabelos em seguida. Não foi tão difícil como eu pensei e devo confessar que é uma bênção o fato de ela ser tão calma.

— Vamos assistir um pouco de televisão enquanto eu tomo banho também?

— Sim. — Ela parece realmente entusiasmada com a ideia e sorri lindamente para mim.

Lembro-me de passar algumas longas horas da minha infância em frente à tevê, então eu aprendi a ler e mudei meu foco para os livros. Vou à frente e a ligo, mudando os canais até encontrar um desenho de princesas. Chloe vem logo atrás, já se ajeitando sozinha entre minhas almofadas do sofá.

— Fique sentada aqui, não irei demorar.

Ela já está focada no desenho e não parece muito atenta às minhas palavras. Faço uma rápida varredura pelo apartamento, em busca de algo que possa ser perigoso e então corro para o banheiro.

Sempre tenho tempo para eu mesma de manhã. Será o momento em que irei me demorar no banho. Ou ler um pouco, às vezes inventar um penteado maluco. Tudo bem, eu sou uma pessoa solitária. Talvez mais do que gostaria. Meus poucos amigos se resumem a Susan, minha vizinha querida de setenta anos. David, meu patrão na livraria, e algumas colegas da empresa de eventos.

Agora eu terei uma companhia constante, a qual deverei me adaptar gradativamente. Uma nova rotina que terei que traçar a partir de agora, onde incluirei banhos mais curtos, e trocas de roupas mais rápidas.

Vinte minutos depois, estou calçando o par de All Star de Chloe e me preparando para sair de casa. Estou confiante e otimista de que será fácil trabalhar com uma criança ao meu lado, já que o meu expediente na livraria costuma ser sempre tranquilo, e ela parece um verdadeiro anjo.

Saímos de casa às dez e meia e caminhamos tranquilamente os dois quarteirões até o ponto de ônibus.

— Você já andou de ônibus? — pergunto a Chloe, quando o ônibus se aproxima e seus olhos parecem brilhar com a visão dele.

Ela acena em negativa, enquanto eu a ajudo subir os poucos degraus existentes. Sorrio para o motorista e caminhamos até o fundo vazio, nos sentando no último banco.

Chloe parece muito atenta a tudo, gostaria de saber como foi a sua vida até agora. A sensação que tenho é de que ela não é apegada aos pais, como as outras crianças aparentam ser. Se assim for vejo muito de mim mesma quando eu era criança, nessa situação toda.

Eu dormi em mais casas diferentes até meus dez anos, do que um astro de rock em hotéis ao longo da carreira. Minha mãe nunca estava em casa, então eu ficava com minha tia ou alguma vizinha, e existiram dezenas delas, até que eu pudesse ficar sozinha e não precisasse sair de casa para que alguém fingisse que cuidava de mim.

— Chegamos! — anuncio, quando vejo meu ponto de descida se aproximar.

O ônibus para muito perto da livraria, são apenas alguns metros de caminhada. Meu horário de trabalho é das onze às seis. Eu mudei faz pouco tempo, porque costumava ficar cansada já que chego sempre tarde nos dias de evento, e David, meu patrão é muito lindo e não se importou nenhum pouco.

Aliás, sobre David e sua lindeza, digamos que eu tenha certa paixõnite por ele, não correspondida, infelizmente. Embora eu tenha pensado em alguns momentos que ele pudesse gostar de mim, nunca saímos da *friend zone*. Ele me recebe com um imenso sorriso, quando atravesso a grande porta de vidro e entro na livraria.

— Ei, você. — Sua voz é alegre, os olhos azuis me espreitando sob os óculos retangulares de aro verde.

— Olá, David. — Devolvo o seu sorriso, com a mesma alegria, apertando um pouco mais a mão da Chloe.

Talvez eu devesse tê-lo avisado sobre ela, ter pedido permissão para trazê-la comigo. Às vezes eu acho que ultrapasso alguns limites por ele ser tão gentil.

— É quem é essa menina linda? — pergunta, quando finalmente nota Chloe ao meu lado.

— Ela é minha irmã. — Falo sorrindo para Chloe e para ele, em seguida. — Eu tive alguns problemas de família e precisarei ficar com ela por algum tempo.

— Eu nem sabia que você tinha uma irmã.

— Eu só descobri ontem à noite. — Conto, segurando o fôlego... *Deus*,

*isso é tão constrangedor.*

— Não acredito! — ele sai de trás do balcão e vem até nós. — Como é possível?

— Foi uma surpresa, algo inesperado. — Tento ser casual, apenas mais um dia em minha vida.

— Parece mentira. — Ele balbucia olhando para nós.

— Parece sim. — Concordo. *Mas, você não conhece o meu pai,* completo em pensamento.

Ele se ajoelha diante de Chloe e a observa por alguns segundos. Então levanta o rosto e sorri para mim outra vez, voltando a olhá-la depois disso.

— Ela se parece com você. — Ele pontua, tocando o seu cabelo bonito. — Com exceção da cor do cabelo.

— Foi o que pensei quando a conheci.

— Como ela se chama?

— Diga seu nome a ele. — Peço a Chloe, com voz suave.

David e eu esperamos pacientes que ela fale alguma coisa, porém, ela apenas se esconde atrás de mim, com vergonha.

— Ela não fala muito, ainda. — Volto meu olhar para David. — Seu nome é Chloe, e ela tem três anos.

— É um lindo nome! — ele exclama, estendendo a mão para Chloe. — Sou David.

Ela olha para sua mão estendida e depois para mim, como se buscasse uma confirmação silenciosa da minha parte.

Ajoelho-me também ao seu lado, segurando seus ombros e sussurro em seu ouvido:



— David é meu amigo e ele é muito bom também, não precisa ter medo.

Isso é o suficiente para ela aceitar sua mão e apertá-la de leve. Eu me pergunto por que ela se sente tão à vontade comigo, se nem ao menos nos conhecíamos nas últimas vinte e quatro horas. Será que sabe que sou sua irmã? Meu pai falava sobre mim?

— Vou precisar deixá-la comigo, enquanto trabalho. — Digo, me voltando para David. — Mas eu garanto que ela não irá atrapalhar em nada.

— Não tem problema algum, Mia. — Afirma, ajeitando os óculos — Ela parece um anjo!

— Ela tem sido um nas últimas horas.

Caminho para trás do balcão com minha pequena irmã ao meu lado. Deposito minha bolsa em uma das prateleiras escondidas, e coloco Chloe sentada em um dos banquinhos que eu costumo usar. Parece muito entediante para uma criança, mas terá que bastar por hoje.

— Então, esse problema de família já está resolvido? — ele me pergunta, se debruçando sobre o balcão.

— Está em andamento. — Falo cautelosa.

Não parece a maior maravilha do mundo, declarar aos quatro ventos sobre a prisão do meu pai. Sei que David jamais me julgaria, porém, prefiro manter isso em segredo enquanto puder.

— Se precisar de algo, qualquer coisa, — ele estende a mão, antes de continuar. — é só me falar.

— Obrigada. — Sorrio, apertando sua mão estendida.

Seu olhar é doce, enquanto observa nossas mãos juntas. Seus olhos são tão expressivos e sempre dizem tanto, mesmo no silêncio de seus lábios. Às vezes acho que ele irá finalmente me dizer o que sente, mas é como se mudasse de ideia no último instante e acabasse se calando mais uma vez. E eu sou covarde demais para expor meu coração também. Isso nunca vai passar de um

amor platônico, ao que parece.

— Preciso ir, estou no celular se precisar. — Ele me diz, se afastando, por fim.

David é professor de História no período da tarde, em uma escola local. Depois que mudei meu horário de trabalho, não tivemos mais tempo juntos. Sem conversas pela manhã ou toques de mãos sutis e despercebidos. Acho que devo dizer adeus ao nosso romance imaginário de uma vez por todas.

— Tudo bem, não se preocupe, — dou-lhe um último sorriso, enquanto o observo ajeitar sua bolsa transversal. — tenha um bom dia.

— Você também, Mia... Tchau, Chloe.

Ele é fofo, com seu jeito nerd de ser. O cabelo castanho caindo sobre a testa, o fazendo ajeitá-lo constantemente. Sinto-me uma adolescente boba, parada, olhando para a porta mesmo depois de ele ter saído. *Minha vida é realmente patética...*

Chloe puxa minha saia, fazendo eu me virar em sua direção outra vez.

— Pronta para a diversão? — Tento sorrir animada, ao mesmo tempo em que bato palmas.

Ela sorri docemente em resposta, fazendo tudo parecer mais fácil.



**Quatro**

**Mia**

É de conhecimento popular que eu odeio pedir favores a alguém. Mas, é absolutamente pavoroso, que esse alguém seja a minha amada mãe. Parece estranho, porém, nada em minha vida é como deveria ser. Eu não tenho alguém que seja constante, aquele único alguém com quem eu possa sempre contar, não importa em que circunstância. Todo mundo tem; eu não.

É fácil conviver com isso, quando percebemos que essa será a nossa realidade de vida. Entretanto, agora é um momento de desespero, preciso estar no trabalho em duas horas e não faço ideia do que fazer com a Chloe. Isso me faz desejar ardentemente ter alguém com quem possa contar. É uma emergência, afinal.

Hoje foi o segundo dia em que a levei comigo à livraria e não tivemos nenhum problema, ela ama os livros com figuras e pode passar muito tempo quieta. Às vezes tempo demais, confesso.

Além do mais, lhe comprei lápis de cor e revistas para colorir, e ela adorou. Tive a sensação de que ela nunca ganhou algo assim, tamanha era a sua felicidade diante de uma coisa tão simples. Isso me fez sorrir.

Acho que deveria pensar em mandá-la para a escola. Crianças de três anos vão para a escola? Não sei; preciso descobrir. Preciso descobrir tanta coisa, minha mente nunca esteve tão tumultuada.

Estamos em minha pequena sala, Chloe está assistindo *Frozen* pela quarta vez, desde que eu comprei o DVD para ela ontem à noite. E eu? Eu estou olhando para o meu celular, pensando em todas as razões pelas quais devo passar por cima do meu orgulho, e pedir a ajuda da minha mãe.

Ao final, não encontro razões suficientes para isso, mas ela é a única pessoa na minha lista do desespero. Preciso ligar...

Soltando um suspiro imenso de frustração, começa a discar seu número e espero pacientemente ela atender.

— Alô! — sua voz rouca estala em meu ouvido, quando ela atende no terceiro toque.

— Mãe, sou eu, — digo com uma risada nervosa, contendo o impulso de desligar na sua cara... *Eu estou louca, louca.* — Mia.

— Não precisa dizer seu nome, eu só tenho uma filha, Mia e é você.

Graças a Deus por isso. *Sorte da criança que nunca precisou nascer no seio dessa amada família,* eu cogito lhe dizer.

—É só um jeito de falar, mãe. — Justifico me afastando de Chloe e indo para o quarto para ter mais privacidade. — Como você está?

— Bem e você? — ela pergunta, desinteressada.

— Bem também. — Afirmo sem muita convicção. Eu não sei o quão bem estou agora ou ficarei pelas próximas semanas.

Ficamos em um constrangedor silêncio, enquanto eu penso em uma forma de abordar o assunto, falar lhe sobre Chloe... Sinceramente, não sei por onde começar.

— Você quer alguma coisa, Mia? — Minha mãe indaga, quebrando a quietude.

— Eu não posso te ligar? — devolvo um tanto ofendida.

— Claro que pode, mas você nunca o faz. Isso deve ter um ótimo motivo.

— A senhora nunca me liga também. — Me defendo, porque Deus sabe que o único contato que temos, acontece quando eu a procuro.

— Senhora? Pelo amor de Deus, não me chame assim.  
— Ela me repreende alto, fazendo com que eu afaste o telefone do ouvido para proteger minha audição.

Miranda tem verdadeiro pavor de ser associada à velhice, para ela é como um xingamento da pior espécie. Talvez por isso se esforce tanto em

parecer sempre jovem.

— É uma forma de demonstrar respeito, mãe. — Fecho os olhos, contando até dez para manter a calma. — Mas, para ser sincera; eu realmente preciso muito de um favor seu.

— Dinheiro? Se for isso, eu não tenho.

— Alguma vez pedi dinheiro para a senho... — me engasgo quando percebo que estava repetindo a palavra proibida. — para você?

— Não, mas eu já me adiantei. — Ela fala, com uma risada alta e sem graça. — O que foi então?

Suspiro e prendo a respiração em seguida. É agora, a hora da bomba...

— Você *pode* cuidar de uma criança *de* três anos, *por* quatro horas? — Questiono com rapidez, emendando algumas palavras... Isso não deve ter soado claramente, mas quem me culpa?

— O quê? — ela grita novamente.

— Você pode cuidar de uma criança de três anos, por quatro horas? — pergunto com mais clareza, sentido todo o meu orgulho escorrer ralo abaixo, enquanto articulo cada palavra.

— Como assim? Que criança?

— Minha meia-irmã. — Falo baixinho, soltando outro suspiro.

Silêncio... Minha mãe odeia o meu pai com todas as forças da sua alma. Acho que quando ele apareceu na minha infância e eu o conheci, eles tiveram uma recaída e ela provavelmente acreditou que ficariam juntos, e seríamos uma família feliz. Eu também achei. Lógico, isso nunca aconteceu de fato e quando meu pai foi embora pela segunda vez, minha mãe declarou guerra de forma definitiva a ele. Joseph Anderson é o inimigo número um de Miranda White. Para o meu azar ambos são meus pais.

— Meia-irmã, — ela repete incrédula. — seu pai teve outra filha?

— Sim, ao menos essa nós temos conhecimento. — Pontuo, tentando soar engraçada e não consigo. — Deus sabe quantas outras estão perdidas mundo afora.

— Em se tratando do seu pai, nada me surpreende. — Ouço a censura em sua voz. — Embora, isso de fato tenha me chocado por alguns segundos...

— Ainda estou em choque. — Suspiro a interrompendo.

— Por que está com ela, e a sua mãe?

Essa é a parte mais complicada, dizer que meu pai foi preso, adicionar mais pontos negativos em sua lista negra e fazer minha mãe odiá-lo mais um pouco... *E lá vamos nós!*

— A mãe dela está presa, — digo calmamente, vou usar a casualidade para amortecer o impacto. — junto com o Joseph, sendo assim, sou a única responsável pela filha deles.

— Não posso acreditar, — Ela me parece bem surpresa agora. — seu pai nunca irá crescer?

— Quem sabe. — Dou de ombros, para mim mesma. — Essa é uma pergunta que não posso responder.

— Isso é ridículo, Mia. — Ela replica nervosa. — Quem foi que disse que você precisa cuidar dessa criança?

*Detetive Scott*, ele é bem persuasivo, por sinal.

— Ninguém me disse mãe, mas eu senti muito pena dela, e são apenas alguns meses.

— Meses? — mais um grito... afasto outra vez o telefone, achando que essa conversa não me levará a lugar algum.

— Sim, mãe... — afirmo sem vontade. — meses.

— Você é uma boba, Mia. — Ela me censura, fazendo *boba* soar como um palavrão feio. — Devolva essa criança para a polícia, ou quem quer que seja.

— Mãe, — começo, me sentando na cama. — ela não tem culpa de nada, posso fazer isso por alguns meses. Não é o maior dos sacrifícios.

— Aparentemente é, caso contrário, não estaria me ligando. — *Touché*, ela está certa e eu detesto isso.

— Foi um lapso de loucura, sabe quando você pensa que pode pedir um favor à sua mãe? — pergunto rindo. — Eu imaginei que pudesse fazer isso, mesmo que por alguns segundos. Mas, já recobrei a sanidade.

—Você pode, — posso imaginá-la revirando os olhos. — mas não isso.

—Tudo bem, esqueça esse assunto.

Estou um pouco encrencada, o relógio continua correndo e eu não tenho uma solução. O meu desespero atingiu níveis imensos, a ponto de achar que existia um fio de bondade no coração de pedra da minha mãe.

— Nos falamos outra hora, mãe. — me despeço com tristeza, a derrota escorrendo das minhas palavras. — Se cuide!

— Você também, Mia.

Desligo com uma imensa vontade de chorar, mas me contenho. Volto para sala, caminhando com passos de derrota, como se o mundo todo pesasse sobre as minhas costas, e definitivamente pesa. Deixo o celular ao lado da tevê e observo Chloe em silêncio, uma ideia surgindo em minha mente, igual ao Sol no horizonte.

— Eu já volto Chloe.

Não sei se ela me ouviu, estando tão absorta no desenho. Saio rapidamente do meu apartamento, e bato duas vezes na porta em frente. Alguns segundos se passam, antes que eu possa ouvir os passos lentos do outro lado e o barulho da tranca em seguida.

— Olá, Mia. Que alegria te ver.

— Oi, Susan. — Digo calmamente. — Como está?

— Bem, você sabe... algumas dores aqui e ali.

Ela faz um gesto engraçado com as mãos, apontando para os quadris e os joelhos. Susan é um doce de pessoa, a bondade transborda em seu sorriso para quem a vê mesmo pela primeira vez. Acho que ela se parece com uma avó, se eu tivesse tido uma, gostaria que fosse exatamente como ela.

— Você parece preocupada. — Ela continua, ao me encarar com olhos experientes. — Algum problema?

Olho em seus olhos castanhos, marcados agora por intensas rugas e o peso de sua idade, mas sem anular sua beleza ou o brilho que transmite para quem recebe seu olhar.

— Na verdade sim, eu preciso de um favo. — Falo, olhando para seus chinelos de pelúcia. Sempre acho graça da estampa de onça ou de tigre. Ela as alterna constantemente. Devem ser suas favoritas.

— E precisa parecer tão derrotada ao me dizer isso?

— Na verdade sim, — volto o meu olhar para o seu rosto. — quando penso que posso estar abusando.

— Quer uma xícara de açúcar? — ela sugere com diversão.

— Algo um pouco mais complexo. — Digo rindo. — Você pode ser minha babá por quatro horas?

— Sua babá? — ela repete, com as sobrancelhas levantadas. — Como assim?

— Tenho uma criança agora. — Seu olhar de espanto é engraçado. — Uma meia irmã de três anos, morando comigo.

— Não sabia que você tinha uma irmã.



Acho que essa é a frase que receberei de todos a partir de agora, não é todo dia que alguém aparece com uma criança que não existia antes.

— Eu não sabia também.

Seu olhar de espanto permanece, ela se encosta ao batente da porta, como se esperasse que eu lhe desse uma explicação. Algo que eu realmente detesto fazer, principalmente porque toda essa situação parece irreal, e não existe uma explicação plausível.

— Meu pai foi preso. — Conto com resignação, foi o que me restou afinal; resiliência. — Ele se casou outra vez e teve uma filha, que eu não conhecia até dois dias atrás.

— Isso é horrível, Mia. — Ela diz, com um pequeno sorriso de conforto. — Pelo seu pai, não pela criança, é claro.

— Digamos que ele colheu o que plantou. — Dou de ombros, como se não fosse importante. — Acontece que a sua esposa; que eu não conheço, está presa também e a Chloe é como se fosse uma herança inesperada.

— É um lindo nome, Chloe.

— Ela é uma linda criança... — emendo com carinho. — Praticamente um anjo.

Susan ri, dispersando um pouco do meu nervosismo. Acho que encontrei finalmente uma babá. Isso me faz sorrir também.

— Seria uma alegria ajudá-la, Mia. Traga a sua irmã. — Ela diz por fim, fazendo um gesto casual com as mãos.

— Você salvou a minha vida. — Praticamente me joga em seus braços, tamanha a minha felicidade nesse momento.

Embora eu saiba que preciso encontrar alguém permanente para estar com Chloe três vezes por semana, não posso simplesmente abusar de Susan dessa forma, ainda assim estou extremamente aliviada. Tem tantas coisas as

quais preciso me adequar e nem sei como fazê-lo, é bom sentir algum alívio momentâneo.

— Eu volto daqui a pouco. — Eu digo a Susan, depois de me afastar.

Corro até meu apartamento, lembrando que deixei Chloe completamente sozinha. Ainda a encontro do jeito que deixei, como se não tivesse movido nenhum músculo desde o instante em que saí. A televisão a hipnotiza de tal maneira, que talvez eu pudesse deixá-la sozinha e quando voltasse ainda a encontraria no mesmo lugar. Claro que eu jamais faria algo tão inconsequente, mesmo diante de tanto desespero... Não sou tão louca assim.

Vou para o quarto e troco meu jeans e camiseta, pela saia preta até o joelho e camisa branca de mangas curtas, do meu querido uniforme.

Não sei por que preciso parecer uma secretária para servir drinks para pessoas tão esnobes, que sequer me notam. Prendo meu cabelo em um coque, deixando alguns fios soltos, passo um pouco de maquiagem, apenas por ser uma exigência da minha amada e benevolente patroa, a pessoa mais generosa e compreensiva que poderia encontrar. Estou sendo irônica, *é óbvio*. Isso só aconteceria se eu estivesse em um sonho, e minha vida fosse do jeito que eu gostaria. Mas na verdade; a minha chefe é uma loira plastificada, louca para me trocar por alguém mais bonita e desenvolta do que eu.

Porém, eu finjo que não vejo os olhares de reprovação que ela me dá. Como se fosse uma versão mais jovem da minha mãe, e estivesse apenas esperando um ínfimo deslize da minha parte para me mandar embora. E eu preciso desse emprego quase como o ar que respiro. Duas semanas trabalhando em eventos, e posso pagar meu aluguel. A paz que isso me traz, faz o sorriso que preciso manter em meu rosto, enquanto desfilo com uma bandeja, parecer mais suportável.

Com os sapatos pretos de salto em uma mão e minha bolsa na outra, volto para sala. Chloe está de pé em frente à televisão, cantando *Let it Go*, e essa é a primeira vez que a ouço dizer mais do que três palavras de uma só vez.

Chego lentamente até onde ela está, e espero a música acabar e ela notar minha presença para me ajoelhar à sua frente.

— Eu vou trabalhar agora, Chloe. — Conto com um sorriso. — E você vai ficar com uma amiga minha, tudo bem?

Ela acena em concordância, mas eu tenho dúvidas se realmente me entendeu. Fico em pé outra vez, colocando os sapatos em uma sacola e pegando

minhas chaves, convido Chloe a me acompanhar até o apartamento de Susan.

Ela atende a porta assim que eu bato, nos recebendo com um grande sorriso, que aumenta consideravelmente assim que vê Chloe atrás de mim. Chloe por sua vez, parece mais tímida do que quando eu a conheci, me olhando com os lábios apertados e os olhos marejados. Espero que esse não seja o momento em que ela vai se jogar no chão e arrancar os cabelos.

— Susan, essa é minha irmã, Chloe.

Faço as apresentações, esperando Chloe aceitar ser abraçada por Susan, mas ela não o faz. Diante da negativa, a velha senhora lhe sussurra algo em seu ouvido e mesmo que eu não posso ouvir, deduzo ser algo bom, pois Chloe lhe devolve um pequeno e tímido sorriso.

— Voltarei logo, Chloe. — Digo, beijando o seu rosto. — Seja boazinha para Susan e eu lhe trarei aquelas balas de ursinho que você tanto gostou.

Tenho quase certeza de que não deveria comprar o seu bom comportamento com doces, ou o que quer que seja. Mas eu sou a irmã mais velha, temporária, devo ressaltar, e talvez só por esse pequeno detalhe, possa estragá-la um pouco.

Despeço-me rapidamente de Susan, murmurando uma dezena de agradecimentos variados, enquanto corro escada abaixo. O elevador está quebrado; que sorte a minha.

De qualquer forma, essa é a última das minhas preocupações. Preciso chegar até a empresa de eventos, onde uma van espera os funcionários e os leva até o local da festa. Estou em cima da hora e após dois ônibus e uma pequena corrida no final, eu consigo chegar com apenas quatro minutos de atraso. Calço meus sapatos, trocando minhas sapatilhas por eles, antes que a *Malévola* me veja.

Entro na van, cumprimentando rapidamente as outras meninas e me sentando no canto, posso enfim respirar.

O trajeto até o local do evento é rápido, recebemos as mesmas instruções de sempre: Sorria, seja gentil, não deixe sua bandeja vazia, não deixe um convidado sem uma bebida... O mesmo de sempre, se você já serviu em uma festa isso se torna quase automático ao longo do tempo.

Estou a quase quarenta minutos desfilando por um imenso salão, decorado com esmero, à meia luz para um coquetel de aniversário. Os convidados estão espalhados por todo o ambiente, comendo e bebendo

alegremente. Já abasteci minha bandeja diversas vezes e meus pés começam a doer por já ter atravessado o salão inteiro ao menos quatro vezes.

Meus olhos estão dispersos, enquanto eu paro diante de um grupo de mulheres, e espero pacientemente, que cada uma delas pegue uma taça de champanhe.

Mas, de repente é como se não houvesse mais ninguém no salão, no instante em que meu olhar pousa em um par de olhos negros conhecidos. E quando o dono desse olhar começa a caminhar até onde estou, preciso segurar a bandeja com as duas mãos para não derrubá-la no chão. Quando ele para diante de mim, tenho a sensação de que está mais bonito do que eu me lembrava, e isso faz o meu coração acelerar inexplicavelmente.

— Olá, Mia. — Ele me diz com um sorriso torto.

— Oi, Drew. — Devolvo, sorrindo também...



Cinco

Drew

**Estou** em um salão cheio de desconhecidos, tentando descobrir qual foi o momento entre a ligação do meu irmão Adam, hoje de manhã e as dezenas de mensagens que ele me enviou durante o dia; em que eu aceitei estar aqui. No aniversário de sua namorada June. Que eu nem conhecia há cinco minutos, preciso ressaltar.

Há uma grande chance de eu ter perdido a cabeça, eu detesto festas e não sou do tipo sociável ao ponto de me sentir à vontade em lugares assim, diferente de Adam.

Ele é o simpático da família, eu sou o sério.

Na verdade, somos opostos completos, filhos dos mesmos pais, porém, não poderíamos ser mais diferentes. Embora sejamos bem semelhantes fisicamente, o que torna nosso parentesco tão evidente, nossas personalidades são tão distintas quanto a água e o vinho.

— Está gostando da festa?— Adam pergunta, interrompendo meus pensamentos.

Estou de costas para o salão, tentando ignorar o burburinho e fixando meu olhar na parede cinza claro e me esforçando para encontrar algo de interessante nela e não morrer de tédio... *Então sim, estou adorando a festa.*

— Da próxima vez, prefiro ir ao bingo com a vovó. — Respondo, fingindo beber o meu uísque quase intocado.

— Da próxima vez, eu convido a vovó. — Ele diz rindo. — Ela é muito mais animada que você.

—Nisso eu preciso concordar. — Não posso evitar meu riso também.

— O que achou da June? — ele me questiona com interesse. Eu temi esse pergunta desde que a conheci.

Viro a cabeça lentamente e fixo meus olhos em seu rosto, antes de colocar uma das mãos no bolso.

— Ela parece legal. — Digo simplesmente. Essa é a resposta segura.

— Não gostou dela, não foi? — ele me interpela, sem se abalar.

— Eu não disse isso, — me defendo. — como posso ter uma opinião em tão pouco tempo?

— Você é observador, acho que *legal* não é realmente legal.

— Ela é bonita. — Complemento.

O que não deixa de ser verdade: morena, olhos azuis, alta, sorriso bonito. Parece fútil demais e a voz é um pouco irritante, eu não conseguiria ouvi-la por mais de dez minutos sem me irritar. Mas, não sou eu quem precisa gostar dela, Adam é quem precisa e ele, aparentemente, gosta muito.

— Eu gosto dela. — Ele afirma sério, como se lesse meus pensamentos.  
— Acho que agora é para valer.

— Isso é bom... — aceno com a cabeça. O que mais posso dizer?

Adam é do tipo namorador, Não de um jeito ruim, ele é mais do tipo romântico. Poderíamos dizer que ele é a versão masculina da mulher que vive em busca do príncipe encantado, no caso dele; princesa. Pena que suas princesas não sejam tão encantadas assim, essa é a terceira namorada que eu conheço em menos de um ano.

— Estou pensando em pedi-la em casamento, — ele continua, me fazendo engasgar com o uísque, quando finalmente decido bebê-lo. — em breve.

— É um grande passo... — falo, tossindo. — enorme... gigante, na verdade.

— Estou realmente apaixonado.

— Claro; isso explica tudo.

— Vou ignorar a ironia.

— Você acabou de conhecê-la. — Pontuo, me virando totalmente para o salão outra vez. — Vá com calma.

— Eu a conheço há quase três meses.

Seus olhos se movem rapidamente por todo o salão até encontrarem a namorada em um canto, cercada por outras pessoas. Um sorriso aparece em seu rosto no mesmo instante em que a vê. É ele está mesmo apaixonado ou iludido; eu apostaria na segunda opção.

— Vou ao banheiro. — Digo, colocando meu copo na primeira bandeja que passa por mim. — E talvez embora.

— Fique mais um pouco, você acabou de chegar.

Dou de ombros, enquanto começo a andar como se eu soubesse aonde é o banheiro, embora eu não faça a menor ideia.

Ando entre as pessoas, me desviando de algumas e sorrindo rapidamente para outras, que certamente me confundem com Adam, percebendo que o local está visivelmente mais cheio agora.

Paro, tentando me localizar e decidir se Adam ficará chateado se eu for embora sem me despedir, e é quando eu a vejo.

É como se meus olhos tivessem vida própria, e eu não posso evitar observá-la por alguns minutos, enquanto ela desfila com uma bandeja cheia de taças, como se estivesse vazia. Sorrindo sempre, quando para inúmeras vezes para servir as pessoas. Poderia quase afirmar que seu sorriso não é verdadeiro, parece ensaiado, como se ela não gostasse realmente de estar aqui.

Bem, eu também não gosto nem um pouco, então posso compreendê-la totalmente. Preciso confessar a mim mesmo, que eu pensei nela algumas vezes durante esses dois dias. Não nela exatamente, mas na situação em si. Cogitei a possibilidade insana de lhe ligar e perguntar sobre Chloe, mesmo que essa vontade tenha durado apenas dez segundos. O que eu lhe diria?

A verdade é que me preocupo em ter forçado a sua decisão de ficar com a irmã. Eu tenho essa irritante mania de me preocupar com as pessoas, me preocupar em fazer o que considero certo o tempo todo, e já que estou aqui e foi o destino quem nos colocou no mesmo lugar outra vez, posso me certificar de que ambas estão bem.

Quando ela finalmente me nota, a surpresa está estampada em todo seu rosto, os olhos fixos em mim e em meus passos, enquanto caminho até onde ela está.

— Olá, Mia. — Digo, sorrindo meio sem jeito.

— Oi, Drew. — Ela replica com um sorriso bonito.

Eu gosto da forma como meu nome soa em seus lábios, talvez, eu goste um pouco mais do que eu deveria.

— Não esperava te encontrar aqui. — Digo quando ela permanece em silêncio, apenas sorrindo.

— Posso dizer o mesmo. — Ela fala, olhando para os sapatos agora. — Como você está?

— Bem, e você com a pequena Chloe?

A menção do nome da irmã a faz sorrir de forma mais sincera, eu diria. Seu rosto se ergue outra vez e percebo um brilho em seus olhos que eu não posso definir; mas eu espero que seja felicidade.

— Estamos nos adaptando, porém, tem sido mais fácil do que eu imaginava.

— Isso me deixa feliz. — Falo com sinceridade. — E onde ela está agora?

— Com a minha vizinha. — Ela responde, desviando o olhar quando alguém a chama. — É temporário, até eu encontrar alguém definitivo. Mas ela está em segurança, isso eu posso afirmar.

— Entendo. — Digo simplesmente, olhando também na mesma direção que ela.



Uma senhora loira, com chapéu e vestido engraçado está tentando chamar a sua atenção, acenando insistentemente com sua taça vazia no ar.

— Preciso ir. — Mia diz, levantando um pouco a bandeja que está segurando. — Foi um prazer encontrá-lo, Drew.

— Foi um prazer para mim também, Mia.

Não sei se ela me ouviu, já que se afastou com pressa, antes mesmo que eu pudesse terminar a minha frase.

Também não sei quanto tempo eu permaneço estático, acompanhando cada movimento seu, e desejando que tivéssemos mais tempo para conversar.

— Ela é bonita! — Adam me surpreende, colocando a mão no meu ombro e me assustando como se tivesse acabado de brotar do chão. Ele sempre faz isso, como se simplesmente não notasse o quão irritante é. — Você a conhece?

— Eu não diria exatamente isso. — Balbucio com cautela. — Mas já nos encontramos anteriormente.

— A resposta era apenas sim ou não. — Ele debocha.

— Então, sim. — Murmuro, revirando os olhos e não deixando brecha para que ele banque o repórter sobre Mia. — Onde é o banheiro?

— Por ali. — Diz, apontando para o canto direito do salão.

Aceno em compreensão, antes de começar a andar, porém, me viro logo em seguida para olhá-lo outra vez.

— Que horas essa festa termina?

— Não tenho certeza, às nove e meia, talvez. — Ele responde, me olhando com curiosidade. — Por quê?

— Apenas curiosidade. — Dou de ombros, deixando qualquer emoção oculta. — Estou indo embora.

— Você é um chato, já te disseram isso? — ele grita.

— Algumas vezes, na verdade! — respondo rindo.



Fico no banheiro por mais de quinze minutos, apenas parado em frente ao espelho, tentando descobrir o que me incomoda a ponto de não conseguir simplesmente ir embora e dormir.

E depois que finalmente descubro, saio da festa e estaciono o meu carro na rua atrás do salão. E embora todos os meus instintos e minha consciência gritem que estou cometendo um imenso erro; estou esperando Mia terminar seu trabalho.

Por que estou fazendo isso?

Eu não saberia responder nem se minha vida dependesse disso nesse momento. Talvez hoje seja o dia em que finalmente vou me comportar como um adolescente, deixando a razão de lado e agindo como um bobo; porque não existe nenhuma explicação plausível para isso.

A cada ranger da porta, que eu deduzo ser para a saída dos funcionários, eu levanto os meus olhos do celular, e fico alerta. Nunca é ela quem sai e pode ser que isso seja um sinal para que eu vá embora, entretanto, eu permaneço no mesmo lugar.

São quase dez horas quando ela enfim saí, acompanhada de outras pessoas. Deixo o celular de lado e desço rapidamente. O barulho da porta do carro batendo, faz com que ela olhe para trás e me veja também, ficando mais surpresa que horas atrás.

— Você. — Ela sussurra, mas soa mais como uma pergunta. — O que está fazendo aqui?

*Boa pergunta...* Como irei responder agora?

— Acabei de sair. — Minto. — Quer uma carona?

— Estacionou aqui atrás? — ela se despede das outras pessoas e vem em minha direção com passos lentos, me estudando com atenção.

— Quer a carona? — Insisto, não respondendo a sua pergunta. Seria mais uma mentira, melhor me esquivar...

— Eu moro quase do outro lado da cidade. — Ela explica com cautela, como se fosse um detalhe que me faria retirar a minha oferta. Isso quase me faz rir. *Se ela soubesse...*

— Sem problemas. — Ela poderia me dizer que mora na Lua, ainda assim, daria um jeito de levá-la para a casa em segurança.

Passo as mãos no cabelo, enquanto dou a volta no carro e abro a porta do passageiro para ela, não lhe dando mais tempo para pensar. Ela exala e caminha hesitante, até a porta aberta.

— Obrigada! — ela agradece ao se sentar.

Dou lhe um leve menear de cabeça e volto para o meu lugar, antes que comece a rir de mim mesmo.

O que ela pensaria se soubesse que eu a estava esperando todo esse tempo? Provavelmente fugiria, imaginando que eu possa ser alguma espécie de lunático. Estou me comportando como um, eu não posso negar.

— Para onde? — pergunto, ligando o carro e apertando firmemente o volante.

— Você não sabe? — ela devolve minha pergunta, ajeitando o cinto de segurança enquanto me encara. — Quer dizer, você disse que me buscaria aquele dia.

— Devo ter seu endereço em algum lugar, mas óbvio que eu não sei de cor. — Me esforcei para lembrar, porém.

— É óbvio. — Ela repete rindo, me recitando seu endereço em seguida.

Ficamos em silêncio, Mia fingindo estar muito interessada na paisagem da cidade, ao mesmo tempo em que finjo estar super concentrado em dirigir. Ambos somos péssimos atores, eu diria.

— Tem alguma notícia do meu pai? — ela pergunta depois de um longo

tempo, olhando brevemente para mim, como se a simples pergunta a envergonhasse.

— O juiz ainda não marcou o julgamento. — Explico, desviando os olhos da estrada por um ínfimo momento. — Mas estipulou uma fiança de cento e vinte mil.

Sinto seu corpo se enrijecer ao meu lado e mesmo sem olhá-la, posso notar a respiração presa em sua garganta. Eu sei que é uma grande quantia de dinheiro para uma fiança, e quase me sinto culpado pela decisão do juiz. Mas esse sentimento se vai, com a mesma velocidade que passa por mim.

— Então ele ficará preso por muito tempo. — Ela constata, por fim e eu não a contradigo. — E a avó de Chloe? Alguma novidade?

— Nenhuma notícia ainda, — informo. — eu sinto muito.

Ela parece um pouco desapontada com as minhas palavras, mas disfarça logo com um grande e brilhante sorriso.

— Então Chloe e eu continuaremos nos divertindo por um tempo.

— É o que parece. — Digo, apertando um pouco mais o volante, incomodado com a insegurança que seus olhos não escondem. — Você não se arrependeu de ficar com ela, não foi?

— Em nenhum momento. — Ela responde tão rápido que suas palavras quase se sobrepõem às minhas. — É um pouco complicado... Muito complicado na verdade, mas Chloe é maravilhosa e eu quero muito que ela seja feliz e esteja bem.

Suas palavras me trazem um grande alívio, vejo sinceridade em todo o seu rosto. Isso é ótimo, agora posso deixá-la em casa, ir embora e nunca mais pensar nas duas outra vez. O meu trabalho já foi feito.

— Você pode parar ali por alguns minutos? — ela aponta para uma loja de conveniência logo à frente. — Prometi a Chloe que levaria alguns doces e mesmo que eu ache que ela já está dormindo agora; não quero desapontá-la.

— Tudo bem. — Afirmo, desviando rapidamente para a loja.

Ela já está fora do carro, antes mesmo que eu termine de estacioná-lo.

— Não vou demorar. — Murmura, sem olhar para mim enquanto bate a porta corre pelo estacionamento.

— Eu vou também. — Saio apressado, fechando a porta e ligando o alarme, antes de tentar alcançá-la.

Seus sapatos clicam sob o cimento e o vento desmancha parcialmente o seu penteado, trazendo o perfume dos seus cabelos até mim. Coloco as mãos sobre a minha gravata e a mantenho presa ao meu peito, impedindo que ela saia do lugar enquanto corro até ela.

— Por que tanta pressa? — pergunto, abrindo a porta da loja para ela passar.

— Está tarde! — ela murmura.

— Não tanto assim. — falo, analisando as prateleiras assim que entramos. — Que tipo de doces?

— Balas de ursinho. — Ela conta, rindo. — Você gosta?

—Eu pareço alguém que gosta de balas de ursinho? — exclamo, arqueando as sobrancelhas. Se ela disser que sim, talvez fira o meu ego.

— Com certeza não. — Mia responde, depois de me analisar e rir mais ainda. — Mas, poderia gostar.

— Eu nunca provei, — confesso. — na verdade; não gosto muito de doces.

— Não acredito, esse é um defeito imperdoável. — Ela se choca, cobrindo a boca com as mãos.

— Eu não disse que não gosto, mas que não gosto muito. — Enfatizo, diante do seu olhar de espanto.

— Você precisa provar. — Fala, pegando vários pacotes de balas, cada um de uma cor.

— Parece incrível — murmuro com ironia. — mas, obrigado.

— Não seja chato, Drew. — Ela saltita como uma criança, diante de mim. Os braços cheios de doces. Além das balas, ela pegou vários chocolates e alguns pirulitos... Pode ser que Chloe tenha uma overdose de açúcar.

— É só isso? — Aponto para os doces, enquanto seguimos até o caixa.

Mia despeja tudo sobre a esteira, e o atendente começa a computar a sua compra.

— Acho que sim. — Ela analisa tudo, como se pensasse seriamente em buscar algo mais.

Para mim, existem doces suficientes para uma semana ou talvez mais. Entrego meu cartão para o funcionário e ajito todos os doces em uma sacola, antes que Mia sequer consiga abrir a bolsa.

— Eu iria pagar. — exclama quase indignada, com a carteira na mão enquanto sustenta o meu olhar.

— Não tem problema, é um presente meu para a Chloe. — Digo simplesmente. Em parte é a verdade.

Fico esperando ela guardar a carteira outra vez e pegar a sacola que estou lhe estendendo, porém, ela continua parada, e parece um pouco brava comigo agora. Sinto vontade de tocar o seu rosto e afastar o vinco que se formou entre as suas sobrancelhas. Ao invés disso, eu mesmo guardo sua carteira, segurando sua mão em seguida e a arrastando até o carro outra vez.

— Você não deveria ter feito isso, Drew! — ela me censura.

— Você não deveria ficar chateada por algo tão bobo, Mia. — Replico como se fossemos duas crianças e estivéssemos tentando decidir quem tem o melhor argumento.

— Acho que eu deveria sim. — Fala, parando ao lado do carro e vasculhando freneticamente as sacolas. — Já que me chateou, terá que provar uma das balas e me fazer feliz.

— É tão fácil assim fazê-la feliz? — questiono, cruzando os braços e observando os seus movimentos. De repente a conversa ultrapassou a barreira de doces inofensivos.

— Ficaria surpreso se soubesse. — Não posso deixar de sorrir com as suas palavras, mais exatamente por ela parece um pouco teatral ao dizer isso. *É adorável...*

— Essa é a primeira vez... — ela sussurra, com os olhos fixos nos meus.

— Primeira vez o quê? — demando interessado.

— Que eu te vejo sorrir. — Ela explica, sorrindo também.

— Não sou a pessoa mais sorridente do mundo. — Me defendo, ainda sorrindo. Estranhamente, eu tenho vontade de sorrir para ela.

—Mas deveria, você fica lindo quando sorri. — Mesmo com a pouca luz, consigo ver suas bochechas ficarem vermelhas quando percebe o que realmente disse. — Seu sorriso é lindo, seu sorriso...

— Obrigado! — agradeço, rindo um pouco alto.

Ela revira os olhos, voltando a se concentrar na sacola e pegando um dos saquinhos de bala, e o abrindo em seguida com bastante agilidade. Mia me estende uma bala em formato de ursinho vermelho, parece um pouco molenga e eu deduzo que foram feitas para serem atrativas para as crianças, e não para os adultos. Porque não me atrai nem um pouco. Mesmo assim, eu seguro seu pulso e deixo que ela coloque a bala em minha boca. Parece algo bobo a se fazer; mas eu gosto do olhar em seu rosto quando trago seus dedos até meus lábios e os toco levemente com minha língua.

— Parece gelatina. — Murmuro, depois de mastigá-la por alguns segundos. — E açúcar.

— É exatamente isso. — Ela concorda achando graça. — Você não gostou?

— Eu detesto gelatina. — Pontuo.

— Do que você gosta Drew? — me pergunta, enquanto seguro a porta aberta do carro para ela. — Eu amo gelatina.

— Lasanha. — Falo, sem conseguir me lembrar de mais nada após pensar alguns segundos.

— Eu amo lasanha! — ela parece feliz ao exclamar isso e acabo sorrindo novamente.

— Viu? Temos algo em comum. — Sustento o meu sorriso, porque é simplesmente muito fácil fazê-lo ao seu lado.

— E isso parecia quase impossível. — Ela completa.

— Nada é impossível, Mia. — Emendo, ganhando mais um sorriso como resposta.

Os dez minutos restantes até seu apartamento são percorridos no mais absoluto silêncio. Mia parece perdida em seus próprios pensamentos, e no saquinho de balas, que ela não parou de comer desde o momento em que liguei o carro outra vez. E eu não tenho absolutamente nada para dizer, embora queira continuar ouvindo sua voz.

— Muito obrigada pela carona, Drew. — Fala, me olhando sorridente. — Espero que você sobreviva sem traumas às terríveis balas de ursinho.

— Parece difícil, — digo, entrando na brincadeira. — mas acho que ficarei bem.

— Boa noite, então.

Corro para abrir a porta, antes que ela saia sozinha do carro. Estamos tão perto, que eu posso sentir o sabor de morango e açúcar vindo de seu hálito. Eu



poderia beijá-la facilmente, entretanto, me afasto de forma rápida assim que toma consciência dos meus pensamentos. *De onde eles vieram?*

— Boa noite, Mia!

Ela se afasta lentamente, tomando cuidado com os passos no piso irregular. Eu a achei muito bonita em seus jeans e camiseta, no dia em que nós nos conhecemos. Mas seu uniforme de garçone/secretária fica muito melhor. Mesmo que eu prefira seu cabelo solto, isso se eu pudesse ter preferências. E eu não posso, sei disso.

— Você acha que eu poderia buscar o restante das roupas da Chloe, na casa do meu pai? — Levo alguns segundos, para sair do meu torpor e entender sua pergunta.

— Acho que Claire pegou tudo o que era dela e colocou na sua mochila.

A verdade, é que a maioria das roupas de Chloe não estava em condições de uso, e tiveram que ser descartadas. Isso explica a quantidade ínfima que restou.

— Verdade? — ela parece analisar minha resposta com cuidado. — Aquilo é tudo o que ela tem?

— Receio que sim. — me desencosto do carro e dou alguns passos até ela. — Vocês precisam de alguma coisa?

— Não, está tudo bem... Obrigada.

— Venha aqui. — Peço, quando ela começa a se virar novamente.

— Por quê?

— Apenas venha.

Ela caminha com relutância, como se os dez passos que nos separam fossem quase dolorosos.

— Me ligue, se precisar de algo. — Coloco meu cartão no pequeno bolso

de sua camisa, outra coisa que jamais deveria fazer. Mas não tenho tomado as melhores decisões essa noite.

— Até mesmo balas de ursinho? — ela questiona sob os cílios.

— Principalmente balas de ursinho. — Afirmo.

Ambos rimos da nossa pequena piada. Nossas risadas, ecoando pela noite silenciosa e preenchendo o vazio ao redor. Ela se afasta logo em seguida, e meus os olhos a seguem sem que eu tenha controle.

— Boa noite, soldado. — Seu tom é divertido, enquanto ela acena para mim.

— Sou um policial, não um soldado. — Eu a corrijo, não me importando de verdade com a comparação.

— Posso fantasiar que você é um soldado. — Ela diz e cobre a boca, segundos depois, chocada consigo mesma. — Malditas divagações... Finja que não ouviu isso. Por favor!

— Se for pensar em mim, seja o mais realista possível. — Grito, enquanto ela corre até a entrada, se virando rapidamente e sorrindo uma última vez.

E que droga, se eu não sorrirei também toda vez que pensar nela, e em balas de ursinhos.



Seis

Mia

**Chloe** está realmente dormindo quando finalmente retorno. Na verdade, ela está absolutamente desmaiada no confortável tapete da sala de Susan, cercada por dezenas de travesseiros e um cobertor fofinho. A visão me aquece e traz um sorriso doce aos lábios.

— Ela dormiu assim. — Susan me conta, com um pequeno sorriso. — Desculpe, eu não conseguiria levá-la para a cama sem ficar inválida por alguns dias.

— Eu te agradeço por não tentar carregá-la, me sentiria terrível se você se machucasse por isso. — digo com sinceridade, eu jamais me perdoaria se algo assim acontecesse.

Ela desdenha com as mãos e se aconchega em sua poltrona favorita ao lado do sofá.

— Como foi o trabalho? — ela me pergunta.

— O mesmo de sempre. — Dou de ombros, pensando por um instante no meu encontro com Drew, e sacudindo a cabeça ao me voltar para Susan. — Vou abrir meu apartamento e já volto para pegar a Chloe.

Ela acena sorrindo, enquanto eu corro até meu apartamento. Abro a porta e deixo minha bolsa sobre o sofá e a sacola de doces sobre a mesa. Deixo meus sapatos ao lado da porta do quarto, então puxo meu edredom e ajeito os travesseiros para Chloe. Susan está quase dormindo no sofá quando eu retorno, já passa das onze horas, e eu me sinto imensamente mal por atrapalhar a sua rotina de descanso.

— Como ela ficou? — pergunto, tentando pegar Chloe sem acordá-la.

— Ela é um doce, foi como se ela nem estivesse aqui. Na verdade, eu fiquei um pouco preocupada com o quão quieta ela pode ser.

— Acho que tudo isso ainda é muito novo para ela. — Pondero, tocando os cabelos de Chloe. — Logo ela estará falante e bagunceira como qualquer criança deve ser.

— Você acha que ela era maltratada? — ela sonda, com olhos cerrados e uma preocupação evidente.

— Fisicamente? — demando um pouco apreensiva.

— De todas as formas possíveis.

— Eu não posso afirmar. — Digo pensativa. — Do pouco que conheço meu pai, posso dizer que ele não parece o tipo violento; ele é mais como um Dom Juan, lhe prometendo o mundo em uma caixa de presentes, mas sem conseguir cumprir nem a mais simples promessa. Mas eu não conheci a sua mãe, então...

Deixo o meu silêncio fluir entre nós, mas confesso que a possibilidade de imaginar Chloe sendo maltratada, me causa arrepios terríveis. Ela é uma criança tão doce e amável.

— Ao que parece, Chloe esteve sempre sozinha. — Susan pondera. — Como se ela não tivesse ninguém para lhe ensinar ou estar ao seu lado.

— Acho que foi exatamente isso, — digo aliviada com o seu raciocínio. — porque ela parece tão confortável longe dos pais e se isso me diz alguma coisa; é que ela não era a criança mais amada do mundo.

— Mas agora ela tem você. — Susan me diz com um grande sorriso e os olhos brilhantes, como se tivesse encontrado a fórmula mágica da felicidade e ela estivesse exatamente no meu bolso.

— Por enquanto, sim. — Concordo em um fio de voz.

— Me diga isso daqui a um mês ou dois.

— Não posso ficar com ela para sempre. — As palavras me parecem tão amargas quando saem da minha boca, mas eu não posso contê-las... *é a mais pura verdade.* — Porém, enquanto ela estiver comigo, eu a farei muito feliz.

Susan ainda sorri, enquanto se levanta com dificuldade e para diante de mim.

— Disso eu não tenho a menor dúvida. — Sua voz é suave, quase um sussurro, enquanto beija a testa de Chloe. — E ela lhe fará feliz também.

Só posso sorrir, antes de caminhar de forma desajeitada com Chloe em meus braços, parando um instante para me despedir de Susan.

— Muito obrigada, Susan. — Me despeço dela com um beijo rápido. — Você é um anjo e salvou a minha vida hoje, estou te devendo uma.

— Você não me deve nada, Mia, não seja boba.

— Mas eu irei lhe pagar. Isso não é discutível. — Embora eu não tenha rios de dinheiro, odeia sentir que estou explorando as pessoas.

— De jeito algum, não se atreva a me ofender dessa forma. — Fala muito séria. — Te espero amanhã no mesmo horário.

— Como assim? — pergunto a meio caminho do meu apartamento. Meus braços já estão um pouco dormentes com o peso de Chloe, mas eu preciso de uma elucidação.

— Você irá trabalhar amanhã, eu ficarei com a Chloe e todos os dias a partir de agora. — Murmura, já fechando a porta. — Boa noite!

— Boa noite. — Balbucio, olhando para a porta fechada.

Chloe é muito mais pesada do que aparenta, então me apresso antes que a derrube no corredor. Tento colocá-la da forma mais suave na cama e mesmo que eu não seja a pessoa mais coordenada do mundo ela não acorda e apenas se

ajeita sozinha sobre o travesseiro e os lençóis.

Volto para a sala, fecho a porta e vou para o banheiro. Chloe parece realmente estar em um sono profundo, mesmo assim não me demoro sob a água, deixo apenas que ela limpe o desgaste da noite e um pouco das preocupações que sobrecarregam os meus ombros. Com a minha camiseta velha favorita, me deito ao lado de Chloe e puxo o edredom sobre nós duas.

Estou definitivamente exausta, mas fico acordada por um tempo e a observo dormir. Minhas mãos se ocupam acariciando seus cabelos macios; contornando os traços suaves de seu rosto e parando no seu pequeno nariz, onde eu deposito um beijo suave.

Será que eu posso passar por tudo isso sem me apaixonar por ela? Sem querer que ela seja minha para cuidar e amar? Sem que eu queira ver seu sorriso a cada dia, manhã após manhã?

Existe uma maneira de blindar o próprio coração e evitar que o amor se instale nele? O amor; aquele sentimento que não respeita suas próprias escolhas e simplesmente decide por você?

Acho que não existe uma resposta segura para isso, posso dizer aos outros que isso é temporário, que eu não posso simplesmente ficar com Chloe para sempre, não posso ser sua mãe postiça e livrá-la de todas as mazelas desse mundo. Mas eu posso acreditar em minhas próprias palavras?

A resposta é não, não posso e após apenas dois dias ao seu lado, posso afirmar que essa história não terá o melhor final para mim... Não um em que sairei com o coração inteiro. Seguro a sua mão antes de fechar os olhos e de repente não me importo com um coração partido, desde que eu saiba que o seu coração sempre estará inteiro.



Minhas duas primeiras semanas ao lado de Chloe se passaram de forma tranquila e surpreendentemente feliz. Ela ainda continua sendo a minha companhia constante na livraria e ficando com Susan durante a noite, quando preciso. Mas conseguimos estabelecer logo uma rotina confortável para nós três.

Chloe ainda se mantém quieta como no início, embora ela não economize em demonstrações de carinho para Susan e eu. Como os beijos e abraços que ela me dá toda manhã quando acordamos ou quando saio para trabalhar. E eu gosto cada vez mais dela, gosto de tê-la ao meu lado e segurar a sua pequena mão ao assistirmos televisão, ou antes de dormir. Ou quando compartilharmos nossas balas de ursinho, enquanto eu penso infinitas vezes em um determinado policial.

Não vi ou falei com Drew nos últimos dias, porém, segurei seu cartão e

decorei seu telefone, olhando para o meu próprio celular e querendo muito, muito mesmo falar com ele. Claro que eu mudei de ideia cada vez que me lembrei que, para ele sou apenas a filha de um cara que ele prendeu. O tempo e atenção que ele me dispensou, foi motivado somente pela pena que ele provavelmente sente de Chloe e de mim. Essa constatação me fez guardar o seu cartão no fundo da minha gaveta. Não importa realmente que eu tenha salvado o seu número na agenda do celular antes disso, não irei ligar para ele. Essa é uma decisão sem volta.

Hoje é sábado, não trabalho esse fim de semana, e Chloe e eu temos dois dias de descanso. Poderíamos dormir até tarde se Chloe não fosse como um relógio ambulante, programado para acordar todos os dias às oito horas. E é lógico que ela não me deixa dormir depois de acordar, como agora... Ela está debruçada sobre mim, mexendo em meu cabelo insistentemente, até que eu abra os olhos.

— Bom dia, *minha bailarina*.

Ela adora esse apelido que Susan lhe deu no dia em que ela apareceu em seu apartamento, vestida de bailarina. Nós a chamamos assim a maior parte do tempo, desde então.

Como todos os dias, fico parada, esperando que ela me devolva o meu *bom dia*, mas Chloe tem falado tão pouco e isso tem me preocupado cada vez mais. Julguei que o tempo a faria mais falante, solta e já que eu faço absolutamente tudo para incentivá-la, estou começando a me sentir perdida.

— Diga *bom dia*, Mia. — Peço, sorrindo. — Diga, ou eu farei muitas, muitas cócegas em sua barriga.

Ela já está rindo apenas com a ideia, como posso chantageá-la, se ela gosta tanto assim de cócegas?

— Fale! —insisto, beijando demoradamente seu rosto.

Ela segura em meu pescoço, enquanto eu a abraço e me levanto com ela em meu colo. Tive tão pouco amor em minha infância, tão poucos abraços, beijos e calor humano. Conviver com Chloe, me faz entender menos ainda o comportamento frio e distante da minha mãe, porque eu só quero esmagar essa criança com carinho.

— Não, Mi. — Ela sussurra, me fazendo rir.

A primeira vez que ela me chamou de Mi, foi no dia em que ela encontrou as épicas balas de ursinho. Foi na manhã seguinte ao meu encontro com Drew.

Ela ficou tão feliz com os doces, me abraçou e disse: *Eu gosti, Mi*. Acho que serei velhinha, como aquela senhora do Titanic e ainda assim, não me esquecerei da alegria que essas três palavrinhas me trouxeram. Dizem que a felicidade está nas coisas mais simples da vida e agora eu entendo perfeitamente... É verdade.

— O que será que teremos para o café da manhã? — pergunto de forma teatral, colocando a sentada em seu lugar habitual.

— *Celeal...* — ela repete como sempre. Descobri que crianças nunca enjoam de certos alimentos.

Abro a geladeira e seguro a caixa de leite, colocando a sobre o balcão, em seguida a caixa colorida de cereal e a tigela de princesa com colher combinando.

Descobri que os acessórios e roupas, de crianças e bebês, são tão lindos, que você tem vontade de comprar absolutamente tudo quando entra em uma loja infantil. Foi o que eu fiz há três dias, quando fui às compras com Chloe. Pela primeira vez na vida, não me preocupei com o dinheiro e sim em apenas fazê-la sorrir.

Coloco apenas o cereal na tigela, entregando o a Chloe.

— O que está faltando? — pergunto com um tom de voz que a faça realmente crer que eu não sei a resposta.

— O leite. — Ela diz, apontando para a caixa.

— Sim, o leite — Bato levemente em minha testa e ela ri. — Quer colocar?

— Sim. — Deixo a com a caixa de leite e me viro para ligar a cafeteira.

— Vamos passear hoje. — conto, ainda de costas para ela. — Aonde você quer ir?



Viro-me lentamente para encontrá-la me olhando, a boca cheia de cereal e as bochechas rosadas. O café da manhã tem sido muito mais divertido agora.

— *Humm?* — insisto me debruçando sobre o balcão para encará-la e levanto graciosamente as sobrancelhas. — Qualquer lugar que você quiser.

— No *paque*. — Ela sugere um pouco tímida.

— No parque? Aquele perto da livraria, cheio de cachorros?

— Sim. — Ela acena com força, a alegria em seu rosto é tão evidente. Engraçado como meu coração se aquece toda vez com essa visão.

— Está bem. — Concordo, acenando também.

Terminamos nosso café em silêncio. Chloe assiste seu desenho favorito, ao mesmo tempo em que eu limpo a cozinha. Depois do banho; eu a deixo escolher o que vestir.

Então coloco com bastante habilidade seu vestido branco com estampas de morango, deixando seu cabelo solto, preso apenas com um grampo do lado. Afasto-me para admirar a sua fofura... Estou ficando muito boa em vesti-la e penteá-la.

Eu também coloco um vestido, um azul de verão e sandálias de cortiça. Está um lindo dia de sábado e parece simplesmente perfeito para um passeio no parque. Estou arrumando minha enorme bolsa, colocando algumas coisas para Chloe, quando meu celular começa a tocar. Saio do quarto, correndo até a sala, antes que a pessoa do outro lado desista.

— Alô! — digo sem fôlego.

— Amália Anderson? — uma voz masculina pergunta.

Eu me lembro da primeira vez em que isso aconteceu e como toda a história acabou. Mas, dessa vez, essa voz me deixa muito mais feliz...

— Drew Scott? — devolvo a pergunta, sorrindo.

Eu não deveria gostar, de jeito nenhum, do frio na barriga que essa voz me traz. Mas, eu gosto e não me culpo, porque ele tem uma linda voz.

— Sim, sou eu. — Posso perceber o sorriso presente em sua voz também.

— A que devo a honra de uma ligação sua?

— Você não vai sair de casa hoje? — ele me questiona, sem responder a minha indagação... *Homens*.

— Por quê? — sondo, ainda querendo uma resposta sua.

— Estou aqui fora. — ele fala, parando quando um carro passa ao seu lado.

— Você está? — me surpreendo, apertando um pouco mais o celular.

— Sim, — ele afirma. — te esperando há mais de uma hora.

Dou risada. *Ele está me esperando...* Lógico que essa informação tem muita relevância. Rio ainda mais, enquanto vou até minha pequena varanda e abro a porta. Debruço-me sobre a grade, para encontrá-lo encostado em seu carro.

Eu deveria me sentir uma grande boba, por não parar de sorrir apenas por vê-lo tão distante. E eu deveria me preocupar mais ainda, por achá-lo tão lindo em uma simples camisa branca e calça preta.

— Posso subir? — ele pergunta, levantando uma grande sacola rosa.

— Na verdade, Chloe e eu já estávamos de saída. — anuncio, tentando inutilmente esconder o meu sorriso satisfeito.

*Ele me esperou por uma hora... Uma hora!*

— Então era só esperar mais cinco minutos e fingir que acabei de chegar? — ele exclama sério, mas com o rosto leve.

— É o que parece. — Aceno, enquanto falo. — Mas pode subir se quiser.

— Não, vou esperar aqui. Não demore.

Ele desliga sem deixar de me olhar, colocando o celular no bolso e cruzando os braços. Viro-me rapidamente fechando a porta, pego minha bolsa no quarto e estendo a mão para Chloe, tirando a do sofá.

Drew caminha até nós, assim que nos vê, quando chegamos ao térreo. Seus olhos tão aquecidos, se demorando um pouco em mim, e fazendo com que eu me sinta um tanto tímida.

— Oi. — Digo baixinho, erguendo a minha mão também. Eu pareço uma criança de cinco anos ao seu redor, mas não posso evitar.

— Oi, Mia. — seu olhar abandona o meu, para se fixar agora em Chloe.  
— Oi, Chloe. Lembra-se de mim?

Eu duvido muito que ela responda, embora eu espere que Chloe não se lembre dele, muito menos do fatídico dia e das circunstâncias em que se conheceram. Essa é uma lembrança tão dramática, que eu faço questão de apagá-la de sua vida.

— Se ela se lembra, nós nunca saberemos. — Digo no lugar de Chloe, depois de ficar claro que ela não irá responder.

— Ela ainda continua quieta? — ele indaga com interesse evidente.

— Está melhorando, — sussurro com um pequeno sorriso. — porém, de forma bem lenta.

Ele assente, voltando a sua atenção à minha pequena, quieta e linda irmã.

— Isso é para você. — Drew fala por fim, estendendo a sacola que segura para Chloe. — Eu espero que goste.

— Um presente! — Me ajoelho ao seu lado, parecendo infinitamente mais animada do que ela. Eu a incentivo, batendo palmas. — Abra.

Drew e eu esperamos ansiosos, até que ela abra a sacola, afaste o papel de seda com cuidado e retire com muita lentidão, o grande panda de pelúcia com fita rosa que ele lhe trouxe.

— É lindo, Chloe. — Murmuro sorridente, ainda mais animada. — Você

gostou?

Ela acena em reposta e abraça o urso, com um grande sorriso; maior até do que quando eu lhe comprei uma boneca que se parece com um lindo bebê. Esse sorriso é como um raio de Sol, indo direto para o meu coração. Olho para o Drew e tenho vontade de abraçá-lo por esse gesto de carinho.

— Obrigada! — agradeço apenas com um sorriso cordial, achando a ideia do abraço um tanto ousada demais para o momento.

— Não precisa agradecer, não foi nada demais. — Ele dá de ombros.

— Foi muita gentileza, então preciso agradecer sim. — Insisto, tocando brevemente o seu braço.

Fico em pé, pegando a sacola vazia deixada de lado por Chloe; que agora parece tão alheia ao Drew e a mim, depositando toda sua atenção apenas para o seu urso.

— Posso perguntar por que você fez isso? — indago me voltando para Drew.

— Comprar o urso? — ele devolve a minha pergunta, cruzando os braços.

— Sim.

— Você perguntou sobre as coisas de Chloe e isso não saiu da minha cabeça desde então... — Ele confessa, seus olhos fixos aos meus. — Só quis deixá-la feliz.

— E você conseguiu ao que parece, mas achei que pudesse ter alguma ligação com as balas de ursinho. — digo, o fazendo rir com a minha suposição descabida.

— Poderia ter sido.

— Estamos indo ao parque, quer ir conosco?

Ele parece tão surpreso quanto eu pelo convite. Na verdade, as palavras saíram da minha boca, sem que eu pudesse retê-las. Isso não é nenhuma novidade para mim, quase nunca posso controlar o que penso.

— Não posso, tenho trabalho para fazer. — Fala, passando a mão pelo cabelo curto. — Mas posso levá-las, se quiser.

— Obrigada, mas Chloe adora andar de ônibus. — Dou de ombros, um pouco desconcertada por sua recusa. — Ela já até se tornou amiga do motorista.

— Uma amizade silenciosa, eu aposto. — Ele complementa, com diversão.

— Mas muito verdadeira. — Sorrio.

Seguro a mão de Chloe outra vez, enquanto ela tenta ajeitar o urso que parece quase do seu tamanho. Precisamos nos apressar, para não perdermos o ônibus e tanto quanto eu gostaria de aceitar a carona de Drew; não quero abusar de sua gentileza.

— Mais uma vez, obrigada, Drew. — Dou-lhe um último sorriso, antes de começar a caminhar até o ponto. — Nos vemos por aí... Ou não.

— Nos vemos... Ou não. — ele repete rindo — Tchau, Chloe!

Ela acena em despedida, de forma desajeitada, quase derrubando o urso. Já estamos quase atravessando a rua e deixando Drew para trás, quando o ouço me chamar e correr até nós.

—O quê? — me viro, repleta de surpresa.

Fico parada, esperando em silêncio, enquanto ele coloca as mãos no bolso, e parece buscar mentalmente as palavras certas para me dizer. Seus olhos intensos sustentam os meus, enquanto ele respira lentamente.

— Quer almoçar comigo amanhã? — pergunta finalmente.

De tudo o que imaginei que ele pudesse me dizer, essa era a milésima segunda possibilidade. Porque sim; eu posso ter sonhado com isso em algum

momento, ainda assim, estou surpresa com o seu convite. Bem surpresa, na realidade e feliz.

— Isso inclui a Chloe também? — devolvo a pergunta, um pouco cautelosa.

— Claro que sim. — Confirma, com um sorriso torto. — Querem almoçar comigo amanhã?

— Nós adorariíamos! — *eu um pouco mais do que a Chloe*, completo em pensamento... Ao menos eu espero que tenha sido em pensamento.

— Estarei aqui ao meio dia, tudo bem? — ele sugere com expectativa.

— Perfeito; — me apresso em concordar — meio dia está ótimo.

— Até amanhã. — Ele se despede com um sorriso ainda maior e me rouba todo o fôlego.

E talvez eu entenda o porquê de ele sorrir tão pouco, é porque seu sorriso é tão lindo e poderia facilmente causar muitos desmaios pelo caminho. O meu próprio desfalecimento seria um deles. Na verdade, estou me esforçando para sustentar as minhas pernas, enquanto o vejo se afastar.

— Até amanhã, Drew!

Dessa vez eu espero ele voltar para o carro e só então começo a andar com Chloe outra vez. Sentamo-nos lado a lado no banco, esperando o ônibus.

— Precisamos dar um nome a ele. — Digo à Chloe, acariciando a cabeça de seu panda. — Que nome você quer?

— *Dew...* — ela balbucia, sem olhar para mim.

—Drew? — repito, rindo o mais alto que eu posso sem acreditar no que acabei de ouvir. —Eu gosto de Drew.

*Eu realmente gosto...* Só Deus sabe realmente o quanto.



Sete

Mia

*Não é um encontro, não é um encontro, não é um encontro...*

Tarde demais para me convencer, eu já me sinto em um encontro, ao menos na parte da preparação. Há quase uma hora, estou caminhando freneticamente pelo meu quarto, provando quase todas as roupas que tenho, apenas para achar que nada, realmente nada, está bom.

— Estou bonita, Chloe? — pergunto, me virando para ela, que me espera sentada na cama. — Sim?

— Sim. — Ela responde, prestando mais atenção em seus brinquedos que em mim propriamente. Devo confiar em sua afirmação?

— Não sei... — digo a mim mesma, me olhando no espelho novamente e torcendo os lábios para a minha imagem.

A saia preta plissada parece um pouco curta, mas combina tão bem com a blusinha branca simples de alça, que eu me esforço para reprimir o desejo de me trocar mais uma vez.

Não quero parecer muito arrumada, tampouco desleixada. Também não quero que ele pense que me preocupei demais com a minha aparência, embora eu realmente tenha me esforçado, além do normal para ficar bonita.

*De onde veio toda essa insegurança?*

— Você está pronta, onde estão suas sapatilhas? — pergunto, me voltando outra vez para Chloe.

— Lá. — ela responde, apontando para a sala.

— Vá buscá-las então. — digo rindo da forma apressada com a qual ela sai da cama.

Calço minhas próprias sapatilhas, antes de pegar a minha bolsa e ir atrás de Chloe. Eu a encontro no chão da sala, terminando de calçar o pé esquerdo de seu sapato rosa.

—Você está muito bonita! — exclamo com carinho.

Meu comentário a faz analisar o próprio vestido jeans. Ela gosta de se arrumar e que lhe digam o quanto está bonita, mesmo que na maioria das vezes, esse elogio lhe cause timidez. É algo novo para mim, querer incentivá-la o tempo todo, para que saiba sempre o quão preciosa ela é.

Acho que se você souber desde cedo o quanto é especial, ninguém ou nada lhe fará duvidar do seu verdadeiro valor.

Gostaria que alguém tivesse feito isso por mim, porque eu duvidei da minha própria força muitas vezes ao longo da vida.

O celular vibra em minha mão, me despertando do meu pequeno devaneio. Olho para as quatro letrinhas piscando na tela, me fazendo sorrir quase que involuntariamente.

— Alô.

— Estou aqui embaixo, já está descendo?

— Acha que já decorei sua voz, a ponto de não precisar dizer seu nome? — pergunto, sem deixar de rir

— Você não anotou meu número? — Drew devolve a pergunta, rindo também. — Achei que meu nome tivesse aparecido na tela do celular.

— Talvez tenha. — Dou de ombros para a sua resposta espertinha. — Descemos em cinco minutos.

—Não precisa se apressar, eu posso esperar um pouco... Talvez uma hora.

—Não será necessário, — rio — já estamos prontas.



—Ok, — ele murmura — estou esperando.

Desligo o celular, guardando o na bolsa, com pressa. Chamo Chloe quando já estou na porta.

—Você vai levar o urso? — pergunto, quando ela vem o arrastando por todo o caminho.

— Sim, eu *quelo*. — Diz com timidez... *ela é sempre tão fofa!*

— Então o segure certo, — peço, me aproximando dela — irá sujá-lo desse jeito.

Depois de ajudá-la com o urso, finalmente conseguimos sair de casa; provavelmente demorando muito mais do que os cinco minutos que eu prometi ao Drew.

Ele está nos esperando exatamente como no dia anterior, encostado em seu carro, com os braços cruzado. E mesmo que eu não possa ver os seus olhos sob os óculos escuros; posso senti-los aquecendo cada parte do corpo, terminando pelo meu rosto, que provavelmente está mais corado que o normal neste momento.

— Oi, Mia. — Ele diz quando paro diante dele.

— Oi, Drew. — Devolvo, sem conter um sorriso.

— Oi, Chloe, — diz, sorrindo para ela — você está muito bonita!

— Está mesmo. — Reforço, sorrindo para Chloe também. — É a última moda para crianças de três anos.

— Você também está muito bonita. — Ele fala, tocando uma mecha do meu cabelo liso, que está com alguns cachos hoje. — Gostei do seu cabelo!

— Obrigada! — murmuro me sentindo tão tímida quanto Chloe.

Será que eu deveria elogiá-lo também? Não seria nenhum esforço, já que ele está realmente lindo; em um jeans escuro e camiseta pólo branca e eu acho que o branco fica muito bem nele, contrastando com o seu tom de pele. E eu

espero não ter dito isso em voz alta, já que ele está me olhando com um ar divertido, como se pudesse ler meus pensamentos.

— Vamos. — Balbucio por fim, mudando de ideia sobre o elogio.

— Claro. — Drew concorda, abrindo gentilmente a porta do passageiro.

Ajeito Chloe no banco de trás, prendendo ela e seu companheiro urso muito bem com o cinto de segurança. Drew me espera, com a porta do passageiro aberta para mim.

— Não precisa fazer isso sempre. — Digo, me aproximando com lentidão.

— O que? — ele devolve sem entender.

— Abrir a porta para mim. — Explico. — Não precisa fazer isso sempre.

— Eu gosto. — diz, enquanto eu me ajeito também — Minha mãe não sai do carro se alguém não abrir a porta para ela. Certamente ela me mataria se soubesse que não faço o mesmo com outras mulheres.

— Obrigada, mas eu não me importo com isso.

Provavelmente eu me importe muito mais com o fato de que ele tenha usado a palavra *mulheres*, na frase anterior.

— Mas deveria se importar. — Completa, quando se senta ao volante. — Para onde?

— Você deveria saber, — mordo a bochecha, um tanto perdida. — foi você quem me convidou.

— Eu não sei do que você gosta, além de balas e gelatina. — Fala sério, mas em um tom divertido. — Eu poderia te levar em algum lugar e você ser alérgica a algum alimento, seria uma péssima primeira impressão.

— Na verdade, eu não sou alérgica a nada e diferente de você, eu gosto de quase tudo. — Replico, piscando para ele. — Exceto picles.

— Eu adoro pickles, — ele conta. — então acho que somos incompatíveis culinariamente.

— Existe essa palavra? — demando curiosa.

— Culinariamente? — ele repete, finalmente ligando o carro. — Acho que sim.

— Apenas me surpreenda Drew. — Digo por fim, quando ele coloca o carro em movimento.

Ele apenas sorri, voltando toda a sua atenção para a estrada agora. Olho para Chloe, que conversa baixinho com seu urso. Eu a flagrei fazendo isso algumas vezes e gostaria tanto que ela pudesse fazer o mesmo comigo. Seu silêncio tem sido doloroso para mim, quando eu penso que talvez não tenha tempo suficiente para ajudá-la a se soltar.

— Então, me conte um pouco sobre você. — Drew pede, sem olhar para mim.

— O que eu poderia dizer que já não esteja em minha ficha policial?

— Você não tem uma ficha policial. — Ele ri, me olhando rapidamente.

— Anotações então, uma ou duas folhas? — pergunto olhando pela janela, apenas para não pensar no quanto eu adoro o seu sorriso.

— Uma folha e meia, — ele responde, em um tom de confissão. — estão guardadas na primeira gaveta da minha mesa.

— Eu sabia. — eu acuso, torcendo a ponta da minha saia. — Provavelmente você saiba até o número do meu sapato.

— Não cheguei a tanto, — ele ri do meu exagero. — apenas as informações básicas.

— Ok... — suspiro.

— Isso te incomoda? — ele se preocupa.

— Não, mas me conte você, um pouco sobre si mesmo. — Peço, me virando para ele outra vez. — Estou em desvantagem aqui.

— O que gostaria de saber? — demanda.

— Quantos anos você tem? — dou risada, por ter feito a pergunta mais óbvia de todas.

— Vinte e oito.

— Você sempre quis ser policial? — a segunda pergunta mais óbvio... *Não sou tão criativa.*

— Na verdade não, até os dezoito anos tinha certeza de que seria piloto, como o meu pai.

— E o que te fez mudar de ideia assim? — pergunto curiosa, depois de imaginá-lo em um uniforme de piloto e gostar muito da visão em minha mente.

— Meu pai foi assassinado duas semanas depois do meu aniversário. — Conta, com evidente tristeza na voz. — Assalto a mão armada, quando ele voltava para casa.

— Meu Deus, isso é muito triste.

— Sim é, mas já faz muito tempo.

— Então você quis ser policial para prender bandidos, como os que mataram o seu pai. — Completo em um sussurro. — Bandidos como o meu pai.

— Como o seu pai. — Ele enfatiza, segurando a minha mão. — Não como você.

— Isso me deixa triste do mesmo jeito. — Lamento.

— As atitudes do seu pai não são as suas. — Ele me consola.

— Podemos mudar de assunto? — peço, torcendo nervosamente o meu cabelo entre os dedos.

Agora que me lembrei do meu pai e da forma como Drew e eu nos conhecemos, me sinto estranhamente incomodada.

— Como foi no parque ontem? — ele me pergunta, em uma evidente tentativa de me animar um pouco.

— Chloe correu atrás de um frisbee junto com um poodle, por mais de duas horas. — Conto, olhando para ela, e sorrindo. — Foi divertido!

Ele sorri, olhando para as nossas mãos ainda juntas. Por um instante me senti confortável demais com o seu toque, então eu puxo a minha lentamente e a deixo sobre o meu colo. Se ele percebeu o meu gesto, simplesmente não demonstrou, voltando a segurar o volante com as duas mãos, e a olhar fixamente para frente.

O restante do trajeto até o restaurante escolhido por Drew, foi percorrido no mais absoluto silêncio; quebrado apenas pelos poucos sussurros de Chloe no banco de trás.

Depois do que considero uma verdadeira eternidade, ele estaciona em frente ao um restaurante mexicano.

— Comida mexicana. — Exulto, admirando a fachada vermelha do restaurante. — Isso é surpreendente depois do seu declarado amor por lasanha.

— Você gosta? — pergunta, tirando os óculos.

— Sim, adoro. — Respondo um pouco fascinada demais pelos seus olhos.



Estou sentada ao lado da Chloe, enquanto a ajudo com sua sobremesa. Drew à nossa frente, seus olhos observando cada movimento nosso com um meio sorriso no rosto.

Estou surpresa, com o quão confortável eu me sinto agora em sua companhia. Eu culpo a comida e a taça de marguerita que tomei durante o

almoço, mas depois que passamos pelo embaraço do assunto: *sou um policial/ seu pai é um bandido*, as coisas ficaram agradáveis entre nós.

— Hoje é um péssimo dia para não gostar de doces. — Digo a ele, mordendo meu brownie. — Isso está incrível, tem certeza de que não quer um pedaço?

— Não, obrigado. — Ele nega, balançando levemente a cabeça.

— Tem pimenta aqui, você precisa provar. — Pontuo com entusiasmo. — Nunca provei pimenta e chocolate, a combinação é muito melhor do que imaginei.

— Parece incrível!

— Realmente é. — Concordo com outra mordida.

— É surpreendente que você não engorde comendo tanto assim. — Drew pontua, com olhos curiosos.

— Eu nem como tanto, — me defendo, fingindo uma careta. — e você não deveria me dizer algo assim.

— Por que não? — pergunta, levantando uma sobrancelha. — Foi uma observação, não uma ofensa.

— Não se diz a uma mulher que ela come demais. — Embora no meu caso, seja realmente verdade. — É rude!

— Desculpe, — ele lamenta com um sorriso de lado. — eu guardarei essa informação para quando nos encontrarmos de novo.

— Quando nos encontrarmos, e não se nos encontrarmos?

— Acho que ambos sabemos que será *quando*, Mia. — Ele recita com confiança.

Como alguém pode fazê-la quase desmaiar apenas por pronunciar seu nome lentamente, como se fosse mel derretendo em sua língua?

Seus olhos são cheios de promessas silenciosas e eu posso apenas sorrir, voltando a olhar para o meu prato, não confiando em minha própria voz para continuar a conversa. Eu certamente diria algo muito embaraçoso.



Chloe está dormindo, quando Drew estaciona em frente ao nosso apartamento. Depois que saímos do restaurante, ele quis levá-la ao parque outra vez, provavelmente incentivado pela história dela e o frisbee.

Ela se divertiu mais ainda, correndo pelo parque com seu urso e outras duas meninas da sua idade. Vê-la tão feliz, ao redor de outras crianças, me fez intensificar a ideia de mandá-la para a escola; mesmo que isso me pareça tão doloroso agora que eu me acostumei com a sua companhia constante.

— Obrigada pelo almoço e pelo resto do dia. — Agradeço ao Drew, desafivelando o meu cinto de segurança.

— Foi um prazer, — ele devolve com sinceridade. — eu me diverti muito.

Aceno em contentamento, e espero ele dar a volta no carro e abrir a porta para mim, como fez todas as outras vezes. Então abro a porta de trás e faço menção de pegar Chloe, mas Drew se antecipa e já está com ela no colo, antes mesmo de eu me mexer.

— Vou levá-la para você. — Fala, já caminhando até a entrada do prédio.

— Obrigada. — Sussurro para as suas costas.

Pego seu urso e caminho abraçada com ele, tentando me lembrar se deixei meu apartamento arrumado. Tirando todas as minhas roupas jogadas sobre a cama, o resto está em ordem. Porém, que azar o meu, a cama ser exatamente o lugar onde Drew precisa colocar Chloe. Ficamos em silêncio no pequeno elevador, Drew encostado em uma das paredes, eu em outra, enquanto os números mudam vagarosamente no painel. Seu olhar tão intenso parece enxergar até a minha alma, me fazendo abraçar o urso um pouco mais apertado.

Dou graças a Deus, no instante em que o elevador para no meu andar. Eu saio antes; deixando Drew vir logo atrás de mim. Abro a porta, correndo para o

quarto e puxo o edredom junto com as minhas roupas antes que ele possa ver a bagunça que eu deixei.

— Pode colocá-la aqui. — Digo, apontando para a cama, enquanto ajeito os travesseiros.

O quarto é pequeno, sendo assim fico quase colada à parede, esperando que ele a coloque sobre a cama. Quando ele se afasta e fica parado na porta, eu coloco o urso ao seu lado, tiro seus sapatos e cubro Chloe com o lençol.

— Ela gostou mesmo do urso. — Ele fala baixinho, olhando para Chloe adormecida. *Ela é uma boneca enquanto dorme.*

— Muito, — enfatizo, olhando para ela também. — ela colocou seu nome nele.

— Não acredito. — Ele parece surpreso e me faz sorrir. — Verdade?

— Pode acreditar. — Dou um beijo nos cabelos de Chloe e me afasto com lentidão. — E foi ela quem escolheu.

— É uma verdadeira honra. — Exclama, sorrindo.

Caminho até onde Drew está parado, esperando que saia do caminho para me dar passagem. Porém, ele permanece no mesmo lugar, fazendo com que eu precise me espremer entre ele e a porta.

Sigo até a sala, parando na porta que ele deixou aberta quando entrou com Chloe, esperando outra vez que ele se mexa, mas não; ele apenas me olha.

— Então... — murmuro, fechando lentamente a porta e me encostando a ela. — Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigado. — Ele recusa.

Ficamos apenas nos olhando por um tempo que parece infinito, como se fosse um teste de resistência para saber quem desvia o olhar primeiro, eu certamente não serei. Porque me sinto hipnotizada pelos seus olhos e pela força invisível que eles emanam.

Então, de repente, ele caminha até mim com passos confiantes, como se



finalmente tivesse se decidido sobre o que fazer.

Diferente dele; minhas mãos são trêmulas, enquanto eu ajeito meu cabelo e as coloco sobre o meu coração, que começa a acelerar.

Porque eu sei o que ele irá fazer e eu poderia impedi-lo se eu quisesse, acontece que eu não quero.

*Eu... Não... Quero.*

Quando para diante de mim, coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e deixa a mão descansar na lateral do meu rosto. Gosto do calor da sua mão na minha pele. Eu gosto de sentir o seu perfume assim tão de perto, gosto do som das nossas respirações juntas, quase em sintonia.

Gosto da sua outra mão deslizando sutilmente pela minha cintura, antes de descansar em minhas costas e me puxar lentamente até ele. Gosto da forma como ele encosta sua testa na minha, antes de me dar um beijo suave nos lábios, tão suave que eu poderia facilmente não ter percebido. Entretanto, estou tão consciente de todos os seus atos, como se meus sentidos tivessem se aguçado consideravelmente.

Gosto dos outros beijos suaves que ele continua espalhando pela minha boca, tão demoradamente; mas eu não tenho pressa.

E quando eu me lembro de que tenho mãos, porque sim, eu posso ter me esquecido delas por alguns instantes, eu toco seu cabelo. As pontas dos meus dedos se arrastam pelo seu cabelo curto, em uma carícia quase preguiçosa.

Entrelaço meus dedos em sua nuca, no mesmo instante em que abro ligeiramente a minha boca, o convidando a me beijar mais avidamente. Eu preciso de mais, quero sussurrar, mas não encontro a minha voz. É como se ela houvesse se perdido em minha garganta, sufocada pelas borboletas que se afastaram do meu estômago e viajaram dentro de mim.

Agora é como se eu estivesse completamente sem ar e ele fosse a única pessoa capaz de me fazer respirar novamente; mesmo que seus toques estejam roubando todo o meu fôlego nesse momento.

Com sua boca também ligeiramente aberta, pairando sobre a minha, ele captura primeiro meu lábio inferior entre os seus, depois o superior, me dando uma leve mordida... Então quando ele arrasta a mão que repousava no meu rosto e toca ligeiramente minha boca com o dedo; eu enfim fecho os meus olhos, entorpecida por todas as emoções que esse beijo que nem aconteceu ainda, tem me feito sentir.

*Quanto tempo se passou, segundos ou uma eternidade?*

Mas ele finalmente me beija, completa e apaixonadamente, e poderia ser estranho porque nunca fizemos isso antes, mas é como se apenas soubéssemos o que fazer. Nossos lábios se mexendo em sincronia, nossas línguas se tocando

com intimidade, como se elas simplesmente se conhecessem de beijos anteriores.

Esse é o melhor beijo da minha vida e eu não quero que termine. Em algum momento, eu amassei um pouco a sua camiseta entre meus dedos e em algum momento, ele colocou a mão em meu cabelo e voltou a apertar a minha cintura, dessa vez um pouco mais forte.

—*Uau...* — essa é a única palavra da qual recordo no momento, quando afasto a minha boca da sua brevemente.

—Sim, *uau!* — ele repete, sorrindo em meus lábios.

Sorrio lentamente, antes de encostar minha boca na sua outra vez, quase com desespero. Se existe algo que eu goste mais do que beijá-lo nesse momento, é a sensação de que eu poderia fazer isso para sempre.



Oito

Mia

**Drew** se tornou uma espécie de erva daninha em minha vida. Não da forma literal, ruim, embora eu saiba que *daninha* vem de *dano*. Mas essa foi a única comparação que eu encontrei para explicar quanto espaço ele ganhou em meu coração, crescendo, tomando conta de todo e qualquer lugar disponível.

Nas duas semanas seguintes ao nosso primeiro beijo, ele estava em todo lugar onde Chloe e eu, pudéssemos estar. Ele me buscava sempre no trabalho, levava doces para Chloe, jantávamos juntos sempre que ele podia; nos beijávamos...

Essa pode ser a minha parte favorita de todas as coisas que fazíamos juntos. Eu dormia com um sorriso imenso e acordava com outro maior ainda, somente pelo fato de pensar nele e sentir seu perfume em meu cabelo, deixado cada vez que nos abraçávamos e ele beijava o meu pescoço.

Meu primeiro mês ao lado de Chloe passou e eu tive certeza mais do que absoluta de que a amava, e estava perdidamente apaixonada por Drew... Muito apaixonada na verdade, e ele?

Se havia algo que me incomodava, era o fato de que não havíamos rotulado a nossa relação. O que nós éramos?

*Amigos?*

*Colegas?*

*Pessoas que se beijam e passam um tempo juntas?*

Eu preciso de um rótulo, preciso de parâmetros, quero poder apresentá-lo às pessoas... Ok... Mesmo que eu não tenha ninguém, além de Susan, para apresentá-lo. Ainda assim, eu quero dizer: *Esse é Drew, meu namorado*.

Mas ele parece tão confortável com o que temos agora, e eu me pergunto se não é apenas isso o que ele quer de mim. E se eu pressioná-lo e ele for embora? Pareço uma grande bagunça de sentimentos, perdida em minhas próprias suposições e inseguranças imensas.

Terminei meu trabalho agora a pouco, me sinto exausta, meus pés e

braços doem e eu posso estar com uma leve enxaqueca, porém, tudo o que posso pensar é que Drew está me esperando lá fora. Ele é como um vício para mim, quando não estamos juntos; estou pensando nele. Talvez eu deva começar a me preocupar com essa pequena obsessão. Mas não hoje e não agora... Tudo o que quero é beijá-lo mais uma vez, e viajar até as estrelas que é aonde os seus beijos me levam.

Saio pela porta dos fundos do salão que trabalhei essa noite, para encontrá-lo parado, mexendo no celular. O barulho da porta sendo aberta, e fechada logo em seguida, desperta a sua atenção. Ele levanta a cabeça lentamente, seus olhos encontrando os meus e sorrindo logo em seguida, fazendo as borboletas em minha barriga voarem como se estivessem em um campo aberto.

— Oi. — Falo baixinho, chegando até ele e o abraçando.

Eu adoro abraçá-lo, posso ter me tornado um pouco afetiva demais ao longo desses dias, preciso repreender a mim mesma, dizendo ao meu coração que as pessoas não gostam de tanto carinho assim. Isso pode ser sufocante eu sei, não por experiência própria, infelizmente. *Eu nunca tive alguém me sufocando de amor...*

— Oi. — Ele devolve, beijando meu pescoço enquanto descanso minha cabeça em seu peito.

Às vezes existem momentos ao lado de Chloe, que eu quero que durem para sempre. E às vezes, existem momentos ao lado de Drew, que eu rezo para que nunca acabem. E tanto quanto isso me assusta; também me deixa feliz. Essa felicidade é inédita para mim, e tem um sabor doce e viciante. Eu quero prová-la mais e mais.

E esse é um desses momentos. Algo tão bobo, como abraçar alguém... Eu disse que era muito fácil me fazer feliz.

Ele interrompe meu momento feliz, para colocar a mão em meu queixo e me beijar com suavidade. Tudo bem, eu também gosto desses momentos. *Deus, eu gosto demais!*

— Tudo bem? — ele me questiona, com olhos intensos.

— Sim e você? — murmuro muito próxima à sua boca e sem querer me afastar ainda.

— Muito melhor agora que estou aqui vendo o seu sorriso. — Ele fala, dando um beijo casto no canto dos meus lábios.

— Isso simplesmente derrete o meu coração. — Digo, rindo para provocá-lo. Mas realmente derrete o meu coração e outras partes de mim, também. — Você já disse isso para muitas mulheres?

— Que mulheres? — por que ele sempre responde minhas perguntas com outras perguntas?

— Mulheres de um modo geral, — explico. — aquelas que se derretem ao seu redor

— Como se simplesmente existisse uma fila de mulheres atrás de mim. — Ele ri.

— E não existe? — pergunto, colocando as minhas mãos sob o seu paletó.

— Não, não existe! — ele diz, deixando a testa descansar na minha. — Só você, Mia... Você é a única para quem eu digo essas coisas bobas; como se fôssemos dois adolescentes.

— Vou considerar isso um elogio.

— Foi essa a intenção. — Drew segura minha mão, enquanto me leva para o lado do passageiro e abre a porta do carro para mim.

— Sempre cavalheiro. — Dou-lhe um beijo rápido, antes de entrar no carro.

Ele revira os olhos, fechando a porta e se apressando para ocupar o seu lugar, e dar partida no carro. Eu gosto de provocá-lo, já que Drew finge um mau humor que ele não possui realmente; na verdade ele pode ser muito divertido quando quer. Com Chloe principalmente, ele consegue fazê-la sorrir com grande facilidade e ela o adora tanto quanto eu.

— Como Chloe está? — ele pergunta, quase adivinhando que eu estava

pensando nela. O que não é algo que demanda muito esforço, já que meus pensamentos giram basicamente em torno de Chloe e Drew, eu diria que ambos dividem o mesmo espaço em minha vida.

— Bem, — digo com alegria. — hoje ela me disse cinco frases completas.

— Quanto progresso. — Ele replica. — Você já se decidiu sobre a creche?

Chloe só pode ir para a pré-escola quando completar quatro anos, mas eu posso mandá-la para a creche por meio período, pagando algumas centenas de dólares por isso. O dinheiro não é realmente importante nesse caso; eu poderia facilmente trabalhar mais um dia da semana para pagá-lo. Acontece que eu me sinto muito protetora com relação a ela, com medo de que as outras pessoas não sejam tão pacientes quanto Susan, Drew e eu.

Contudo, eu sei o quanto ela precisa interagir com outras crianças, outras pessoas. Não posso restringir o mundo de Chloe a três adultos e eventuais interações com crianças de sua idade. Preciso libertá-la da minha bolha de proteção, para o seu próprio bem. Isso é doloroso, no entanto. Já consigo me imaginar como aquelas mães chorando em frente à escola, no primeiro dia de aula dos filhos.

— Vou matriculá-la nessa segunda. — Respondo finalmente.

— Eu sei que você não quer realmente fazer isso. — Ele fala sério, me fazendo revirar os olhos agora. — Mas isso fará maravilhas para ela.

— Ou não. — Emendo quase para mim mesma. — Contudo, eu farei de qualquer jeito.

Eu farei, assim como eu sempre tomarei a decisão que julgar melhor, quando o assunto for o bem estar dela. Não importa o que eu queira ou o que o meu amor por ela me diga. Sempre farei o que for preciso para que Chloe tenha a melhor vida, o melhor futuro, com todas as oportunidades possíveis. É o que uma boa mãe faria e embora eu não seja a sua mãe, irei me comportar com uma.

— No que você está pensando? — Drew me pergunta tocando o meu rosto brevemente, quando paramos em um sinal vermelho.

*Em um milhão de coisas, penso...*

Deixo de lado as luzes à nossa frente, para olhá-lo por longos segundos. A barba cerrada de alguns dias lhe dá um ar muito mais masculino, eu descobri que gosto de vê-lo assim, muito mais do que quando ele se barbeia. Cada vez que olho para ele, descubro algo novo que me fascina. Seus olhos que eu amei desde o início, são sempre tão expressivos e vívidos; adornados com longos cílios negros que me causam inveja, às vezes.

A sua boca? Eu ainda não encontrei adjetivos para defini-la. Eu amo beijá-lo, tanto quanto amo apenas olhar para ele enquanto fala, e ver seus lábios se mexerem. Como está fazendo agora, e eu estou tão perdida em meus devaneios apaixonados, que eu não o ouço.

E só posso rir, quando imagino a cara de louca que estou fazendo nesse instante.

— Você me ouviu? — ele questiona confuso. — Parece que estava sonhando.

—Não, desculpe. Estava sonhando mesmo, acordada. — murmuro, mordendo a minha unha do polegar. — O que você disse?

— Quer comer alguma coisa antes de voltar para a casa?— ele pergunta rindo, enquanto puxa a minha mão da boca.

— Não obrigada, estou sem fome.

— E eu que achando que você e essa frase jamais poderiam estar juntas.

— Não sou tão gulosa. — Mostro a língua fingindo indignação. — Pare de implicar comigo por isso.

— Eu gosto de implicar com você. — Ele admite, tocando rapidamente a ponta do meu nariz. — Gosto de ver você franzir o nariz, sempre que lhe digo isso.

*Ele prestou atenção...*

Isso é algo que eu faço quase sem perceber e já tentei parar diversas vezes, mas é tão involuntário que se torna impossível. Porém, ele pontuou esse gesto como alguém que me observou com bastante cuidado. Essa informação

deveria acelerar tanto o meu coração?

— O que estamos fazendo aqui? — indago, quando enfim tenho coragem de proferir a tão temível pergunta.

— Como assim? Aqui aonde? — ele devolve, totalmente confuso com minhas palavras anteriores.

— Nós dois, eu e você, você e eu... — faço um gesto entre nós e o espaço que nos separa. — O que estamos fazendo realmente?

Paramos outra vez em um sinal vermelho, se não me engano, o ultimo antes de chegarmos ao meu prédio.

Drew me olha com bastante atenção, as duas mãos no volante; enquanto praticamente se debruça sobre ele para me observar.

— Nós estamos... Juntos. — Ele diz lentamente, como se testasse a palavra — Por quê?

— Porque nunca conversamos sobre isso, — elucido, tentando normalizar a minha voz. — você apenas me beijou e continuou voltando, e me beijando de novo.

Dou risada, porque eu não tenho os melhores argumentos, e não era exatamente isso que eu queria lhe dizer. Mas foi o que saiu; essa sou eu. Tive um único namorado em toda a minha vida, começamos no colégio e ficamos juntos por quase dois anos, e ele detestava discutir sentimentos, pior ainda seria ser cobrado para expô-los, assim como estou fazendo com Drew.

Então, minhas experiências amorosas são resumidas a isso, e minha paixão platônica por David. Não sou nenhuma *Bridget Jones*, ou talvez eu seja se formos contar as divagações.

— Não conversamos, — ele continua. — mas, eu achei que estivessemos levando as coisas com calma.

— Claro! Você tem razão, — me apresso em dizer. — estamos nos conhecendo ainda.

*Onde eu estava com a cabeça?* Duas semanas e eu já quero discutir a



relação, e colocá-lo na parede. Se isso não o fizer correr para bem longe de mim; provavelmente mais nada o faça fugir.

— Eu te achei linda, quando te conheci. — Ele me conta, segurando minha mão, assim que para o carro.

— Agora não mais? — pergunto, sem conter o riso.

— Agora eu te acho mais do que linda. — Diz com seriedade.

— Tenho certeza de que não existe *mais do que linda*. — Pontuo — Que eu saiba; linda é o ápice da beleza.

— Não estou falando apenas de beleza, mas de outras coisas, além da beleza.

— Que coisas?

— Você é engraçada, tem um jeito suave de tratar as pessoas, eu gosto da sua voz. — Ele desfaz meu cinto e me puxa até seu colo. Há pouquíssimo espaço entre ele e o volante; mas eu não me importo desde que estamos tão próximos e sua respiração faz cócegas na minha bochecha, e isso me faz sorrir.

— Isso é realmente importante, — pontuo, tocando a sua gravata. — seria horrível se você não gostasse da minha voz.

— Você não imagina o quanto. — Ele ri de algo que passa por sua mente, aparentemente. — E eu gosto de fazê-la sorrir, porque você ri tão lindamente e seus olhos quase se fecham, enquanto sorri. Eu acho isso fofo!

Instintivamente, um grande sorriso surge em meu rosto e sim, os meus olhos se fecham e Drew beija docemente as minhas pálpebras.

— Não fique muito convencido, mas você tem sido o motivo de alguns dos meus sorrisos, ultimamente. — Falo, tocando o seu rosto.

— E você tem sido o único motivo dos meus. — Ele completa, me desmontando. O quanto eu amo essa confissão, não posso mensurar.

— Eu fico feliz, amo o seu sorriso. — Confesso. — Mas isso você já sabe.

Ele sorri em meus lábios, antes de me beijar. Sempre me assusta a forma como seus beijos me roubam o meu ar e aceleram o coração. Existe medo em mim, mas, existe coragem também. Como se eu estivesse em um precipício e soubesse que alguém pode me empurrar a qualquer momento, porém, eu amo a vista aqui de cima; então vale a pena correr o risco.

Drew pode partir meu coração, mas eu fui cautelosa a vida toda, andando sempre com passos contados e pés firmes. Agora, pela primeira vez na vida eu quero me sentir completamente viva.

— Eu te achei linda. — Ele continua, a sua voz rouca pelo nosso beijo. — Porém, eu achei que nunca mais fosse te encontrar outra vez, e estava tudo bem para mim.

—Você pensou em mim depois disso? — pergunto com ansiedade, porque eu pensei nele inúmeras vezes.

— Algumas vezes, em você e na Chloe.

— Essa informação me deixa feliz. — Acaricio seus cabelos, deixando minhas mãos em sua nuca. — Então nós nos encontramos na festa, você gostou de me ver?

— Eu te esperei por quase duas horas, — ele replica. — somente para te oferecer uma carona... Acho que eu mais do que gostei.

— Eu sabia; você não foi muito ardiloso em esconder esse fato.

— Eu sei que não. — Diz sério. — Você me fez sentir coisas aquela noite, que ninguém nunca fez. Então eu fiquei andando em círculos, lutando comigo mesmo, até aparecer com o urso para a Chloe.

— Sei que não parecia a melhor ideia do mundo, que nós nos envolvêssemos. — Balbucio, externando os pensamentos que tanto me assombram. — Eu também pensei nisso.

— Mas eu gosto de você, Mia. — Ele anuncia.

— Eu também gosto de você, Drew. — Sussurro, me sentindo a pessoa mais sortuda do mundo por saber disso.

— Então é isso o que estamos fazendo aqui, estamos gostando um do outro. — Ele pontua, mordendo o meu queixo.

— Parece perfeito para mim! — exclamo.

Sim, vamos viver um dia de cada vez. Pode ser temporário ou permanente... Quem pode garantir? Vamos apenas viver.

E eu nunca me senti tão viva como nesse instante.

Dando um último e breve beijo em Drew, abro a porta e saio de forma desajeitada do seu colo. Ajeito minha saia e dou a volta para pegar minha bolsa, que ficou no banco do passageiro.

— Está tarde, preciso ir. — Anuncio, ao abrir a porta. — Quer subir comigo?

Ele não responde, apenas sai do carro também, vem até mim e segura a minha mão depois de acionar o alarme. Acho que isso é um sim. Encosto minha cabeça em seu ombro, enquanto esperamos o elevador.

Drew esteve poucas vezes no meu apartamento. Geralmente nós saímos para algum lugar com Chloe e passamos um tempo juntos, os três. Não sei se ele se incomoda por nossos momentos a sós se resumirem a quando estamos em seu carro, mas ele nunca me disse nada sobre isso.

— Preciso pegar Chloe primeiro. — Explico, parando em frente à porta de Susan.

Ele acena logo atrás de mim, próximo a minha porta, já que os dois apartamentos estão de frente um para o outro. Bato levemente na porta de Susan, esperando que ela abra, e que eu encontre Chloe dormindo, como acontece em quase todas as noites. Porém, dessa vez, Chloe vem correndo do quarto assim que a porta se abre.

— Oi, Mi. — Ela diz, com voz sonolenta, pulando em meus braços.

Cambaleio para trás com seu peso e só não caímos, porque Drew me

segura.

—Não achei que estivesse acordada. — Falo, beijando suas bochechas gordinhas. — Está muito tarde.

— Ela quis te esperar acordada hoje. — Susan conta da porta, seus olhos muitos curiosos em Drew.

—Você quis? — pergunto fazendo cócegas em sua barriga.

—Não *quelo domi, quelo binca* com você, Mi. —Chloe segura meu rosto com as duas mãos enquanto diz isso; mas seus olhos também estão em Drew.

— Podemos brincar amanhã. — Sou obrigada a podar os seus planos e isso traz um bico fofo aos seus lábios. — Diga oi, para o Drew.

— Oi, Dew. — Ela balbucia com doçura.

— Oi, Chloe. — Drew devolve sorrindo, beijando a mão que ela estendeu para ele.

Fico feliz por ela se sentir cada vez mais à vontade ao seu lado. Chloe tem sido uma extensão da minha própria vida e admito a mim mesma que não poderia estar com Drew, se ela não gostasse dele... Mesmo que eu goste, muito.

— Muito obrigada, Susan. — vou até ela e lhe dou um beijo rápido.

— De nada, Mia. — Ela replica com o seu sorriso simpático de sempre.

Susan ainda continua me olhando com curiosidade, certamente esperando que eu lhe apresente o Drew.

É exatamente por isso que eu precisava de um rótulo. Então agora eu somente digo a ela, que ele é o cara que gosta de mim?

— Oi, sou Andrew; o namorado de Mia. — Drew se adianta, provavelmente notando minha indecisão. — Mas, pode me chamar de Drew.

Eu olho para ele, perplexa. O que aconteceu com levar as coisas com calma? E ele ainda nem me perguntou se eu quero namorá-lo. Claro que não é

preciso ser nenhum gênio para saber que a resposta será um sim, em letras garrafais.

— É um grande prazer conhecê-lo, Drew. — Susan diz com alegria. — Vocês formam um belo casal.

Concordo com um leve aceno. Por fora sou a personificação da calma, mas por dentro estou igual *Katy Perry* em *Firework*.

Despeço-me de Susan com um sorriso e digo a mim mesma que o motivo desse sorriso não foram as palavras de Drew, ou as dela. Mas é claro que foi. Coloco Chloe no chão, assim que ele abre a porta para nós e a observo correr alegre até o quarto.

— Eu pensei que você apenas gostasse de mim, e não que fosse meu namorado. — Digo a ele, ainda de costas.

— Acho que gostar de alguém é um pré-requisito para se namorar essa pessoa. — Ele replica, circulando minha cintura com os braços.

Chloe volta correndo para a sala, com o DVD de *Frozen* na mão. Eu cogitei a possibilidade de jogá-lo pela janela, depois de ser obrigada a assisti-lo um zilhão de vezes, e não estou inflacionando ao dizer isso. É impressionante a capacidade de uma criança, de gostar de algo e nunca enjoar de assisti-lo. Então sim, eu pensei em me livrar sorrateiramente desse filme e obter um pouco de paz. Na verdade eu o escondi debaixo do colchão. Como ela o achou? *Garotinha esperta*.

— Pronto para uma sessão de tortura?— pergunto ao Drew, no instante em que Chloe coloca o cd no aparelho. Algo que é óbvio, ela já aprendeu a fazer sozinha.

— Um filme da Disney? — ele desdenha com diversão evidente. — Não pode ser pior do que balas de gelatina.

— Me diga isso depois que o filme acabar, mas eu deixo você segurar minha mão. — Sussurro, me virando finalmente para ele e o abraçando apertado. — É isso o que os namorados fazem, não é?

— Entre outras coisas. — Diz antes de me beijar.

Eu o beijo e rio ao mesmo tempo, quando Chloe começa a cantar sem nenhuma timidez. Esse é um daqueles momentos que eu não gostaria que acabasse nunca.



Nove

Mia

**Acordo** e demoro alguns segundos para perceber onde estou. Tem um corpo pesando levemente sobre o meu. Compridos cabelos loiros espelhados por todo o meu peito, e o meu braço repousando em uma cintura feminina.

Mia e eu dormimos no sofá, depois de sermos torturados pela Chloe cantando *Let It Go*, até uma da manhã. Eu nunca tinha assistido *Frozen*, acho que nem precisaria dizer isso. Mas, eu achei muito mais interessante o fascínio dela pela história, do que o desenho em si. Entretanto, quando tudo acabou e Chloe apertou o replay, eu poderia ter pulado pela janela... Espero que ninguém nunca mais me pergunte, *se eu quero brincar na neve?*

— Eu não posso me mexer. — Mia murmura em meu peito, a voz abafada pela minha camisa. — Estou paralisada.

— O seu sofá não é nem um pouco confortável. — Murmuro, apertando um pouco mais a sua cintura. — Da próxima vez, faremos isso na minha casa. O meu sofá é muito bom.

— Espero que não exista uma próxima vez, vou esquecer o DVD no ônibus e substituí-lo por *Toy Story*. Gosto muito mais daqueles brinquedos.

— Certifique-se de que não tenha nenhuma música. — Peço.

— Você não gostou da nossa noite do karaokê? — ela indaga com diversão em sua voz sonolenta.

— Desde que eu fui o único que não sabia a letra, — replico. — posso dizer que não foi muito legal.

— Você sempre pode aprender. — Ela enfatiza, rindo em meu peito.

— Não obrigada, sou um péssimo cantor.

Ela finalmente me olha, um pequeno sorriso no rosto sonolento. Afasto uma mecha do seu cabelo, prendendo atrás da sua orelha.

— Devo parecer um guaxinim. — Sussurra, esfregando um dos olhos. — Não tirei a minha maquiagem ontem.

— Sim, — concordo a fazendo torcer o nariz para mim. — mas, é o guaxinim mais lindo que eu já vi às oito da manhã.

— Por que você não me levou para a cama, e me deixou dormindo como uma princesa?

— Depois que a Chloe dormiu, eu a levei para a cama e te disse que já estava indo. — Conto, como se ela não soubesse exatamente como nós viemos parar nesse sofá. — Então, você disse que iria me acompanhar até a porta e depois o que aconteceu?

— Eu não me lembro. — Ela diz, escondendo o rosto no meu pescoço para disfarçar a risada.

— Você me agarrou e me jogou no sofá, querendo arrancar a minha roupa. — Emendo rindo também.

— Isso não aconteceu. — Ela exaspera — Eu apenas te beijei, Drew.

— Então você se lembrou agora? — pergunto, colocando a mão no seu queixo para que ela olhe para mim novamente. — Mas o seu beijo foi o culpado de tudo.

— Foi apenas um beijo de despedida.

— Então temos um problema com beijos de despedida.

— E beijos de bom dia? — ela pergunta, se mexendo sobre mim e encostando sua boca na minha.



— O problema é que eu não tenho vontade de parar, quando começo a te beijar.

— Eu também não.

Coloco uma das mãos entre seus cabelos, até chegar a sua nuca, enquanto a outra desce pelas suas costas quase em sincronia.

Eu deveria saber, no instante em que a beije pela primeira vez, que eu ficaria completamente viciado. Seus lábios são tão doces, seus beijos são perfeitos e simplesmente me fazem esquecer o meu próprio nome. Exatamente por isso lutei tanto comigo mesmo, relutei tanto em me envolver com ela. Mia não é o tipo de pessoa que você pode tocar e virar as costas depois. Não; você a conhece e se sente enfeitiçado pela sua beleza, sua alegria de viver, pelo sorriso que ilumina tudo ao redor sem nenhum esforço.

Eu sempre soube que não poderia chegar tão perto e ir embora depois, como se nunca a tivesse conhecido antes.

Isso, o que estamos fazendo agora, não estava em nenhum dos meus planos, e eu sou um cara que gosta de viver de forma centrada. Não estava nos meus planos me apaixonar e Mia está me levando de forma rápida para isso.

Talvez as melhores coisas da vida, sejam aquelas que aconteçam quando menos esperamos, como se fosse destino, predestinação. E mesmo que tudo isso seja um desvio imenso em minha vida, eu gosto muito do cara que eu sou quando estamos juntos.

— Eu preciso ir ao banheiro. — Ela diz entre beijos.

— Pensei que você não pudesse se mexer. — Brinco.

— Seus beijos me curaram, Drew. — Fala, ficando lentamente em pé. — Olhe, eu posso andar... São beijos mágicos!

Dou risada, enquanto a observo sumir pelo pequeno corredor. Fico sentado e passo as mãos pelo cabelo, buscando meu celular no bolso no meu casaco, logo em seguida. São oito e meia, e eu deveria estar no trabalho a uma hora dessas, porém, não me importo nem um pouco. Posso simplesmente ficar e tomar o café da manhã com Mia e Chloe, essa é a única coisa que ainda não fizemos juntos.

Depois de usar o banheiro também, volto para a sala e pego meus

sapatos, calçando os no caminho até a cozinha. Mia está com Chloe nos braços, abraçando-a e beijando como se ela fosse uma boneca de pano.

Chloe desabrochou como uma pequena rosa, ao longo desse primeiro mês. Embora ela ainda seja um pouco tímida com as pessoas, principalmente comigo, é visível o quanto ela se desenvolveu agora que elas estão juntas.

—Eu também quero um abraço de bom dia. — Falo, colocando as mãos nas costas de Chloe.

Ela me olha surpresa, provavelmente não sabendo que eu estava aqui. Seus cabelos estão espalhados por todo o seu rosto, as bochechas rosadas de suas risadas e os beijos de Mia. Ela é uma criança tão linda, delicada. Torna-se impossível olhar para ela e não querer protegê-la, lhe oferecer o mundo e um pouco mais.

— Vá com o Drew, enquanto eu preparo o café. — Mia lhe diz, me entregando Chloe em seguida.

Eu fico realmente surpreso por ela ter vindo com tanta facilidade em meu colo. Surpreso; mas feliz. Muito feliz!

— Bom dia, *Dew*. — Ela balbucia, com voz suave e colocando as duas mãozinhas em meu rosto.

— Bom dia, Chloe. — Devolvo com um sorriso, olhando para Mia em seguida.

— Somos amigos agora. — Mia me diz, explicando o comportamento de Chloe. — Depois de *Frozen*, somos os melhores amigos do mundo.

— Nós somos sim, você e eu principalmente. — Digo, piscando para ela.

Sua risada enche a pequena cozinha, soando como música para os meus ouvidos. Sei que posso me acostumar facilmente com isso, com essa alegria. Há alguns dias eu venho buscando o melhor momento para conversar com Mia, sobre Chloe. Conversar a respeito de uma possível adoção. Seria muito fácil para ela adotar a irmã. Não posso imaginar que ela a deixaria ir embora agora, não quando o seu amor por Chloe é tão visível em seus gestos e palavras.

— Não posso ficar muito tempo. — Anuncio, deixando Chloe sentada, para comer seu cereal.

— Você vai trabalhar com a mesma roupa de ontem? — Mia me pergunta intrigada. — Está toda amassada.

— Eu sei — Rio, por ela ser o motivo da minha roupa amassada. — Devo ter uma camisa na minha sala.

— O que você faz exatamente? — ela pergunta me entregando uma xícara de café. — No seu trabalho?

— Engraçado você me perguntar isso, duas semanas depois que começamos a sair.

— Você é um policial. — Ela dá de ombros, bebendo o seu café. — O que mais eu poderia pensar?

—Sou um agente federal, — elucido. — da Narcóticos.

— Por isso você não usa um uniforme azul e um quepe?

— Essa é a visão que tem de um policial?

— Talvez... Como nos filmes, eu acho.

— Você assiste muita tevê. — Digo e ela ri de encontro a sua xícara.

— Você tem ou não um uniforme? — ela insiste.

— Até tenho, mas não uso, porque trabalho enfurnado em um escritório a maior parte do tempo. — Pontuo, prendendo a na pia. — Meu trabalho é basicamente encontrar um ponto fraco, em criminosos que parecem inatingíveis.

— Você dever ser muito inteligente. — Fala, tocando meu rosto.

— E paciente. — Completo. Porque essa é sem dúvida uma das minhas maiores virtudes.

— Paciência é uma virtude muito admirável.

— Eu também acho, embora seja difícil ser paciente quando você sabe que alguém está livre, prejudicando as pessoas por aí e não há nada que possa fazer a respeito.

—Eu posso imaginar. — Ela sussurra, claramente pensando no pai.

Esse é um assunto aparentemente proibido entre nós, um campo minado, no qual não devemos pisar. Mesmo que eu não estivesse falando dele, Anderson é um peixe muito pequeno, quando temos tantos tubarões ao nosso redor.

Afasto-me depois de um beijo, terminando o meu café no instante em que meu celular começa a vibrar no bolso da minha calça. Não preciso olhar a mensagem, para saber que é alguém do trabalho me procurando.

— Preciso ir. — Coloco minha caneca na pia e seguro a sua mão, roubando um pedaço da sua torrada.

— Eu me diverti muito ontem à noite. — ela sorri, lambendo a geléia dos seus dedos.

— Eu também! — digo, me afastando com relutância.

Ajudo Chloe a sair da sua cadeira, após ter terminado de comer e a abraço em despedida, antes que ela corra até a sala para ligar a tevê. Mia segura minha mão, abrindo a porta para encostar-se nela.

— Eu te ligo mais tarde, — murmuro, apertando a sua cintura. — não sei se poderei buscá-las no trabalho, mas farei o possível.

— Não se preocupe, Chloe... — ela balbucia.

— Adora andar de ônibus. — Completo por ela. — Mas eu gosto de saber que vocês estão em segurança, e talvez eu tenha um pouco de ciúmes do motorista.

— Sem motivo algum, preciso ressaltar. — Ela diz, me abraçando. — Quem poderia competir com você, meu lindo policial?

Dou risada, lhe dando um beijo de despedida. Não que eu queira realmente ir embora, agora parece quase impossível me afastar dela.

— Tchau, Chloe. — Grito sobre o ombro de Mia.

A minha voz a faz sair da frente da tevê e vir correndo até nós, parando ao lado da Mia.

— Tchau, *Dew*. — Ela diz baixinho, quando Mia a pega no colo.

Estou começando a achar que sou eu quem não poderei dizer adeus à Chloe, se Mia decidir não ficar com ela de forma definitiva.

Eu poderia facilmente começar meu dia ao lado delas a partir de agora. A visão das duas juntas me faz caminhar até o elevador, com o maior sorriso do mundo em meu rosto.

— Tenha um bom dia, querido. — Mia recita, piscando graciosamente os olhos para mim.

— Você também! — aceno, enquanto espero o elevador.

Piso no térreo apresando, mas antes de entrar no meu carro, olho rapidamente para o apartamento de Mia e encontro Chloe me acenando com alegria. Isso me deixa realmente feliz.

Feliz por ela ter sido a exceção e de todas as crianças que eu já vi sofrer, ser uma das poucas que eu pude ver sorrindo também. Aceno de volta e entro no meu carro repleto de alegria.



Entro apressado pela minha sala, consciente do meu atraso, mas sem culpa alguma por ele. Encontro Thompson me esperando impaciente, esparramado em uma das minhas cadeiras. Eu sabia que ele estaria exatamente nesse lugar.

— Você está atrasado. — Ele pontua, assim que entro.

— Muito perspicaz da sua parte. — Replico, colocando o meu casaco casualmente na cadeira.

— E com a mesma roupa de ontem. — Ele emenda, sem se incomodar com a minha ironia.

— Um verdadeiro Sherlock! — exclamo sem olhá-lo.

Começo a desabotoar minha camisa, para trocar pela reserva que sempre deixo na minha sala, caso aconteça algum acidente. Como derrubar uma xícara inteira de café sobre a minha roupa, e sim, isso já me aconteceu antes. Não com tanta frequência, para minha sorte.

— Já que você não pôde estar na reunião de hoje cedo, irei atualizá-lo. — Fala, folheando alguns papéis. — Balzer foi solto essa manhã.

— Isso já era de se esperar. — Digo simplesmente, a verdade é que isso não me surpreende em nada. — Qual o valor da fiança?

— Meio milhão de dólares.

— Foi pouco, comparado a sua importância no caso.

Balzer é um alemão de meia idade, responsável por praticamente cem por cento do tráfico de drogas em toda região sul do país. Seu poder cresceu de forma vertiginosa nos últimos três anos, se espalhando rapidamente por cada estado. Eu sabia desde o início que seria impossível mantê-lo preso por muito tempo, ele é rico demais e pode comprar todo apoio, e fechar todos os olhos para os seus crimes com apenas um estalar de seus dedos.

Eu acho que ele quis apenas tirar umas férias, por isso ficou preso por mais de um mês. É como nadar contra a corrente, querer ser o mocinho em meio a tanta sujeira.

— Ele é o patrão do pai da sua namorada. — Thompson diz com diversão.

— Um pai que ela viu pouquíssimas vezes. — O corrijo, terminando de fechar a minha camisa e pegando os papéis de sua mão.

— Você não me corrigiu agora, — ele diz e levanto meus olhos do documento, para encará-lo de forma interrogativa. — quando eu disse; sua

*namorada.*

Não é mentira, mas balanço a cabeça, voltando a me concentrar nos documentos do caso. Ficamos em silêncio, até que eu leia a última página.

— Vou abandonar o caso. — Murmuro, jogando os papéis lidos sobre a mesa, e me sentando à sua frente.

— Por quê? — ele parece chocado, eu também fiquei quando a ideia começou a ganhar forma em minha mente.

— Conflito de interesses. — Eu explico. Algo que é bastante óbvio, desde que eu não o contradisse há alguns minutos.

— Um caso pelo qual você trabalhou dias e noites inteiras, durante meses? — ele recita, como se não estivéssemos falando da minha vida. — Assim, sem pensar duas vezes?

— Na verdade, eu já pensei. — Digo com calma. — É apenas mais um caso.

— E ela não é apenas mais uma garota? — ele questiona com petulância.

— Não, ela definitivamente não é. — Afirmo com seriedade.

— Você está apaixonado. — Ele diz com horror, como se eu tivesse sido diagnosticado com a peste negra.

Acabo rindo pela primeira vez desde que entrei nessa sala, ele é engraçado. E essa aversão toda ao amor, é uma grande novidade para mim.

— Não se preocupe, não é contagioso. — Murmuro para a sua careta.

— Acho que você está louco, completamente louco! — ele balança a cabeça, enquanto se levanta. — Espero que ela valha a pena.

— Pode ter certeza, eu nunca tive dúvidas disso.

Pode parecer loucura, mas eu pensei nisso por algum tempo, mais

exatamente depois de encontrar Mia na festa e não conseguir mais tirá-la da minha mente. Eu sabia que a única forma de me envolver com ela, seria sair do caso que envolve seu pai. Um caso ao qual eu me dediquei de forma exaustiva, deixando praticamente de viver. Um caso que seria um divisor de águas na minha carreira, que me traria uma satisfação profissional ímpar.

Mas quão assustador pode ser isso, quando mais tarde, em uma conversa com o meu chefe, eu abro mão de tudo?

Tudo para ficar com Mia.

E estranhamente não sinto absolutamente nada.

Nenhum arrependimento, nenhuma frustração, apenas paz.

Eu devo estar enlouquecendo, como Thompson me disse. Porém, também não me sinto um louco, esperando por Chloe e ela no começo da noite em frente a sua livraria, para levá-las para casa. Quando as duas caminham sorrindo até mim, eu tenho certeza, mais que absoluta, de que tomei a melhor decisão da minha vida.

— Oi. — Mia diz parando à minha frente, com Chloe a seu lado.

Elas são tão lindas, uma visão que encanta os meus olhos.

— Eu senti sua falta. — Confesso antes de beijá-la, sabendo que nunca fui tão sincero. — De você também Chloe.

Ela apenas sorri, abraçando o urso que lhe dei, e que agora é seu companheiro inseparável.

— Nós também! — Mia exclama com um sorriso iluminado. Ela é sempre tão radiante, nunca conheci alguém que brilhasse assim.

Volto a encará-la, então sorrimos juntos, e é quando eu me perco em seus lindos olhos verdes, que eu percebo... Ela não é apenas mais uma garota; algo me diz que ela será a única.





**Dez**

**Mia**

— **Vamos.** — Drew me pede, estendendo a mão para me ajudar a sair do carro.

Um último olhar para ele, aceito sua mão com relutância e saio do carro como uma criança birrenta, que está aonde não gostaria. O observo tirar Chloe do banco de trás e a colocar suavemente no chão, segurando sua mão logo em seguida.

Ela está vestida de bailarina, assim como no dia em que eu a conheci. Com exceção de que hoje eu arrumei o seu cabelo com esmero, preso como o de uma verdadeira bailarina. Quando liguei para a creche ontem à tarde e marquei uma visita, a pessoa do outro lado me disse que hoje seria o dia da fantasia; as crianças poderiam vir vestidas como quisessem, com seus personagens favoritos.

Chloe não possui realmente uma fantasia, e sua roupa de bailarina foi o mais próximo disso que eu pude encontrar.

Drew ri do meu comportamento, antes de segurar a minha mão também e nos arrastar até a entrada. Estamos na creche que Chloe supostamente deva ficar, mas eu não quero. *É isso aí...* Eu não quero deixá-la sozinha, em um lugar aonde não conheça ninguém. Definitivamente não quero deixá-la longe de mim, por cinco longas horas.

Acontece que eu disse a Drew que iria matriculá-la na segunda e quando a segunda-feira chegou e passou, e eu não fiz nenhum movimento sobre isso, ele simplesmente julgou que eu precisava de um empurrãozinho. É por isso que estamos aqui agora, e é por isso que eu estou me comportando como uma criança de três anos, talvez dois.

— Olha, Mi. — Chloe grita, apontando para dezenas de crianças brincando em um tanque de areia à nossa esquerda.

O barulho de todas elas falando e rindo em uníssono, é algo realmente bonito. Todas estão alegres, isso eu não posso negar.

Olho pra Drew rindo, no mesmo instante em que Chloe solta sua mão e corre até a grade de ferro, se pendurando nela para olhar melhor todo o movimento.

— Ela já gostou daqui. — Drew me sussurra, enquanto ambos observamos o encantamento de Chloe.

Eu sei que esse é um ambiente seguro e saudável, e é óbvio que Chloe precisa conviver com outros de sua idade. Esse é o momento que eu preciso fazer o que é melhor para ela e não o que eu realmente quero, porque eu quero apenas que ela esteja ao alcance dos meus olhos e protegida de todo mal.

— Vá brincar também. — Drew a incentiva, já a levantando por sobre a grade.

— Eu posso Mi? — ela pergunta, cheia de felicidade nos pequenos olhos.

— Claro que sim. — Afirmo com suavidade.

Agora sou eu que me encosto à grade e deixo meus olhos acompanharem cada movimento de Chloe. Ela corre com muita animação até as crianças, mas para a alguns centímetros de onde elas estão. Provavelmente insegura em se aventurar em algo novo. Observa, virando a cabeça diversas vezes, para olhar as crianças que correm ao seu redor.

Eu quero apenas gritar e incentivá-la a fazer novos amigos, mas permaneço em silêncio, esperando seu próximo movimento.

Assim como nas dezenas de vezes que estivemos no parque, Chloe sempre esperou quieta que outra criança viesse até ela. A timidez é um traço muito acentuado de sua personalidade. Então eu espero pacientemente também, até que outra menininha venha em seu encontro, uma abelhinha linda. Não posso ouvi-las, mas acabo sorrindo sinceramente, quando sua nova amiga toca sua saia de bailarina. Ambas conversam baixinho por um tempo e depois caminham de mãos dadas até o brinquedo mais próximo.

— As crianças têm um dom natural para fazer amizades. — Drew me diz.

— Elas têm sim. — Concordo, me virando para ele. — Vamos resolver

isso logo.

Dou uma última olhada em Chloe e me certifico de que ela está em segurança. Até onde os meus olhos podem enxergar, existem três adultos para cuidar de ao menos duas dezenas de crianças, crianças cheias de energia ilimitada.

Caminho com Drew para dentro do grande prédio, paredes coloridas e cheias de desenhos infantis, um piso vermelho vivo, as portas das salas alternam as cores primárias e existem alguns bancos com o encosto de animais. É um lugar feito para encantar, lúdico, fantasioso. Se Chloe gostou do simples banco de areia, posso jurar que ela irá se apaixonar perdidamente pelo interior da creche.

— Você deve ser Mia Anderson. — Uma voz feminina, soa atrás de mim.  
— Sou Vera Hills, nos falamos por telefone ontem.

Eu me viro para encará-la e não posso deixar de sorrir quando a vejo, ela está vestida como uma versão mais jovem de *Mary Poppins*; inclusive com a sombrinha.

— Hoje é um dia temático. — Ela explica, ajeitando o cabelo castanho sob o chapéu.

— Como *Halloween*? — Drew pergunta curioso.

— De certa forma, sim. As crianças adoram se fantasiar, então nós fazemos isso toda sexta feira do mês.

— Parece divertido. — Completo, começando a andar logo atrás dela.

— Muito. — Diz sorridente, abrindo a porta do seu escritório para nós.  
— Onde está a sua criança?

— Ficou no parque. — Drew responde por mim

— Que maravilha, — ela parece genuinamente alegre. — começamos com o pé direito. Trouxe os documentos?

— Estão aqui. — Digo, lhe entregando uma pasta com os documentos de

Chloe.

Ela segura a pasta, fazendo um gesto com a mão livre, para que Drew e eu nos sentemos nas duas poltronas à frente de sua mesa.

Esperamos em silêncio por alguns minutos, enquanto ela analisa com cuidado todas as informações. Minha mão bate ansiosamente em meu joelho, até que Drew a puxe e entrelace com a sua.

— Sua filha é linda. — Vera diz.

— Ela é minha irmã. —A corrijo com uma pontada do coração. Até pouco tempo, era muito mais fácil falar isso. — Estamos morando juntas há pouco tempo.

— Que curioso. — Sua voz soa interessada — E os seus pais?

— Na verdade. — Começo, olhando para Drew e buscando as palavras certas. — Eles estão temporariamente ausentes.

— Temporariamente? — ela repete, em busca de mais.

— Sim! — murmuro, apertando um pouco mais os dedos de Drew — Infelizmente, eles estão presos.

— Isso é terrível. — Ela balbucia com os olhos arregalados, talvez eu devesse ter floreado um pouco a verdade.

— Mas eu sou muito honesta. — Me apresso em dizer, diante de seu olhar de choque. — E Drew é um policial.

Não sei por que senti a necessidade de colocar Drew na história, mas parece que estou sem filtro algum hoje. Essa situação é bem desconfortável. Um silêncio incômodo permanece por alguns segundos, então Vera me olha com um pequeno sorriso enquanto deposita lentamente os papéis sobre a mesa.

— Não estou aqui para julgar seus pais, Mia. — ela diz.

— Pai e madrasta. — Explico. — Que eu não conheço, por sinal.

A última frase saiu mais como um resmungo... *Sim, estou sem filtro...*

— Vejo que você tem a guarda temporária de Chloe. — Ela pondera séria, ou tão séria quanto sua fantasia permita. — Estão pensando em adotá-la de forma permanente?

— Eu ainda não sei, vai depender muito de como a situação do meu pai ficará. — Respondo, ignorando o fato de que ela acha que Drew é meu marido. — Isso é mesmo relevante?

Estamos em uma creche onde as crianças vão rabiscar e brincar com areia? Ou buscando uma vaga em Harvard?

— Ainda estamos nos adaptando a essa situação. — Drew intercede também sério. — Tudo ainda é muito novo, mas Chloe é uma criança incrível.

— Nós acreditamos que toda criança é incrível e cheia de potencial. — Vera recita. — E também acreditamos muito no valor da família.

— Nós também, para ambas as coisas! — ele afirma.

Eu não falo nada, pois tenho apenas vontade de revirar os olhos. Puxo a minha mão do aperto de Drew e cruzo os braços sobre o peito. Se eu irei pagar por isso tudo, deveria estar fazendo as perguntas e não as respondendo.

— Nós faremos tudo para que Chloe se sinta bem vinda, e se adapte da melhor forma possível. — ela diz, por fim.

— Obrigada. — agradeço já me levantando, com pressa.

— Você precisa preencher esses formulários. — Ela me para, abrindo uma das gavetas do fichário atrás da mesa.

— Que tipo de formulário? — pergunto, aceitando com cautela as duas folhas azuis que ela me estende.

— Informações sobre a Chloe, — ela diz. — basicamente sobre sua saúde.

Começo a ler as dezenas de perguntas impressas ali, e enquanto meus olhos passeiam rapidamente por elas; meu coração começa a acelerar.

*A criança é alérgica a algum medicamento?*

*Já foi internada?*

*Possui alguma doença hereditária?*

*É alergia a algum alimento?*

*Quebrou algum membro? Qual?*

— Eu não posso responder a essas perguntas. — Me exaspero ao mesmo tempo em que balanço os papéis na frente do rosto de Vera. — Eu não sei nada sobre isso.

—Podemos devolver isso, em outra hora? — Drew pergunta, tirando os papéis da minha mão, e me salvando de passar ainda mais vergonha.

— Claro, fiquem à vontade. — Vera responde, nos acompanhando até a porta. — Seria ótimo se Chloe pudesse ficar hoje aqui.

— Tão rápido? — pergunto um pouco alto demais, mas respiro fundo antes de continuar. — Seria perfeito.

Despedimo-nos dela e Drew segura forte em minha mão, indo em direção ao parque outra vez.

— Me sinto uma idiota. — Suspiro, enterrando o meu rosto em seu ombro... Deus, como eu consegui me envergonhar tanto?

—Não foi tão mal assim. — ele me consola, mas o seu riso o contradiz.

— Não foi divertido! — eu o censuro, tentando escapar do seu abraço.

— Eu achei. — ele diz, me apertando um pouco mais. — Vá se despedir de Chloe.

Voltando ao meu modo *criança birrenta*, começo a andar até o parque. Os pequenos saltos dos meus sapatos afundam na areia fofa, enquanto busco Chloe entre as crianças.

Ela está sentada em um dos balanços, ao lado de sua amiga abelha e sendo empurrando por um pequeno Peter Pan. Sorrio diante de sua alegria,

parando delicadamente o balanço para me ajoelhar diante dela.

— Você gostou daqui, Chloe? — sondo, espreitando os seus olhos.

— É muito legal, Mi. — ela responde repleta de alegria.

— Sim, é muito legal. — sua amiga repete, fazendo Chloe rir.

— Que bom. — falo, rindo também... Isso é contagiante. — Aqui será a sua escola, quer vir brincar aqui todos os dias?

— Sim, eu *quelo*. — afirma, batendo palmas.

Essa é toda a resposta da qual preciso. Ela está tão feliz, como um girassol. Sim, eu acho os girassóis felizes, *eles não parecem sorrir para a gente?*

— Ok, estou indo agora. — Digo com carinho. — Posso ganhar um abraço?

— Sim. — diz, pulando em meus braços. Seus pequenos braços me contornam com ternura.

— Mais forte... mais forte. — Sussurro em seus cabelos, ganhando sua risada gostosa como prêmio. — Tome cuidado, por favor.

Ela deposita um beijo molhado em minha bochecha, antes de aceitar a mão da amiga e correr junta com ela para longe de mim.

— Vou sentir saudades. — digo para a sua sombra, ficando em pé.

Volto até onde Drew está, olhando furtivamente para Chloe diversas vezes. Ela está tão alheia a mim; sua risada se misturando a das outras crianças.

— Tudo bem? — Drew indaga quando estou a poucos passos dele.

— Sim, — afirmo sem muita convicção, talvez eu não me sinta tão bem agora. — você acha que é mesmo seguro deixá-la aqui?

— Com toda certeza, Mia.

Aquela história de que não podemos manter quem amamos em um vidro para sempre é verdade. Eu libertei Chloe e me sinto um tanto melancólica por isso.

Drew abre a porta do carro para mim e eu me sento quieta, mordendo minha unha e torcendo o meu cabelo por todo o trajeto.

— Quero visitar o meu pai. — Digo a ele de repente.

— Não parece uma boa ideia. — Ele replica, sem deixar de olhar para o trânsito. — Você já esteve em um presídio?

— Eu nunca sequer estive em uma delegacia, antes de te conhecer. — pontuo com uma risada. — Mas eu preciso conversar sobre Chloe com ele.

— Ainda assim, não gosto nada disso.

— Eu preciso saber como ele se sente sobre Chloe estar comigo de forma definitiva.

— Com certeza ele gosta, já que foi ele quem nos deu seu telefone.

— Eu preciso Drew. — Reforço, tocando o seu braço. — Me ajude, por favor. Ele é o meu pai.

— Aquele lugar é terrível, Mia. — fala finalmente me olhando quando paramos na livraria. — Tem certeza de quer vê-lo em uma situação assim?

— Eu não o vejo há cinco anos, cinco longos anos. — digo, articulando cada palavra — Com toda certeza desse mundo, eu não gostaria de reencontrá-lo nessa situação, mas eu farei pela Chloe.

— Eu irei com você, isso não é discutível. — ele demanda.

— Eu certamente te pediria se você não se oferecesse.

— Tudo bem, eu farei alguns ajustes... — ele pondera por alguns segundos. — ele está esperando o julgamento ainda...



— Sem problemas. — eu o interrompendo, já satisfeita por sua aceitação.  
— Eu posso esperar.

Ele acena, antes de sair do carro e abrir a porta para mim.

— Obrigada por nós levar até a creche, foi muito gentil. — digo ao sair.

Ele me olha com as sobrancelhas arqueadas, contendo um riso.

— Obrigada por levá-la aonde você não queria e obrigá-la a deixar Chloe lá? — ele questiona, descrevendo a situação com o máximo de verdade.

— Ela estava feliz. — Sussurro antes de beijá-lo.

— Muito feliz. — Ele concorda, me abraçando forte.

— Você acha que ela irá me esquecer? — balbucio em sua camisa.

— As possibilidades são grandes.

Dou risada e o beijo pela última vez, atravessando a rua até a livraria.

— Nos vemos mais tarde. — Me despeço, ao lhe soprar um beijo.

— Estarei aqui! — afirma sorrindo.

Também com um sorriso, entro na livraria e encontro David agachado ao lado de uma pilha de livros. Ele está tão absorto em sua tarefa, nem notando meus passos, e só percebe minha presença quando deposito minha bolsa no balcão de madeira.

— Olá! — me saúda com um sorriso, ajeitando os óculos e ficando em pé.

— Oi, desculpe... — encolho os ombros, me encostando ao balcão. — Estou um pouco atrasada.

— Sem problemas, estava tão distraído e não teria percebido se não tivesse me falado. — Fala, vindo até mim e olhando ao redor. — Onde está

Chloe?

— Na creche, foi por isso que me atrasei.

— Isso parece legal.

— Foi exatamente o que ela disse.

Ele para diante de mim, levantando o livro que está segurando até a altura dos meus olhos, como se estivesse revelando uma surpresa. Olho para ele e logo em seguida para o livro em questão, mal acreditando em meus próprios olhos.

—Não acredito, eu nunca vi essa edição. — Exclamo, com entusiasmo, roubando o livro de suas mãos, em seguida.

É uma edição de colecionador de *O Morro dos Ventos Uivantes*, simplesmente o livro mais amado do mundo para mim. Eu o li pela primeira vez aos quatorze anos, ao pegá-lo escondido na biblioteca da escola. Na época eu era imatura demais para entender a complexidade da história de amor entre Catherine e Heathcliff, ainda assim, a história me fascinou por completo. Eu reli inúmeras vezes depois dessa primeira vez e sempre me sinto cativada.

Passo a mão com muito cuidado pela capa preta, contornando as letras douradas do título com total devoção. É definitivamente um lindo exemplar, e nem se compara ao meu surrado livro comprado no Sebo por cinco dólares.

—É lindo, David. — Exclamo e abraço o livro, antes de entregar a ele.

— É seu. —Anuncia com um sorriso doce, me estendendo o livro novamente. — Encomendei tem algum tempo e chegou hoje cedo.

—Verdade? — ele acena com entusiasmo. — Nem é meu aniversário.

— Considere como um presente antecipado. — Ele dá de ombros, com um jeito tímido. Olhando-me por alguns segundos e encarando os sapatos depois. — Você gostou?

— Muito, eu simplesmente adorei. — Acaricio o livro mais uma vez, antes de abraçá-lo em agradecimento. — Muito obrigada, David.

Provavelmente tenha sido o presente mais lindo que alguém já me deu, levando em conta que eu tenho poucos outros para comparar a esse. Ele devolve meu abraço, um pouco mais forte e beija o meu rosto, no mesmo instante em que a porta se abre com brusquidão.

—Você esqueceu o celular no carro. — A voz de Drew me assusta, soando totalmente nova para mim, tamanha a irritação que vem dela.

Eu congelo nos braços de David e ele também, embora com certeza não entenda o porquê disso.

— Eu não percebi. — Sussurro me afastando de David com o máximo de rapidez.

Eu me sinto como se tivesse sido flagrada ao cometer um crime. O que não é verdade, eu apenas estava agradecendo a um amigo por um gesto tão atencioso e gentil. David é meu amigo, nada, além disso.

— Que sorte a sua então, eu ter percebido e voltado para te entregar. — Drew fala chegando até mim e me puxando pela cintura. — Sou Andrew, o namorado de Mia.

Ele está com ciúmes, é isso?

Tenho vontade de gargalhar, já que David é completamente inofensivo. Mas o sorriso morre em meus lábios, quando olho para ele e percebo seu choque diante das palavras de Drew. Para quem quase não queria me namorar, ele adora dizer essa palavra.

— Namorado... — David testa a palavra, aceitando a mão estendida de Drew. — Sou David.

— É um prazer, David. — Drew replica sem nenhuma emoção, mas extremamente educado.

— Igualmente! — David exclama, se afastando um pouco.

O aperto de Drew em minha cintura fica um pouco mais forte, enquanto eles apenas se olham, e eu abraço o livro. É algo realmente inusitado e eu torço

para que um dos dois vá embora... David; se eu puder escolher.

— Preciso ir, estou atrasado também. — David quebra o silêncio, olhando para o seu relógio e para mim outra vez. — Mande um beijo para Chloe.

— Pode deixar. — Digo com um pequeno sorriso, vendo o sair apressado depois de pegar a suas coisas.

Drew e eu permanecemos com os olhos na porta fechada.

— Quem é ele? — ele sussurra em meu ouvido.

— Meu patrão. — Sussurro de volta.

— Você não me disse que tinha um patrão. — Ele pontua, finalmente ficando de frente para mim, mas sem soltar a minha cintura.

— Eu deveria ter dito? — pergunto confusa.

— Sim, quando ele é apaixonado por você.

— Ele não é apaixonado por mim. — Faço uma careta, mordendo os lábios em seguida. — David não é apaixonado por mim, Drew!

— Ou você é muito ingênua, ou é cega. — Ele murmura, me encarando.

— Você ficou com ciúmes? — brinco, beijando o seu queixo.

Ele solta a respiração, relaxando as feições do seu belo rosto.

— Eu só quis dar um soco na cara dele, — fala por fim e eu mordo um sorriso. — mas sem ciúmes, eu não sou ciumento.

— Claro que não. — Rio, como se estivesse ofendida com a ideia. — David é um cara legal e totalmente inofensivo.

— Eu aposto que é. — Ele replica irônico, me prendendo no balcão.

Solto o livro que seguro e o deixo sobre o balcão ao meu lado.

— Obrigada por trazer o celular. — Coloco os braços ao redor do seu pescoço e espalho beijos suaves sobre seus lábios.

— Foi quase providencial. Por que vocês estavam se abraçando?

— Ele me deu um presente. — Meus olhos vão até o livro sobre o balcão, os olhos de Drew seguem o mesmo trajeto.

— O Morro dos Ventos Uivantes. — Ele repete em meus lábios. — Eu nunca li.

— É o meu favorito no mundo todo.

Ele sorri pela primeira vez desde que entrou na livraria, deixando a testa descansar na minha. Eu amo isso, apenas colar a minha testa na sua e encarar os seus lindos olhos.

— Tem aqui para comprar? — ele me pergunta.

— Sim, sessão dos clássicos ingleses, à esquerda.

Cruzo os braços quando ele se afasta de mim e vai até o corredor indicado, andando pelas prateleiras, até encontrar o que deseja. Ele ainda sorri, voltando logo em seguida com o livro na mão.

— Se você ler e gostar, eu te amarei para sempre. — brinco, olhando para o dinheiro que ele deixa ao meu lado.

— Eu lerei, mas gostar me parece mais difícil.

— Estou prometendo amor eterno, Drew... — mantenho a diversão, batendo levemente em seu ombro.

— Eu sei... — ele murmura com lentidão. — amor eterno é muito tentador.

Ele deixa o seu livro ao lado do meu, antes de colocar uma mão em minhas costas e me puxar até ele. Coloco as mãos em seu cabelo e ergo os pés

levemente para que nossos lábios estejam o mais próximo possível.

Seu hálito de hortelã chega até mim, quando ele entreabre a boca e encontra a minha em um beijo nada delicado dessa vez, muito mais intenso do que os outros. Estou tão apaixonada por Drew, totalmente caída por esses novos sentimentos que ele me desperta. Levando-me a lugares novos, despertando sensações em meu coração e em meu corpo que jamais senti, e eu amo toda essa miscelânea.

Quando sua língua toca a minha, me agarro mais a ele, não me importando muito com o local onde estamos, e com o fato de que qualquer pessoa pode chegar e nos encontrar desse jeito.

Estou beijando Drew, *esse é o meu momento!*

— Quero que Chloe e você jantem comigo hoje, em minha casa. — Drew fala se afastando um pouco de mim, e me fazendo soltar um gemido de frustração por interromper o beijo e perder o seu calor.

— Você sabe cozinhar? — pergunto sem fôlego, recobrando parcialmente o juízo.

— Um pouco, e você sempre pode me ajudar.

— Um jantar interativo?

— Algo assim. — Sorri, me beijando em despedida — Venho buscá-la mais tarde.

Aceno em concordância, vendo-o caminhar calmante até a porta com o livro na mão.

— Você vai ler mesmo? — grito quando ele toca a maçaneta.

— Claro que vou.

— Esse é o caminho mais rápido até o meu coração.

— Achei que fosse chocolate... — ele ri, abrindo a porta.

— Chocolate é o caminho, livro é o atalho. — digo rindo também.

— Então eu chegarei mais rápido. — Ele levanta o livro, antes de fechar a porta atrás dele.

— Você já chegou faz tempo, — sussurro, em tom de confissão, mesmo que eu seja a única a ouvir. — e já está morando dentro de mim, Drew.



Onze

Mia

**Eu** estava realmente curiosa, e muito ansiosa para conhecer a casa de Drew. E baseado no pouco que conheço da sua personalidade, a imaginei de diversas maneiras ao longo do dia.

Ele me buscou no trabalho ao final da tarde e juntos fomos até a creche, buscar Chloe. Ela veio correndo até mim, com o sorriso mais lindo do mundo; tão descabelada e suja quanto uma criança feliz deva parecer.

Senti-me muito mais segura ao vê-la tão radiante assim. Não queria dizer ao Drew, mas ele estava certo em me obrigar a trazê-la. Ele nos levou até o meu apartamento e esperou com toda a paciência do mundo, que eu desse banho em Chloe, e me arrumasse também.

Então nos trouxe até sua linda casa, dois andares de uma fachada branca impecável, em um condomínio fechado. Tenho a impressão de que somente policiais ou agentes moram aqui. Eu fiquei realmente impressionada, pois é o tipo de lugar que eu adoraria morar.

E a casa de Drew não é, de jeito algum, como eu imaginei, fugindo do estereótipo da casa de solteiro, essa parece um verdadeiro lar. Existe calor, o tipo de lugar no qual você pisa e se sente bem vindo. Assim que ele abriu a porta e nos convidou a entrar, Chloe correu até a ampla sala de tevê e se esparramou no grande sofá de camurça cinza, que parecia tão confortável quanto Drew havia me dito.

— Você não trouxe *Frozen*, não é? — ele me pergunta, fingindo preocupação.

— Não, mas trouxe *Barbie e as Sapatilhas Mágicas*. — Digo, tirando o DVD que Chloe colocou em minha bolsa. — E acredite em mim, algumas horas dessas bonecas dançarinas, e você sentirá saudades de *Frozen*.



Ele ri, enquanto Chloe puxa o DVD de minha mão e caminha animada até a tevê gigante de Drew.

—Eu *quelo assisti*, Mi. — Ela diz alegre, apontando para a tevê.

—Você pode ligar? — peço, me virando para o Drew.

—Claro que sim!

Ele caminha até onde Chloe está; pegando o DVD de sua mão e o colocando rapidamente no aparelho. Em poucos minutos a sala é invadida pelo som alto da música que vem do filme.

Chloe é automaticamente transportada para o desenho, olhando com fascinação para as pequenas bailarinas na tela. A tevê de Drew é certamente muito mais atrativa que a nossa.

— Ela se identificou muito mais com esse filme. — Pontuo, olhando para Chloe dançando no tapete.

—Você poderia matriculá-la em uma escola de balé. — Ele sugere, acompanhando o meu olhar. — Acho que as meninas adoram isso.

— Elas realmente adoram, mas isso costuma custar muito caro. — Replico, colocando a minha bolsa sobre o sofá. — E eu não poderia pagar, ainda mais com a mensalidade da creche.

— Eu poderia te ajudar. — Drew oferece.

— Eu não poderia aceitar.

— Por que não?

— E por que sim? — exijo, lhe devolvendo a pergunta.

— Porque eu gosto de você, — ele recita com naturalidade. — de vocês, e isso me deixaria feliz.

A sinceridade em sua voz e em seu olhar me faz sorrir. Ele tem sido tão incrível conosco, sempre tão gentil, fazendo absolutamente tudo para nos ajudar.

Mas seria demais, deixá-lo pagar por algo que é minha responsabilidade.

— Essa casa parece grande demais para você. Tem certeza de que não tem uma esposa escondida embaixo da cama? — pergunto, deixando o assunto do balé de lado.

— Se eu tivesse uma esposa, ela certamente não estaria escondida embaixo da cama. — Fala, piscando para mim. — Comprei essa casa há uns quatro anos, o lugar é bom e seguro. Alguns policiais costumam receber ameaças, e esse lugar é tranquilo para se viver.

— Você já foi ameaçado?

— Não. — Nega com rapidez. — Mas sou esperto o bastante para me prevenir.

— Eu imaginei que você seria ao menos o tipo de cara com um cachorro grande e peludo.

— Animais precisam de atenção, assim como as crianças. — Ele pronuncia, sorrindo para Chloe. — E eu passo pouquíssimo tempo aqui, agora menos ainda, me sentiria culpado por deixá-lo sozinho.

— Eu sempre quis ter um cachorro, mas minha mãe me dizia que ele roeria toda a nossa mobília. — Conto com um sorriso torto, enquanto olho para o chão. — Acho que era apenas uma desculpa para não me comprar um.

— Provavelmente sim, mas você pode ter um agora.

— Com certeza e colocá-lo para dormir em uma gaveta? — pergunto quase irônica, o fazendo rir com o meu drama. — Quem sabe algum dia...

Quem sabe algum dia eu possa comprar um cachorro para Chloe e fazê-la feliz? Claro que para isso eu precisarei de uma casa maior, o que só acontecerá quando eu tiver um emprego melhor.

Infelizmente algo que está muito longe do meu alcance agora.

Deixo Chloe na sala e acompanho Drew até a cozinha. Ele tira o paletó e a gravata, os deixando no sofá ao lado da minha bolsa e arregaça as mangas da camisa azul clara.

A cozinha, também ampla, poderia ser o sonho de qualquer mestre cuca. Eu acho que poderia ampliar meus dotes culinários em um lugar assim. Já que a minha cozinha tão diminuta, não me permite testar grandes receitas.

Puxo uma das bonitas cadeiras de madeira e me sento de frente para Drew, meus cotovelos na ilha de granito preto. Meus olhos observam com grande interesse seus movimentos, enquanto ele abre portas e gavetas ao redor, reunindo utensílios e ingredientes para começar o seu jantar.

— Então, qual será o cardápio da noite? — indago, me agitando na cadeira em expectativa.

— Preciso confessar algo. — Ele começa, ficando na mesma posição que eu, nossos rostos muito próximos. — Não fiz grandes planos sobre esse jantar, apenas achei que seria bom te mostrar um pouco mais da minha vida.

— Ok, então você não tem um cardápio?

— Não, mas vamos improvisar. Ou podemos pedir algo, se você preferir.

— E perder todo charme de te ver cozinhando? — me aproximo um pouco mais, lhe dando um leve beijo. — Você sabe que é um muito sexy um homem que sabe cozinhar?

— Na verdade, eu não sei realmente cozinhar. — Ele sorri. — Eu disse que sabia?

— Um pouco.

— Provavelmente seja bem pouco mesmo. Mas eu tenho outras habilidades manuais, que eu adoraria lhe mostrar.

— Você não me disse isso. — Dou um gritinho e cubro meu rosto, como uma menina boba de quinze anos. Ele definitivamente me surpreendeu com a sua ousadia.

— Eu não disse nada demais, foi você quem imaginou. — Ele fala, afastando as minhas mãos do meu rosto. — Você tem a mente muito suja, Mia. Que vergonha!

— Eu não tenho. — Me defendo, rindo e sentindo o rosto corar. — Mas a forma como você disse isso, soou quase perverso, Drew.

— Eu estava falando sobre minhas habilidades no vídeo game. — Ele desconversa, sem culpa. — Você joga?

Olho para ele com desconfiança, mesmo assim balanço a cabeça.

— Não, nunca tive a oportunidade.

— Eu adoraria te ensinar. — Ele exclama, ficando em pé outra vez.

— Tudo bem, seria divertido. — Concordo, tendo certeza de que não era sobre isso que ele estava falando antes.

Ele caminha pela cozinha e abre a grande geladeira de inox, inspecionando o seu interior com bastante concentração. Uma de suas mãos se espalma na porta e seus dedos tamborilam o aço. De repente, estou muito mais consciente dos seus movimentos. Ele tem lindas mãos, masculinas e fortes, dedos longos e...

— Frango ou carne? — ele pergunta, me olhando com inocência, sem fazer a menor ideia de onde os meus pensamentos estão.

Ajeito os meus cabelos e toco o meu pescoço, voltando a ordenar os pensamentos...

— Frango, Chloe não gosta de carne vermelha. — Me viro para encontrá-la ainda em pé em frente à tevê e muito cativada.

— Você bebe? — ele me sonda, tirando uma garrafa de vinho de vinho tinto da geladeira.

— Quase nunca, não me lembro da última vez que eu fiz isso.

— Você é do tipo que fica melancólica quando bebe?

— Na verdade eu fico muito alegre e falo tudo o que vem a minha mente.

— Tão diferente do que você é no dia a dia, parece assustador. — ele ri, entregando uma taça meio cheia para mim.

— Não sei se eu deveria beber. — Reflito, segurando a taça diante dos meus olhos. — Nem você, principalmente se for dirigir depois.

— Sobre isso, — ele me examina enquanto pensa e por fim, diz lentamente. — acho que você e a Chloe podem dormir aqui hoje.

Balanço vagarosamente a taça, olhando para o vinho dançando em suas bordas. Eu sabia que esse momento chegaria e na verdade, ansiei por ele. Mas será que estou preparada?

A minha falta de experiência em relacionamentos me faz questionar isso.

— Parece um passo muito grande, não sei se estou preparada para isso. — Murmuro, pousando a taça no balcão.

— Eu já dormi no seu apartamento. — Ele me lembra, sem se abalar com a minha recusa parcial.

— Por acidente, além do mais, não trouxe meu pijama.

— Posso te emprestar uma de minhas camisetas.

A forma com as palavras saem de sua boca, quase sussurradas e o jeito que ele me olha intensamente, esperando uma resposta minha, fazem o meu rosto pegar fogo. Desvio o olhar para a taça de vinho à minha frente e de repente o líquido vermelho parece imensamente convidativo.

*Eu amaria usar uma de suas camisetas...*

— Tudo bem. — Digo depois de um longo gole de vinho. — Podemos ficar.

— Ótimo, — ele bate as mãos no balcão. — agora você pode beber e me contar todos os seus segredos.

— Não beberei tanto assim. Mas o que você gostaria de saber?

— Você falou sobre sua mãe mais cedo. Vocês são próximas?

Levanto-me e vou até ele na pia, pegando uma pequena faca e começando a descascar algumas batatas que ele colocou na tigela. Por mais estranho que pareça, falar da minha mãe se torna ainda mais desagradável do que quando o assunto é o meu pai.

— Na verdade, eu falei sobre ela na noite em que nos conhecemos. — Respondo, apontando a faca para ele e o fazendo rir. — Você se lembra sobre a minha falta de sorte com meus pais?

—Talvez. — diz, ficando de lado e me observando. — Vocês duas têm uma relação ruim, então?

—Eu não diria isso, a nossa relação é muito boa. Se eu nunca lhe pedir atenção, dinheiro e amor; principalmente dinheiro.

—Você é uma pessoa tão cativante, não posso imaginar que alguém não queira lhe dar atenção, dinheiro e amor; principalmente amor.

Suas palavras me fazem rir, continuo me concentrando nas batatas, ignorando o fato de que meu coração está em festa com o que ele me disse, e principalmente com a forma que ele continua me olhando.

— A minha mãe não é má, ao menos eu gosto de acreditar nisso. Ela apenas... — paro um instante, buscando a palavra certa para defini-la. — ela não é do tipo maternal. Algumas pessoas não nasceram para ter filhos, e por um tempo eu me perguntei se eu não seria como ela.

— A Chloe caiu no seu colo de repente, e você tem sido a mãe mais maravilhosa que uma criança poderia ter. — Drew murmura, me abraçando por trás; deixando as mãos descansarem em minha barriga e o queixo em meu ombro.

— Ela é tão fácil de amar. Eu não quero que ela pense que não pode ficar doente, porque não terá ninguém para cuidar dela. Ou que ninguém colocará o seu desenho na geladeira e achará a coisa mais linda do mundo, mesmo que seja apenas um rabisco. — Viro meu rosto lentamente, para encontrar seus olhos intensos. — Ou que ela não poderá se apaixonar, porque se seu coração for partido, não terá ninguém para lhe consolar ou lhe comprar sorvete.

Eu sorrio para a minha última sentença, mas todo mundo sabe que sorvete é a melhor coisa para consolar um coração partido.

— Você se sentiu assim? — ele me estuda.

— Muitas vezes. — Suspiro. — A maior parte da minha infância, ao menos...

— Isso é muito triste, tenho certeza de que você foi a criança mais linda do mundo.

— Tenho certeza de que você é muito suspeito para falar isso agora. — Replico com um sorriso de lado, de repente me sentindo em uma sessão de terapia. — Mas vamos terminar logo esse jantar, antes que eu salgue o frango com as minhas lágrimas.

Ele me beija de forma carinhosa, antes de voltar à sua tarefa e eu tento deixar a atmosfera mais leve, lhe perguntando sobre suas habilidades no vídeo game.

Em meia hora, o nosso jantar a quatro mãos fica pronto, e eu vou até a sala para convidar Chloe a se juntar a nós. Drew arrumou a mesa na sala de jantar e sentamos os três, como uma verdadeira família, desfrutando de uma refeição simples; mas muito agradável. Acho que nunca tive um momento assim e fatalmente Chloe também não. Eu me sinto feliz de verdade.

— Não *quelo come cenoura*, Mi. — Chloe diz, afastando o legume laranja do seu prato e mordendo o frango em seguida.

— As bailarinas comem cenoura todo dia. — Murmuro de forma casual. — E brócolis também.

Eu sempre pontuo o quanto as bailarinas são gentis e educadas. Como elas gostam de dormir cedo e como elas tomam todo o seu copo de leite pela manhã, para fortalecer os ossos. Geralmente funciona muitíssimo bem quando desejo persuadi-la a algo.

—Mas, eu não gosto. — Ela insiste, com um pequeno bico.

Acho que ela fica adorável assim, por isso entendo os pais que não conseguem dizer não para alguém tão fofinho, quanto uma criança de três anos. Mas eu não posso ceder e fazer todas as suas vontades. Minha mãe me dizia que o mundo não me diria *sim* o tempo todo. Deve ser por isso que ela sempre foi a pessoa que mais me falou *não* até hoje.

— Coma só um pouquinho. — Peço com um sorriso, tentando lhe dar uma porção na boca.

Ela aceita, mas mastiga e engole com uma careta enorme, como se tivesse comendo limão, e toma em seguida um grande gole do seu suco de laranja, provavelmente para tirar o gosto ruim da cenoura. Tenho vontade de rir, mas me seguro, mordendo um pedaço do meu frango também.

— Você gostaria de aprender balé, Chloe? — Drew pergunta, depositando calmamente seu garfo sobre o prato. — Em uma escola de balé de verdade?

Os olhos de Chloe crescem tanto após ouvirem suas palavras, que eu acho que ela fica parecida com um anime japonês. Tão iluminados, que certamente manteriam o local com sua luz, mesmo se ficássemos sem energia.

—Eu *quelo*, Drew. — Ela balbucia quase sem mexer a boca, tamanho é o sorriso que se estampa em seu rosto.

*É claro que ela quer*, penso balançando a cabeça, e me virando para olhar para ele com punhais nos olhos.

Lógico, eu nunca usei esse olhar antes, mas ele era o favorito da minha mãe e estou tentando reproduzi-lo.

— Então você precisa comer todos os seus legumes e frutas a partir de agora. — Ele continua, ignorando por completo o meu olhar ameaçador. — Acha que consegue?

— Isso é chantagem. — Interpelo, sentindo vontade de espetá-lo com o garfo.

—Na verdade, é uma negociação. — Ele balbucia sorrindo, e tenho raiva de mim por achá-lo tão bonito. — Nunca ouviu dizer que os adultos não devem



discutir na frente das crianças?

Droga, ele tem razão... *Por que ele sempre tem razão?*

— Sim, eu sei. — Concordo com relutância.

— Eu posso Dew. — Chloe fala, mordendo o brócolis com alegria. — Até no café da manhã.

— Não precisa tanto, Chloe. — Emendo sem conter o riso.

— Continue com o cereal, mas tome todo o seu leite. — Ele aconselha, rindo também. — E comendo todos os seus legumes, ficará tão linda quanto a Mia.

— E tão inteligente quanto o Drew. — Completo, dando um pequeno chute em sua canela sob a mesa.

Ele apenas continua rindo, e volta a se concentrar em seu prato outra vez. Como mágica Chloe come todos os seus legumes, sem nenhuma careta. Ainda me sinto um pouco brava com Drew, embora seja difícil alimentar meu rancor diante da alegria de Chloe.

Enquanto ele fica na cozinha, lavando a louça como penitência pelo seu mau comportamento; subo com ela até o quarto de hóspedes. Eu a ajudo a escovar os dentes, usando a sua escova que sempre fica em minha bolsa, e a tirar sua *legging*, ficando apenas com sua camiseta. Faço uma pequena trança em seu cabelo, em seguida a ajeito na confortável cama de solteiro, deitando ao seu lado.

— Você gostou da creche hoje? — pergunto, segurando sua mão.

— Sim, foi muito legal. — ela diz baixinho.

*Legal* parece ser sua nova palavra favorita, tudo tem sido legal para ela ultimamente.

— O quê você fez, além de brincar no parque?

— Eu desenhei uma fada e uma *bailalina*.

— Isso é muito legal. — Digo sorrindo, eu também gosto de *legal*. — Você vai me fazer um desenho bonito, para eu colocar na geladeira?

— Sim, um monte, — ela responde com doçura. — uma fada e um castelo também.

— Eu mal posso esperar. — Me apoio em meu cotovelo, para olhá-la e toco gentilmente o seu rosto. — Você sente falta dos seus pais, Chloe?

— Não. — Ela nega, enterrando o rosto em seu urso.

— Nem um pouquinho? — insisto, tendo a estranha necessidade de falar sobre isso.

Ela descobre apenas os olhos, acenando com bastante veemência. Isso é algo que me intriga bastante.

Por que ela não sente falta deles? De seu único laço familiar?

Após a primeira semana passar, eu achei que ela fosse finalmente perceber que seus pais não voltariam e iria perguntar por eles, ou chorar por eles. Isso nunca aconteceu.

— Eu *quelo fica com você, Mi*. — Ela balbucia, tirando o urso do rosto. — Todos os dias... *pô favô*...

Como eu poderia lhe negar isso?

Nem em um milhão de anos, eu poderia lhe dizer não.

— Eu também quero. — Digo a abraçando. — Quero para te dar um milhão de abraços.

— E beijos também! — ela completa rindo.

— Sim, muitos beijos.

— Todos os beijos do mundo.

— Beijos molhados... — completo.

Eu afrouxo o meu abraço, mas não a solto totalmente, deitando-me ao seu lado e acompanhando os movimentos suaves de sua respiração. Depois de alguns minutos, ela dorme e eu me desvencilho calmamente, e a cubro em seguida.

Saio na ponta dos pés, deixando a luz do abajur acesa antes de descer e encontrar Drew na cozinha.

—Você quer me bater? — questiona, colocando o último prato no armário.

— Um pouco, um soco já me deixaria feliz.

— Nunca achei que você fosse violenta.

— Você me deixou com raiva. — Confesso, parando a alguns centímetros dele. — Não deveria ter dito aquilo para a Chloe.

— Você me disse que ela gostaria da escola de balé, apenas que não poderia pagar. — Recita calmamente, me puxando até ele, apesar da minha relutância. — E eu posso.

— Ela não é minha, Drew... Ela não é nossa.

Eu não quero magoá-lo com minhas palavras, embora fatalmente o faça, já que eu mesma me sinto mortalmente machucada por lhe dizer isso.

— Ela é sua desde o instante em que colocou os olhos nela. — Ele exclama com infinita segurança. — E ela tem sido nossa, desde o momento em que eu me apaixonei por você.

—Eu não quero ir longe demais, Drew... — sussurro, ignorando o fato de que ele acabou de confessar que está apaixonado por mim. — Não quero ir para um lugar, de onde eu precise voltar ferida e com um coração despedaçado.

—Não existe esse lugar, Mia. — Ele enfatiza sério. — Enquanto você estiver comigo, só existirá um lugar onde você e Chloe serão amadas e muito felizes.

— Eu tenho medo.

— Eu seguro a sua mão. Não é isso o que os namorados fazem?

— Entre outras coisas. — Rio, repetindo suas palavras e colocando as mãos em seu peito para olhá-lo, completo. — Você não estava falando sobre vídeo game mais cedo, não é?

— Isso você terá que descobrir sozinha. — Ele ri também, antes de me beijar.

*É lógico que ele não estava...*



**Doze**

**Mia**

**Drew** não estava mentindo sobre o vídeo game, ao menos não totalmente. Depois que a nossa discussão sobre a escola de balé foi resolvida, e esquecida com a ajuda de muitos, muitos beijos, nós nos sentamos na sala e jogamos *Mortal Kombat*. Melhor enfatizar que Drew jogou, e eu apenas perdi vergonhosamente.

Quem poderia imaginar que existiria tanta complexidade em um simples controle; tantos botões e comandos e eu sem nenhum jeito para isso. Porém, depois da minha terceira derrota, me descobri muito competitiva e ganhar ao menos uma vez de Drew, se tornou uma questão de honra. Claro que eu não consegui, mesmo após dez batalhas.

— Você é um péssimo namorado. — O acuso, jogando o controle no sofá. — Custava me deixar ganhar ao menos uma vez?

— Eu faria qualquer coisa por você, menos isso... É o meu ego de jogador que está em jogo.

— Eu treinarei dia e noite, então vou te humilhar e ferir esse seu ego de jogador para sempre. — Profetizo com muita seriedade.

—Você não tem tempo para treinar dia e noite. — Replica rindo. — Você nem ao menos têm um vídeo game; mas vou guardar essa ameaça e ansiar pelo dia em que irá cumpri-la.

—Você não acredita não é? — pergunto, tentando parecer ameaçadora, mas é claro que eu não consigo deixar de rir.

— É óbvio que acredito, mas também acredito nas minhas habilidades manuais. — Ele diz, ficando em pé. — Eu já te disse que tenho dedos mágicos, não disse?

—Meu Deus... cada vez que você fala isso, soa tão, tão pervertido. — Coloco a mão no meu pescoço, o sentido quente imediatamente.

— Nunca achei que você fosse tímida, mas se eu tivesse sendo pervertido você certamente saberia.

— Claro que sim, você é quase um santo, Drew. — Pego minha taça de vinho pela metade e vou para a cozinha. — Por que você faz com que eu me sinta uma adolescente boba?

— Eu não faço a menor ideia, mas se te serve de consolo eu também me sinto um pouco bobo perto de você, de uma forma que eu nunca me senti antes.

— Você já teve muitas namoradas? — me vejo perguntando sem querer.

— Algumas... — ele responde com uma careta. — E não, não precisa me contar sobre sua vida amorosa antes de mim.

— Eu não tive uma vida amorosa realmente, só um namorado no colégio...

—Eu não disse que não queria saber dos seus namorados? — ele me interrompe, me fazendo rir

—Namorado, apenas um. — Enfatizo, levantando o dedo indicador e me encostando à mesa. — Eu te fiz uma pergunta, você deveria ser educado e querer saber sobre mim também.

—Saber quantos caras, você já beijou? — ele exaspera quase dramático. — Não, obrigado.

—Não era exatamente isso. — Sorrio em minha taça, antes de tomar um pouco do meu vinho.

Ficamos em um silêncio confortável, o assunto de nossas vidas amorosas, esquecido de repente. Drew está logo à minha frente. As mãos no bolso da calça, enquanto ele me olha da mesma forma que fez quando me beijou pela primeira vez.

Sei que ele está pensando, se decidindo, provavelmente analisando minhas próprias emoções. Desnecessariamente eu diria; pois estou tão entregue a ele, que o deixaria me guiar entre espinhos, se ele pedisse.

Como da outra vez, eu acho que esse silêncio, essa espera são eternos. A taça ainda está em minhas mãos, a meio caminho dos meus lábios, que estão abertos involuntariamente.

Eu quero dar o primeiro passo, mas ele o faz antes que minhas pernas sequer funcionem; tão alheias ao comando do meu cérebro.

Ele tira a taça de vinho da minha mão e a pousa lentamente sobre a bancada. Meu coração de repente bate tão rápido, que posso ouvi-lo em minha cabeça. Eu me sinto ansiosa, enquanto meus olhos acompanham seus movimentos; cada um deles.

Existe uma força invisível entre nós, que emana dele e chega até mim, me prendendo, me imobilizando. Mesmo que eu queira dar um passo, recuar ou talvez avançar, ainda assim, me sinto presa. Quando ele segura minhas mãos, entrelaçando levemente seus dedos aos meus, me encosto ainda mais na mesa atrás de mim.

A madeira batendo em meu quadril, arrancando um pequeno suspiro dos meus lábios sem que eu possa conter. Suspiro que ecoa tão rapidamente pela cozinha, porque Drew logo me beija como se roubasse o pequeno sussurro que acabei de proferir.

Existem os beijos ternos e carinhosos, há também aqueles doces e apaixonados. Talvez nessas semanas em que nós estivemos juntos, tenhamos compartilhado todos os tipos de beijos. Por esse motivo eu digo que esse beijo agora é único, um beijo carnal, visceral. Quando parece que quem te beija quer te devorar, capturar a sua alma e possuí-la por completo.

É como um passeio na montanha russa. Eu abro a minha boca e deixo Drew me consumir, ao mesmo tempo em que eu quero o mesmo... Possuir seu coração e corpo.

Sem interromper o beijo, solto minhas mãos das suas e subo pelos seus braços, parando no colarinho de sua camisa. Meu agarre é firme, quase desesperado. Ele está tão perto de mim, seu corpo colado ao meu e ainda assim eu preciso de mais.

Não sei como e sequer me importo, mas agora estou sentada na mesa. Minhas pernas se abrem para se enroscarem na cintura de Drew. Suas mãos se

emaranham em meu cabelo, em um aperto suave, para logo depois tocarem minha nuca. Quase ao mesmo tempo, sua boca abandona a minha e trilha um caminho de beijos e pequenas mordidas pelo meu queixo e pescoço.

Eu me sinto febril, meu corpo anseia por seus toques e beijos com tamanha intensidade, como se eu jamais tivesse sido tocada antes. Como se tudo fosse novo, como se eu também estivesse me encontrando, me conhecendo.

Ele afasta meu cabelo e morde a minha orelha, espalhando milhões de pequenos arrepios pela minha pele. Um gemido meu ecoa pelo silêncio, morrendo rapidamente em seu ombro, quando eu me inclino para beijá-lo também. Minhas mãos são trêmulas, mas conseguem desabotoar sua camisa e tirá-la com bastante eficiência. Acaricio seu peito, enquanto beijo sua garganta, o calor da sua pele tocando a minha língua e aquecendo todo o meu corpo.

Quando beijo seu queixo, nossos olhos se encontram outra vez. Milhões de palavras não ditas, em um único olhar. Os meus fatalmente refletem os seus.

Sorrio em seus lábios, passando lentamente a língua sobre eles; em uma tortura doce e lenta. Ele morde a minha boca, antes que eu termine, apertando-me ainda mais em seu corpo e me tirando da mesa em um impulso rápido.

Sua camisa fica pelo caminho, meus sapatos também. Tenho vontade de rir, enquanto ele sobe as escadas no escuro, comigo em seu colo como se eu não pesasse nada.

Ele empurra a porta com o pé assim que chegamos em seu quarto e me pousa lentamente sobre a cama, meu cabelo bagunçado se espelhando pelos seus travesseiros. Drew paira sobre mim por alguns segundos, talvez minutos, eu não sei, o tempo deixou de existir assim como tudo ao nosso redor.

Eu espero, antecipando, ansiando, as borboletas revoltas em meu estômago fazendo eu me sentir mais viva do que nunca. Seus olhos passam pelo meu corpo ainda vestido e eu os sinto como toques, carícias invisíveis. Mordo meu lábio inferior, quando Drew deita sobre mim. Não totalmente, mas o bastante para eu sentir seu calor novamente.

Coloco minha mão em seu pescoço, puxando o até mim para beijá-lo. Ele corresponde ao meu beijo com paixão, uma das mãos em meu rosto, enquanto a outra viaja pela minha coxa sob meu vestido, apertando e subindo até parar em meu quadril. Seus dedos passam pela lateral do meu corpo, levantando o tecido leve da minha roupa pelo caminho.

Minha barriga está desnuda agora, expondo minha calcinha de renda rosa e os arrepios perceptíveis em minha pele, quando ele contorna meu umbigo com a ponta dos dedos.

Talvez ele queira fazer isso lentamente, mas eu tenho pressa, desespero e uma necessidade imensa de sentir sua pele contra a minha.



Desajeitadamente eu me afasto dele e seguro a barra do meu vestido, o puxando com pressa pela minha cabeça, e o jogando no chão em seguida. Agora estou em meus joelhos e Drew deitado de costas, o sorriso mais lindo do mundo em seu rosto. Ele gosta do que vê e eu gosto de saber que o agrado. Mordo o meu lábio, engatinhando através do pouco espaço que nos separa. A sua mão se espalma em minha barriga e meus dentes se afundam um pouco mais em minha boca. Tenho medo dos sons que possam escapar dela, se eu permitir. Sento-me sobre ele e o encaro, tirando meu sutiã com o máximo de graça que eu consigo no momento.

— Eu sabia que você não era tímida. — ele balbucia com voz rouca, apertando a minha cintura com ambas as mãos.

— Eu nunca disse que era... além do mais... — me inclino sobre ele, para beijar o canto da sua boca. — você me deixa à vontade, como se tudo o que fizéssemos fosse natural, e inegavelmente certo.

— Nada no mundo foi tão certo, Mia, quanto você e eu, aqui e agora.

Acho que morri e fui para o céu, no momento em que suas mãos tocam os meus seios. É tão maravilhoso, elas se encaixam perfeitamente neles. Drew os toca com infinita gentileza a princípio, depois com mais força, passando o polegar por cada um, me fazendo gemer em resposta aos seus toques. Toques que são cheios de reverência e amor, mas também sensualidade.

Ele me surpreende, me virando rapidamente, ficando sobre mim outra vez, suas mãos ainda em meus seios. Eu o beijo uma e outra vez, me perdendo em seus lábios e deixando que sua boca capture meus gemidos de luxúria e perdição.

Sua boca substitui sua mão, deslizando a sua língua por um dos meus mamilos.

— *Oh*, isso é bom... — eu cantarolo, já não me preocupando em conter os barulhos que saem da minha boca.

Ele aprecia a minha confissão com um sorriso em meu seio, o tomando totalmente em sua boca e o fazendo o mesmo com o outro em seguida. Sua boca me explora sem cuidado, beijando, mordendo, me enlouquecendo.

Eu comparei meus sentimentos por Drew, como estar à beira de um precipício e agora, mais do que nunca, essa premissa é verdadeira. Estou com os

dois pés na ponta de um abismo e sem o menor medo de cair, na verdade eu quero me jogar de costas e me deixar dominar pela sensação de voo livre.

Seu cabelo faz cócegas em minha pele, quando ele começa a beijar o vale entre meus seios e a descer pela minha barriga. Beijos que queimam e são acalmados pela sua respiração, logo em seguida. Ele para em meu quadril, levantando o rosto levemente para me olhar com um meio sorriso. Então ele engancha os dedos em minha calcinha e a tira lentamente, passando pelo meu quadril, coxas e pernas.

Estou nua, seu olhar em mim aquecido; fazendo com que eu me sinta única, a última mulher em toda a Terra. Ele deposita um beijo de boca aberta, molhado, sobre a minha pélvis e eu tenho quase certeza que estou à beira da morte agora. Mal posso manter os olhos abertos, mas Drew me hipnotiza e me obriga a olhá-lo. Minhas mãos suadas se agarram ao lençol abaixo de mim, enquanto a mão de Drew toca o meu joelho. Seus dedos são tão sutis como plumas, mas queimam como brasas. Nunca achei que o joelho fosse uma área tão erótica, mas estou totalmente sem fôlego somente com o aperto dos seus dedos. Seu toque vai de gentil a possessivo, quando a sua mão viaja pelo interior da minha coxa. Meus joelhos se afastam involuntariamente, fazendo o desejo do meu corpo que anseia ser tocado mais intimamente. Estou tão exposta e deveria estar envergonhada, mas não estou. Na realidade, eu adoro o poder que exerço sem esforço sobre esse lindo homem. Porque sim, sou a única pessoa nua nesse quarto, mas é notável que controlo toda a situação. Eu me sinto linda e preciosa, e essa é a primeira vez em minha vida, que não tenho dúvida alguma. Nem uma ínfima partícula dela.

Meu peito sobe e desce em uma respiração descompassada, ao mesmo tempo em que meus olhos digitalizam seus movimentos. Posso ver os seus olhos se fecharem lentamente quando ele beija a pele macia em minha coxa. É um beijo rápido, de boca fechada e eu quase lamento o pouco contato que sua boca tem com a minha pele. Mas não há tempo para isso, pois sua língua se arrasta pelo mesmo lugar, me surpreendendo. É um movimento deliberadamente lento e me enlouquece por completo. Seus beijos e mordidas se espalham por toda a pele livremente exposta a ele e então a sua respiração sopra em minha virilha. Prendo instintivamente a minha respiração e antes que possa livremente liberá-la outra vez, sua boca está em meu sexo. Cerro os olhos e luzes coloridas se espalham sob a minha pálpebra. Arqueio minhas costas e gemo, enquanto a sua boca e língua me exploram. Eu apenas me deixo ir, indecisa entre agarrar os seus cabelos ou segurar os lençóis sob o meu corpo. Consigo, milagrosamente, fazer as duas coisas. Uma mão em seu cabelo, ao mesmo tempo em que meus quadris moem ousadamente contra o seu rosto. Eu quase não me reconheço e o prazer é

muito maior do que posso suportar, mas me sinto viciada. A cada movimento seu, meu corpo se esvanece um pouco mais e quando dois de seus dedos encontram o caminho para dentro de mim e trabalham em conjunto com a sua boca; tenho certeza que morri, mas é a morte mais doce do mundo. Abro os olhos, os fogos de artifício sobre o seu teto, as minhas duas mãos agora em seu cabelo e a sua mão espalmada em minha barriga, me obrigando a ficar e me entregar por inteira... Então sei que ainda estou viva, *estou muito viva...*

Minhas pernas tremem, meus pés se espalham um pouco mais sobre o colchão, sua boca quente sobre mim e seus dedos hábeis e mágicos... *Sim, eles são mágicos.* Fecho os olhos novamente e gozo, sentindo quase como se minha alma saísse do corpo brevemente e voltasse em seguida. A boca de Drew trabalha sobre o meu corpo, fazendo o caminho inverso, parando em meu queixo. Sinto a sua respiração contra a minha, antes que sua mão toque o meu rosto e afaste o braço que coloquei sobre os olhos fechados. Estou derretida, e aparentemente sequer tenho forças para abri-los, ainda assim, o faço de forma lenta. Meus olhos encontram os seus e ele sorri em meus lábios, satisfeito por ser o motivo da minha languidez e saciedade.

— Linda! — ele murmura, me beijando suavemente e se afastando em seguida.

Minha voz não encontra a sua força para lhe replicar o elogio. Contudo, a forma como meus olhos preguiçosos acompanham os movimentos de suas mãos enquanto ele termina de se despir; certamente fazem a vez das palavras.

Ele é tão lindo, eu posso facilmente olhá-lo para sempre e acreditar que não existirá nada mais apaixonante. Ele pega um preservativo da gaveta ao lado da cama, e o coloca vagarosamente antes de voltar para mim. Abro os braços para recebê-lo com amor. Nossos olhos nunca se deixam, presos como imã e aço.

Suas mãos em meu quadril, me puxando de encontro ao seu corpo e então ele desliza para dentro de mim em um único impulso; roubando o ar dos meus pulmões, e me levando até as alturas mais uma vez.

Ele para por um instante e me olha intensamente... Como se eu pertencesse a ele e dentro do meu coração, eu sei que isso é verdade. Sou sua e não quero voltar atrás. Drew se inclina sobre mim, mordendo um ponto em meu ombro e se mexe languidamente, entrando e saindo... Uma, duas, três vezes...

Gememos, sussurramos, nos perdemos um no outro; entre beijos e carícias íntimas. Tudo entre nós sempre fluiu de forma exata, como se nossos corpos e bocas se conhecessem, antes mesmo que nos encontrássemos.

Ele se mexe com mais rapidez, apertando com muito mais força o meu

quadril; seus dedos quase se fundindo a minha pele.

Finalmente eu fecho os olhos, me sentindo voar... Sim, estou voando e sem nenhum medo; seus braços são tão seguros e se eu cair, será diretamente neles.



**Treze**

**Mia**

A luz fraca da manhã toca meu rosto suavemente, embora seja a última coisa que queira nesse momento; abro lentamente meus olhos. Desvencilho-me com calma dos braços de Drew que cercam minha cintura, e saio da cama.

Ele dorme tranquilamente, então ando na ponta dos pés pelo quarto, recolhendo nossas roupas ao redor e as deixando sobre a poltrona do canto. Sorrio, ao vestir a minha calcinha, depois de encontrá-la jogada em um canto. É óbvio que guardá-la em um local adequado, não foi a nossa preocupação ontem à noite.

Não quero colocar meu vestido outra vez, sendo assim; abro a primeira gaveta de sua cômoda e solto um suspiro de alívio ao encontrar dezenas de camisetas dobradas. Mantenho o sorriso, ao constatar o quanto Drew é mais organizado que eu. Escolhendo a primeira que vejo, eu a visto rapidamente e saio do quarto.

O relógio do corredor me diz que são seis e quinze da manhã, cedo demais para Chloe estar acordada. O que é uma bênção. Eu detestaria que ela acordasse sozinha, em um lugar diferente, já que temos dormido juntas desde que ela chegou.

Tentando ser o mais silenciosa possível, abro a porta do quarto de hóspedes e a encontro exatamente como deixei; abraçada a seu urso e dormindo como um anjo. Deito a seu lado, puxando as cobertas sobre nós e aspirando seu doce perfume e volto a dormir.

Drew está pairando sobre mim quando volto a acordar. Não sei quanto tempo dormi, mas foi o suficiente para Chloe ter acordado e já não estar mais ao meu lado na cama.

— Que horas são? — pergunto, me sentando bruscamente e tirando o cabelo bagunçado do meu rosto.

—Nove horas.

—E a Chloe? — não posso deixar de franzir a testa, por ter dormido tanto tempo.

— Na sala. — Ele fala sorrindo. — Ela já tomou o café da manhã e agora está assistindo.

— Você deveria ter me acordado.

Ele se senta ao meu lado, me puxando até ele e tocando meu cabelo, antes de me beijar.

—Você parecia tão feliz dormindo, então não quis acordá-la.

—Eu tenho absoluta certeza de que pareço feliz quando durmo. — Digo rindo, tocando suavemente o seu rosto. — Livros, chocolate e agora me deixa dormir; você certamente é o homem dos meus sonhos.

—Isso me deixa muito feliz, e se eu não fosse; — ele sussurra em meu ouvido. — daria um jeito de me tornar.

Sorrio em seu ombro, beijando o seu pescoço, me endireitando em seguida para voltar a encará-lo.

—Por que você está vestido assim? Hoje é sábado. — Ajeito sua gravata cinza, esperando sua resposta.

— Preciso trabalhar um pouco, desculpe. — Ele lamenta. — Comecei um novo caso e isso tem consumido grande parte do meu tempo.

— Claro, me dê cinco minutos, — me desvencilho dos seus braços e coloco um dos pés no chão com pressa. — e você pode nos levar para a casa.

—Eu quero que vocês fiquem. — Fala, me segurando pela cintura e não me deixando sair da cama. — Fique com a Chloe, eu serei o mais rápido possível.

—Ficar aqui sem você? — eu espreito, arqueando as sobrancelhas. — O

que faríamos sozinhas aqui o dia todo?

— Existe uma infinidade de possibilidades. — Ele diz, mordendo minha orelha e não me permitindo pensar direito.

—Mas não temos roupas, não posso ficar assim o dia todo. — ofego, apontando para a sua camiseta que estou vestindo.

—Não vejo problema algum, — ele sorri aparentemente muito feliz em me ver com a sua roupa — mas eu posso passar no seu apartamento e pegar algumas peças.

— Sinceramente? — pondero, olhando para um ponto logo atrás da sua cabeça. — Não sei se quero você perto das minhas calcinhas.

— Acho que é um pouco tarde para me dizer isso. — Replica com um meio sorriso, segurando o meu queixo e me forçando a olhá-lo. Como ele pode ficar tão lindo, apenas sorrindo assim?

— Tão engraçadinho Drew. — Brinco, beijando o seu sorriso. — O quê aconteceu com o policial sério, que nem gostava de sorrir?

— Ele ainda está aqui, mas você desperta o melhor em mim... ou o pior, você decide.

— Eu diria que é uma mistura dos dois. — Fico em pé e o puxo também. — Mas que seja, vasculhe meus armários e descubra todos os meus segredos.

— Eu iria só trazer a roupa, mas já que você colocou assim, parece muito mais interessante agora.

Dou risada, caminhando para fora do quarto, com ele ao meu lado, segurando a minha mão.

Chloe nos vê logo quando piso no topo da escada e deixa o que estava fazendo de lado, para correr ao nosso encontro. Uma folha de papel pende de sua mão esquerda e balança de forma engraçada, enquanto ela corre.

— Olha o que eu desenhei Mi. — Ela diz ofegante, me estendendo o desenho.

Olho para o seu rosto tão sorridente e feliz, antes de me concentrar no desenho. Três bolinhas com grandes olhos e pernas, e braços muitos longos. Tem uma diferença de tamanho entre elas, a pequena, a média e a grande. Eu deduzo ser; Chloe, eu e Drew. Tem também uma nuvem e um Sol, muito bem desenhados para uma criança de três anos.

— Somos nós? — pergunto a pegando no colo e deixando que suas pernas circulem a minha cintura.

— Sim, você *gosto*? — ela questiona com ansiedade.

— Está lindo e você me fez muito mais alta. — Pontuo sorridente. — Agora o Drew está idêntico, quase um auto-retrato.

Ele ri atrás de mim, colocando a mão na minha cintura para olhar o desenho também.

— É verdade Chloe, está muito parecido. — Ele concorda, piscando para ela. — Talvez eu deva começar a malhar mais os braços a partir de agora.

— Não se atreva a ficar mais bonito. — falo, colocando Chloe no chão e deixando com que volte para os seus desenhos.

Ele balança a cabeça, vestindo o terno deixado no sofá, de uma forma tão fascinante; que faz meu coração bater muito mais rápido agora.

— Vou tentar. — ele fala, vindo até mim. — Mas isso vale para você, embora pareça impossível... você está muito mais linda hoje.

— Isso é porque eu estou muito mais feliz hoje. — replico, ficando na ponta dos pés para encostar o meu rosto ao seu. — A felicidade reluz!

O beijo suavemente e o abraço forte, querendo que seu perfume cítrico permaneça em minha pele por todo o dia, afastando a saudade que sem dúvidas sentirei dele.

— Preciso ir. — diz me beijando uma última vez.



Eu me apresso em pegar as minhas chaves na bolsa e entregá-las a ele, enquanto ele se despede de Chloe também. Eu lhe recomendo rapidamente, o que ele deve trazer, além de explicar onde tudo está.

— Tchau, minhas lindas meninas! — ele exclama quando para na porta e se volta para nos olhar.

— Tchau, meu lindo policial! — devolvo, torcendo a barra da minha camiseta.

A porta fecha e eu corro para a janela, ficando parada ao lado dela e esperando o seu carro sumir na rua. Então, caminho até a cozinha e encho uma caneca muito grande de café.

Volto para a sala e me sento ao lado de Chloe no tapete, ela ainda continua distraída com seus papéis e lápis coloridos.

— Drew penteou o seu cabelo? — pergunto, soprando a fumaça do meu café.

— Sim, ele conseguiu. — Ela conta, balançando seu rabo de cavalo para mim.

*Uau...* Eu estou muito, muito impressionada e não posso deixar de sorrir ao imaginar a cena. Acho que me apaixonei um pouco mais apenas em meus pensamentos.

Meu Deus; *preciso me casar com esse homem.*



Olho ao redor, depois de terminar o meu café da manhã, ainda vestida com a camiseta de Drew, mas com os cabelos penteados e presos como os da Chloe.

Acho que nunca tive tanto espaço livre assim para brincar quando era criança. A casa de Drew é imensa, se comparada a todos os lugares que já morei. Então eu me permito voltar à infância ao lado de Chloe, enquanto exploramos cada canto da casa, em uma grande aventura. Deslizamos pelo piso de madeira, com nossas meias; assim como Tom Cruise em *Negócio Arriscado*, e é como ter cinco anos outra vez, ou melhor que isso. Mesmo que eu caía algumas vezes,

nunca deixa de ser divertido.

Dançamos *I Wanna Dance Somebody*, em cima do sofá, enquanto eu canto alto. Essa é a música que mais lembra a minha infância, já que era a favorita da minha tia e ela a ouvia constantemente, quando morávamos juntas.

Almoçamos batatas fritas e nuggets, porque hoje é sábado e podemos esquecer os vegetais por um dia... *Não conte ao Drew.*

Deixo Chloe pentear o meu cabelo e fazer uma longa trança, ou algo que lembraria uma trança. Mas eu não me importo. Ver o sorriso dela ao observar sua obra de arte, é tudo o que preciso para sorrir também.

— Podemos fazer biscoitos. — Digo, caminhando saltitante até a cozinha e vasculhando tudo, em busca dos ingredientes.

Sim, eu não tenho problema algum em me sentir à vontade agora.

— Sim. — Chloe já está ao meu lado, com olhos brilhantes. — Eu gosto de biscoito, Mi.

— Quem não gosta de biscoitos? — pergunto com uma voz divertida. — Todo mundo gosta.

Talvez Drew não goste, mas ele pode gostar dos meus...

Ajeito todos os ingredientes na bancada e coloco Chloe sentada ao meu lado, me sentindo em meu próprio programa culinário.

Pego uma grande tigela e deixo Chloe colocar a farinha. Ela o faz com muita pressa e espalha a poeira por todo o seu rosto.

— Mais devagar. — explico, depois de rir e limpar o seu rosto. — Vamos fazer com muito carinho, para o Drew.

Ela assente e eu volto a quebrar os ovos, entregando um por um para ela. Alguns minutos de silêncio e concentração, e a nossa massa está pronta. Deixo Chloe montar os seus biscoitos, assim como tento fazer algo divertido com os meus.

Ela está tão concentrada, suas pequenas mãos amassando e cortando a massa com um copo, assim como eu lhe ensinei. É como brincar de massinha e ela parece feliz ao fazer isso.

Existem dezenas de pequenos momentos ao lado de Chloe, que eu gostaria de ter vivido com minha mãe. Esse certamente é um deles. Talvez seja

por isso, que significa tanto para mim fazê-la feliz. Criar tantas memórias alegres e ser para ela, a mãe que eu mesma nunca tive.

— Quando eu tinha oito anos, nosso pai Joseph, me deu um conjunto de chá de princesas. — Conto, me debruçando no balcão depois de colocar minha forma no forno. — Foi durante muito tempo, o meu brinquedo favorito no mundo.

Não sei se ela realmente entende o que estou dizendo e eu mesma não sei ao certo porque comecei a contar essa história.

— Eu gosto de *pincesas*. — ela diz, colocando seu último biscoito na forma. Uma espécie de anjo esmagado.

Talvez, *princesa* tenha sido a única palavra que ela ouviu em tudo o que eu lhe disse.

— Eu também gosto, elas são sempre felizes. — Suspiro, olhando para o bonito teto de gesso. — Eu sempre quis ser uma princesa.

Era tudo o que eu queria quando pequena, ser uma princesa e fugir para bem longe. Antes de conhecer o meu pai, eu imaginava que ele fosse um lindo e rico rei. Claro que bastou um único olhar para ele e eu soube que estávamos muito longe da realeza e minha mãe era mais como a *Bruxa Má do Oeste*.

— Todas as tardes, eu me trancava no quarto com meu jogo de chá para brincar, eu nunca enjoava. — Relembro, colocando a sua forma no forno também. — Quando estiver maior, eu irei lhe comprar um e você irá adorar.

Lógico que eu adoraria dar o meu para ela, principalmente por ter sido o único presente significativo que nosso pai já me deu. Entretanto, é impossível, já que minha mãe o vendeu para um brechó, quando eu tinha onze anos e já estava crescida demais para gostar de coisas bobas. Suas palavras, não minhas...

—Você é uma *pincesa*, Mi. — Ela sussurra, beijando meu rosto quando eu a seguro.

—Você também é Chloe. A mais linda de todas.

—O Dew é um *píncipe*? —ela pergunta, encostando o nariz no meu.

— Com toda certeza. — Afirmo sorrindo — Ele é o único príncipe que eu já conheci.

Talvez ele seja até mesmo um rei, seu coração certamente é nobre o suficiente para classificá-lo como tal.

Lavo as mãos de Chloe, antes de deixá-la descer do meu colo e correr até a tevê. Olho para o forno mais uma vez, sabendo que os biscoitos assam com bastante rapidez e eu não quero que eles queimem. Estou bastante absorta em minha tarefa de vigia, quando a porta se abre.

— Será que estou na casa certa? — Drew pergunta, a sua voz soando às minhas costas, enquanto seus passos ecoam pela cozinha.

Viro-me lentamente para ele, puxando um pouco mais a minha camiseta até os joelhos. Seus olhos acompanham os meus movimentos e param em minhas coxas. Não sei se meu rosto está quente do calor do forno ou do seu olhar ainda mais aquecido.

— Eu não sei moço, estávamos passando pela rua e decidimos entrar. — Brinco, com uma piscadela. — Será que você nos deixaria ficar?

— Ainda estou em dúvida; — ele murmura, caminhando até mim. — talvez alguns beijos possam me persuadir.

Mal tenho tempo de rir, antes que ele me tire do chão e me beije como se não fizemos isso há meses. Coloco minhas mãos em seu pescoço, surpresa, mas o beijo com a mesma intensidade. Afinal, eu senti muito a sua falta também.

—Você pode ficar por enquanto... — fala sorrindo em meus lábios e me coloca outra vez no chão, se afastando um pouco para olhar meus pés. — Essas meias são minhas?

— Sim, eu estava com frio. — Ele não precisa saber que eu as usei para deslizar pela casa. — Você trouxe as minhas roupas?

— Sim, estão no carro.

— E como foi vasculhar os meus armários?

— Fiquei no seu apartamento por três minutos. — Conta, abrindo a geladeira. — Não tive tempo para isso.

— Desperdiçou sua oportunidade, eu xeretei em cada cômodo da sua casa.

Ele ri, quase se engasgando com a sua água, então a deixa no balcão e me segura outra vez.

— Sem problemas, Mia, eu não tenho segredos. — Ele balbucia. — E se tivesse, saiba que contaria todos para você, com todo o prazer.

*Eu já disse que preciso me casar com esse homem?*



Drew pediu pizza para o jantar e comemos nossos biscoitos com sorvete, como sobremesa. Talvez eu não consiga entrar no vestido que cheguei, quando for embora.

Foi divertida a forma como Drew fez Chloe rir, ao tentar adivinhar o que seriam os nossos peculiares biscoitos. Eu apenas os observei, achando incrível o fato de que ela finalmente se pareça com uma criança de sua idade, falante e divertida. Isso me encheu de orgulho, de mim mesma, mas principalmente de Drew, por ele estar tão envolvido nessa situação quanto eu.

Chloe desmaiou após o banho, certamente esgotada pelas dezenas de vezes em que ela subiu e desceu as escadas hoje. A deixo dormindo no quarto de hóspedes. Tomo banho também e volto para o quarto de Drew. Tiro as roupas que ele me trouxe da sacola, sacudindo a cabeça com um pequeno sorriso no rosto, ao levantar a camisola que ele escolheu para mim.

Eu poderia não vesti-la, poderia apenas colocar outra de suas camisetas e deixar a camisola na sacola, mas ele teve tanto trabalho em trazê-la e eu não quero desapontá-lo.

Penteio meus cabelos, adorando o fato de que eles cheiram a Drew, por eu ter usado seu shampoo, e vou encontrá-lo no outro quarto que funciona como escritório. Ele está muito concentrado, digitando algo em seu computador, quando eu paro na porta.

— Escolha muito interessante a sua. — Falo, erguendo minha mão e me encostando ao batente, em uma falha tentativa de parecer sensual... Eu devo estar engraçada. — Eu nem me lembrava dessa camisola, Drew.

Seus olhos abandonam rapidamente o monitor, para se concentrarem em mim. Primeiro em meu rosto e cabelos molhados, depois descem lentamente pelo decote transpassado da minha camisola de seda preta, que é tão curta, que mal cobre o início das minhas coxas.

— Que bom que eu a encontrei então, ela fica muito melhor que a minha camiseta. — Ele ri de forma debochada, estendendo a mão para que eu vá até ele.

Tento caminhar com o máximo de graciosidade possível, mas acabo rindo de mim mesma, durante o percurso. Suas grandes mãos circulam a minha cintura, antes de me colocarem sentada na mesa, diante dele.

—Você vai me deixar louca, sabia? — murmuro, acariciando seu cabelo, quando ele coloca a cabeça em minha barriga.

Ele ri, me prendendo assim por algum tempo e eu nunca deixo de tocá-lo. Ele parece sereno, em paz e eu acho que ele vai me dizer algo a qualquer momento, mas quando ele finalmente volta a me olhar, ele apenas sorri, antes de ficar em pé e me beijar com paixão.

—Eu já me sinto assim, desde que te conheci... — ele sussurra em meus lábios. — Completamente louco, Mia... Louco por você!



Quatorze

Drew

**Estou** girando um lápis entre os meus dedos há alguns minutos, ao invés de trabalhar. Existem pilhas de documentos em cima da minha mesa, sobre os quais eu deveria me debruçar e depositar toda a minha atenção; mas eu simplesmente não consigo.

Não consigo deixar de pensar em dois pares de olhos verdes que se tornaram todo o meu universo. Eu, que sempre fui tão centrado, jamais me imaginei deixando meu trabalho de lado para apenas me lembrar de alguém. Sonhar com alguém. Distanciar-me por completo do meu foco e de minhas responsabilidades.

Faz apenas uma hora que deixei Mia em seu trabalho e já sinto saudades dela e da Chloe. É incrível como alguém pode chegar e tomar conta de tudo, se instalar e se tornar essencial.

Eu não queria que elas fossem embora, e tenho certeza de que quando eu voltar para a casa hoje à noite, ela parecerá mais vazia e solitária do que nunca.

Eu queria pedir para a Mia ficar.

Então o que ela diria, se eu lhe dissesse que assim que voltei para a casa e abri a porta para encontrá-la; isso se tornou de repente tudo o que eu quero para a minha vida?

Ela fatalmente me acharia louco. E sim, isso vai contra toda a lógica humana. Amar alguém em tão pouco tempo, não faz sentido, eu sei. Não faz sentido para mim também, e a minha parte sensata precisa buscar uma razão a cada instante. Afinal, eu sou o cara que sempre disse ao Adam para ir com calma, preciso agora ficar repetindo isso a mim mesmo o tempo todo.

A porta se abre repentinamente, me fazendo derrubar o lápis no chão, abaixo-me para pegá-lo, antes de olhar para a pessoa que encontrou.

— Você deveria bater antes de entrar. — Resmungo a Thompsom, depositando o lápis sobre a mesa.

— Eu bati. — Ele replica, se esparramando na poltrona diante de mim, como sempre faz. — Talvez baixo demais, para você ouvir através dos seus sonhos.

— Engraçado, muito engraçado. — Deixo os cotovelos sobre a mesa para encará-lo. — O que você quer?

Nós sempre trabalhamos juntos. Desde que entrei para o DEA; há cinco anos, Thompson tem sido o meu parceiro. Ele é alguns anos, mais velho do que eu e mais experiente também, embora eu seja visivelmente mais inteligente, e não estou sendo egocêntrico ao pontuar isso. Esse fato nos igualou ao longo dos anos e a nossa parceria funcionava muito bem, antes que eu quebrasse o ciclo ao abandonar o caso Balzer. Agora pela primeira vez, estamos trabalhando em casos diferentes e Thompson parece não gostar disso, e que se dane, se eu me importo.

— A visita da sua namorada ao pai, está programada para amanhã, às duas. Desculpe, mas consegui apenas vinte minutos.

— Está ótimo, obrigado. — Poderiam ter sido apenas cinco minutos, eu odeio essa ideia da Mia pisar em um lugar como aquele. — A propósito, ela tem um nome, sabia?

— Para mim ela sempre será a sua namorada. — Ele fala, passando a mão sobre o cabelo loiro curto. — Ou a filha de Joseph Anderson.

Eu sei que ele não aprova meu relacionamento com a Mia e certamente me diria isso, se não soubesse que eu lhe daria um tiro no pé.

— Até onde eu sei as pessoas ainda não escolhem os próprios pais. — pontuo com calma, mas sério. — E não me venha falar nada relacionado à Mia, com essa cara de escárnio, senão serei obrigado a quebrar o seu nariz.

— Eu quase me sinto inclinado a deixá-lo tentar. — Ele debocha, rindo. — Me desculpe, não é que eu não goste dela, mas é que a ideia em si me parece errada.

— Me desculpe, mas eu dei a impressão de que me importo com o que



você pensa?

— Em nenhum momento. — Ele balança a cabeça, mantendo o olhar firme.

—Exatamente, eu não dou a mínima. — Emendo. — Então não gaste a sua preocupação comigo.

Ficamos em silêncio e eu volto a pegar o lápis e a girá-lo outra vez, é terapêutico. Eu odeio que me digam o que fazer; não que alguém tenha realmente coragem de fazê-lo. Eu tenho minhas próprias convicções e quando decido que algo é certo, ninguém consegue me fazer mudar de ideia. E como eu disse à Mia, nada nunca foi tão certo quanto nós dois juntos.

— Você estava lá quando nós encontramos a Chloe? — pergunto apenas para constar, ele estava ao meu lado.

— Claro que sim, você sabe disso. — Ele responde sem entender.

— Então você viu como ela vivia. Como ela estava tão sozinha e negligenciada. Ela sequer se importa com seus pais, porque eles nunca se importaram com ela.

— Eu sei disso. Por que você está tocando nesse assunto agora?

— Quando ela crescer, você irá julgá-la por isso? — pergunto — Condená-la pelos erros dos seus pais? Algo sobre o qual ela nunca teve controle algum.

— É óbvio que não. — ele nega.

— A Mia foi como a Chloe um dia, e ela sequer teve a sorte de encontrar alguém que a amasse quando criança. — Me encosto à cadeira, para olhar para ele. — Então não se sinta no direito de julgá-la, porque nós teremos grandes problemas.

Ele fica quieto, me olhando com as sobrancelhas levantadas e os braços cruzados por um tempo. E quando finalmente eu acho que ele dirá algo sério, ele simplesmente começa a gargalhar feito um louco. Tão alto, que eu acho que

pode ser ouvido além das paredes do meu escritório.

— Você está tão apaixonado! — ele exclama, entre risos. — E muito, muito ferrado.

— Você não tem uma vida para cuidar? — pergunto, jogando o lápis nele.

— Talvez eu tenha, mas a sua vida tem sido muito mais interessante.

— Estou ocupado. — Murmuro, apontando para os papéis em minha mesa.

—Ok, — ele balbucia. — já irei começar a escolher meu smoking para o casamento.

— Quem disse que você será convidado? — arqueio as sobrancelhas para a sua cara alegre.

Ele se levanta rindo e ainda posso ouvir sua risada, mesmo depois de fechar a porta. Pensando bem, talvez eu realmente deva considerar a ideia do tiro; ele tem merecido.



Chloe estava reluzente, quando eu a encontrei com Mia àquela noite. Eu estava me afogando em trabalho e fiquei muito frustrado por não poder buscá-la na creche àquela tarde, muito menos levá-las para casa. Mas sua alegria evidente foi o que bastou para espantar meu mau humor.

Mia havia ido com ela até a escola de balé e ao o que parece, esse era o principal motivo da sua felicidade. Ela estava tão feliz, que quem a visse pensaria que ela havia ganhado o papel principal em *O Lago dos Cisnes*. Ela também estava com uma nova roupa de bailarina, muito mais rosa e espalhafatosa que a outra.

— Você dirige? — pergunto à Mia, tentando encontrar um lugar para mim na sua cozinha.

— Muito pouco.

— Como assim? Muito mal?

— Muito pouco. — Ela insiste, sorrindo — Eu sei dirigir, mas o fiz poucas vezes até hoje.

Ela está concentrada em seu molho, para o espaguete que está cozinhando para o jantar. Seu cabelo preso, de um jeito que balança e toca o seu pescoço, cada vez que ela se mexe. Ela trocou o vestido que estava essa manhã, por um short jeans e camiseta rosa de algodão. Não importa o que ela use, sempre está bonita. Porém eu diria que é exatamente quando não se esforça; que fica mais linda ainda.

—Por quê? — ela questiona, me olhando de lado. — Você vai me dar um carro?

—Se você quiser, — replico. — podemos pensar nisso.

—Eu estava brincando, Drew.

Ela deixa a panela de lado, para vir até mim. Nós nos esprememos, entre o balcão e a pia. Coloco minhas mãos sob a sua camisa e aperto a sua cintura.

Nós poderíamos estar fazendo isso na minha casa, eu até poderia aprender a cozinhar; embora não leve o menor jeito para isso.

— Será mais fácil se locomover com Chloe, se você tiver seu próprio carro. — Explico.

— Você não quer mais ser o nosso motorista particular? — ela pergunta em tom divertido, beijando o canto da minha boca.

— Eu faria isso para sempre, mas talvez eu não possa em todos os momentos em que você precisar.

— Não se preocupe nós ficaremos bem. — Ela afirma com um sorriso. — Pensarei no carro depois.

— Eu ficaria mais tranquilo, se você tivesse um carro. — Coloco a mão

em seu rosto, para beijá-la. — Meu trabalho pode me consumir às vezes, eu preciso saber que vocês estão em segurança.

— E por que não estaríamos? Eu andei de ônibus por anos. — Ela se afasta, para pegar alguns pratos no armário. — E dependendo do jeito que eu dirija, talvez nós duas estejamos melhor no ônibus mesmo.

Não posso deixar de rir, mas espero que ela esteja apenas tentando ser engraçada. Chloe vem correndo da sala e eu a pego em movimento, erguendo a em meus braços e a beijando, antes de colocá-la sentada.

— Será que é uma boa ideia, todo esse molho e a roupa de bailarina? — questiono, quando Mia coloca o prato de macarrão diante dela.

— Eu tentei trocar a sua roupa, mas ela fugiu e não deixou. — Mia conta, colocando um grande guardanapo branco ao redor do pescoço de Chloe. — Acho que só vou conseguir tirá-la agora, quando ela dormir.

Eu não duvido disso. Minha mãe costumava me contar que eu tinha uma fantasia do *Super Man*, que não queria tirar nunca. Ela esperava que eu dormisse, para tirá-la de mim e poder lavá-la. E sempre que eu acordava e me via sem a fantasia, chorava por horas.

— Só tem um lugar sobrando. — Digo à Mia, me sentando ao lado de Chloe.

— Que pena não é? — ela me entrega um prato também. — Então eu terei que me sentar em seu colo.

Sorrio, enquanto ela contorna o balcão e para a minha frente. Afasto minha cadeira, dando espaço suficiente para que ela se sente em meu colo.

— Você é boba, Mi. — Chloe fala sorrindo, o rosto sujo de molho vermelho.

— Eu digo isso para ela todo dia, Chloe. — Sorrio para Chloe, antes de beijar o pescoço de Mia.



Depois do jantar, Mia e eu corremos atrás de Chloe por todo o apartamento. E foi uma coisa boa, que o lugar fosse tão pequeno e não existissem muitas opções para ela se esconder. Porque eu fiquei realmente cansado de persegui-la por tanto tempo.

Ela não queria tomar banho e mais do que isso, não queria tirar sua nova roupa preferida. Mas eu consegui pegá-la em um momento de distração e Mia se trancou com ela no banheiro, logo em seguida. Eu espero na sala, assistindo o canal de esportes; até que vinte minutos depois, Chloe vem me chamar. Ela está com um pijama roxo de ursinhos e o cabelo úmido, penteado para trás.

— Venha, *Dew*. A Mi vai lê *a Cindelela*. — Ela me convida, estendendo a mão com um sorriso tímido no rosto.

— Verdade? — exclamo, deixando o controle de lado. — Parece maravilhoso.

Apresso-me em levantar e aceito a sua mão, deixando ela me levar para o quarto. Mia está sentada na beirada da cama e eu espero Chloe deitar, para poder ficar ao seu lado.

Mia começa a ler, fazendo uma voz engraçada, enquanto Chloe a olha com toda a atenção do mundo, com o mesmo fascínio de quando ela assiste *Frozen*, em seus olhos. Eu também me sinto fascinado e quando Chloe deita a cabeça sobre o meu peito, fecho os meus olhos; deixando a voz de Mia penetrar em minha alma.

Eu nunca fui tão feliz, de uma forma que eu nem achei que pudesse ser. De uma forma que eu nem achei que quisesse ser.

Mia toca levemente em meu braço, quando ela termina a história e percebo que Chloe dormiu. Eu a tiro lentamente do meu peito e a coloco de lado, ajeitando sua cabeça sobre o travesseiro macio. Fico em pé, puxando Mia para mim e a levando para a sala, enquanto a beijo pelo caminho. Sento-me no sofá e ela se ajeita em meu colo, colocando uma perna em cada lado do meu corpo. Minhas mãos estão em seu cabelo, puxando o laço que o prende e o deixando cair solto, pelas suas costas; ao mesmo tempo em que eu a beijo loucamente.

Eu quero lhe dizer tanta coisa, quero lhe dar tudo.

Quero lhe pedir para ser minha e que ela me deixe estar ao seu lado a cada instante a partir de agora. Quero ouvir sua linda voz contando histórias infantis, enquanto Chloe se deita ao meu lado, todas as noites. Hoje e sempre.

Ela se afasta, sem fôlego, colocando a mão no meu peito e me olhando

com intensidade. Tenho certeza de que ela se sente exatamente como eu.

— Venham morar comigo. — Peço em um sussurro, colocando um dedo em sua boca, quando ela imediatamente quer protestar. — Não precisa ser agora, quero que você pense nisso e amadureça a ideia aos poucos. Eu posso esperar!

— Tudo bem, agora essa ideia me parece loucura. — Ela replica, encostando a testa na minha e ofegando. — Mas quem sabe amanhã?

— Amanhã? — eu demando.

— Não literalmente. — Ela sorri.

— Eu sei que você irá adotar a Chloe, não existe outro caminho e eu quero vocês em minha vida de forma permanente. — Beijo o seu queixo, antes de continuar. — Se eu te pedisse em casamento, isso sim pareceria loucura.

— Você pensou nisso? — ela pergunta, dando um gritinho engraçado.

— Hoje não, mas quem sabe amanhã.

Ela sorri lindamente, antes de deitar a cabeça em meu peito.

— Vou pensar em sua proposta com bastante carinho. — ela sussurra em minha camisa. — Eu meio que me apaixonei pela sua casa.

— Farei qualquer coisa para convencê-la. — Digo sorrindo, mesmo que ela não possa me ver. — Mas não se esqueça de que sou um policial, eu ainda posso te prender e levá-la à força.

— Eu acho que nós dois sabemos que isso não será necessário, Drew.

Ela volta ao me olhar e acaricia meu cabelo, antes de me beijar outra vez. Bem, eu espero que não seja mesmo necessário, porque eu não estava brincando. Tudo o que eu quero é prendê-la de um jeito que ela nunca mais consiga ir embora; de preferência em meus braços.



Quinze

Mia

**Depois** da última vez que vi o meu pai, imaginei que pudesse encontrá-lo de diversas maneiras.

A minha preferida era a que ele viesse até mim porque simplesmente sentiu saudades e queria me ver. Que dentre todas as coisas que tinham algum significado para ele; eu era uma delas. Também imaginei que pudesse ser de forma casual, eu o veria do outro lado da rua, ele me acenaria e enfim seguiríamos o nosso caminho.

A que eu menos gostava, era que ele viesse me ver porque queria algo meu ou da minha mãe. Como dá última vez, em que eu lhe dei todas as minhas economias para que ele pudesse consertar seu carro. Isso me lembra que ele nunca me pagou de volta.

Porém, nós já conhecemos essa história e sabemos como ela termina. A questão mais importante, é que de todas as formas em que eu imaginei encontrar o meu pai ao longo dos anos, nenhuma delas foi como realmente aconteceu.

Mas eu estou aqui, sentada em uma pequena mesa de metal e esperando os policiais responsáveis o trazerem até mim. Depois de cinco anos e alguns meses, é assim que iremos nos ver.

Drew me disse que ele virá algemado, mas um dos policiais que ficarão na pequena e claustrofóbica sala conosco, irá libertá-lo assim que entrar.

Minhas mãos deixam uma marca de suor sobre a mesa, enquanto eu espero. Estou nervosa demais e com certeza o olhar sério e intimidador do policial armado no canto da sala; não ajuda em nada para me tranquilizar um pouco.

Drew está me esperando lá fora, ele ficou ao meu lado durante todos os passos até aqui, mas não pôde entrar comigo. Eu já sabia previamente disso, mas não fiquei feliz em me separar dele.

Eu fui revistada por uma policial, graças a Deus ou a Drew por isso, e passei por um detector de metal, como os dos aeroportos. Também tive que depositar todo o

conteúdo da minha bolsa e deixar com que cada pequena coisa que estivesse nela, fosse inspecionada por dois policiais; eles até cheiraram a minha maquiagem.

De qualquer forma, não entendi o porquê disso, já que minha bolsa ficou do lado de fora. Sem celulares, canetas, prendedores de cabelo ou de uma forma geral, tudo o que estava dentro dela.

Eu estou apenas com uma foto da Chloe, que trouxe para o meu pai. Eu a deposei ao lado da minha mão, sobre a mesa e tenho olhado insistentemente para ela desde então.

Gostaria de ter um relógio e saber se falta muito para as duas horas. Quando entrei aqui, faltavam apenas cinco minutos, mas parece que cinco décadas se passaram desde então, e eu ainda estou esperando. O barulho das minhas unhas batendo na mesa é o único som da sala, antes da porta de metal ranger ao ser aberta. Um policial muito grande e careca entra primeiro, logo em seguida meu pai. Algemado e subjugado, e eu preciso dizer que não é a melhor visão do mundo. Meu coração se aperta.

Não sei se devo me levantar e na dúvida, permaneço sentada, observando cada ação do policial, enquanto tira as algemas do meu pai. Quando tem os pulsos livres, ele toca-os de forma a buscar algum alívio, e finalmente me olha.

Seus grandes e brilhantes olhos verdes, que sempre foram cheios de vida; estão apagados agora. E ele parece tão diferente do que eu me lembrava. Seu cabelo castanho claro, que ele sempre usou um pouco grande, está curto, cortado muito rente ao seu couro cabeludo. Isso faz o seu rosto parecer um pouco mais fino e muito mais pálido. Ele parece doente, e a camiseta branca e calça marrom que ele veste, não fazem nada para melhorar a sua aparência. E eu que me julgava imune a toda essa situação; sinto-me de repente estranhamente triste.

— Olá, Mia. — Ele me cumprimenta, sentando-se diante de mim. — Eu não esperava uma visita sua.

Sua voz também soa estranha aos meus ouvidos, totalmente sem vida ou ânimo. Mas, eu não a ouço há tanto tempo, talvez toda a estranheza seja por esse motivo.

— Sim, não estava nos meus planos estar aqui. — Digo, tentando soar calma, apesar do nó em minha garganta. — Eu vim pela Chloe!

A menção do seu nome, seus olhos vagueiam rapidamente pela foto sobre a mesa, antes que ele a segure e olhe para ela de forma demorada. Eu espero, sem saber o que deve dizer a partir de agora.



— Ela está tão bonita. — Ele sussurra, erguendo a foto para me mostrá-la. — Ainda apaixonada pelo balé?

A foto que eu trouxe é muito recente. Eu a tirei ontem, enquanto provávamos sua nova roupa de bailarina. Drew me levou a uma loja de departamentos essa manhã, para que eu pudesse revelá-la e trazê-la. Não sei exatamente o porquê dessa minha necessidade, mas grande parte do meu coração quer acreditar que o meu pai sente falta de Chloe e que ele realmente a ama. E essa foto aliviará a dor da sua ausência.

— Sim, embora agora ela tenha outras paixões; o balé ainda é sua favorita.

— Isso é bom. — diz com um pequeno sorriso, me devolvendo a foto.

— É sua. — Insisto, empurrando a foto para ele. — Eu a trouxe para você.

— Obrigado.

Eu aceno levemente, passando as mãos pelo cabelo e tentando me lembrar do que eu queria lhe dizer. Parece que todas as palavras fugiram da minha mente.

—Você está bonita também. — ele pontua. — Como vocês estão?

— Bem, ainda nos adaptando uma a outra. — Conto. — Você sabe que eu nunca convivi com uma criança antes, mas eu adoro a Chloe e estou tentando fazer o melhor para ela.

— Eu sabia que você faria.

— Por que você nunca me contou sobre ela? Por que você não me procurou durante esses cinco anos? — pergunto, colocando as mãos sobre a mesa novamente.

— Eu iria, mas estive ocupado. — Ele desconversa.

— Por cinco infinitos anos? — exaspero, mas mantenho meu tom linear.  
— Vendendo drogas? Se casando com uma mulher que eu nunca conheci?

— Não foi exatamente assim. — Ele diz com o olhar de, *não fale assim comigo, eu sou seu pai*, que me dava às vezes.

— Eu fiquei chocada quando descobri sobre ela, claro que a sua prisão foi muito mais impactante.

— Eu sinto muito, Mia. A vida me levou para muito longe de você.

— Não foi a vida pai, — balbucio e suspiro em desânimo. — não sei por que as pessoas insistem em culpar o destino por suas escolhas.

É tão fácil dizer; *eu sinto muito, não tive escolha*, quando na verdade ele nunca se esforçou para estar presente. Ele não me ama é óbvio, ou talvez ele não saiba amar.

— A Chloe pergunta sobre mim? — ele me sonda sob os cílios curtos. — Será que ela sente a minha falta?

— Ela estava muito quieta no início e não falava quase nada. — Digo com cautela. Se eu quisesse machucá-lo, seria muito fácil dizer que ela não se importa. — Ela tem se soltado aos poucos... Ainda é muito tímida.

— Ela nem se lembra de mim, não é? — percebo a decepção em sua voz, talvez diferente de mim, ele realmente se importe com ela.

— Chloe tem sido um mistério para mim. Não posso, na verdade, dizer como ela se sente, a não ser que parece muito feliz.

— Ela foi o bebê mais lindo do mundo. — Meu pai murmura com ternura, passando os dedos sobre a foto de Chloe. — Ela se parecia muito com você.

— Você me conheceu quando eu tinha seis anos, pai. — O recordo, mordendo nervosamente a unha do meu polegar esquerdo.

— Mas a sua mãe me mandou fotos suas de quando nasceu, e você

parecia uma boneca.

— E as pessoas me tratavam como uma boneca, me deixando sozinha em um canto qualquer o tempo todo.

— Você merecia uma vida maravilhosa, Mia. — ele parece sincero, tocando minha mão pela primeira vez. — Me perdoe, eu falhei com você de tantas maneiras.

— Não importa... eu sobrevivi. — Toco levemente a sua mão, antes de puxá-la de seu aperto. — Mas eu não vim aqui para desenterrar velhas mágoas.

— O meu julgamento é daqui a dois dias. — Ele fala de repente, olhando para um ponto perdido na parede.

— Eu sei, — sussurro. — Drew me contou.

— Drew?

— Meu namorado Andrew, Drew.

— O que ele faz? — ele questiona. — Como sabe sobre o meu julgamento?

— Ele é policial, — arrasto a palavra e o seu olhar me espreita, a espera de mais. — um agente federal da Narcóticos.

— Agora me diga, se o destino não é um filho da mãe? — ele torce o rosto, em um sorriso irônico. — Não ficaria surpreso se você me dissesse que ele estava presente quando eu fui preso.

— Na verdade, eu acho que foi ele quem te prendeu. — Digo, mordendo o meu lábio inferior. — Andrew Scott.

— Detetive Scott. — Ele repete rindo, mas eu não sei se é por achar alguma graça na situação. — Ele quase quebrou o meu braço.

— Acho que ele quebraria algo mais, além do seu braço, agora que me conhece.

— Um policial. — ele recita, balançando a cabeça. — Um agente federal...

— Ficaria mais feliz se fosse um traficante? Quem sabe um estelionatário? Um mafioso russo talvez? — seu sorriso aumenta, diante das minhas palavras. — Desculpe, acho que sou a ovelha negra da família.

— Ele me parece uma boa pessoa, eu posso dizer isso, depois de ficar cinco horas em uma sala de interrogatório com ele.

— Ele é o melhor homem que eu já conheci. — Pronuncio, com um sorriso sincero... Ironicamente, meu pai deveria ter ocupado esse lugar. — E a Chloe o adora, muito mesmo.

— Você parece feliz, então eu posso aceitar isso. — ele se encosta à cadeira e me olha com atenção. — Ele irá cuidar bem de vocês.

Reviro os olhos, me ajeitando em minha cadeira. Será que ele não sabe que tenho cuidado bem de mim por muito tempo? E sozinha?

— Eu posso cuidar de mim mesma e da Chloe também. — Replico, sentindo a necessidade de pontuar isso. — Mas se eu precisasse escolher alguém para fazer isso; certamente seria o Drew.

Ficamos em silêncio por alguns instantes.

Eu olho furtivamente para o policial ao lado da porta e ele faz um gesto com a mão, e aponta o seu relógio de pulso. Significa que o tempo está acabando. Que ótimo, eles podem levar o meu pai a qualquer momento e eu nem lhe disse tudo o que preciso.

— Seu julgamento é daqui a dois dias. — Repito as suas palavras. — Você está otimista?

— Estou muito consciente dos meus próprios erros, para estar otimista.

— E então?

— Sei que ficarei preso por muito tempo, se eu tiver sorte de encontrá-las

outra vez, — ele solta um suspiro desanimado, antes de continuar. — talvez a Chloe já esteja adulta e não se lembre mais de mim.

— Eu quero adotá-la. — As palavras aquecem o meu coração, quando eu as pronuncio. — Então ela será sua neta e não sua filha. Como você se sente?

— Isso me trará paz, porque eu saberei com toda a certeza desse mundo, que ela terá uma vida segura e feliz.

— E a mãe dela, — eu indago com desconfiança. — você acha que ela irá opor-se a isso?

— Rebecca? — ele não parece preocupado. — Segundo o que o advogado me disse, ela ficará presa por muito tempo também. Talvez dez ou quinze anos.

— Eu quero fazer o melhor pela Chloe, posso ser uma mãe incrível, mas não quero ter medo de alguém levá-la de repente de mim.

— A Rebecca não ama a Chloe, ela nem queria um bebê, nunca quis. — Conta, com tristeza. — Ela foi a grávida mais infeliz que eu já vi e quando Chloe nasceu, ficou ainda mais depressiva.

— Drew me contou sobre o problema dela com as drogas.

— A culpa é minha, ao invés de ajudá-la, eu apenas a afundei um pouco mais.

— Mas agora ela pode estar limpa, quer dizer, não existem drogas na cadeia. — Pontuo, sem nenhuma convicção. — Ela pode ter mudado de ideia sobre a Chloe.

— Mesmo que grande parte de mim queira que isso seja verdade, eu duvido muito disso, Mia. — ele estende a mão para mim outra vez, sinto pena do seu olhar de derrota, então eu a seguro entre os meus dedos. — Eu não escolhi as melhores mães para as minhas filhas.

— Eu não posso discordar, com o que diz respeito a mim. Mas a história da Chloe será diferente.

Ele sorri, então pela primeira vez desde que meus olhos pousaram nele, ele se parece com o pai que eu conheço. O pai torto, irresponsável e imaturo, mas o único que eu tenho. O único que a vida me proporcionou. Não sei por quanto tempo nós ficamos assim, eu o consolo com meu olhar, o toque suave da minha mão na sua.

Lembro-me de quando tinha nove anos, eu estava andando de bicicleta na rua de casa, a bicicleta da minha vizinha, porque eu nunca tive uma. Então eu caí e foi um tombo feio, meus joelhos ficaram machucados e sujos de sangue.

Eu me sentei na calçada e fiquei com a cabeça baixa, eu queria muito chorar; estava doendo tanto e eu também estava envergonhada. Mas a minha mãe estava em pé do outro lado da rua, conversando com a minha tia e ela detestava que eu chorasse.

Ela sempre me disse que enquanto eu tivesse comida na mesa e uma cama para dormir todas as noites, não havia nenhum motivo para chorar. E somente o seu olhar de reprovação foi o que bastou para eu achar que chorar seria uma péssima ideia. Então, eu fiquei sentada por algum tempo e de repente, alguém segurou a minha mão. Dedos longos e unhas curtas, bem cuidadas, em contraste com os meus pequenos dedos e unhas ruídas.

Eu permaneci quieta, olhando para as nossas mãos juntas. Eu sabia que era o meu pai. Naquele dia, ele me levou para tomar sorvete e comprou curativos para os meus joelhos. Ele me consolou e provavelmente tenha sido a primeira e única vez que tenha feito isso.

Agora eu o estou consolando, não por um tombo de bicicleta; mas por uma vida cheia de erros e escolhas terríveis. Caminhos tortuosos, nos quais eu fui incluída sem ao menos saber.

— Eu te perdoo pai. — Digo em um sussurro. — Eu cuidarei da Chloe.

— Obrigado, Mia. — Sua voz é calma e eu acho que essas duas palavras são as mais sinceras que já saíram de sua boca um dia.

— O tempo acabou, sinto muito. — O policial careca nos diz, com um sorriso torto de desculpas. — Vamos, Anderson.

Meu pai se levanta e reúne as mãos diante do corpo, para que o policial o algeme outra vez. Acho que essa é a nossa despedida derradeira.

—Eu te amo, Mia. — ele diz me olhando uma última vez quando chega à

porta. — Diga à Chloe que eu amo também; muito.

—Eu direi. — murmuro, antes que ele se vá e a porta se feche atrás dele.

Levanto-me devagar, minhas pernas parecem fracas e dormentes, como se tivesse ficado sentada por um longo, longo tempo. Mas foram apenas vinte minutos.

O outro policial abre a porta oposta a que o meu pai entrou, então saio, caminhando por um pequeno corredor e encontro Drew ao final dele.

— Como foi? — ele pergunta, me abraçando.

— Estranho e triste, depois ficou mais estranho e mais triste. — Digo com a cabeça em seu peito. — E no final, ficou realmente desolador.

— É uma situação difícil, Mia. Não esperávamos que fosse diferente. — Ele me consola, acariciando meu cabelo.

— Eu sei que ele não é a melhor pessoa do mundo, — eu exalo, deslizando as mãos por seus braços, até que nossos dedos estejam entrelaçados. — mas eu não queria que ele terminasse assim.

A ideia de imaginar o meu pai envelhecendo e morrendo nesse triste lugar, traz um grande nó ao meu estômago.

— Claro que não, ele é o seu pai.

Deixo que ele me leve para fora, sem nem ao menos perceber por onde estamos andando. Só quando atravessamos o grande portão de ferro, aberto por um policial armado; é que me permito respirar outra vez.

— Para a livraria? — ele pergunta, quando liga o carro.

— Para a casa, — respondo. — David me deu o dia de folga hoje.

Diante das circunstâncias, eu precisei contar toda a verdade sobre o meu pai e o nosso pequeno *problema de família*. Ele foi muito gentil e compreensivo, como sempre, é claro.

Sinto-me muitíssimo grata por isso.

— Quanta gentileza dele. — Drew me diz, com uma pequena risada.

— Ele sempre foi gentil e um bom amigo. — emendo para tranquilizá-lo.

Ele revira os olhos para mim, antes de voltar a olhar para frente. Eu não disse a ele, mas até acho bonitinho o fato de ele sentir ciúmes do David.

— Tem certeza de que ficará bem sozinha? — ele abre a porta para mim, assim que estaciona em frente ao meu prédio, minutos depois.

— Sim. Irei buscar a Chloe mais cedo na creche. Então talvez eu a leve ao parque para passar o tempo. — Explico, quando coloco os meus pés na calçada.

— Se mudar de ideia, você pode ficar comigo no meu trabalho. — Oferece, antes de me beijar.

— Obrigada. — não posso deixar de rir, diante da sua oferta. — Mas não se preocupe, eu ficarei bem.

— Nos vemos mais tarde, então

— Esperarei ansiosamente. — Fico na ponta dos pés para beijá-lo demoradamente.

Então me despeço com um sorriso e entro no meu prédio sem olhar para trás. Abro a porta do meu apartamento de forma vagarosa, estranhando o silêncio que me recebe. Sem Chloe e o barulho de seus desenhos animados ou brinquedos, a casa fica melancólica e triste.

Jogo a minha bolsa no sofá e ocupo um lugar ao lado dela, tirando os meus sapatos em seguida. Encaro a tevê desligada, tentando ordenar meus pensamentos confusos. Fico sentada por quase duas horas, sem saber o quanto a visita ao meu pai me afetou de verdade. Na realidade, eu imaginei que fosse me ferir muito mais e me sinto grata por não ter voltado para a casa com um coração partido em meu peito.

Eu penso em quanta responsabilidade tenho em minhas mãos, ao decidir adotar Chloe. Ser responsável por outra vida é algo realmente grandioso. Eu irei moldar o seu caráter, para o bem ou para o mal. Serei o seu espelho, eu decidirei



por ela como tenho feito nesses quase dois meses. Mas será permanente a partir de agora. É uma porta na qual eu entrarei e não poderei mais voltar.

*Estou preparada para isso?*

*Preparada para ser a sua mãe?*

Eu decido caminhar até a creche e cada passo até lá, me faz mais confiante e convicta. Eu posso ter medo de errar, de não ser capaz, mas tenho um medo maior ainda de acordar amanhã e viver sem a Chloe. Eu não posso perdê-la. Eu não quero perdê-la.

— Mi. — Ela grita, enquanto corre até mim.

Ela nunca se cansa de fazer isso, como se não tivéssemos nos visto há algumas horas. E eu nunca me canso de abraçá-la forte ao mesmo tempo em que a prendo junto ao meu peito e sinto o perfume do seu cabelo.

— Eu senti a sua falta. — Digo, quando ela encosta o nariz no meu e me dá um beijo de esquimó.

— Eu também senti Mi.

— Como foi a escola?

Eu a coloco no chão e seguro sua mão, antes de caminharmos devagar pela calçada vazia. Ela me conta com entusiasmo todas as suas aventuras infantis, as travessuras no parque e a descoberta de uma nova cor favorita.

Fico quieta, ouvindo tudo com atenção e um imenso sorriso no rosto. Algumas pessoas passam por nós e sorriem também, provavelmente contagiadas pela alegria quase palpável que Chloe emana.

— Eu te amo muito, Chloe. — Exclamo, parando e me ajoelhando diante dela. — Você ainda quer ficar comigo para sempre, não quer?

— Sim e você vai sê a minha mãe? — ela pergunta com doçura e olhos tímidos que derretem o meu coração.

— Eu posso ser, ou continuarei sendo sua irmã, isso não importa. — Pontuo com amor. — O que importa é que você nunca irá embora.

— Eu *quelo* que você seja a minha mãe. — Ela afirma, com olhos

brilhantes, enquanto afaga meus cabelos. — Eu nunca tive uma mãe e você é tão bonita. Eu *quelo* uma mãe bonita.

Não sei se choro ou rio, ao ouvir as suas palavras tão sinceras e ingênuas. Eu opto por apenas abraçá-la o mais forte e demorado que consigo.

— Nada me faria mais feliz, Chloe, — murmuro, quando finalmente consigo. — do que ser a sua mãe.

Ela sorri e voltamos a caminhar. Alguns minutos depois, atravessamos a rua e paramos diante do parque. Deixo a minha bolsa e a mochila de Chloe em um dos bancos, enquanto a observo correr até o balanço.

— O *Dew* pode *sê* o meu pai? — ela pergunta, ainda correndo e se debruça sobre o balanço, esperando a minha resposta.

— Você terá que perguntar a ele. — respondo rindo, quando eu começo a empurrá-la.

Sua risada é a melodia mais linda, seus cabelos se soltam e voam com o impulso do balanço a fazendo parecer lindamente adorável. Mal posso esperar para vê-la perguntando a Drew, se ele quer ser seu pai. E se eu puder admitir a mim mesma, estou com todos os dedos cruzados para que ele diga sim.



Dezesseis

Mia

**Quando** voltei para casa àquela tarde, me sentia muito mais leve, como se meu coração não pesasse nada e flutuasse no meu peito. A verdade é que eu me livre de anos de bagagem e mágoas mal resolvidas, em apenas vinte minutos.

Perdoar o meu pai e seguir em frente, deixando para trás tudo o que um dia me feriu; foi libertador para mim.

Então o destino decidiu que a Chloe seria a nossa segunda chance, o nosso recomeço e eu estava feliz com isso. Que bom que dias escuros não duram para sempre e a Chloe era o meu Sol.

Poderemos trilhar um caminho repleto de amor juntas, e ela será a minha redenção. A redenção que a minha infeliz relação com o meu pai precisa.

De repente, eu percebo que nunca realmente me permiti ser plenamente feliz. Eu sempre andava cautelosa, nunca deixando as pessoas se aproximarem de verdade. Então a Chloe chegou, e junto com ela o Drew e foi tão fácil abrir meu coração para eles. Aliás, eu sequer percebi e quando me dei conta, ambos estavam morando nele.

Chloe entra sorrindo e correndo pela sala, assim que eu abro o apartamento, fugindo de mim. Achei que apenas meninos não gostassem de tomar banho, mas ela tem me feito suar para desempenhar essa tarefa a cada dia.

Eu demoro um tempo razoável para lavar o seu cabelo e retirar toda a areia dele. Acho que eles precisam reabastecer o tanque da creche diariamente, se cada criança for como a Chloe. Ela traz um pouco em suas roupas e sapatos, cada vez que volta para casa.

Eu a deixo em frente à tevê depois disso, e tomo um banho rápido. Drew me mandou algumas mensagens, dizendo que virá assim que puder. Eu não sei quando será isso, mas enquanto esperamos; faço cachorros quentes para Chloe e para mim. É uma das comidas favoritas dela e eu a deixo me ajudar a prepará-

los, apenas para ouvir sua risada.

É uma felicidade tão genuína e sincera, por algo tão pequeno.

Eu me pergunto por que crescemos e achamos que precisamos de muito para ser feliz? E mesmo quando conseguimos o que queremos, ainda assim, sempre nos falta algo?

Difícilmente nos sentamos ao final do dia em nossa sala e nos sentimos gratos. Nós sempre nos sentimos incompletos.

Mas eu me sinto completa agora, como se eu tivesse finalmente encontrado todas as peças que me faltavam. Comendo com Chloe ao meu lado, enquanto sorrimos e nos lambuzamos de catchup. Eu saboreio esse momento e o guardo em minha alma. Em uma caixinha dourada, que um dia eu irei abrir. Então saberei que minha vida valeu a pena, porque pretendo recheá-la com as memórias mais lindas que eu puder.

Estamos quase terminando a nossa refeição, quando a campainha toca. Eu não preciso de muito esforço para saber que é o Drew e isso me deixa com um sorriso irremediável. Como eu posso ter sentido tanto a sua falta, se nos vimos há poucas horas?

Eu me apresso em abrir a porta, meu coração palpitando, assim que nossos olhos se encontram. Eu me afasto sutilmente, deixando que ele entre. Ele me beija quando passa por mim e eu encosto-me à porta, para encará-lo, assim que a fecho.

— O que é isso? — pergunto, fazendo um gesto para a sacola que ele segura.

— Doces. — ele responde rindo.

— Doces. — repito, rindo tanto quanto ele. Eu não sei o motivo, mas de repente, Drew e doces juntos, me fazem rir. — Para a Chloe?

— Para você. — ele diz, entregando-me a sacola e me beijando mais uma vez. — É claro que você irá dividir com ela.

—E por que isso? — demando intrigada.

A sacola é pesada e dentro dela eu encontro toda a infinidade de doces que podem existir. Mas o que mais me chama a atenção são as balas de ursinho. Tem ao menos cinco pacotes diferentes delas e eu não posso deixar de sorrir, quando seguro um deles e deixo a sacola sobre a mesa.

— O que eu fiz para merecer isso? — insisto, já que ele não respondeu a minha pergunta anterior.

— Achei que você pudesse estar chateada, triste com o encontro com seu pai. — Fala, colocando a mão na lateral do meu rosto e me estudando. — Mas você me parece bem, isso me deixa aliviado.

— Obrigada por se preocupar comigo, mas eu estou ótima. — Afirmo, enquanto o abraço. — Quem te disse que doces consolam as pessoas, ou afastam a tristeza?

— A minha mãe. — Ele sorri quase com timidez, é algo novo para mim. — Ela sempre disse que o açúcar traz felicidade.

— Ela é uma mulher sábia. — Recito. — E o que te consola quando está chateado, já que não gosta de doces?

— Os seus beijos. — ele coloca a mão no meu queixo e me olha tão intensamente, que faz meu coração parar por alguns segundos.

— Mas e antes, quando você não me conhecia?

— Então eu ficava de mau humor por muito tempo.

— Talvez fosse por isso que você quase não sorria. — Pontuo, beijando levemente os seus lábios. — Sorte a sua, que agora você tem um estoque infinito de beijos da Mia.

— Muita sorte mesmo. — ele ri, me apertando um pouco mais. — Você é o meu pote de ouro no final do arco-íris.

Ele é tão lindo, e não sei se consegue perceber que pode me matar apenas por dizer coisas assim. Mas eu prefiro que ele não saiba, pois isso o faria parar de dizê-las e já não posso viver sem ouvi-las.

— *Dew*. — Chloe grita e se pendura em suas pernas, quando finalmente o nota.

Dou risada do seu jeito, ela estava tão quieta e de repente, é como se tivesse despertado de um transe. Acho que a tevê faz realmente mal para as crianças.

— Oi, Chloe. — Drew a levanta em um impulso rápido e aceita o beijo que ela lhe dá.

Há um mês, eu achei que esse gesto tão espontâneo dela seria impossível. Mas vejam só, o amor é realmente mágico. De muitas formas, eu diria.

— Ela sujou o seu rosto. — digo a Drew, limpando uma mancha de catchup da sua bochecha.

— O que você comeu? — ele pergunta a Chloe, já que sua boca está toda suja de vermelho.

— Pão com salsicha. — ela conta sorrindo.

— Cachorro quente. — eu a corrijo, pegando um guardanapo para limpar o seu rosto.

— Fui eu que fiz, — seu rosto se ilumina com orgulho. — a Mi me *ajudô*.

— Foi isso mesmo. — falo, apoiando meu queixo nas costas de Drew. — Eu apenas ajudei.

— E vocês comeram tudo, ou deixaram um pouco para mim? — ele lhe faz cócegas, enquanto pergunta.

— Eu não sei. — ela responde em meio a risadas. — Você *deixô* Mi?

— Talvez. — Murmuro, abrindo o armário para retirar um prato. — Pare de lhe fazer cócegas, Drew. A barriga dela está muito cheia...

Eu soei como uma mãe agora. *Não a minha, é claro.*

Ele para com as cócegas e a deposita suavemente no chão outra vez, desmanchando seu cabelo em seguida.

— Eu posso *desenha* Mi? — ela me pede.

— Claro, mas lave as mãos primeiro.

Ela corre feito um raio até o banheiro, fazendo Drew e eu rirmos da sua pressa. Eu comprei um pequeno banco, para que ela pudesse alcançar a pia sozinha. É muito mais prático e isso lhe deu alguma autonomia, mas, lógico que também tornou mais fácil algumas travessuras; como espremer toda a minha pasta de dentes na pia.

—Você já terminou Chloe? — eu grito, quando ela demora a voltar.

Ela sai do quarto alguns minutos depois com seus desenhos e lápis na mão, passa por nós e se acomoda na mesinha de centro da sala. Eu me sento no chão ao seu lado, enquanto Drew se acomoda no sofá, com o seu prato nas mãos. Ele come em silêncio por algum tempo, antes de me olhar sorrindo.

—Está muito bom, Chloe. — Ele murmura. — Eu não sabia que você poderia cozinhar.

Ela apenas sorri, sem abandonar a tarefa de colorir, mas parece realmente orgulhosa com o seu elogio.

— Não se esqueça que eu também ajudei. — Replico a Drew, enquanto acaricio as costas de Chloe.

—Eu não esqueci. Tudo o que você faz é maravilhoso, meu amor.

É a primeira vez que ele me chama assim, e eu não sei se é perceptivo o quanto essas duas palavras me afetam. Mas eu sinto o meu coração e todo o resto do meu corpo se aquecer ao ouvi-las. Pego um lápis azul e ajudo Chloe a pintar algumas nuvens, ela sempre fica feliz quando eu faço isso e essa é uma ótima desculpa para não olhar para Drew, enquanto meu rosto ainda está corado.

— Sabia que a Mi vai *sê* a minha mãe, *Dew*? — Chloe pergunta de repente, deixando de lado o lápis, para olhar para o Drew.

— Eu sabia desde o instante em que eu a vi. — Ele fala, me olhando com atenção. — Ela não sabia disso ainda, então eu deixei que ela descobrisse

sozinha. Mas ela precisava de você, tanto quanto você precisava dela.

Com certeza, Chloe não pode entender a complexidade de sua resposta. Porém, eu posso e não discordaria de nenhuma palavra, apenas acrescentaria que nós precisamos dele também. E eu espero que ele sinta o mesmo, sobre nós.

—Você *quê* *sê* meu pai? — ela indaga ainda muito absorta. — A Mi me disse *pala fala* com você.

Olho para Drew com um sorriso congelado em meu rosto. Eu já havia me esquecido disso e jamais imaginei que ela pudesse se lembrar sozinha. Mas eu acho que as crianças não esquecem com facilidade, afinal.

Ele parece tão surpreso quanto eu e fica quieto, pensativo por alguns instantes. Eu quase quero dizer a ele que é uma brincadeira de Chloe e que não precisa se sentir obrigado a responder, mas me calo também; porque a verdade é que eu quero muito ouvir sua resposta. Talvez ele diga sim apenas para não magoar a Chloe ou não me deixar chateada. Mas o conhecendo, mesmo há pouco tempo, eu sei que ele jamais mentiria para agradar alguém, nem mesmo eu.

— É um convite irrecusável, Chloe. — Ele murmura com carinho, finalmente sorrindo.

Então ele deixa seu prato de lado e se senta ao nosso lado, puxando Chloe para os seus braços, afastando o cabelo de seu rosto e olhando em seus olhos, com muita ternura.

— É claro que eu quero ser seu pai. — Ele reforça, beijando a sua testa. — Na verdade, eu achei que você não me perguntaria nunca e eu teria que implorar por isso.

Estou tão perto dele, então encosto minha cabeça em seu ombro e olho para a Chloe. De novo eu não sei se ela entendeu tudo o que Drew lhe disse, mas sei que a palavra *pai*, não lhe passou despercebida. Existe tanta alegria em seu olhar e isso me faz ter vontade de chorar. Talvez pela primeira vez em minha vida, de felicidade. Ela o abraça e começa a rir quando ele não quer soltá-la.

— Mas eu sou muito ciumento com quem eu amo. Então você tem que me prometer que só irá namorar quando tiver trinta anos.



— Ela não consegue te entender. — Digo, sem deixar de rir do seu jeito sério... *Ele é tão ciumento*. — Além do mais, isso é chantagem.

— Você não entende, não é? — ele levanta a sobrancelha para mim. — Estou negociando.

— Você é um bobo! — replico.

— Tudo bem, *Dew*. — Chloe diz, depois de se contorcer e sair do aperto de Drew, voltando para o seu desenho.

— Não prometa nada, Chloe... — eu balbucio, afagando os seus cabelos.

Em instantes, ela já está totalmente envolvida outra vez com sua pintura, deixando Drew e eu de lado. Ele rouba um beijo meu e volta para o seu lugar, continuando a comer. Dessa vez sem tirar o sorriso do rosto. Ele parece mais lindo por isso.

— Será que ser pai da Chloe, inclui ser pai dos seus outros filhos também? — ele pergunta com voz divertida, mordendo o seu cachorro quente.

— Eu não tenho outros filhos. — pontuo, olhando para as unhas, mas sem ignorar as borboletas do meu estomago.

— Ainda não, mas eu quero reservar o lugar para mim.

— Como pai dos meus filhos?

— Sim e talvez isso inclua outras coisas; mas eu te direi depois.

Balanço a cabeça rindo, antes de me levantar e pegar o seu prato vazio. Ando até a cozinha, com ele logo atrás de mim, prendendo-me entre ele e a mesa, antes que eu possa fugir.

— Qual a sua resposta? — ele insiste, começando a beijar meu queixo lentamente, antes de parar no canto da minha boca. — Sim ou não?

— Será que eu devo aceitar, antes de saber o que são as outras coisas? —

pergunto também.

Ele deveria saber, que apenas pela forma que me olha agora; eu diria *sim* para qualquer coisa que ele me perguntasse nesse momento.

— Pai dos seus filhos, seu melhor amigo, seu amor eterno, o único a te beijar e te amar até ficar velhinha. — Ele recita com emoção.

— Parece um pouco cedo demais, para dizer sim para todas essas coisas. — Digo ofegante, porque ele conseguiu roubar todo o ar dos meus pulmões. *Ele sempre consegue.*

— Provavelmente seja, mas eu tenho certeza do que quero.

— Eu também tenho certeza, mas ainda assim, quero andar com calma. Por que correr? Temos todo o tempo do mundo.

— Tudo bem. — Ele concorda, encolhendo ligeiramente os ombros. Posso perceber que está um pouco chateado com a minha negativa. — Mas vocês ao menos virão morar comigo?

— Ainda não, — sussurro, brincando com os botões da sua camisa. — você disse que iria esperar.

— E eu esperei.

— Por dois dias? — *se ele insistir por mais alguns instantes; eu arrumo nossas malas hoje mesmo.*

— As famílias moram juntas, — ele exclama com infinita seriedade. — é isso o que somos agora... Vamos perguntar para a Chloe.

Coloco a mão em seu queixo, para impedi-lo de chamar Chloe. Se ela se juntar a ele nessa guerra; eu não terei nenhuma chance.

Eu sempre achei que ele seria a voz da razão no nosso relacionamento e ao contrário disso, ele está aqui diante de mim e tentando me fazer esquecer todo o bom senso. Mas eu quero sentir que demos os passos certos na nossa relação. Mesmo que eu queira ser a garota apaixonada, que só escuta o próprio coração.

— Eu acho que podemos ficar na sua casa, a metade da semana e os outros dias ficamos aqui. — Ofereço, tentando abrandar a sua chateação. — Apenas por enquanto, tudo bem?

— Não, não está bem. — ele morde o meu lábio inferior e o beije para acalmá-lo em seguida. — Mas se é isso o que você quer, eu aceito.

— Obrigada. — Sussurro, antes de beijá-lo de volta.

A última coisa que quero na vida é magoá-lo. Que ele pense que não estou apaixonada o suficiente para me entregar totalmente a esse sentimento. Mas eu preciso ir devagar, principalmente pela Chloe. Não será apenas o meu coração partido se tudo der errado; será o dela também. Pois ela está apaixonada pelo Drew, tanto quanto eu.

— Vamos dormir na minha casa hoje. — Ele me informa, se afastando sutilmente de mim.

— Chloe já está de pijama. Eu também.

— Melhor ainda, arrume apenas algumas roupas para levar.

— Amanhã nos iremos. — digo com o meu melhor sorriso, para não deixá-lo chateado com a minha recusa sobre isso também.

— Você quer dormir na minha casa, Chloe? — ele grita para ela, sem deixar de me abraçar.

Mesmo com Drew na minha frente, eu posso ver Chloe se levantar, derrubando os lápis e papéis pelo caminho, e correr para o quarto. Ela volta apenas alguns segundos depois, com o seu urso nos braços; como se ele fosse a única coisa no mundo da qual ela precise.

— Eu *quelo*, Dew. Eu *quelo* muitooooo. — Ela diz, entre pulos e uma espécie de dancinha da felicidade.

— Você vai somente usá-la contra mim, sempre que achar conveniente? — pergunto a Drew, colocando as mãos em seu peito e indo para o quarto.

Troco o shorts do meu pijama, por uma calça jeans; mas continuo com a minha camiseta confortável. Arrumo o mais rápido que posso todas as minhas coisas e as da Chloe também. Tomando cuidado de colocar algumas roupas a mais na bolsa.

Deus bem sabe, que se Drew ficar me tentando dessa forma, é provável que eu não volte mais para a casa. Sendo assim é melhor estar preparada. Volto para a sala com a bolsa em uma mão e um casaco para Chloe na outra e tento parecer chateada. Porém, não estou, e acabo sorrindo para ele.

— Funcionou, não foi. — Ele responde a minha pergunta, apontando para a minha bolsa. — Então a resposta é sim, eu irei usá-la sempre que for preciso.

Espero ele vestir seu paletó e pegar suas chaves e celular de cima da mesa, para desligar a tevê e recolher os papéis e lápis de Chloe.

— Mas eu espero que você apenas se sinta tão apaixonada quanto eu. — Ele pronuncia, vindo até mim e segurando a minha mão. — E que por esse motivo, não exista nenhum outro lugar aonde você queira estar; além de onde eu estarei também.

Lógico que eu me sinto assim, talvez um pouco mais do que ele. Eu quero lhe falar, mas ao invés disso, eu lhe beijo com toda paixão que posso. Correndo os dedos pelo seu rosto e cabelo, antes de abraçá-lo com força. Ele me beija com a mesma intensidade, antes de Chloe puxar a sua mão e afastá-lo de mim.

—Vamos logo, Mi. — Ela demanda, coçando os olhos. — Eu tô com sono.

Olho para Drew e dou risada, ao mesmo tempo em que ele se abaixa para segurá-la. Chloe deita a cabeça em seu ombro e fecha os olhos; o urso pendendo de sua mão.

Eles ficam tão bonitos juntos e eu sei que não tenho a menor chance contra os dois. Então apenas caminho ao lado de Drew, com um grande sorriso no rosto.



Dezessete

Mia

— **Você** ainda está brava? — Drew pergunta, parando à porta do banheiro.

Ele tomou banho, enquanto gastei meu tempo colocando Chloe para dormir no quarto de hóspedes. Quarto esse, que Drew a incentivou a chamar de: *Quarto da Chloe*. Lógico que isso a fez dormir com o maior sorriso que eu já vi em seu rosto.

Ele está tão determinado a me fazer morar com ele, usando todas as oportunidades para trazer Chloe para o seu lado. Não consigo lutar contra isso. Se Chloe quiser ficar, eu terei que fazê-lo também. Não que seja alguma tortura para mim, estar ao lado de Drew.

— Eu não estou brava. — Dou risada, apontando minha escova de dente para ele. — E por que eu estaria?

Ficamos nos olhando por alguns instantes, enquanto um sorriso lento e sedutor desponta em sua boca. Ele está sem camisa, apenas em uma calça de pijama confortável e se eu o achava lindo com seu terno; é porque subestimei o poder que uma única peça poderia ter.

— Porque eu praticamente te arrastei pelos cabelos até aqui.

— Talvez eu goste de vê-lo implorar. — digo piscando para ele.

Ele ri alto, enquanto eu lavo a minha escova e a deixo ao lado da sua no copo sobre a pia. Não sei por que, mas apenas a visão das duas juntas, me deixa estranhamente feliz.

— Eu não sou um homem que implora. — ele fala, chegando por trás de mim e colocando as mãos em minha barriga. — Sou mais o tipo que vem e pega o que quer.

Nossos olhares se encontram no espelho, os dele tão intensos que prendem os meus imediatamente. Ele deixa uma das mãos sob a camiseta fina do meu pijama e circula de forma lenta e quase preguiçosa, o espaço entre o meu umbigo e o elástico da minha calcinha. Eu prendo a respiração, porque apenas um toque seu, assim tão sutil; é capaz de me deixar louca. Ele não para de me tocar dessa forma por alguns segundos e nossos olhares nunca se deixam. Então ele me surpreende, me levantando do chão tão rapidamente, que eu mal posso piscar. Solto um grito inesperado, quando ele me coloca de cabeça para baixo em seus ombros, porém, me joga sobre a cama alguns segundos depois.

Sorte a minha, que estávamos no banheiro da sua suíte, eu odiaria ficar nessa posição por muito tempo.

—Por que você fez isso? — pergunto ofegante, tentando enxergá-lo através dos meus cabelos bagunçados.

—Pegando o que eu quero. — ele fala, já sobre mim.

— E eu sou o que você quer? — pergunto, tentando soar engraçada.

—Você é tudo o que eu quero Mia, — ele murmura, com voz rouca. — eu tenho tentado fazê-la enxergar isso há muito tempo.

Oh, Deus... E lá vem ele, com essas frases que me fazem morrer. Mais do que nunca eu quero dizer que o amo, porém, é como se simplesmente não fosse a hora certa, nunca é a hora certa. Ou será apenas eu, que sou covarde demais?

Eu nunca disse isso a ninguém, além dos meus pais e agora a Chloe, e sei o peso que essa pequena frase pode ter.

Três palavrinhas, mas que significam tanto...

— Eu precisei te persuadir a me namorar. — Brinco, desfocando os meus próprios pensamentos.

— Não foi exatamente assim. — ele sorri; o seu rosto muito próximo ao meu. — Talvez eu não tenha rotulando, porque o temos é muito mais do um

simples namoro. Sempre foi mais, desde o início.

Passo a mão em seu cabelo, ainda molhado do banho, afastando uma mecha que cai teimosamente sobre a sua testa. Eu não posso discordar do que ele disse, nós somos mais, muito mais do que namorados. Ele é simplesmente o dono do meu coração, aquele que tem me mostrado todas as possibilidades do amor.

— Me beija. — Peço, puxando o pela nuca e o trazendo mais perto de mim.

Nem um segundo a mais, além do instante em que a última letra sai da minha boca, ele está me beijando. Seu hálito fresco de encontro ao meu, é como uma lufada de ar no calor do verão. Um beijo firme, intenso a princípio, mas então Drew diminui o ritmo, elevando o simples ato de beijar, ao nível máximo da perfeição.

Como eu amo a sensação do seu corpo junto ao meu, suas mãos em todos os lugares, como se fosse mágica. É vertiginoso e excitante na mesma proporção.

—Drew. — sussurro tão roucamente, quando ele se afasta para beijar o meu pescoço.

Ele beija cada lugar por onde suas mãos passaram antes, tirando minha camiseta em um movimento fluído, enquanto eu ainda estou com os olhos fechados.

Jogo minha cabeça para trás de forma quase involuntária, quando ele sutilmente abaixa um dos lados do meu sutiã, expondo um dos meus seios e o beijando no mesmo instante.

Sua língua quente e a minha pele ainda mais; é como se próprio Sol estivesse nascendo aqui no quarto. Então ele se afasta, soprando sobre a pele molhada de seus beijos, provocando deliciosos arrepios em mim. Ele beija as minhas costelas, se apoiando em seu cotovelo para me olhar de forma lânguida por sob os cílios escuros.

— Você é tão lindo. — Sussurro com amor, porque eu não posso olhá-lo assim e não dizer o quanto ele me afeta. — Eu te adoro tanto!

É quase como dizer que o amo, a intenção é a mesma. O sentido é o mesmo.

— Você é mais linda. — Devolve beijando a minha pele outra vez; logo próximo ao meu sutiã.

A forma como ele me olha, enquanto faz isso, permite-me senti-lo em todos os lugares, mesmo onde ele não esteja tocando ou beijando. Apenas a sua voz, me faz tão consciente, acho que poderíamos fazer amor sem nos tocar. Apenas com o olhar e com palavras.

—E eu te adoro, muito, muito mais... — ele completa, tocando suavemente o meu outro seio, sobre o sutiã.

Eu realmente me sinto adorada, amada. Agora mais do que em qualquer momento da minha vida. Eu prendo a respiração e solto o ar lentamente em seguida. Então eu o toco com a mesma reverência que ele tem feito para mim. Talvez não esteja preparada para dizer que o amo, mas eu posso demonstrar.

Entre beijos e toques, gastamos um tempo quase infinito um com o outro. E é o meu pequeno e próprio pedaço do paraíso, quando estou nos braços de Drew. Eu não sabia que poderia amar alguém assim, não sabia que essa pessoa seria quase tão essencial como o ar que respiro. Mas agora eu sei.

Principalmente quando ele me penetra, tão lenta e amorosamente, diferente da primeira vez. É diferente, mas tão bom quanto. Beijando-me devagar, uma mão em meu cabelo, como ele gosta de fazer, enquanto a outra segura os meus pulsos, prendendo os meus braços logo acima da minha cabeça. É tão erótico e eu estou totalmente entregue a ele, disposta para o que quer que ele faça comigo.

Eu coloco as duas mãos em seu peito, no instante em que ele me vira, me deixando sobre ele agora. Suas mãos são tão suaves, colocadas sobre a minha barriga, enquanto ele me toca, ditando o ritmo em que nossos corpos devem se mexer.

Eu quero fechar os olhos e apenas senti-lo, mas eu não o faço.

Esse é sem dúvida o momento em que mais gosto de me perder em seus olhos escuros, os olhos que eu amei desde o início. Tão lindos quanto uma noite estrelada.

Ele me puxa até ele, beijando-me e roubando todos os gemidos que saem da minha boca quando finalmente chego ao céu, uma e outra vez.

Deito minha cabeça em seu peito, totalmente ofegante, entrelaçando sua mão na minha. As batidas do seu coração são tão rápidas quanto as minhas e por um longo tempo, ficamos assim. Eu quase durmo, com suas mãos em meu



cabelo.

Mas ele se afasta, saindo rapidamente da cama. Eu me deito de costas, olhando fixamente para o teto, antes que ele volte e se deite outra vez. A sua cabeça em meu estômago agora e eu acaricio seus cabelos, como ele fez comigo agora a pouco.

— Eu te amo. — sussurro, quando percebo a sua respiração suave e tranquila do sono.

Não foi tão difícil confessar, lógico que ele está dormindo e não pôde me ouvir; mas eu disse.

Não posso deixar de sorrir, pensando no quão boba eu sou. O sono finalmente me vence, meus olhos estão fechados, quando eu penso que posso ter ouvido Drew me responder.

Mas a essa altura, já estou presa entre o sonho e a realidade.



**Dezoito**

**Drew**

**Mia** tem enganado a mim e a si mesma, eu diria que até muito mais; quando finge que não estamos morando juntos. Temos passado as últimas cinco semanas dormindo na mesma cama, na nossa cama. Porém, ela insiste em manter o seu apartamento.

Isso me incomoda é claro, parece que ela precisa saber que ele está lá, para que ela possa fugir na primeira chance que tiver. Eu não quero que ela tenha dúvidas sobre nós e tenho tentado mostrar em meus atos, o quanto nós três somos perfeitos juntos; muito mais do que meus argumentos poderiam provar.

Tenho exercido a paciência a níveis máximos, porque ela pode realmente ser como uma criança teimosa quando quer.

Mas eu tenho deixado a ditar o ritmo da nossa relação. Desde que Chloe e ela estejam em casa todas as noites quando volto do trabalho, eu posso deixá-la fingir que ainda não somos uma família.

Nunca achei que pudesse me sentir tão feliz, por ter perdido todo o meu espaço em minha própria casa. Mas eu adoro ver os brinquedos e desenhos de Chloe na sala, ou as roupas da Mia no meu armário. Até mesmo o fato de que ela rouba todo o cobertor só para ela, ou joga o seu cabelo sobre o meu rosto enquanto dorme; faz-me sorrir quando lembro.

Acho que não poderia dormir sem ela agora, eu ficaria a noite toda acordado, sentindo falta do seu peso sobre mim ou seu perfume. E existe uma grande possibilidade de que eu abrace o travesseiro e chore, se ela me deixar.

Óbvio, eu não admitiria isso nem mesmo sob tortura e estou chegando à conclusão de que o amor e a loucura são melhores amigos. Eu me sinto louco às vezes, isso eu não posso negar.

Tão louco, que assim que estaciono o meu carro na garagem, já sinto um sorriso involuntário nascer em meu rosto. É a antecipação de ouvir a voz suave de Chloe, combinada com o riso melódico de Mia, que faz eu me sentir o

homem mais feliz do mundo.

Já não posso recordar o silêncio que encontrava antes de conhecê-las, eu não quero nada mais do que tê-las ao meu lado para sempre. Mas para a minha absoluta frustração, silêncio é tudo o que eu encontro, quando ando pela sala.

Está escuro e quieto o suficiente, para me fazer pensar que entrei na casa errada dessa vez.

— Mia. — Eu a chamo, andando até a cozinha. — Chloe!

Nenhuma resposta. Vou até o pé da escada e grito por elas outra vez, mas eu já sei que não estão em casa. Mesmo quando está no quarto com a Chloe; Mia ainda deixa a tevê ligada.

Eu me encosto ao balcão, passando a mão pelo cabelo, enquanto ligo para ela. Não consigo me lembrar de nenhum motivo para elas não estarem aqui agora.

— Alô. — Mia diz, atendendo no segundo toque.

— Onde vocês estão? — eu demando; talvez um pouco mais firme e sério do que gostaria.

— Oi, para você também, Drew. — Ouço o sorriso em sua voz. Ela se diverte me fazendo de bobo.

— Oi, Mia. — murmuro, enquanto respiro pausadamente. — Onde vocês estão?

— No hospital, Chloe ficou com febre a tarde toda. — ela conta de forma calma, mas a palavra *hospital* tem um efeito avassalador sobre mim. — Eu a mediquei quando cheguei em casa, mas como não resolveu, achei melhor trazê-la para ser examinada.

— Por que você não me ligou? — minha voz soa irritada, porque eu estou realmente bravo com ela.

— Você estava trabalhando e eu deixei um bilhete na geladeira.

— Isso não explica nada, você deveria ter me ligado.

Eu a ouço falando com outra pessoa, então ando até a geladeira e seguro o bilhete na mão, lendo o rapidamente, antes de colocá-lo sobre o balcão.

— Eu sinto muito, Drew. — Ela balbucia, lamentando. — Eu não quis incomodá-lo.

mm

*Resposta errada*, isso me irrita muito...

— Estou bravo com você. — Digo simplesmente. — Não seria incômodo... Será que você foi de ônibus até o hospital, com a Chloe doente, ao invés de me ligar?

— Eu peguei um táxi. — Ouço o seu suspiro do outro lado e posso imaginá-la revirando os olhos para mim. — Você viu os corações que eu fiz no bilhete?

— Eu ainda estou bravo. — Seguro o papel outra vez, dando um pequeno sorriso, ao contornar os corações ao lado do meu nome.

— Desculpe-me; — sua voz é fingidamente passiva. — você pode vir nos encontrar?

— Você acha mesmo que precisa me perguntar isso? — coloco o bilhete no bolso, pegando minhas chaves outra vez. — Eu já estava pensando em rastrear o seu celular.

—Eu já te disse o quanto você é bobo? — pergunta rindo. — Espera, você pode rastrear meu celular?

— Quem sabe...

— Isso é um pouco assustador, mas... Chloe te mandou um beijo.

— Diga a ela, que irei beijá-la quando chegar. — eu peço, abrindo a porta do meu carro.

— Nenhum beijo para mim? — ela indaga com um sorriso na voz.

— Eu ainda estou pensando a respeito.

— Você me adora, eu sei. — Sua voz é suave e ela não parece se importar nenhum pouco com o que eu disse. — Estamos te esperando com ansiedade.

Ela me diz o endereço do hospital e desliga em seguida. Enquanto dirijo, tento me livrar da sensação incômoda que sua atitude me causou. Eu gosto de ajudar as pessoas, isso me traz uma grande satisfação pessoal; mais do que isso, eu gosto de saber que sou alguém com quem se possa contar.

E eu faço tudo, absolutamente tudo, pelo bem estar de quem amo. Será que a Mia não percebeu isso? Dizer que não quis me incomodar, quando na verdade eu quero ser a primeira pessoa que ela ligue quando precisar, foi um grande e doloroso tapa na cara.

Estou além de bravo, estou magoado... Porque parece que ela não sente por mim, metade de tudo o que eu sinto por ela.

Estaciono na primeira vaga que encontro e subo a grande escadaria que me leva até a recepção, dobrando as mangas da minha camisa pelo caminho. São quase oito horas e a noite está agradável, então deixei meu paletó no carro.

— Onde fica a pediatria, por favor? — pergunto à primeira enfermeira que vejo passando apressada por mim.

— Terceiro andar, é só subir pelo elevador.

— Obrigado.

Depois que saio do elevador, já no andar da pediatria, pergunto a outra enfermeira sobre Mia e Chloe, usando o sobrenome delas como referência. Ela digita em seu computador por alguns instantes, me informando o número do quarto em seguida. Não é nenhuma tarefa árdua encontrar o quarto certo, pois posso ouvir a voz da Mia, muito antes de parar em frente à porta.

Ela está sentada na cama hospitalar ao lado de Chloe. Um jovem médico, tão alto quanto eu, cobre quase toda a visão que eu poderia ter delas, e eu preciso dizer que detesto a forma como ele sorri para Mia. Bato levemente na porta, tossindo em seguida para chamar a atenção deles.

— *Dew*. — Chloe grita com alegria, tentando ficar de pé; mas o soro ligado ao seu braço a impossibilita.

Ela tem falado de forma mais correta nos últimos dias, mas o meu nome é algo que ela simplesmente não consegue pronunciar corretamente. E a verdade é que eu adoro a forma como ela me chama, existe uma infinidade de carinho na sua pronuncia errada.

— Cuidado, minha baixinha. — falo, passando pelo médico e chegando até a cama.

Mia fica em pé, me beijando rapidamente e me dando o seu lugar, para que eu possa fazer o mesmo com a Chloe. Ela me abraça carinhosamente, deitando a cabeça em meu peito, enquanto eu afago o seu cabelo.

— Você é o pai? — o médico *Dom Juan* pergunta, mas soa muito mais como uma afirmação. Acho que ele já sabe a resposta.

— Sim. — Afirmo sério, odiando com todas as forças a forma como ele olha para a Mia agora. — Como ela está?

Ele volta a olhar para mim, certamente intimidado pela forma como eu o encaro, enquanto espero a sua resposta.

— Como eu disse para a senhorita Anderson, é apenas uma laringite, muito comum nas crianças. — Ele folheia algo em sua prancheta, ao mesmo tempo em que fala. — A febre a deixou desidratada, por isso o soro. Mas alguns dias tomando um antibiótico e Chloe estará perfeita outra vez.

— Isso é bom. — Seguro a mão de Mia e a trago mais perto de mim — Mais alguma coisa?

—Não, mais uns quarenta minutos e o soro termina; então vocês podem ir para a casa.

Aceno em entendimento, então ele estende a receita de Chloe para Mia, se despede, e sai do quarto com bastante rapidez. *Ótima escolha.*

— Ele estava flertando com você quando cheguei? — pergunto a Mia, quando ela se senta também.

— Ele não estava. — Ela nega, rindo, mas os seus olhos me dizem que

foi exatamente o que aconteceu. — Ele achou que eu fosse mãe solteira.

— Eu não posso te deixar sozinha. — Coloco a mão na sua nuca, para beijá-la.

— Achei que estivesse bravo comigo. — ela murmura em minha boca.

— Eu estou e agora um pouco mais. Nós deveríamos ter chegado juntos e nada disso aconteceria.

Chloe se remexe em meus braços, sentando-se com os cabelos espalhados pelo rosto. Ela parece corada, mas acredito que a febre já tenha passado, porque o seu rosto não está tão quente.

— Eu quero o *Dew*. — pede, com voz sonolenta.

— Eu estou aqui. — Digo, segurando sua mão e beijando os seus dedos.

— É o urso, não você. — Mia corrige, entregando o urso para ela.

— Claro; trocado por um urso gordo. — tento parecer magoado, quando Chloe beija o meu rosto. — E fui eu quem trouxe o inimigo para as nossas vidas.

Ambas sorriem, antes de Chloe voltar a deitar ao meu lado, segurando a minha mão livre e me olhando de forma carinhosa.

— Eu amo os meus dois Dews. — ela sussurra, antes de fechar os olhos.

— Eu também te amo, Chloe. — Recito baixinho, mas alto o bastante para ela ouvir.

A primeira vez que ela disse que me amava, fiquei sem reação e não consegui devolver a sua declaração. Eu me senti invadir por uma gama imensa de emoções inéditas, coisas que eu jamais senti antes. Chloe é a criança mais linda que eu já conheci e eu sabia que convivendo com ela, seria inevitável não amá-la. Mas eu não estava preparado para a intensidade do amor que aumenta a cada novo dia. Eu farei qualquer coisa para vê-la feliz e sei que Mia se sente da mesma forma.

Quando Chloe dorme, eu me levanto devagar e faço um gesto para Mia

se deitar no meu lugar. Puxo uma cadeira e sento próximo à cama, deitando a cabeça em sua barriga, deixando com que ela afague meus cabelos por um tempo. Nós sempre ficamos assim, e é quando eu me sinto mais vulnerável; como se eu fosse um menino, totalmente entregue aos meus sentimentos por ela.

— Ainda estou chateado por não ter me ligado. — Murmuro, sem levantar meu rosto. — Muito chateado.

— Desculpe, eu fiquei tão preocupada com a Chloe e acabei não pensando direito. — Sua voz é tão sincera e isso me deixa um pouco mais tranquilo. — Você tem razão, eu deveria ter ligado, nós somos um time afinal.

— Nós somos uma família. — Eu a corrijo, me afastando para segurar o seu rosto com as duas mãos — Não importa onde eu esteja, ou o que eu esteja fazendo; se você e a Chloe precisarem de mim, eu estarei lá. Você entende isso?

— Sim, eu entendo. Você pode me perdoar?

— Você promete nunca mais fazer isso? — pergunto, com um pequeno sorriso. — Por favor?

— Eu prometo. — ela sorri em meus lábios, antes de me beijar. — Eu não conhecia essa sua necessidade por controle.

— Não é isso, Mia. Eu quero que você saiba que pode contar comigo, para absolutamente tudo.

— Isso é novo para mim, contar com alguém; mas eu posso contar com você. Eu sinto isso com cada fibra do meu ser, Drew.

Eu a beijo com toda a paixão que posso demonstrar, talvez de forma quase dolorosa, tentando dissipar esse sentimento de impotência que ela me faz sentir às vezes.

Afasto-me lentamente depois de um tempo, tocando os seus cabelos e beijando o seu pescoço; antes de voltar a ficar na posição anterior. Não sei quanto tempo se passou, mas acho que Mia pode ter dormido também, pois seus toques em meu cabelo cessaram há algum tempo. Mas eu só levanto minha cabeça de sua barriga, quando uma enfermeira sorridente, vestida de rosa, entra no quarto.



— Ela dormiu. — ela balbucia com ternura, apontando para a Chloe. — Vou tentar tirar o soro sem acordá-la.

— Obrigado. — agradeço com um sorriso.

Meu celular vibra em meu bolso, no mesmo momento em que Mia acorda e se senta na cama, olhando para a enfermeira que cuida de Chloe, com atenção.

— Vou atender no corredor. — digo a Mia, mostrando o celular e a beijando antes de sair.

— Tudo bem. — responde, já começando a reunir as coisas de Chloe.

Caminho até a grande janela de vidro no final do corredor. Longe o bastante de todos os quartos, para me dar um pouco de privacidade, antes de atender.

— Scott falando. — Uso o meu modo profissional para atender, porque ninguém, além de Mia ou Adam costuma me ligar, e não conheço o número que aparece na tela.

— Drew, sou eu, Claire. — A voz suave de Claire me deixa surpreso, ela nunca me liga, nunca mesmo.

— Oi, Claire. — Balbucio, incerto. — Tudo bem? Posso ajudar em algo?

— Estou bem sim, obrigada. E você?

—Tudo certo, nós estamos no hospital. — pronuncio. — Chloe precisou ser medicada devido a uma laringite.

—Isso acontece com o meu filho o tempo todo. — ela murmura. — Espero que ela fique bem logo.

—Sim, ela já está melhorando. Aconteceu alguma coisa?

Eu não gosto da sensação de que o que ela precisa me dizer a incomoda, ao ponto de precisarmos jogar conversa fora antes de finalmente chegarmos ao

objetivo desse telefonema.

— Coincidentemente, é algo ligado a Chloe. — Ela diz.

— Então diga logo. — Eu não queria, mas talvez tenha soado um pouco rude — Por favor, é só falar Claire.

— Ok... — ela respira repetidas vezes, antes de continuar. *Que droga.* — É sobre a mãe de Chloe.

— Apenas fale.

— Ela foi encontrada morta hoje pela manhã, em sua cela.

— Como isso é possível? — não consigo conter a exclamação.

— Ela se matou, Drew. — Claire esclarece, e há um tom sutil de lamento em sua voz. — Tomou uma quantidade absurda de remédios para dormir.

— Ainda não faz o menor sentido. Como ela conseguiu esses remédios?

— Eu não faço a menor ideia, mas você é experiente o bastante para saber como as coisas funcionam na cadeia.

— Claro... — uma única palavra e um milhão de significados.

— Ela tinha um histórico extenso de depressão, — ela explica. — inclusive com outras tentativas de suicídio na adolescência.

— Ela deveria ter tido um acompanhamento psicológico. — Me encosto à parede, colocando a mão livre no bolso. — Isso é terrível, Claire, mas sem querer ser insensível, esse fato pode atrapalhar a adoção de Chloe?

— No momento eu não vejo nenhum motivo para isso, desde que ambos os pais assinaram os documentos e abriram mão da guarda; a adoção corre de forma tranquila.

— A Mia irá assinar a guarda permanente na próxima semana, não é? — insisto, sentindo a necessidade de me cercar de todas as garantias agora.

— Sim e a menos que alguém da família de Rebecca apareça e conteste isso, — ela faz uma pausa e ouço barulho de papéis do outro lado. — a Mia será a guardiã legal e mãe da Chloe, e Drew... isso é tudo o que eu quero.

— Eu sei. — Replico com um sorriso na voz.

Claire é tão dedicada ao seu trabalho, que se envolve de forma profunda com cada criança e família que chega até ela. Quem dera, todos pudessem ter o mesmo amor que ela demonstra à sua profissão.

— Obrigado por ligar. — Agradeço me despedido e voltando para o quarto. — Contarei à Mia mais tarde.

— Tudo bem. Tchau, Drew.

— Tchau, Claire.

Guardo o celular no bolso, antes de abrir a porta e entrar no quarto novamente. Chloe ainda dorme, mas sem agulhas em seu braço. Mia está terminando de fechar a sua bolsa e seus olhos me encaram curiosos, eu sei que o meu rosto parece diferente de quando eu saí há poucos minutos.

— Tudo bem? — ela pergunta, vindo até mim.

— Sim, tudo bem. — afirmo de forma tranquila.

Eu deixo ela se encaixar em meus braços e beijo ternamente seus cabelos.

— Podemos ir. — Ela anuncia. — Você pode carregar a Chloe?

— Claro. — Eu a aperto um pouco mais, antes de soltá-la. — Vou tentar não acordá-la.

— Os remédios deixaram-na completamente sonolenta, acho que ela só acordará amanhã.

Mesmo assim, seguro Chloe com o máximo de cuidado e caminho

devagar até o elevador, ela se mexe, mas não acorda; mesmo diante de todo o barulho do hospital.

Paramos diante do meu carro e Mia me ajuda a ajeitá-la na cadeira que comprei para ela há algumas semanas.

— Estamos indo para casa, *Dew*? — Chloe me pergunta, sem abrir os olhos, enquanto eu fecho o seu cinto.

— Sim, meu amor. — Recito com carinho. — Vamos para a casa, pode dormir.

Beijo sua testa, fechando lentamente a porta para não incomodá-la e abro a porta para Mia. Ela ri e bate de brincadeira em minha mão, quando puxo o seu cinto de segurança, ajeitando a como fiz com Chloe.

Então eu dirijo devagar para a casa, segurando a mão de Mia em alguns momentos. E no instante em que deixo Chloe dormindo em seu quarto, fecho meus olhos e peço a Deus que nada estrague a felicidade que ela trouxe à minha vida.

Eu não poderia viver apenas com a metade do meu coração. Não poderia viver sem a *minha doce menina*...



## Dezenove

### Mia

— **Me** diga mais uma vez porque nós estamos aqui. — Drew me pede, segurando firmemente a minha mão e não me deixando sair do carro.

— Porque ela era a mãe da Chloe e nós amamos a Chloe. — Digo com uma voz condescendente e um meio sorriso.

— E o que mais?

— Já é triste o bastante que ela tenha ceifado a própria vida, não precisamos deixá-la ser sepultada sozinha.

— E? — ele faz um gesto com a cabeça, para que eu continue.

— De quantos motivos você precisa? — exaspero, me contorcendo em meu banco.

— O suficiente para eu acreditar que isso é uma boa ideia.

— Você parece tão convicto de que isso não é bom, não sei se posso provar o contrário.

Olho pela janela do carro a paisagem bucólica do cemitério logo à frente, parece que existe tanta paz aqui. Desde que Drew me contou sobre Rebecca, eu não parei de pensar nela. Eu me senti realmente triste e pesarosa, pela vida de alguém em quem eu jamais coloquei os olhos.

Então eu perturbei-o, até que ele me trouxesse aqui, lógico contra a sua vontade. Drew gostaria de estar em qualquer lugar, menos aqui. Mas uma parte

do meu coração precisa fazer isso, estar aqui é como se eu estivesse representando a Chloe. Nós não contamos a ela, eu não sei até que ponto ela entenderia algo assim; então resolvi me calar. Porém, eu irei me certificar de dizer adeus à sua mãe, sussurrar lhe uma última prece e desejar que finalmente ela encontre a paz, que suas escolhas erradas não trouxeram à sua vida.

— Ela era a esposa do meu pai, eu não a conheci, — pontuo, voltando a olhar para ele. — mas gostaria que tudo tivesse sido diferente. Além do mais, eu sinto que estou representando-o também, além da Chloe.

Drew me olha atentamente, eu não sei por que ele acha tão ruim assim, que estejamos aqui. Que mal isso pode nos fazer?

— Tudo bem. — Ele concorda, tirando finalmente as chaves da ignição. — Vamos ficar apenas alguns minutos, a Chloe ainda não está bem.

— Eu sei, disse a Susan que não demoraria.

Precisei recorrer aos serviços de *baby sitter* de Susan outra vez, algo que eu não fazia há algum tempo. Desde que Chloe está na creche durante o dia e Drew fica com ela à noite, quando preciso trabalhar em algum evento. Mas, Chloe ainda acordou febril essa manhã e eu não poderia enviá-la para creche.

Meu coração se aperta um pouco por tê-la deixado doente, para ir trabalhar. Às vezes não é fácil ser mãe!

Drew sai do carro e abre a porta para mim, segurando minha mão em seguida.

— Pare de me olhar com essa cara, Drew. — Eu o recrimino com uma careta involuntária.

— Que cara? — ele pergunta, com as duas sobrancelhas levantadas e um ar de surpresa no rosto.

— A mesma cara que eu estava quando você me levou até a creche.

— Ah, essa cara... — ele fala pausadamente, encostando-me no carro e tocando sua testa na minha. — A cara de alguém que está fazendo algo que não quer.

— Serão só alguns minutos e então iremos embora. — Afirmo, o beijando rapidamente.

Caminhamos em silêncio por entre as árvores e a grama verde, passando por dezenas de sepulturas, até encontrarmos o lugar aonde Rebecca será sepultada. Eu sempre tenho a sensação de que estou pisando sobre os corpos, quando caminho por um lugar assim; é meio mórbido.

Algumas pessoas estão reunidas ao redor de um caixão de madeira escura, enquanto um pastor ou algo assim, recita uma passagem da bíblia. E eu nem sabia que ela era do tipo espiritualizada. Drew e eu encontramos um lugar mais afastado e tentamos passar despercebidos, mesmo assim, algumas cabeças se viram curiosas para nos olhar.

— Eu achei que estaria vazio. — Sussurro para Drew, tentando não chamar mais atenção.

— Ela não era uma indigente, Mia. — Ele sussurra de volta. — Certamente tinha alguns amigos.

Aceno em concordância e concentro meu olhar na cerimônia à frente. Não que eu achasse que ela fosse uma indigente, mas imaginei que ninguém se importaria o suficiente para estar aqui. E isso me perturbava. Imaginá-la sozinha, como se ela não tivesse significado absolutamente nada enquanto viveu me deixava estranhamente triste.

Eu gostaria de ter uma foto de Rebecca agora, nem ao menos sei como ela se parecia fisicamente. Será que a Chloe se parece com ela? Será que existe um traço marcante de sua personalidade que Chloe herdou? Talvez ela gostasse muito de tevê... Bom, isso não é realmente relevante, todo mundo gosta de tevê. Talvez ela fosse uma bailarina, ou tivesse um louco amor por cachorro quente.

— Quantos anos ela tinha? — pergunto ao Drew, falando bem próximo ao seu ouvido.

— Vinte e seis. — Ele articula, bem perto do meu rosto. — Vinte e sete talvez; eu não tenho certeza.

— Ainda assim muito jovem, quase a minha idade. — deito minha cabeça em seu ombro, enquanto ele aperta a minha mão. — Isso é muito triste.

— Sim, muito triste.

Mais alguns minutos de oratória, e o pastor se cala. Todos sussurram uma prece, os olhos fechados. Mas eu permaneço atenta, meus olhos curiosos em uma senhora que se aproxima do caixão. Seu cabelo castanho liso está preso em um coque. Ela está com um vestido preto sóbrio, mas muito elegante, na altura dos joelhos e scarpins da mesma cor. Olhando para ela, eu diria que está na casa dos cinquenta anos, talvez um pouco mais. Ela destoa do resto das pessoas, com seu jeito requintado e naturalmente austero.

— Acho que aquela é a mãe da Rebecca. — Drew sussurra, interrompendo meus pensamentos.

— A avó de Chloe? — meus olhos encontram os seus e ele confirma. — Ela não estava em Londres?

— Sim, mas acho que ela achou que esse seria um bom momento para aparecer.

De repente, sou tomada por uma sensação ruim sobre ela; algo que não poderia explicar em palavras. Acho que Drew estava certo, não deveríamos ter vindo. Giro a minha cabeça para encará-la novamente, óbvio que não posso me esconder dela. Seria muito fácil chegar até mim e principalmente até a Chloe.

O pensamento me faz espetar o dedo no espinho de uma das rosas que trouxe para colocar no túmulo de Rebecca.

Falta tão pouco para eu assinar os papéis da adoção.

Que Deus me perdoe, mas ela não poderia ter morrido na semana que vem?

Eu quero me virar e voltar para o carro, voltar para a Chloe e fugir antes que alguém venha até mim. Mas, outra mulher caminha sorridente até nós, no instante em que o caixão começa a ser baixado e a cerimônia termina.

— Você deve ser a Amália. — Mesmo um pouco mortificada, não posso esquecer o quanto detesto que me chamem assim.

— Mia, — recito com calma. — pode me chamar de Mia.

— Sou Nicole, Rebecca e seu pai eram meus vizinhos. — Aceito sua mão e aperto seus dedos amarelados pela nicotina.



Melhor não pensar no tipo de amizade que ela tinha com o meu pai. Seu cabelo loiro, um pouco mais claro que o meu, está solto e se movimenta levemente quando o vento da tarde o toca, trazendo um cheiro muito forte de cigarro e algo mais. Eu não tenho experiência, mas posso dizer apenas por olhar para a sua magreza e as rugas em seu rosto; que ela tem um problema com drogas também.

— Como a Chloe está? — ela pergunta, mordendo as cutículas da sua unha, parecendo estranhamente ansiosa.

— Bem, perfeita para dizer a verdade. — Tento sorrir e me mostrar educada.

— Eu sinto falta dela, — ela suspira. — tenho um filho de cinco anos e Chloe adorava brincar com ele. Ele também sente falta dela.

Eu sinto pena do filho dela, tanto quanto tenho de Chloe, por ter estado aos cuidados de alguém que parece completamente perdida. Incapaz de cuidar de si mesma, menos ainda de uma criança.

— Como você sabia o meu nome? — pergunto, curiosa por ela saber quem eu sou.

— Seu pai falava muito de você e tinha um porta-retrato com sua foto na sala. — ela conta, olhando para trás e procurando alguém. — Você estava mais jovem, usando aparelho nos dentes.

— Eu me lembro dessa foto, dei ao meu pai quando completei dezesseis anos. — toco minha boca diante da lembrança. — Não achei que ele tivesse guardado todo esse tempo.

— A Chloe amava essa foto, estava sempre com ela. — Ela volta a olhar para mim, os olhos um pouco esbugalhados agora. — Até que a Rebecca a jogou no lixo, ela não gostava muito de você.

— Oh, que pena... — é tudo o que consigo dizer, os braços de Drew ao meu redor agora.

Como ela poderia não gostar de mim, nós nem nos conhecíamos? Mas a informação sobre a foto, explica o fato de Chloe se sentir à vontade ao meu lado desde o começo. Ela já me conhecia e gostava de mim, apenas por uma foto. Isso me deixa muito feliz.

— Eu preciso ir, mande um beijo para a Chloe. — Ela caminha apressada até um grupo de pessoas, sem me dar a chance de responder.

— Podemos ir também? — Drew pergunta, me virando para ele.

— Vou só deixar as rosas na sepultura e então iremos.

Deixo-o parado onde está e caminho apressada até a sepultura, ainda aberta. Eu jogo as rosas que seguro e observo elas caírem lentamente e repousarem sobre o caixão. Então solto um suspiro vagaroso e me viro para voltar até o Drew; mas esbarro na mãe de Rebecca, logo atrás de mim.

— Quem é você? — ela pergunta com voz firme, me inspecionando de cima a baixo.

— Mia, Mia Anderson. — Respondo um pouco intimidada com o seu olhar. — Filha do Joseph, a Rebecca era a minha madrasta.

— Claro, entendo. — Ela meneia levemente a cabeça. — Você está com a minha neta.

— Sim, — confirmo. — Chloe está morando comigo.

— Desculpe, onde está minha educação? — exclama com a voz mais suave, estendendo a mão para mim. — Sou Lorena, a mãe de Rebecca.

— Oi. — Aceito a sua mão, achando que não devo dizer que é *um prazer conhecê-la*, diante das circunstâncias.

Ela não parece alguém que acabou de enterrar uma filha, na verdade ela parece muito mais calma e serena do que eu mesma me sinto. Seus olhos castanhos se fixam no meu rosto por alguns segundos, antes que ela volte a falar.

— Ficarei aqui por alguns dias, antes de voltar para Londres. Gostaria de

me encontrar com a Chloe, eu a vi apenas quando era um bebê.

*Deus, o que eu devo dizer?*

Gostaria de empurrá-la até seu carro e mandá-la tomar chá com a rainha e nunca, nunca mais voltar.

Mas eu não posso realmente fazer isso, posso?

— Claro. — Digo com bastante relutância. — Quer anotar meu telefone? Então poderemos combinar o melhor dia.

Ela assente, buscando em sua bolsa e segurando uma agenda muito chique de couro e caneta dourada, anotando o número que eu recito a ela.

— Eu ligarei em breve. — fala, guardando a agenda e ajeitando os cabelos. — Até logo, Mia.

— Até logo.

Eu sinto como se um caminhão tivesse passado por mim, me deixado perdida. Ela não disse nada demais, qual o problema em uma avó querer ver a neta que mal conhece?

Mas, é como se existisse promessas silenciosas em seu olhar e seus gestos calculados. Eu não gostei dela, nem um pouquinho mesmo. Eu me afasto da sepultura, antes que o medo me derrube sobre o caixão e Drew precise me resgatar.

— O que ela disse? — ele pergunta, com preocupação em seu olhar. Ele se sente como eu agora, certamente.

— Que quer ver a Chloe antes de voltar para a casa. — Ando apressada até o carro, puxando Drew pelo braço. — Não é nada demais, não é?

Eu preciso que ele me diga que não, que não têm nada de errado e que ninguém, absolutamente ninguém, pode tirar a Chloe de nós.

— Eu acho que não. — Ele responde, apertando o alarme do carro e abrindo a porta para mim.

Eu não gosto deste *acho*. Drew nunca tem dúvida das coisas, eu adoro o

fato de que ele parece saber o que fazer, não importa a situação. Ele tem convicção e segurança em tudo, e isso faz com que eu me sinta segura. Mas agora ele *acha* e eu *acho* também. Nunca uma única palavra me causou tanta insegurança.

— Ela não parece ter nenhum interesse em ficar com a Chloe, — balbucio, mais para mim mesma. — cuidar de uma criança é difícil, nem todo mundo tem essa disposição.

— Ficaré tudo bem, Mia. — Drew afirma, beijando a minha mão, antes de ligar o carro.

Devolvo seu sorriso, tentando deixar suas palavras me acalmarem. Entretanto, durante todo o caminho até o apartamento de Susan, eu me mexo desconfortavelmente em meu assento, como se houvessem espinhos no banco de couro.

Ou será que são espinhos em meu coração? Fazendo-me sangrar silenciosamente apenas com a possibilidade de ficar sem Chloe. *Jesus, eu morreria...*

Deixo Drew me abraçar no elevador, ele também se sente inseguro. Acho que só voltaremos a respirar, no instante em que colocar meu nome nos papéis da adoção e ter certeza de que Chloe estará ao meu lado para sempre.

Um simples pedaço de papel e toda a minha felicidade em jogo.

— Oi, Mia. — Susan abre a porta com alegria e eu me forço a sorrir também. — Oi, Drew.

— Oi, Susan. — Drew e eu exclamamos juntos, enquanto entramos em seu apartamento.

Dou risada da nossa sintonia, me virando para ele e beijando o seu queixo, antes de procurar pela Chloe.

— Onde está aquela menininha linda, que eu deixei aqui hoje de manhã? — pergunto a Susan, com voz divertida. Chloe está escondida atrás do sofá. — Será que ela fugiu?

— Ah, eu não sei, ela estava aqui agora mesmo. — Susan diz, com voz teatral, erguendo as almofadas do sofá para fingidamente procurá-la

Drew e eu procuramos pela sala, em todos os lugares, menos no sofá que é onde ela está.

Chloe adora fazer isso, geralmente na hora do banho e eu fico tão encantada com o quanto Drew consegue se envolver na brincadeira. Acho que poucos homens poderiam ser tão adoráveis e másculos ao mesmo tempo.

— Ela não está aqui. — Ele fala, parando ao lado do sofá. É audível a risada da Chloe atrás dele. — Então acho que teremos que comer pizza sozinhos hoje à noite, Mia.

— É verdade, vamos para a casa então. — Digo, dando risada. *Eu sou uma péssima atriz.* — Tchau, Susan.

Drew abre a porta e a fecha no mesmo instante, se apoiando nela. É quando Chloe sai feito um meteoro e corre atrás dele.

— Estou aqui, estou aqui. — Ela repete com a voz um pouco rouca. *Minha doçura.*

— Graças a Deus, achei que tivéssemos te perdido. — ele a segura e a beija com carinho.

— Você tomou o seu remédio? — pergunto tocando as suas costas.

— Sim, Susan me deu com suco de *molango*. — ela conta, enquanto sorri para Susan.

— Que ótima ideia, por que eu não pensei nisso antes? — murmuro admirada, essa informação será útil para a posteridade.

O antibiótico que ela está tomando tem um gosto horrível, eu mesma admito isso. Foi preciso todo o charme, sorrisos e poder de persuasão de Drew, para que Chloe tomasse a sua dose ontem à noite. Eu deveria ter pensando em colocá-lo no suco também, teria nos poupado muitas lágrimas. Mas ainda estou aprendendo, a cada nova situação me sinto um pouco mais confiante como mãe. Porém, a verdade é que eu não sei o que faria sem Drew ao meu lado nessa jornada, que é cuidar de outra vida.

— Muito obrigada por cuidar dela, Susan. — me despeço com um abraço demorado.

— Foi uma alegria para mim, — ela exclama feliz. — tenho me sentido sozinha sem vocês morando aqui em frente.

— Nós também sentimos muito a sua falta. — afirmo, me afastando para Drew e Chloe poderem se despedir também.

— Você vai se casar com ela, não é rapaz? — ela pergunta a Drew, enquanto o beija no rosto. — Eu sei que as pessoas hoje em dia não se importam tanto com isso. Mas a Mia merece um anel em seu dedo.

— Susan, pelo amor de Deus. — Eu grito, me sentindo mortalmente envergonhada.

— Claro que eu vou, Susan. — Drew ri, me puxando até ele, com seu braço livre. — Assim que ela admitir que nós estamos morando juntos.

— Isso é bom, — Susan parece satisfeita com a resposta. — não se esqueçam de me convidar.

—Você será nossa convidada de honra. — Drew afirma, já dentro do elevador.

— Eu não conhecia esse seu lado casamenteiro, Susan. — Brinco, tocando o meu rosto ainda quente.

— Eu só o coloco em prática, quando estou diante de duas pessoas que se amam tanto. — Ela sussurra, piscando para mim e fechando a porta em seguida.

Dou risada do seu jeito e entro no elevador também, me encostando a parede oposta onde Drew está com Chloe nos braços. Talvez eu esteja um pouco envergonhada pela forma que Susan o colocou na parede, mas ele parece não se importar nenhum pouco.

— Você vai se casar com o *Dew*, Mi? — Chloe pergunta, mexendo em sua gravata, o fazendo rir alto.

— Até você, Chloe. — Reviro os olhos, cruzando os braços sem responder. — Acho que você passou tempo demais com a Susan.

— É claro que ela vai, Chloe. — Drew responde a ela, mas sem deixar de me olhar com bastante intensidade. Ele parece tão certo disso.

— Se você me implorar... — eu debocho, mostrando a língua para ele. — Talvez eu pense no assunto.

— Você sabe que eu não imploro. — Ele sussurra, segurando a minha mão, através do pequeno espaço entre nós. — Mas por algo tão maravilhoso, quanto passar a minha vida toda ao seu lado; estou disposto a implorar.

Que a sorte a minha estar apoiada à parede. Do contrário, talvez eu caísse no chão diante de suas palavras, meus joelhos fraquejaram com cada uma delas.

— Apenas vamos para a casa! — Murmuro olhando para os meus sapatos.

— A nossa casa. — Ele corrige, colocando a mão no meu queixo e exigindo que eu o olhe. — A nossa casa, Mia.

— A nossa casa, Drew. — Eu repito, tentando esconder um sorriso.

Mas como eu posso não sorrir, estando diante dos meus dois amores? As duas metades do meu coração...



Vinte

Mia

**Dois** dias se seguiram desde o sepultamento da mãe de Chloe e não tive nenhuma notícia de sua avó, desde então.

Eu estava desconfiada e sempre alerta, como alguém que espera o golpe certo de uma cobra e simplesmente não pode fugir. Eu contava os segundos, minutos e horas para o dia em que encontraria Claire e o juiz, e enfim me tornaria guardiã legal de Chloe. E parece que o tempo teimava em passar devagar, eu estava tensa. Sem ignorar meu sexto sentido que não me deixava relaxar.

Apesar disso, tentei seguir minha rotina da melhor forma possível. É quinta-feira, Chloe está completamente recuperada de sua dor de garganta e pronta para voltar para a creche depois de três dias em casa. Ela está animada para rever os amigos, e eu apenas tentando conter toda a ansiedade que corre em minhas veias.

— Sente-se aqui para comer o seu cereal, Chloe. — Eu a chamo, quando ela sai da cozinha e vai para a sala, com a tigela na mão.

—Eu quero *come* aqui, Mi. — Ela replica. Dou risada, ainda de costas para ela, enquanto espero o café ficar pronto.

Durante esses dias em que ela esteve doente, Drew e eu a tratamos como um bebê e fizemos todas as suas vontades. Esse é o resultado, agora ela só quer comer em frente à tevê e eu sei que isso não é algo bom.

— Seja uma boa menina, meu docinho e venha comer aqui na mesa. — Peço com carinho.



— Não. — Ela nega com a boca cheia e sem abandonar *Dora, a Aventureira*.

Esses desenhos são feitos com hipnose embutida neles, mas eu não posso reclamar. Chloe tem respondido todas as perguntas de Dora e por esse motivo tem falado corretamente a maior parte do tempo. *Deus abençoe aquela Mochila Falante*.

— Drew. — Uso meu tom de suplica, quando me viro para ele e bato os meus cílios.

— Chloe, desligue a tevê e venha sentar-se aqui. — Ele intercede com voz calma, mas extremamente firme. — Agora.

Eu a ouço suspirar em derrota, mas não demora nem um segundo sequer para fazer o que ele disse.

— Obrigada. — Sussurro, roubando o seu celular.

— Estava mandando um e-mail muito importante para o trabalho. — Ele pontua se desencostando do balcão e vindo até mim.

— Você pode fazer isso daqui a pouco.

Ele sorri, passando por mim e roubando um beijo, antes de se sentar ao lado da Chloe. As nossas refeições juntas são sempre uma parte muito alegre do meu dia, é quando eu percebo que o amor pode ser real, palpável. E eu me sinto tão em casa aqui, como nenhuma vez me senti em qualquer outro lugar que já tenha morado.

Ok, eu finalmente disse ao Drew que aceitava morar com ele e confessei que daqui a dois meses, quando acabar o contrato de aluguel, eu irei entregar as chaves do meu apartamento.

Ele pareceu tão feliz quanto um menino ganhando um skate no natal. E eu gostei de ser o motivo dessa felicidade toda.

— Eu já terminei Mi. — Chloe fala com alegria, já descendo da sua cadeira. — Eu posso *assisti* outra vez?

— Não, nós vamos para a creche hoje. — Eu a recordo. — Você não está

animada para reencontrar o seu querido tanque de areia?

— Sim, muito. — Ela sorri. — Eu estou com saudades da Julie também.

Julie é a grande amiga de Chloe na creche, a abelhinha que conhecemos no seu primeiro dia lá. Elas se adoram como irmãs, é uma amizade muito linda e verdadeira.

— E ela deve estar com muitas saudades de você. — Drew diz piscando para ela e lhe roubando um sorriso doce.

— Então se apresse e escove os dentes, não queremos chegar atrasados. — Ela já está na metade da escada quando termino de dizer isso. — Não brinque com a pasta de dente.

— É claro que ela vai. — Drew replica, me puxando para o seu colo.

—É claro. — Eu repito, lhe dando um beijo rápido.

— Você está bonita, — ele me observa demoradamente. — posso saber por que se arrumou tanto hoje? Alguma ocasião especial?

— Quer dizer que eu estou feia e desarrumada nos outros dias? — pergunto, olhando para a minha roupa.

Eu tive uma louca vontade de parecer elegante e séria hoje, não sei por que exatamente. Mas, talvez hoje seja o dia em que a avó de Chloe finalmente vai me ligar e aparecer, e eu quero me sentir confortável diante dela. Mesmo que eu seja mais despojada a maior parte do tempo. Por esse motivo, escolhi vestir uma saia lápis azul marinho, que vai um pouco abaixo dos meus joelhos e uma camisa de cetim vinho, com mangas curtas e que tem um lindo e gracioso laço em sua gola. A camisa é sem dúvida alguma, uma das peças favoritas do meu guarda-roupa, e eu não deveria usá-la para trabalhar, baseado no fato de que me custou uma pequena fortuna. Mas, eu não me importo muito com isso agora. Eu me sinto bonita.

— De tudo o que eu te disse, foi exatamente o que você entendeu? — Drew me pergunta, a sua voz divertida me fazendo olhar para ele outra vez. — Que eu te acho feia e desarrumada?

— Não exatamente, — me defendo. — mas você me disse que estou bonita. Isso soa como se eu não estivesse também nos outros dias.

— Você é linda, Mia. Não tem como mudar esse fato. — ele fala sorrindo. — Mas você está diferente hoje e eu só perguntei por que. Espero que não seja o aniversário do seu chefe ou algo assim.

— Ele nem fala mais comigo, apenas me cumprimenta e vai embora. — Conto, rindo ao me lembrar da cara de David todas as vezes quando nos vemos. — Você o assustou com toda aquela história de; *Sou Andrew, o namorado da Mia*.

— Isso me deixa imensamente feliz. — Ele murmura com orgulho.

— Aposto que deixa mesmo.

— Então não tem nenhum motivo especial para essa saia justa? — Ele ainda me sonda. — Não preciso me preocupar?

— O movimento da livraria está devagar, então eu pensei que pudesse me arrumar para ficar na calçada e atrair os clientes. — minto, me divertindo com a expressão de choque em seu rosto.

—Você está brincando, não é? — ele questiona, apertando a minha cintura com força.

— Estou. — Afirmo, tocando o seu rosto. — Se eu fosse um homem tão lindo quanto você, eu jamais sentiria ciúmes, de nenhuma mulher.

— Você não é *nenhuma mulher*, Mia. Você é a minha mulher, a mais linda e especial de todas, e eu morro de ciúmes e medo de alguém roubá-la de mim.

— Você é o único que faz meu coração parar, apenas para voltar a bater mais rápido somente com suas palavras. — Confesso, colocando a sua mão sobre o meu peito. — Ninguém no mundo poderia me fazer sentir isso, além de você.

— E você não sabe o que faz ao meu coração, apenas por me olhar assim. — ele ressoa sobre a minha boca, nossas testas coladas.

— Assim como?

— Como se nós fôssemos os únicos no mundo.

— E nós somos. Eu, você e a Chloe. — exclamo, sentindo o amor em minhas palavras — Sozinhos em nosso pequeno mundo feliz!

Ele sorri, antes de me beijar. Não sei o que aconteceu com ele está manhã. Foi apenas a minha roupa, que causou esse efeito? A forma como ele me beija possessivo e intenso, com urgência; mas mesmo assim como se tivéssemos tempo de sobra. Isso me causa tantas emoções. Será que algum dia eu deixarei de me sentir assim?

Espero que não. Espero ter oitenta anos e ainda assim, sentir que construímos juntos o nosso pequeno mundo feliz. Sentir que um beijo pode significar um milhão de coisas, muito além do que o encontro de duas bocas. No nosso caso, o encontro de duas almas e dois corações.

Eu não sei o que fiz para ser tão feliz. Encontrar o amor de duas formas tão diferente, mas igualmente grandiosas. O amor do Drew e o amor da Chloe. Ambos trouxeram uma luz para a minha vida, como uma cortina que se abriu para a felicidade.

Eu nunca realmente lutei por algo, embora possa me considerar uma pessoa persistente. Mas não lutei realmente, sentido que eu iria contra o mundo inteiro, apenas para ter algo que eu queria.

Porém, eu sei agora, que irei lutar pela Chloe. Lutar pelo Drew. Lutar por nós. Não importa o que aconteça, eu não desistirei.

E os beijos de Drew, seus toques, me fazem um pouquinho mais forte.

—Se apresse, estamos atrasados. — ele fala, afastando a boca da minha e logo volta a me beijar com mais suavidade.

—Então me solte. — Eu demando, o abraçando com muito com mais força.

Ele me beija uma última vez, de forma lenta, então coloca as mãos no meu quadril e me afasta, para poder levantar da sua cadeira. Viro-me de costas para colocar a louça na pia, quando ele passa por mim; dando-me um tapa na

bunda.

—Drew. — Eu grito surpresa, minha voz e o barulho do tapa ecoando pela cozinha.

—Eu gostei da saia, só para você saber. — Ele se diverte, piscando para mim.

—Vá resgatar a Chloe, ela deve ter se perdido entre o banheiro e o seu quarto.

Ele ri, antes de subir rapidamente os degraus e fazer o que eu pedi. Dou risada também, enquanto ajeito a louça suja na lavadora. Enxugo as minhas mãos e começo a sair da cozinha, no instante em que meu celular toca. Eu não conheço o número, mas sei quem está me ligando. Quem mais seria além da pessoa que faz todo o sangue do meu corpo gelar?

*Lorena...* Então meu sexto sentido estava certo. Hoje é o *dia D*.

—Alô. — digo com a voz mais calma e neutra que consigo.

—Mia, como vai? Aqui é a Lorena. — Sua voz é polida e muito educada. Mas eu tenho a sensação de que ela é o tipo de pessoa que consegue ser má, sem deixar de ser gentil. — A avó de Chloe.

As últimas palavras são pronunciadas como se esse título lhe conferisse a posse absoluta e irrevogável de Chloe. E onde essa avó esteve nos últimos três meses?

—Estou bem e você? — replico.

— Bem, obrigada. Desculpe não ter ligado antes, tive que cuidar de algumas coisas.

— Sem problema. — Afasto o telefone do meu rosto e solto um longo suspiro. *Que coisas são essas?*

— Posso ver a Chloe hoje? — ela questiona e meu coração perde uma batida.

Não, não, não. Nãoooooo...

— Sim, — afirmo a contragosto. — desde que você não se importe que seja à tarde. Ela fica na creche o dia todo.

— O dia todo? — ela pergunta exasperada.

— Sim, ela e centenas de outras crianças. — Pontuo com a voz um pouco irritada. — Eu trabalho e a Chloe ama a creche, tem feito muito bem a ela.

— Está certo. Pode ser às cinco?

— Cinco e meia seria melhor para nós. — Falo, fechando os olhos e contando até um milhão. — Tem um café muito agradável, próximo a creche e podemos nos encontrar lá.

— Está perfeito. — Ela fala rispidamente. Ao que parece, ela não possui tanta paciência assim.

— Ok, eu mandarei o endereço por mensagem então.

— Obrigada, Mia. Até mais tarde.

— Até.

Coloco o celular sobre a bancada e aperto minhas têmporas, de repente, sentindo uma incomoda pontada em minha testa.

— Quem era? — Drew pergunta assim que eu abro os olhos, descendo as escadas com a Chloe.

— Aquela pessoa... — eu respondo com uma careta.

Drew tem sido o terapeuta para todas as minhas inseguranças, desde que Lorena apareceu. Claro, ele tem tentado me manter sã e confiante; enquanto o medo se infiltra em meus ossos. Eu posso estar realmente exagerando. Espero estar realmente exagerando, como ele me disse mil vezes seguidas.

— Está pronta? — ele me analisa.

— Vá ligando o carro com a Chloe. — falo, já subindo as escadas. — Vou escovar os dentes e pegar a minha bolsa.

Ele acena, antes de sair segurando a mão da Chloe.



Durante o dia, eu me senti totalmente dispersa, talvez até alheia ao meu trabalho e agradei pela primeira vez, que a livraria estivesse tão vazia. Sendo assim, eu pude roer todas as minhas unhas e desmanchar meu rabo de cavalo, apenas para fazer uma trança, um coque, deixá-lo solto e voltar a prendê-lo ao final do dia.

Eu estava uma pilha de nervos.

O que tinha realmente nessa mulher, que me fazia senti-la como um prelúdio da tragédia?

Quando sai com Chloe da creche ao final da tarde, ela estava mais feliz do que nunca. O rosto corado e os cabelos bagunçados, cheia de sorrisos. Julie havia lhe dado uma tiara de princesa, como um presente de boas vindas, e Chloe estava ansiosa para mostrá-la ao Drew. Foi preciso um pouco de chantagem e a promessa de um pedaço de bolo de chocolate, para convencê-la a me seguir até a cafeteria.

— Tem uma pessoa lá, que quer muito te ver. — Explico, enquanto prendo seu cabelo e ajeito a sua tiara.

— Quem, o *Dew*? — ela pergunta, pegando o pequeno espelho da minha bolsa para se olhar.

— Não, o Drew está no trabalho. Talvez ele venha nos buscar mais tarde. — digo com um sorriso. — É a sua avó, mãe da sua mãe Rebecca.

— Eu não conheço Mi. — Ela murmura com um pequeno bico. — Não quero ir.

— Eu sei que você não a conhece, mas ela quer te ver. Você só precisa ser boazinha por alguns minutos e iremos para casa, e você mostrará a tiara para o Drew.

Ela não parece muito convencida, mas qual criança recusa um pedaço de bolo? Isso é tudo o que a faz caminhar ao meu lado, mesmo que de forma relutante.

Lorena já está na cafeteria, quando passamos pela pequena porta de vidro. Ela me vê e acena; seus olhos se iluminando ao notarem a Chloe ao meu lado.

— Boa tarde. — Eu a cumprimento apenas com um sorriso, antes de me sentar também.

— Olá, Chloe. — Ela sorri, estendendo os braços para Chloe. — Venha dar um abraço na sua avó.

Chloe me olha com cara de choro, ela não tem sido muito amorosa com estranhos ultimamente.

— Ela ainda está um pouco tímida. — Justifico, colocando Chloe sentada ao meu lado. Ela se encolhe contra mim, em busca de segurança.

— Mas ela precisa se acostumar comigo, sou a sua avó. — Lorena pontua, sua voz soa como a de uma rainha insatisfeita.

— Claro, porém, isso demanda tempo e paciência. — Me controlo pra não rolar os olhos. — Precisava vê-la quando veio morar comigo, ela não falava quase nada.

— Mas agora ela parece muito à vontade com você. — ela ironiza, apontando para Chloe, que mexe em meu cabelo com carinho. *Ela ama o meu cabelo.*

Volto a olhar para Lorena e prendo a respiração, então volto a soltá-la lentamente, em um gesto claro de quem precisa se acalmar.

— Temos morado juntas nos últimos três meses. — Balbucio. — Essa intimidade que temos, foi conquistada com muito amor e infinita persistência, não duvide disso.

Ela parece não gostar das minhas palavras, ou talvez seja o tom



complacente que eu usei para falar. Eu não me importo, na verdade.

Lorena faz um gesto para a atendente e volta a me olhar, tirando um fio invisível de seu suéter preto. Ela é uma pessoa de gestos refinados, eu diria que ela tem uma boa situação financeira, talvez ela seja rica. A julgar pelas jóias em seu pescoço e dedos, mas ela parece muito distante de alguém capaz de fazer uma criança feliz.

— Então. — Eu começo, limpando minha garganta, quando a garçonete se vai. — Você vai ficar muito tempo aqui em Atlanta?

—Estou voltando no sábado para Londres. — ela conta, dobrando um guardanapo de papel. — Mas pretendo voltar com o meu marido em breve. Ele não pôde estar no sepultamento de Rebecca.

Tenho vontade de tapar os ouvidos de Chloe, mas ela está distraída demais com o cardápio colorido e tenho certeza de que ainda não sabe o significado de sepultamento.

— Entendo. Sinto muito por sua perda. — Me obrigo a dizer.

— Essa era uma tragédia anunciada. — ela diz, com muito pesar em sua voz. — Rebecca sempre foi uma garota problemática, fizemos de tudo para salvá-la, mas ela escolheu o próprio caminho.

— Você disse que viu a Chloe quando era um bebê. Chegou a conhecer o meu pai?

— Sim, quando eles se casaram, e nos vimos uma última vez no nascimento da Chloe.

— A julgar pelo seu olhar, meu pai não é a sua pessoa favorita no mundo. — Pontuo com cautela.

— E como ele poderia ser? — ela pergunta séria. — Ele destruiu a Rebecca.

— Talvez ele tenha agravado os seus problemas, — pondero. —porém, ele não foi o único culpado.

Acho que esse não é o melhor caminho para a nossa conversa seguir. Apesar de todos os defeitos do meu pai, não ficarei aqui ouvindo coisas ruins sobre ele, ainda mais com Chloe sentada à mesa. A garçonete chega com nossos pedidos, ajudo Chloe com seu bolo, depois seguro minha xícara de chá; deixando o vapor de ervas acalmar meu coração e meus nervos.

— Você não é casada. — Lorena diz, depois de um tempo, olhando para a minha mão esquerda sem anel algum.

— Não. — Respondo simplesmente, não entendo o seu ponto.

— Aquele homem com você no cemitério, eu achei que ele fosse o seu marido.

— Ele é o meu namorado, Drew.

— Eu amo o *Dew*. — Chloe diz sorridente, parecendo adorável com a boca suja de chocolate.

— Chloe convive muito com ele? — Lorena pergunta, enquanto me observa com atenção.

— Nós moramos juntos. — Coloco minha xícara sobre o pires e cruzo minhas mãos, antes de continuar. — Chloe o ama você acabou de perceber.

— Você ainda é muito jovem, Mia. Se sente preparada para cuidar de uma criança? — Ela faz um gesto com a mão, para me calar, quando minha boca se abre para a réplica. — Porque desfilar dezenas de namorados diferentes pela vida de Chloe, não me parece algo saudável.

— Quem falou em dezenas de namorados? — eu indago um pouco insultada. — A minha relação com Drew é muito séria, não venha me ofender dessa forma.

— Eu não quis ofender, só acho que Chloe precisa de um ambiente mais saudável para crescer.

Eu exalo, mordendo a minha bochecha, enquanto conto mentalmente em busca de controle. Essa mulher realmente sabe como causar uma impressão, não

uma boa, é claro.

— Como a sua casa, por exemplo? — murmuro, é óbvio que contar até dez não surtiu efeito algum em mim. — Não foi muito saudável para a sua filha, não é?

Sinto o seu corpo se enrijecer diante de mim. Talvez eu tenha sido um pouco rude e um tanto insensível, mas ninguém tiraria a minha razão.

— Você é uma juvenzinha muito petulante. — ela rosna com desdém, me fazendo rir. — Qual a graça?

— A graça é que eu sempre fui um cordeiro obediente a minha vida inteira. Mas quanto prazer se pode sentir, ao dizer umas verdades para quem merece ouvi-las.

Que Deus me perdoe, mas essa mulher me tira do sério.

Quem ela pensa que é para me tratar desse jeito?

Então uma certidão de casamento, torna alguém mais capacitado para educar uma criança? *Não, não mesmo.*

— Há três meses, eu tinha uma vida que julgava feliz. Um trabalho, um apartamento, alguns amigos, planos traçados... — eu recito sem lhe dar espaço para me replicar. — Então um telefonema mudou tudo. E não foi fácil cuidar de uma criança assim, de repente, mas eu o fiz, mudei toda a minha vida para isso. E onde você esteve esse tempo todo?

— Eu tinha outras coisas para cuidar, tenho uma vida, além da Rebecca. — Ela replica, com tamanha petulância, me irritando um pouco mais.

— Eu também tenho, mas a minha irmã foi mais importante. Não acha que a sua neta também merecia essa mesma importância?

— Estou aqui agora e quero cuidar da Chloe. Sou o seu único elo familiar agora.

— Meu pai ainda não morreu e só para constar, — digo sem nenhuma paciência agora. — eu também sou parte da sua família.

Olho para Chloe, seu rosto parece preocupado. O garfo de bolo, a meio caminho de sua boca. Lorena e eu não levantamos a voz, mas é evidente que estamos discutindo, a nossa linguagem corporal deixa isso muito claro. Eu não queria que isso acontecesse, *Deus sabe que não*.

— Está tudo bem, Chloe. — Sussurro com um sorriso reconfortante. — Termine seu bolo, vou pedir para o Drew vir nos encontrar.

— Tá bom. — Ela sorri de volta, se concentrando no bolo outra vez.

— Eu não fui apenas uma babá para Chloe, durante esses meses. — Volto a olhar para Lorena e falo com a voz baixa. — Ela é minha filha agora e vai continuar comigo, era o que a sua filha queria também.

— Minha filha não sabia o que queria. — Ela murmura, se levantando e deixando algum dinheiro sobre a mesa. — Eu acho que posso ser muito melhor para Chloe, do que você.

— Eu duvido disso, e acho que o fato de que ela nem sorriu para você prova que ela duvida também.

Ela faz uma careta, antes de afagar os cabelos de Chloe e sair pisando forte pela cafeteria, como um touro selvagem.

Eu sempre achei que minha mãe fosse terrível, mas agora não tenho tanta certeza. Lorena e ela podem competir arduamente pelo posto. Mando uma mensagem rápida para Drew e deixo o celular sobre a mesa, encosto-me no banco e fecho os olhos. Minha mente parece um turbilhão. Aonde tudo isso vai nos levar agora?

— Eu gosto mais da Susan. — Chloe fala, tocando o meu braço com cuidado. — Ela pode ser a minha avó?

Sorrio, com os olhos fechados. A sua doçura ainda é capaz de me encantar por completo. Não posso deixar que alguém como Lorena lhe roube isso e a transforme em um adulto ferido.

— Tenho certeza de que ela adoraria. — Respondo, olhando para ela e roubando um pedaço do seu bolo. — Pergunte a ela.

Seus olhos brilham de felicidade. Chloe tem montado a sua família como um quebra cabeça, escolhendo as peças que mais gosta. E assim como toda a criança de sua idade, ela usa apenas um critério para isso. *O amor...* Porque diferente de nós, ela enxerga com o coração. E que felicidade a minha, porque ela me vê da forma mais linda. O amor a trouxe até mim, e nada e nem ninguém a levará embora.



Vinte e Um

Mia

— O fato de você ter dito duas palavras no caminho para casa, deve significar que seu encontro com, *aquela pessoa*, não foi nada bom. — Drew murmura, no instante em que chegamos em casa.

Chloe passa correndo por nós em direção a sala. Ela tagarelou por todo o caminho, mas nenhuma palavra dita foi referente à sua avó. Isso não me surpreende.

— Dizer que não foi bom, seria um eufemismo. — Bufo, afastando os fios de cabelos em meu rosto. — Foi realmente horrível.

— Tão ruim assim? — ele pergunta, me seguindo até a cozinha.

*Oh, doce Drew, você não faz ideia...*

— Ela quer a Chloe. — Conto, abrindo a geladeira e pensando no que farei para o jantar. Acho que posso bater em alguns bifes com o martelo de carne e imaginar que é o rosto da Lorena.

— Como assim? Ela quer a guarda também?

— Eu não estudei física quântica, mas tenho certeza de que foi isso o que estava nas entrelinhas.

— Quais palavras ela usou exatamente? — ele demanda, fechando a geladeira e me virando para ele.

— Que está aqui para a Chloe agora e que pode cuidar dela muito melhor do que eu. — sussurro, desfazendo o nó da sua gravata. — Ela também me chamou de promíscua e disse que desfilar dezenas de namorados pela vida de Chloe, não seria algo saudável.

— Dezenas de namorados. — Ele repete; uma mistura entre a surpresa e irritação. — Por que ela diria algo assim?

— Ela me perguntou se eu era casada, claro que ela já sabia a resposta. — digo, revirando os olhos em desgosto. — Eu disse que não, então ela deu a entender que você é apenas mais um na minha cama.

— Pelo visto ela se esqueceu de colocar a educação na mala, quando veio para cá.

— Pelo contrário, ela é muito educada, o tipo de pessoa que te ofende usando as palavras mais lindas do mundo. Ela é tão fria. Não quero a Chloe perto dela.

— Ela não estará. — ele afirma, me abraçando.

Deixo o calor dos seus braços aquecer o meu coração, além do meu corpo. Eu me sinto um pouco fraca, se puder admitir a mim mesma, porque sei que o mundo não é justo a maior parte do tempo. E toda essa situação pode se tornar um pesadelo imenso, se a avó de Chloe quiser disputar a guarda comigo.

— O que nós faremos Drew? — pergunto, com a cabeça ainda em seu peito. — Não podemos perder o que temos. Você e a Chloe são os meus tesouros mais preciosos.

— Não podemos fazer muito, Mia, além de esperar. — Ele diz com calma, me abraçando um pouco mais. — Apenas não se desespere, o desespero torna tudo pior.

—Eu não confio na justiça o suficiente para não me desesperar.

Eu não confio, foi ele mesmo quem me disse uma vez, que o sistema não funciona. As coisas podem ser manipuladas de acordo com a conveniência das pessoas; geralmente as mais poderosas e ricas. E cada vez que fecho os olhos,

me lembro da avó de Chloe, tão confiante e dona da verdade. Como eu posso não me desesperar?

— Olha Mi, olha. — Chloe entra esfuziante, segurando o seu panda no alto da cabeça. — Ele é o meu príncipe!

Ela colocou a sua tiara no urso e parece muito feliz com o resultado. Tirando o fato de que o acessório não o tornaria um príncipe, mas sim uma princesa, eu gostei.

— Ele é um menino, Chloe. — Drew enfatiza quase sério, me fazendo rir em seguida. — E enquanto ele tiver o meu nome, não usará esse negócio.

— Eu gosto *Dew*. — ela replica, com um bico que a deixa adorável.

— Não tem problema, Chloe. Está lindo assim. — me desvencilho de Drew para ir até ela. — Vamos tomar banho?

— Não. — ela diz lentamente, em meio a um sorriso.

— Não diga não para mim. — Demando, apontando um dedo para ela.

Ouçõ a sua risada antes de terminar de falar e ela já está correndo em direção às escadas, sem nenhum medo de mim.

— Eu não vou correr atrás de você hoje. — eu a ameaço, me virando para o Drew outra vez. — O Drew é quem irá fazer isso.

— Vocês duas abusam de mim, não acha? — ele pergunta, terminando de tirar a gravata.

— Um pouquinho, — sorrio. — mas você gosta, não é?

Ele apenas sorri, sem me responder, colocando a gravata que está em sua mão no meu pescoço e me puxando até ele; então me beija. Correspondo ao seu beijo, sentindo que isso é tudo o que eu preciso no momento para aliviar meu coração.

— Você pode, por favor, achar uma porquinha que está escondida em



algum lugar da casa? — pergunto, sorrindo em seus lábios.

— Onde você acha que ela se escondeu hoje?

— Eu poderia apostar que foi no banheiro, como da última vez. Ela acha que é o último lugar em que a procuraremos.

— Menina esperta, tem certeza de que ela tem três anos?

— O que eu posso dizer? — pisco para ele de forma teatral. — Ela herdou a minha inteligência.

— E o seu dom de me enlouquecer também. — ele completa me beijando uma última vez, antes de se afastar e gritar para a escada. — Chloe, eu estou indo. Você está escondida?

— Eu subo assim que encontrá-la. — digo a ele, puxando sua gravata do meu pescoço e a dobrando entre os dedos.

Fecho os meus olhos, me apoiando na geladeira, enquanto ouço as risadas dos dois no andar de cima. Eu nunca tive tanto medo em minha vida, quanto sinto ao pensar que posso perder a Chloe e conseqüentemente o Drew também.

Porque eu sei que não pode existir um *Drew e Mia*, sem *Chloe*. Como poderíamos seguir sendo uma família, sem o nosso elo mais forte?

— Eu encontrei a sua criança, Mia. — Drew grita do topo da escada.

— Tão rápido assim, estou impressionada. — Sussurro, indo até eles e pegando Chloe dos seus braços.

— A prática leva a perfeição. — ele balbucia com um sorriso debochado.

— E ao convencimento também. — acrescento, enrugando levemente o meu nariz. Ultimamente ando convencida de que assisti muito *A Feiticeira* quando pequena, é uma pena não possuir os seus poderes mágicos também.

— Você sabe que eu não preciso disso, meu amor. — Ele diz sedutoramente, piscando para mim. — Nós sabemos que eu sou melhor.

— Ainda estamos falando sobre capturar crianças fujonas? — questiono, parando à porta com Chloe se contorcendo em meus braços.

— Sobre tudo o que passou pela sua cabeça. — ele brinca.

— Drew. — balanço a cabeça rindo, antes de fechar a porta do banheiro.

Tranco a porta, porque Chloe pode fugir outra vez enquanto ligo o chuveiro, e geralmente é mais difícil pegá-la pela segunda vez. Quando ela crescer e tiver um namorado, irei contar a ele o quanto ela não gostava de tomar banho.

— Eu não quero *lava* o cabelo, Mi. — ela diz, quando começo a tirar a sua roupa.

— Está sujo e precisamos lavá-lo. Seu cabelo é tão bonito. — elogio, tocando o seu rosto. — Não queremos deixá-lo sujo e feio, queremos?

— Não. — ela concorda, entrando com relutância sob o jato de água quente.

Normalmente é difícil levá-la para o banho e um pouco mais complicado tirá-la do banheiro quando terminamos. Será que todas as crianças são assim?

Eu sinto falta de alguém com quem eu possa conversar e trocar experiências sobre isso. Eu poderia ligar para a minha mãe, mas sei que ela não estaria disposta a ser a minha psicóloga e compartilhar comigo todas as desventuras da maternidade.

— Seu cabelo cresceu. — Digo a Chloe, quando estamos sentadas em sua cama e eu o estou penteando. — Se não o contarmos, logo você poderá ser a Rapunzel.

— Eu não quero *sê* a Rapunzel. — ela vira o rosto e sorri para mim. — Ela fica sozinha no seu castelo.

— É verdade e ficar sozinha é muito triste. — Pondero, deslizando o pente sobre o seu cabelo molhado. — Quem você quer ser então?

— Uma bailarina, com uma roupa muito rosa e uma mochila que fala. — ela sonha.

— Não quero te desanimar, mas eu não faço ideia de onde podemos comprar uma mochila falante.

— Mas onde a Dora comprou a dela? — ela pergunta séria. *Oh, meu Deus; eu amo essa inocência.*

— Eu não sei, acho que um mágico deu a ela.

— Como o *Mágico de Oz*?

— Sim. — deixo o pente de lado, para puxá-la em meus braços. — Sabia que eu te amo muito, muito mesmo?

— Do tamanho do mundo? — ela pergunta, colocando as mãos no meu rosto.

— Do tamanho do mundo. — Eu repito, beijando o seu nariz.

— E o *Dew*? — ela questiona pensativa.

— Eu o amo também. — Confesso, olhando para a porta para garantir que estamos sozinhas. — Muito.

— Eu amo também.

— Do tamanho do mundo. — Murmuramos juntas, em meio a risadas.

Depois do jantar, eu a deixo com Drew em seu quarto. Ele se ofereceu para ler sua história favorita hoje, e normalmente eu teria prazer em ficar com os dois até Chloe dormir, mas essa noite eu quero me demorar um pouco no banho. Talvez chorar até esquecer os minutos ao lado de Lorena.

Drew está sentando na cama, mexendo em seu notebook quando eu saio. *Esse homem nunca para de trabalhar?*

— Eu me sinto culpada. — Digo a ele, quando começo a me trocar. Colocando uma de suas camisetas para dormir.

— Por estar me torturando? — ele pergunta, deixando o notebook de lado.

— Não, sobre isso eu nunca me sentirei culpada. — Afirmo, o fazendo rir.

Sento de costas para ele e deixo que ele me puxe até seu peito, pegando o pente que eu seguro. Então ele começa a pentear o meu cabelo, exatamente como fiz com a Chloe mais cedo.

— Sobre o que então? — ele insiste.

— Porque eu teria deixado a Lorena levar a Chloe, se ela tivesse aparecido nos primeiros dias. — Confesso com tristeza. — Na verdade, isso foi tudo o que eu pensei na primeira semana. Em quando alguém viria e a levaria de mim; assim eu poderia voltar à minha vida.

— Isso é normal, acho que qualquer um teria dúvidas em uma situação como essa Mia.

— A questão mais importante, é que a Chloe estaria tão infeliz se isso tivesse acontecido e a culpa seria toda minha.

— Mas isso não aconteceu. — Ele me consola, colocando o cabelo penteado de lado e beijando o meu pescoço. — E eu sei que após a primeira semana, você estava completamente apaixonada pela Chloe e não abriria mão de tê-la ao seu lado.

— Sim, se eu quiser ser sincera eu me apaixonei por ela nas primeiras horas em que passamos juntas, mas cuidar de outra pessoa é tão difícil. — confesso em um sussurro. — Eu tive medo, ainda tenho às vezes. Eu me sinto culpada por isso também.

— Não se sinta. Você é humana, apenas isso.

Descanso minha cabeça em seu ombro, quando ele termina de pentear o meu cabelo e joga o pente sobre a cama.

— Se isso te serve de consolo, eu pensei em ficar longe de você muitas vezes. — Ele fala com voz suave, enlaçando a minha cintura. — Então eu deveria sentir-me culpado também, porque tudo o que eu quero agora é estar com você.

— Você deveria mesmo, porque teria perdido a chance de estar com alguém tão incrível quanto eu. — brinco, com um sorriso bobo em meus lábios.

— Exatamente. — ele ri, me virando rapidamente para ele. — Isso seria imperdoável, então eu me culparia pelo resto da minha vida.

Subo em seu colo, ficando de frente para ele e encontrando o seu olhar caloroso; tão amoroso que aquece a minha alma instantaneamente.

— Você me faz tão feliz, Drew. — murmuro com emoção.

— Você me faz feliz apenas por me dizer isso. — Ele balbucia, antes de me beijar. — Ficaré tudo bem, meu amor. Você confia em mim?

— Sim, não existe mais ninguém nesse mundo em quem eu confie, além de você. — Respondo com convicção, me perdendo em seus olhos.

— Então acredite quando eu digo que ninguém levará a Chloe... Nem você. Vocês estão presas comigo, para sempre.

Deito a minha cabeça em seu peito, nossas mãos entrelaçadas e eu apenas sorrio enquanto olho para elas. Para sempre, ainda não parece tempo suficiente para mim, não quando eu penso em uma vida inteira a seu lado e ao lado da Chloe. Se eu puder escolher; eu quero mais tempo do que somente a eternidade.

— Seu coração está batendo rápido. — pontuo, depois de um tempo em silêncio. Sua respiração está tranquila, talvez ele já esteja dormindo.

— Eu te amo. — ele murmura, me prendendo em seus braços. — Se você ainda não sabe, eu te amo demais, Mia.

*Eu sei*, é claro que eu sei. Como eu não saberia, quando ele demonstra a cada segundo? E eu cresci em um mundo onde palavras não bastam, são as atitudes que contam.

Mas, *Deus*... Como é bom finalmente ouvir isso de seus lábios.

— Eu também te amo. — Sussurro, levantando a cabeça para olhar para ele outra vez. — Se você ainda não sabe, eu te amo muito, Drew.

— Você nunca me disse. — Ele morde meu queixo, mas sem deixar de sorrir.

— Talvez eu deva me culpar por isso também, porque eu deveria ter lhe dito há muito tempo. — Lamento pelo tempo que perdemos.

— Você pode me compensar, dizendo isso todos os dias a partir de agora. — ele sugere com carinho,

— Eu te amo, amo, amo, amo... — digo em seus lábios, antes de ele me calar com seus beijos.



Não preciso dizer que depois da confissão de Drew, dos seus beijos e toques; eu tive uma noite de sono incrível e acordei me sentindo realmente feliz. Super decidida a não deixar às ameaças de Lorena estragarem a minha rotina, e tirarem de mim a alegria que eu sentia ao estar ao lado de Chloe e Drew. Quando nós a deixamos na creche àquela manhã, fiquei parada ao lado do carro, observando enquanto ela corria para dentro com Julie ao seu lado. Ela se virou e acenou para mim, ao mesmo tempo em que eu lhe soprei um beijo, fazendo-a sorrir lindamente.

— É a minha mãe Mi. — eu a ouço sussurrar para Julie, como se esse fosse um segredo que não pudesse ser dito em voz alta.

Mesmo depois de ambas sumirem através do portão, eu ainda permaneço parada. Olhando para o vazio, com as mãos no peito e sentindo meu coração bater descompassado.

— O que foi? — Drew pergunta, atrás de mim.

— Ela me chamou de mãe. — Falo, ainda olhando para o portão — Você

ouviu?

—Não, quando foi isso?

— Ela disse, *é a minha mãe Mi*, para a Julie. — Explico, me virando lentamente para ele. A mão na boca, escondendo um imenso sorriso.

— E, *esse é o meu pai Drew?* — ele demanda ansioso.

—Não, nada de pai, — balanço a cabeça ao dizer. — apenas mãe. Desculpe!

— Agora fiquei com ciúmes. — Ele brinca, puxando a mão do meu rosto e beijando o meu sorriso.

— Sinto muito se ela me ama mais do que ama você. — digo, tentando provocá-lo quando ele abre a porta para mim. — Somente aceite a verdade.

— Eu te amo mais do que a mim. — Ele exclama. — Então eu entendo perfeitamente.

Ele tem o dom de fazer meu coração parar de bater, sem me matar. Quando eu entro na livraria alguns minutos mais tarde, estou convicta de que absolutamente nada pode tirar o sorriso que estampa o meu rosto.

David está folheando uma revista de games, encostado na prateleira de ficção científica. Olho para a capa da revista, pensando que poderia levar um exemplar para o Drew, ele com certeza iria gostar.

— Bom dia, David. — O cumprimento sorrindo, mesmo que não seja especificamente para ele.

— Bom dia, Mia. — Ele devolve, guardando a revista na bolsa e já caminhando até a porta.

Parece que ele não suporta ficar ao meu lado agora, sempre correndo pela porta assim que passo por ela e respiramos o mesmo ar por cinco segundos. Estou esperando que ele me demita a qualquer momento, e me surpreende o quanto eu não me importo nenhum pouco.

— Ah, antes que eu esqueça. — ele fala se virando para mim outra vez.  
— Uma mulher ligou para você, acho que ela não conseguiu te encontrar no celular.

— Lorena? — eu sondo não conseguindo me lembrar do seu sobrenome.

—Não, Claire. — ele para, tentando se lembrar do resto. — Claire Donalds; acho que é isso.

— A Claire. — eu sussurro, buscando meu celular na bolsa. — Obrigada, David!

Não sei se ele responde. Porque ignorando todos os bons modos que minha mãe não me ensinou, já estou de costas, depositando a minha bolsa no balcão e buscando o número de Claire nos meus contatos.

As minhas mãos suam um pouco e o sorriso já sumiu do meu rosto, enquanto espero seu telefone tocar. Eu sei que não teria motivo algum para que ela me procurasse agora, então minha mente fervilha, tentando encontrar uma razão para isso.

— Olá, Mia. — ela atende com voz suave. — Estou tentando te encontrar a manhã toda.

— Oi, Claire. Aconteceu alguma coisa?

Ela suspira e meu coração acelera. Tem algo sobre as pessoas precisarem pensar antes de dizer, que sempre me faz ter certeza de que não irei gostar da notícia.

— Você sabe que possui a guarda temporária de Chloe. — ela começa como se fosse uma professora do quarto ano.

— Sim... — eu digo simplesmente, dando a volta no balcão e me sentando na cadeira atrás dele.

— Então agora está pleiteando a guarda definitiva e desde que seu pai e Rebecca abriram mão de seus direitos de pais, isso se torna algo bem simples.

— Eu sei de tudo isso, Claire. — Falo, soando um pouco ríspida. —



Apenas me dê a facada de uma vez, porque eu sei que não gostarei do que irá dizer. Sendo assim, apenas diga, por favor.

— Ok, — ela suspira e eu prendo a respiração. — a avó de Chloe, quer a guarda também.

*Sim*, essas palavras são como uma faca cravada direto em meu coração.

— Eu já esperava por isso. — Digo, tentando respirar normalmente, o que demanda muito esforço. — O que eu devo fazer agora?

— Apenas espere. — Ela aconselha. — Você ainda permanece com a guarda temporária, então siga a sua rotina.

— Tudo bem.

— Ela está contestando a legitimidade dos papéis que a filha assinou, alegando que ela não estava em condições de assiná-los, quando o fez.

— Entendo, eu imagino que isso seja possível. — Balbucio meio perdida. — Ela tem esse direito?

— Infelizmente tem e logo depois disso, vocês entrarão em uma batalha judicial pela Chloe. — Ela explica com calma. — Me permita dizer que as chances estão todas a seu favor, Mia. O juiz que cuida do caso leva em conta somente o bem estar da criança e a Chloe está feliz com você e o Drew. Sendo assim, não se desespere.

— O desespero torna tudo pior. — Repito as palavras de Drew.

— Exatamente. Sei que parece ruim agora, mas isso é só apenas uma pedra no caminho. Basta tirá-la e continuar andando.

— Obrigada, Claire. Seu apoio significa muito para mim.

— Como assistente social, eu só quero o melhor para cada criança que cuido, e você é o melhor para a Chloe. — ela recita com suavidade.

— Obrigada. — eu digo mais uma vez, antes de desligar.

Deixo o celular sobre o balcão, espalmando minhas mãos sobre a madeira, abaixo minha cabeça e respiro repetidas vezes.

*Inspira e expira, inspira e expira.*

Eu poderia chorar, meu coração está tão apertado e eu me sinto tão pequena, as lágrimas já queimam meus olhos sem que eu perceba. Sendo assim, eu aperto-os para evitar que elas caiam. Aquela mulher não me fará chorar mais uma vez. Ainda com os olhos fechados, o sorriso de Chloe me vem à mente e quando eu penso nela, quase posso sentir o seu abraço, seu calor macio em volta de mim.

Eu posso ter me sentido um gatinho a maior parte da minha vida, mas quem disse que eu não tenho garras?

Aquela mulher quer guerra? Então é melhor que ela se prepare para a derrota; porque eu certamente não serei a perdedora.



## Vinte e Dois

### Mia

— **Você** está atrasado. — Adam me diz, no instante em que eu paro em frente a ele.

— Eu estava trabalhando. — Falo, tirando meu paletó e deixando sobre o encosto da cadeira. — E te disse que demoraria um pouco.

Ele me ligou no início da tarde e pediu que eu viesse encontrá-lo em um restaurante que frequentávamos muito, antes de eu conhecer a Mia. A verdade é que entre o trabalho, a Chloe e a Mia; não me sobra tempo para mais nada. Não que eu esteja reclamando, mas claramente estou em dívida com Adam.

— Eu também estava. — Ele devolve, passando a mão sobre o cabelo castanho curto.

— O seu trabalho é muito mais flexível que o meu. — Replico, fazendo um gesto para chamar o garçom.

— Eu poderia discordar. — Ele fala, erguendo a sua cerveja para mim. — Mas não irei.

— Você não teria argumentos, senhor contador. — Debocho.

— Eu trabalho tanto quanto você.

— Não mesmo, quantas vezes você tirou férias esse ano?

— Uma. — ele diz, dando de ombros. — Que tipo de conversa é essa?

— A única possível, quando o seu irmão é um tonto.

— Drew, Drew, Drew... — ele balança a cabeça, fingindo estar ofendido.  
— Eu ainda sou o irmão mais velho.

— Isso não significa nada, conquiste o meu respeito, se quiser. — Dou risada, jogando um amendoim nele. — O que você quer, afinal?

Ele começa a sorrir de forma confiante, como quando nós éramos criança e ele tinha alguma coisa contra mim, e poderia me chantagear sobre isso. O garçom vem à nossa mesa e eu peço um suco de laranja, fazendo Adam rir mais ainda.

— Suco? — Ele ironiza. — Não vai beber comigo?

— Eu estou dirigindo, com uma criança no carro mais tarde e são quatro e meia. — Falo, sem olhar para ele, mas já imaginando a sua cara. — Você está dirigindo? Eu posso te prender por isso.

— Você não faria isso. — Ele afirma, mas levanto a minha cabeça e lhe dou um olhar de; *claro que eu faria*. — Estou dirigindo, mas só vou ficar com essa cerveja.

— Que seja, — ainda assim, deveria prendê-lo. — vai me dizer por que estou aqui?

— Eu falei com a mamãe ontem. — Adam começa um sorriso torto no canto da boca. — Tivemos uma conversa muito, muito interessante.

Eu liguei para a minha mãe ontem e finalmente lhe contei sobre a Mia e a Chloe. Não que eu tivesse alguma dúvida sobre nós e por isso não tenha falado antes, mas porque eu sempre fui mais reservado do que o Adam. E sabia que no instante em que eu falasse a ela, seria definitivo. Minha mãe certamente ouviu a marcha nupcial, quando eu disse que estava namorando e tenho certeza de que nesse momento, ela já comprou dezenas de presentes para a Chloe. Uma nora e uma neta na mesma ocasião, foi como um prêmio da loteria para ela.

— Ela já está planejando o casamento? — pergunto, coçando a minha

nuca.

— Ela deve estar em um avião, vindo para cá nesse momento. Espere ela bater na sua porta a qualquer instante.

— Eu prometi a ela que levaria a Mia e a Chloe para a Califórnia, assim que pudesse. — Conto sorrindo. — Se eu não cumprir a promessa ela pega o primeiro avião.

— Ela está feliz como uma criança. — Ele pontua, me fazendo rir. — Mas não foi para isso que eu te chamei aqui.

— Qual o motivo, então?

— Você está apaixonado, morando com alguém e já tem uma filha. — Ele levanta a mão e vai enumerando os tópicos. — E precisei saber de tudo isso através da mamãe. Tem ideia de como estou magoado?

— Não seja tão dramático, eu te disse que estava saindo com alguém.

— Disse há quanto tempo? Dois meses?

— Algo assim. — concordo, me encostando à cadeira. — Eu iria lhe contar, esse era o próximo passo.

— Eu esperei por muito tempo para isso acontecer.

— Para que eu me apaixonasse e então você pudesse usar isso contra mim. — Completo por ele. — Ou apenas me enlouquecer com seus terríveis conselhos amorosos.

— Meus conselhos são os melhores, eu já me apaixonei tantas vezes. — Ele me diz com alegria. — Acho que poderia até escrever um livro... *Os conselhos amorosos do Adam*.

— Não sei se seria a melhor ideia, já que você não consegue manter um relacionamento. — Alfineto. — O que aconteceu com a sua última namorada?

— A June? — Confirmo com um gesto de cabeça. Era esse o nome dela?

— A voz dela era muito irritante, você faz ideia do que é conviver com alguém e não gostar da sua voz.

— Eu faço. — Afirmo sério. — Mas se a amasse, isso seria apenas um detalhe. Aliás, eu poderia apostar que você só achou a sua voz irritante quando deixou de gostar dela.

— É bem possível, talvez você devesse escrever um livro também.

— Você é louco. — digo rindo. — Então você nunca chegou a pedi-la em casamento?

—Não, graças a Deus. — ele fala com alívio. — Acho que ela teria aceitado.

Olho para o meu copo sobre a mesa e toco a sua borda, pensativo.

— Eu pedirei a Mia em casamento. — Conto, tomando um grande gole do meu suco e sem olhar para ele.

—Eu não acredito. Quando? — ele pergunta, parecendo a minha mãe.

— Em breve, eu só não encontrei o momento certo para isso. —digo voltando a olhar para ele. Seus olhos estão um pouco brilhante demais, ele me assusta às vezes.

— Isso é incrível, Drew. Sabe que eu deveria tentar fazê-lo mudar de ideia, mas eu acredito no amor e o tempo é relativo nesses casos.

— Obrigado. — digo simplesmente. — Mesmo que você saiba que seria impossível me fazer mudar de ideia. Eu comprei o anel há duas semanas, só estou tentando pensar em algo especial.

— Isso é muito importante. — Adam apoia os cotovelos na mesa e me olha como se fosse um especialista em pedidos de casamento. — Não se esqueça das rosas e velas, as mulheres adoram isso.

— A Mia não gosta — Pontuo com um aceno. — não de velas e de flores, nem tanto.

— E do que ela gosta, então? — Ele questiona intrigado... Sim, Mia não é nem de longe parecida com alguma de suas ex-namoradas.

— Livros, chocolate e dormir... — enumero rindo. — Dormir um pouco mais.

Ele me olha sério por alguns minutos e posso ver as engrenagens da sua mente trabalhando a todo vapor. Adam nasceu com um parafuso a menos e ele tem as piores ideias do mundo, quando pequeno eu não tinha muita escolha e acabava embarcando em suas maluquices, agora eu não o deixo me guiar de jeito algum.

— Compre uma caixa de bombons, aquelas que vêm com um bombom de cada sabor. Sabe qual é?

— Sim. — Murmuro, cruzando os braços para ouvir a pérola que virá a seguir.

— Então você tira um dos bombons, provavelmente o do meio e coloca o anel. — Ele me orienta como um professor experiente. — Escreva o pedido na tampa da caixa e quando ela abrir, eis a surpresa.

— Não era exatamente isso o que eu queria. Mas, obrigado de qualquer maneira.

— Eu ainda posso ter um milhão de ideias, me dê um pouco de tempo.

— Eu farei isso de forma natural, quando sentir que é o momento certo, apenas irei propor a ela. — Só Deus sabe as loucuras que ele pode ser capaz de inventar.

—Tudo bem. — Ele diz com um encolher de ombros. — Quando irei conhecê-la afinal e a pequena Chloe também?

— Logo, a Mia você sabe quem é. — Falo sorrindo, ao me lembrar delas. — Ela estava trabalhando naquele evento que você me obrigou a ir.

— E você deveria me agradecer por isso. — Abro a boca para protestar,

mas ele continua. — De nada; mas eu me lembro dela... Como esquecer aquele uniforme?

— Você gostou não foi? — Agora toda a vez que Mia sair para trabalhar eu pensarei nisso, no quanto outros homens gostam de vê-la em seu uniforme. — Mas eu sei que gosta muito mais dos seus dentes.

— Sem dúvida, pode guardar a sua arma. — Ele se defende brincalhão. — Além do mais, nós seremos da mesma família agora e meus olhos são completamente inocentes.

*Como não rir?* Eu nunca consigo ficar bravo com ele por mais de alguns minutos e ele sabe disso.

— Mas ela é linda! — ele completa, erguendo sua cerveja para um brinde. — Sorte a sua.

— Sorte a minha! — concordo, deixando o seu copo tocar o meu.

Passo os próximos vinte minutos, ouvindo Adam falar sobre uma colega de trabalho, pela qual ele está totalmente encantado.

Estar diante dele e ouvir todas as suas peripécias amorosas, é quase como assistir *O Diário de Brigitte Jones* pela segunda vez essa semana, já que Mia me obrigou a assistir um dia desses. Eu não duvido nada de que ele também tenha um diário.

Adam disse que acredita no amor e como acredita. Insistindo sempre em cada paixão e parecendo confiante em todas elas. Porém, enquanto eu dirijo para encontrar Mia e irmos juntos até a creche de Chloe, eu entendo, pela primeira vez em anos, essa sua insistência.

Provavelmente ele queira o que eu tenho agora. Uma família, alguém para quem voltar no final do dia. Aquela pessoa com quem você quer compartilhar absolutamente tudo e a primeira pessoa que vem a sua mente quando se sentir perdido.

Ele quer a Mia, não exatamente a Mia, mas a sua própria versão dela. O amor da sua vida. E eu espero que ele a encontre logo e seja tão feliz como eu tenho sido. Eu realmente espero.

Meu celular vibra no momento em que paro em frente à livraria. Eu não avisei Mia que já estava vindo e estava pensando em lhe fazer uma surpresa, mas ao ler a mensagem de Claire, não posso fazer outra coisa a não ser correr até ela.



Por que ela não me ligou?

— Como você está? — pergunto assim que abro a porta e a encontro em uma escada, organizando uma prateleira de livros.

— Você já sabe? — ela pergunta, parando na metade dos degraus para me olhar sobre os ombros.

— Não graças a você. — Emendo sério, mostrando o celular para ela. — Claire acabou de me enviar uma mensagem.

— Bem, desculpe. Eu ainda estava absorvendo a notícia e não queria que conversássemos pelo telefone.

— Ainda assim, deveria ter me ligado. — insisto, indo até ela e a ajudando descer. — Então, como você se sente?

— Brava. — ela diz, depois de me beijar rapidamente.

— Eu também estou bravo. — afirmo, colocando as mãos em sua cintura. — Isso era de se esperar.

— Não, eu estou muito, muito brava. — ela enfatiza se afastando de mim. — Muito brava Drew, como eu jamais estive antes.

— Ok. — balbucio apenas isso, acho que esse é um momento em que ela precisa somente ser ouvida.

— Quem aquela mulher pensa que é? — ela pergunta, mas acho que não exatamente para mim. — Se ela estivesse aqui agora, eu desmancharia aquele coque perfeito, derrubaria a sobre essas prateleiras e bateria muito nela... Eu imaginei isso o dia todo.

— Tudo bem, nós iremos fazer isso da forma correta. — Falo com voz calma, indo até ela e abaixando as suas mãos. — Onde ninguém precisará bater em ninguém.

— Claro, eu não teria tanta sorte assim. — Ela murmura, revirando os olhos em desagrado.

— E certamente não contaria a seu favor, o juiz não deixaria uma criança aos cuidados de alguém tão violento.

— Você está certo. Vamos buscar a Chloe.

— Sim. — Eu digo, acompanhando-a até a porta. Faço uma nota mental para nunca; nunca aborrecê-la assim.

O trajeto até a creche é percorrido no mais completo silêncio e depois, apenas quebrado pela voz doce da Chloe. Eu sei como Mia se sente. Eu mesmo me sinto mais frustrado do que nunca. Porém, se tem algo que a vida realmente me ensinou, é que nada é tão definitivo que não possa ser mudado.

Ela não confia na justiça, mas eu sim. Eu preciso acreditar, é o meu trabalho. E como ninguém levará em conta o quanto Chloe está feliz ao nosso lado? O mundo não seria injusto a esse ponto. Eu preciso acreditar que não, não posso enlouquecer agora, já que Mia parece estar indo por esse caminho.

— Como foi na escola hoje, Chloe? — eu pergunto, apertando um pouco a mão de Mia e a trazendo de volta à realidade. Ela parece tão perdida em seus pensamentos.

— Foi muito divertido, *Dew*. — ela responde sorrindo, me arrancando um sorriso também quando nossos olhos se encontram no retrovisor — Nós fizemos uma casinha com palitos de sorvete.

— Verdade? Isso é muito legal, não é Mia?

— Sim, é muito legal, Chloe. — ela fala, virando para Chloe com um pequeno sorriso. — Que cor você usou para pintar?

— Azul. — ela fala, surpreendendo a nós dois. Achei que rosa fosse a sua cor favorita.

—Tenho certeza de que ficou lindo. — Murmuro, estacionando na garagem.

Abro a porta para Mia e ajudo Chloe a sair de sua cadeira, então entramos juntos em casa. Sempre que a porta é aberta, Chloe corre para a sala

encontrar a tevê, como se fosse uma amiga distante que ela não vê há anos.

— Vá direto para o banho hoje, Chloe. — Mia comanda, deixando a bolsa sobre o sofá.

— Não, Mi. — ela devolve, já ligando a tevê. Para alguém de três anos, ela aprendeu a mexer no controle remoto melhor do que eu.

— Por favor, Chloe. Estou cansada. — Mia reforça.

— Vamos tomar banho, Chloe... — eu intercedo, pegando-a no colo e lhe fazendo cócegas. — Então você poderá assistir o que quiser e tomar sorvete.

— Tá bom, mas *deixa eu descer*. — ela pede, entre risos.

— Vá esperar a Mia no banheiro. — eu peço, colocando-a no chão e vendo-a subir correndo as escadas. — Você está muito tensa, Mia.

— Eu acho que vou explodir, estou uma pilha de nervos.

— Eu já te disse que tudo ficará bem. Não vamos deixar isso atrapalhar a nossa vida, não desse jeito.

— Você está certo, outra vez. — ela concorda com relutância, me beijando quando passa por mim. — Vou encontra a Chloe.

Concordo com um aceno, odiando vê-la triste desse jeito e desejando ardentemente que eu pudesse mudar essa realidade.



Depois do jantar, me tranco no escritório para trabalhar um pouco, enquanto Chloe e Mia ficam no quarto. Acho que elas realmente precisam desse tempo juntas, a Mia ainda mais.

Perco-me no trabalho e mal percebo o tempo passar. Muito menos percebo a porta ser aberta, e Mia encostar-se a ela por alguns minutos.

— Drew. — ela me chama com a voz muito suave.

— Sim... — eu respondo, sem deixar de digitar no meu computador.

Espero que ela comece a falar, mas tudo o que permanece é o mesmo silêncio de antes.

— A Chloe dormiu? — pergunto, olhando rapidamente para ela e voltando para a tela.

— Sim, dormiu. — Ela sussurra se desencostando da porta e caminhando pelo escritório com passos lentos.

— Você está parecendo a Chloe quando quer pedir alguma coisa.

Ela ri, parando ao lado da minha cadeira e se apoiando na mesa. Deixo o computador de lado e empurro um pouco a cadeira para olhar para ela.

— Na verdade, eu quero mesmo pedir uma coisa para você. — Ela diz.

— Pode pedir. — Afirmo, segurando uma de suas mãos. — Se eu puder te dar, será seu.

— Na realidade, não é algo material.

— Tudo bem, pode falar.

— Você me ama, não é?

— Eu te amava há uma hora. Será que eu deixaria de amá-la tão rápido? — pergunto rindo, mas seu olhar me faz ficar sério imediatamente. — Claro que amo, Mia. Por que essa pergunta?

— Se eu te pedisse... — ela para e respira... isso me deixa um pouco preocupado.

— O quê, pedisse o que? — a incentivo.

— Se eu pedisse para se casar comigo, você diria sim? — ela pergunta tão baixo, que eu quase não ouço. Ou será que estou tão surpreso que acho que

não ouvi direito?

— O quê?

— Se eu te pedisse para se casar comigo, você diria sim? — ela repete, um pouco mais alto dessa vez.

— Jura? — me exaspero. — É isso o que queria me pedir?

Afasto-me, andando pelo escritório como ela fez antes. Sinto-me tão, tão surpreso com o seu pedido, que acho que estou beirando o choque.

— Eu não esperava essa reação. — Mia murmura.

— Eu não esperava ouvir algo assim, estou apenas surpreso.

— Eu também estou surpresa, foi preciso muita coragem para te pedir algo assim, Drew. — Ela passa a mão pelos cabelos, parecendo nervosa.

— Eu sei. — Sussurro, chegando até ela para abraçá-la. — Eu só estou muito, muito surpreso. Mas não significa que eu não queira.

— Então você aceita? — ela pergunta, encostando a testa na minha.

— Você poderia ter sido um pouco mais romântica. — Brinco, tentando deixá-la mais à vontade. — Onde estão as flores e as velas?

— Drew. — Ela murmura em tom de censura, mas sem deixar de sorrir.

— Estou brincando, eu só quero que você faça isso pelos motivos certos e não apenas pela Chloe.

— Não é somente pela Chloe, embora tenha sido por ela que eu tive coragem de pensar em algo assim. Eu sei que a sua avó usará cada vírgula que puder contra mim, e o fato de não sermos casados, será o primeiro item da sua lista.

— Concordo que se nos casarmos, as nossas chances serão maiores perante um juiz. — Pondero, olhando em seus olhos. — Mas um casamento é

algo muito sério.

— Você não acredita no meu amor? — ela me sonda incerta.

— Claro que acredito.

— Então, deveria saber que eu não pensaria em me casar sem ter certeza absoluta de que estou tomando a decisão certa. — ela diz de forma séria. — Ou você acha que eu sairia na rua perguntando para o primeiro homem que visse, se nós não estivéssemos juntos?

— Eu prefiro acreditar que não.

— É claro que não, eu fugiria com a Chloe, seria mais fácil. — Ela fala, tocando o meu rosto. — Mas eu te amo tanto, não posso pensar em mais ninguém com quem eu queira passar o resto da minha vida, nós já temos uma família e eu sonho com os outros filhos que nós teremos. Todos os meus sonhos e desejos incluem você, Drew. Apenas você!

— Mia. — Seguro o seu rosto também e a beijo com paixão. — Fique aqui.

— Por quê? — ela pergunta, quando eu me afasto.

— Eu já volto.

Ela diz algo mais, mas eu não paro para ouvir. Corro até o nosso quarto no final do corredor, indo com pressa até o closet e tirando a caixinha do anel que comprei para ela. Eu o havia guardado no bolso interno de um dos meus paletós, um lugar em que eu tinha certeza que Mia não o encontraria sem querer.

Eu olhei para essa caixinha um milhão de vezes, me perguntando qual seria o momento em que eu finalmente colocaria o anel em seu dedo. Parece que o destino escolheu esse momento por mim, e agora terá que ser dessa forma. Sem flores ou velas, chocolates e surpresa. Apenas o nosso amor, e espero que isso baste para tornar esse dia inesquecível.

— Então... — eu digo, entrando no escritório outra vez para encontrar Mia como eu a deixei.

— O quê? — ela questiona ansiosa.

— Eu comprei esse anel há duas semanas. — Explico, abrindo a caixinha e mostrando o anel para ela. — E depois do quanto você relutou em morar comigo, imaginei que acharia uma loucura completa eu lhe propor casamento em tão pouco tempo.

— Eu acharia. — Ela confirma sorrindo, os olhos indo de mim para o anel.

— Eu sabia, então guardei o anel e esperei o momento certo. Acho que esse é o momento certo. — Falo, sorrindo também. — Quer casar comigo, Mia?

— Drew! — ela sussurra em tom emocionado, cobrindo o rosto com as mãos. — Claro que sim.

— Sim? — eu reforço, puxando a sua mão esquerda entre a minha.

— Sim. — Ela afirma.

Eu deslizo o anel lentamente em seu dedo, sentindo uma estranha e nova emoção, diferente de todas as outras. Quando ele se encaixa perfeitamente, eu beijo a sua mão e a puxo para os meus braços.

— Me prometa uma coisa. — Eu peço; minha boca muito próxima da sua.

— Qualquer coisa. — Ela murmura, beijando o canto da minha boca.

— Não conte aos nossos filhos e netos, que foi você quem me pediu em casamento.

— Nunca, iremos usar a história das flores e velas.

— Combinado, será o nosso segredo. — Eu a beijo, colocando-a sentada sobre a mesa, suas pernas ao redor da minha cintura. — Eu te amo.

— Eu te amo, Drew.— ela sussurra com as mãos ao redor do meu pescoço. — E nós iremos no casar.

— Sim, iremos.

— Como você se sente?

— Como se eu finalmente tivesse encontrado o sentido da minha vida. —  
Recito muito convicto. Essa é a melhor de todas as definições.

— E qual seria? — ela pergunta sem fôlego, quando minhas mãos viajam  
sob a sua camiseta.

—Te amar, te fazer feliz...

Ela sorri e abre a boca para falar, mas eu a calo com um beijo. Não  
necessito de palavras, eu sei que ela se sente do mesmo jeito.





## Vinte e Três

### Mia

O destino tem os seus próprios caminhos; não são os meus e nem os seus. São os caminhos do destino.

Por muito tempo, você não entenderá todas as curvas e voltas, todos os tropeços e lágrimas, todos os desvios e atalhos que ele fará. Roubando sem pena os seus desejos e desfazendo todos os seus planos, simplesmente para chegar onde ele quer.

Mas quando ele finalmente chegar ao ponto em que ele quer tudo fará sentido. Então você nem se lembrará mais daquele cara por quem foi apaixonada, e que nem sabia da sua existência. Ou de quantas vezes dormiu chorando, porque mais uma vez, aquele sonho se desfez sem motivo algum.

Não é apenas sobre o amor, mas sobre todas as coisas pelas quais insistimos e sofremos, até perceber que apenas não são destinadas a nós. Porque sim, *oh... O doce destino tem os seus próprios caminhos.*

E enfim, todos os meus caminhos me trouxeram até o Drew.

Não é utopia ou ilusão, eu sou a última pessoa a ter passado a vida sonhando com o *príncipe encantado*. Vinda de uma família, que em nenhum momento foi uma família de verdade, eu aprendi desde cedo que o amor pode ser destrutivo. Mas ele também pode ser maravilhoso quando você finalmente encontrar a pessoa certa. Aquela que dentre todas no mundo, merecerá ser amada por você.

Drew é perfeito e ele é só meu.

Ele é perfeito, porque meu coração o escolheu antes mesmo que eu soubesse. E o destino sobre o qual falamos antes, fez todos os acertos para que em uma determinada madrugada, nossos olhos se encontrassem e nunca mais se perdessem.

— Esse anel fica realmente lindo em seu dedo. — ele diz, segurando a

minha mão e beijando o anel em seguida, algo que já fez dezenas de vezes nos últimos minutos — Desde que eu o comprei, fiquei sonhando com o momento em que eu o colocaria em você.

Ele me beija com carinho, me prendendo em seus braços de forma suave. Os mesmos braços que serão o meu lar para sempre, eu acredito em amor eterno. Acredito no meu amor pelo Drew e na reciprocidade do que ele sente por mim. Exatamente por isso, o anel em meu dedo não tem peso algum, pelo contrário, ele me traz uma grande e deliciosa leveza.

Já ouviu alguém dizer que está caminhando nas nuvens? *Sim, eu estou...*

— Você já fez amor em uma mesa de escritório? — ele me pergunta, entre beijos.

— Você quer realmente saber? — devolvo a pergunta em tom jocoso, apenas para irritá-lo.

— Agora mais do que nunca.

—É claro que não. — eu afirmo, olhando em seus olhos — Mas, para evitar brigas futuras é bom que você saiba que se me perguntar, eu irei responder.

— Isso apenas me deixa feliz, eu quero sempre a sua total sinceridade. — ele emenda.

— Eu digo isso, porque dependendo da pergunta, talvez você não goste muito da resposta.

Ele ri, enrolando firmemente um braço ao redor de mim, enquanto o outro levanta levemente a minha perna, a mão descansando na minha coxa nua. Ele morde meu pescoço e depois meu queixo, antes de voltar a me beijar.

— Você está certa. — ele afirma, seus lábios pairando sobre os meus. Sua respiração de encontro a minha e eu poderia jurar que elas quase se tornaram uma — Agora que coloquei esse anel em seu dedo, podemos apenas fingir que nascemos no instante em que nos conhecemos.

— Isso funciona para mim. — concordo, tocando de leve o seu cabelo — Você já fez amor com a sua noiva?

— Ainda não, mas eu vou mudar isso agora.

Ele me beija novamente, roubando totalmente o meu fôlego e dispersando em questão de segundos qualquer resquícios do dia ruim que eu tive. Eu me entrego sem reservas. Talvez até me sentindo mais ousada, depois de ter tido coragem de pedi-lo em casamento. Acho que não existem mais pudores entre nós.

Minhas mãos são apressadas, correndo por suas costas sob a camiseta, então eu começo a tirá-la no mesmo instante em que ele começa a tirar a minha.

Nossas bocas se separam apenas por segundos, alguns milímetros quase imperceptíveis quando os tecidos passam entre nós, e então se encontram novamente, com muita urgência.

Seu peito nu, de encontro ao meu ainda coberto pelo meu sutiã, mas fino o bastante para que eu possa sentir o calor da sua pele através do algodão branco. Não existe sensação melhor do que a sua pele junto a minha. Ou da sua língua encontrando a minha dentro da minha boca, quando ele me beija sem parar.

É intenso, profundo, cru e verdadeiro. Quando você se deixa guiar apenas pelos sentimentos, não imagina os lugares por onde eles podem te levar. Sua boca se afasta da minha, para trilhar um caminho de beijos e mordidas em meu queixo, pescoço, ombro; onde pairam lentamente sobre a alça do meu sutiã. Seu dedo indicador se enrosca sob a alça fina e a desliza pela minha pele, beijando o local em seguida.

Seu olhar é sempre reverente, não importa se seus toques sejam mais ousados, ainda existe uma suavidade em tudo o que ele faz. Sua boca faz o caminho inverso, partido do meu ombro agora nu, para morder o meu queixo e me beijar outra vez. Enquanto isso as suas mãos trabalham sozinhas, tirando o meu sutiã e apertando os meus seios de forma leve e depois de forma firme, me fazendo gemer e puxar os seus cabelos.

Ainda estou com o meu short do pijama, mas Drew faz um trabalho muito bom em tirá-lo também, me fazendo levantar um pouco da mesa, para jogá-lo no chão logo em seguida. Antes que eu volte a me sentar, uma de suas mãos aperta a minha bunda, puxando meus quadris para mais perto dos seus. Minhas mãos vão de seus cabelos até as suas costas em um movimento fluido, então eu aperto a sua carne entre meus dedos, enquanto ele me deita sobre a mesa. E eu nem consigo me lembrar de que a mesa era tão grande assim, porque eu fico perfeitamente confortável nela, ao mesmo tempo em que meus quadris pairam sobre a borda.

Drew se inclina sobre mim também, não soltando todo o peso; mas o

suficiente para eu senti-lo muito próximo. Ele beija meus seios, enquanto os aperta com as duas mãos, dedicando a eles um tempo considerável para me deixar a beira da loucura. Depois ele desce pela minha barriga, espalhando beijos molhados de boca aberta, sua língua provando a minha pele, sua barba por fazer me arrepiando e excitando na mesma proporção. Seus dedos engancham na borda da minha calcinha e a deslizam lentamente pelos meus quadris, então seus lábios substituem o tecido que saiu, beijando o meu quadril, minhas coxas.

— Drew. — eu sussurro roucamente; colocando a mão em sua nuca para trazê-lo até mim. — Eu preciso de você.

Nossos olhos se encontram outra vez, cheios de fogo, desejo e luxúria. Ele me dá um beijo duro, firme, enquanto abre a gaveta lateral da mesa.

— Será que eu gostaria de saber por que você tem preservativos no seu escritório? — pergunto, sem fôlego, escondendo um sorriso ao morder os lábios.

— Você acha que poderia ser por outro motivo, além de que venho sonhando em te ter exatamente aqui, há muito tempo? — ele devolve a pergunta, quando volta a ficar sobre mim.

— Não, eu realmente não acho. — coloco a mão em seu peito, sentindo as batidas rápidas de seu coração sob a minha palma.

Sem deixar de me olhar, ele me penetra lentamente, possuindo cada espaço vazio, preenchendo não só o meu corpo; mas de forma muito mais plena, o meu coração.

É tão doce, maravilhoso, cada vez que fazemos isso; ainda parece ser a primeira vez. Eu não quero perder essa sensação de plenitude nunca, a sensação de que você realmente pertence a alguém. De que você é única, de que ele é único. De que vocês juntos formam um *todo* que ninguém mais possui. Drew aperta a minha cintura com força, me convidando a enrolar minhas pernas ao redor da sua cintura. Quando o faço, ele intensifica os movimentos do seu quadril, fazendo o meu se mexer com mais rapidez. Eu mordo seus lábios, o beijando de forma lasciva, quando o seu aperto em meu quadril se torna muito mais forte. Ele dita todo o ritmo dos nossos corpos, eu apenas acompanho os seus movimentos, totalmente entregue e deliciosamente perdida.

Estamos muito próximos do clímax, o suor brilha em sua pele, o cabelo colado em sua testa, o fazendo tão lindo quanto um anjo, um anjo tocado pelo

pecado. Seus olhos brilham e eu imagino que devo ter a mesma aparência que a sua. Fecho meus olhos, no último instante e então é quase como se eu enxergasse estrelas; mesmo com os olhos totalmente fechados.

O barulho dos nossos corpos cessam, e então apenas as nossas respirações permanecem; descompassadas, ofegantes, cansadas da melhor maneira que possa existir.

— Você acredita em destino? — pergunto a ele, enquanto acaricio seu cabelo, sua cabeça descansando sobre a curva do meu pescoço.

— Nesse momento, eu acredito em absolutamente tudo. — Ele responde com os braços ao meu redor. — Por quê?

— Porque você é o meu destino, Drew. Eu pensei sobre isso e percebi que todos os meus passos me trouxeram até você.

— Então você também é o meu, Mia. Porque eu não estaria destinado a você, se você não fosse destinada a mim.

Ele levanta o rosto e me olha com infinita doçura, antes de me beijar outra vez. *Eu já disse que o destino pode ser realmente doce?*



## Vinte e Quatro

Mia

**Você** sabe que seu dia será lindo, quando acorda, passa a mão no rosto e percebe um diamante brilhando em seu dedo anelar. Ou talvez quando você se vira na cama, para encontrar ao seu lado o homem mais lindo que já conheceu e sabe que apenas você pode chamá-lo de amor.

É tanta felicidade, que não consigo parar de sorrir nem para escovar os dentes e posso ter queimado um pouco as torradas; porque passei um tempo considerável, pensando em como seria o meu vestido de noiva.

Tudo bem, eu posso ter me tornado do dia para a noite; uma boba apaixonada, vivendo o seu próprio e intransferível conto de fadas. Culpe-me, eu sou humana e sonhar é quase tão bom quanto viver a realidade.

— Onde você conseguiu esse anel tão lindo, Mi. — Chloe me pergunta, quando lhe entrego o seu copo de suco.

— Foi o Drew quem me deu. — digo, piscando para o Drew que está ao meu lado.

— Você vai me dar um também, *Dew*?— ela pergunta, com muito entusiasmo.

— Não, em um futuro muito distante, você ganhará um de um homem que será muito bom para você. — Ele recita com incrível seriedade. — Muito bom, porque ele te amará muito, ou porque eu tenho uma arma.

—Eu compro um para você. — Prometo a Chloe, enquanto rio de Drew.  
— Não um de verdade, você ainda é muito nova para ter joias.

— *Eba*. — ela ergue os braços em sinal de vitória.

— Sim, eba. Agora termine o seu café da manhã. — falo, me virando para o Drew. — Você ainda está de pijama.

— Sim estou. — ele concorda, passando a mão pelos cabelos. — Por quê?

— Não vai trabalhar hoje?

— Não, hoje é sábado e um dia depois do nosso noivado. Estou de folga.

— Você nem sabia que eu iria lhe pedir em... — olho para a Chloe, quando percebo o que estava dizendo. — Você nem sabia que iria me pedir em casamento ontem.

— Eu sabia; você é que não sabia que eu sabia. — ele diz rindo e me deixando totalmente confusa. — Talvez se soubesse, teria me dando a chance de ser mais rápido e falar primeiro.

— Tudo bem. — dou risada, saindo da minha cadeira para abraçá-lo. — Eu adorei saber que ficará o dia todo em casa, então o que faremos de especial?

— O que você quiser, podemos ir a algum lugar com a Chloe.

— Eu quero ir ao parque. — Chloe interpela, com a colher em frente à boca e eu nem sabia que ela estava escutando. Melhor tomar cuidado com o que falo perto dela.

— Você vai ao parque a semana inteira, pelo amor de Deus, escolha outro lugar. — Drew replica em tom sério. Eu também estou cansada do parque, parece que moramos lá.

— Podemos comprar um cachorro? — ela pede, desviando do assunto em questão.

— Não. — eu digo rapidamente, voltando ao meu lugar e mordendo a minha torrada.

— Agora não, Chloe, mas quem sabe outro dia. Peça ao Papai Noel. — Drew sugere, sorrindo para ela.

— O Papai Noel pode me dar um cachorro? — ela se deslumbra, debruçando sobre a mesa para olhar para ele.

— Se você for uma boa menina, sim. Ele me deu um, uma vez. — ele lhe conta, fazendo os olhos de Chloe brilharem ainda mais.

Espero que o Papai Noel de Chloe seja o mesmo do Drew, porque o meu nunca trouxe o que eu queria, não importa o quão bem eu me comportasse.

— Não se esqueça de dizer que quer um cão bem pequeno e que se comporta muito bem, Chloe. — Emendo, piscando para ela.

— *Tá bom, eu vou desenhá* para ele saber.

— Faça isso, o Papai Noel pode se confundir às vezes. Por três anos eu lhe pedi um par de patins e ele me trouxe tênis, e nem eram tênis tão legais assim.

Drew dá risada, fazendo Chloe rir junto e pelo seu olhar, eu posso apenas ter lhe dado a ideia de pedir um par de patins também. Tanto faz, eu sempre posso lhe dar tênis no lugar e colocar a culpa no *Bom Velhinho*.

— Parece tão triste, que eu fiquei com vontade de te comprar patins agora. — Drew me diz, puxando a minha mão na sua.

— Se parece triste, por que você está rindo? — pergunto sem conter o meu próprio riso.

— É triste e engraçado ao mesmo tempo, desculpe.

— Tanto faz. — encolho os ombros sem me importar. — Talvez eu tivesse quebrado a minha perna, como a minha mãe sempre disse que aconteceria.

Eles continuam rindo, enquanto eu me levanto com a louça suja nas mãos. Eu sempre divirto as pessoas com as minhas tristes lembranças da



infância. *Isso deveria me insultar?*

O som de risadas é interrompido pelo barulho estridente da campainha. Eu já disse um milhão de vezes ao Drew, que deveria consertá-la. Talvez eu não deva esperar que ele seja um marido que faz ajustes em casa.

— Estamos esperando alguém? — pergunto a Drew, deixando a louça na pia e olhando para a porta.

— Não, certamente não estamos. — ele nega, parecendo um pouco pálido quando vozes soam do outro lado da porta. — Ela me prometeu que iria esperar. Por que foi que eu acreditei?

Eu não sei quem é *ela* e não sei de que promessa ele está falando. Mas existe alguém do outro lado e seja lá quem for eu quero saber. Começo a caminhar até a porta, quase no mesmo instante em que Drew salta da cadeira e fica na minha frente.

— É a minha mãe. — Ele anuncia exasperado, passando as mãos pelo rosto.

— Ah... — eu murmuro simplesmente, um misto de surpresa e entusiasmo. — Vamos abrir então.

— Sim, vamos. — ele parece resignado quando suspira. Talvez se houvesse outra opção, ele deixasse a porta fechada. — A minha mãe é muito... *diferente*.

— A minha mãe é muito diferente, a sua mãe deve ser um anjo.

— Ela é muito falante e intrometida, mas maravilhosa é claro. Talvez demore um pouco para se acostumar com ela.

— Eu já a adoro. — digo com um grande sorriso. — Abra a porta.

— Você ainda está de pijama.

Olho para o meu pijama azul claro de algodão, ele é bem comportado e sem nenhum desenho constrangedor nele. Talvez eu pudesse correr até o meu quarto e me trocar, passar um pouco de maquiagem e perfume, a primeira

impressão é a que fica. Mas que droga; a minha curiosidade é muito maior que a minha timidez.

— Estou descabelada? — pergunto a ele, já caminhando novamente até a porta.

— Um pouco. — ele balbucia ao meu lado.

Eu não me importo, principalmente porque percebo o tom de brincadeira em sua voz. De qualquer forma passo as mãos rapidamente pelo cabelo, antes da campainha soar outra vez.

A porta se abre e diante de mim está, não somente uma; mas duas pessoas. Um homem e uma mulher.

O homem é uma versão mais velha do Drew. Eu diria pela pouca percepção que tenho em notar as pessoas, que a diferença de idade entre os dois não é grande, talvez três ou quatro anos. Ele é um pouco mais baixo, o tom da pele com o mesmo bronzeado natural que eu acho lindo no Drew e os olhos são castanhos, se os meus próprios olhos estiverem enxergando bem de onde estou. Mas a sua expressão facial é muito mais relaxada, um sorriso receptivo em seu rosto. Drew tem esse jeito impactante, sério, uma expressão compenetrada que o faz parecer quase inalcançável, antes de você conhecê-lo e descobrir que ele pode ser a pessoa mais doce de todas.

Esse outro homem, que eu sei sem sombra de dúvidas é o seu irmão Adam, é muito mais extrovertido que Drew, e eu já posso afirmar que irei gostar muito dele.

Já a mulher, bem, ela parece um raio de Sol. Embora em sua forma física, não exista nada que remeta a isso. Mas ela é sem dúvida uma pessoa solar, provavelmente a alma e a personalidade falante e intrometida sobre a qual Drew falou anteriormente. Ela é um pouco mais baixa que eu, não muito, eu diria. Seus cabelos são pretos, na altura dos ombros e tão bonitos que brilham quando ela se impulsiona para abraçar o filho. Ela me faz lembrar uma daquelas fãs que esperam o ídolo no aeroporto e se enroscam em seu pescoço na primeira chance que tem. Acho que ela estava realmente com saudades dele.

— Oh, meu Deus. — ela diz, enquanto beija o seu rosto repetidas vezes.  
— Finalmente eu te encontrei.

A forma empolgada com a qual ela o abraça agora, realmente nos leva a crer que ele esteve perdido por um longo tempo.

— Mãe. — Drew diz em um tom de; *você está me constrangendo, eu não sou mais um garoto*, mas a abraça com a mesma paixão. — Por que eu deveria ficar surpreso em vê-la aqui? E sem avisar que viria?

— Você me conhece há muito tempo, minhas atitudes não deveriam te surpreender mais. — ela replica, dando um leve tapinha em seu rosto e então se virando para mim.

Eu já vi algumas pessoas realmente felizes diante de algo. Olhos iluminados e faces coradas vivenciando o ápice da felicidade. A Chloe mesmo é um exemplo constante disso, pois ela se anima com grande facilidade. Mas essa pessoa aqui, diante de mim, elevou *o brilho no olhar* a um patamar novo. Eu nunca vi alguém tão genuinamente feliz, apenas por olhar para mim.

Isso é totalmente engraçado e estranho na mesma proporção.

— Oh, meu Deus. — ela repete, como se fosse alguma oração particular. — Deus ouviu as minhas preces, eu não morrerei sem netos e sem casar ao mesmo um dos meus filhos.

— Você não vai morrer tão cedo, mãe. — Drew afirma, revirando os olhos diante do drama.

— Eu nunca deixei de tentar, o cupido não me ajuda. — Adam completa, sorrindo e estendendo a mão para mim. — Sou Adam, prazer em conhecê-la.

— O prazer é todo meu Adam, sou a Mia. — Consigo tocar a sua mão de forma efêmera, antes que sua mãe me puxe para ela. *Ela poderia ter quebrado meu pescoço.*

Ela me abraça tão apertado, acariciando meus cabelos em silêncio como se eu fosse uma criança, ou quem sabe um filhote de cachorro. Espere só até ela encontrar a Chloe. Ou talvez eu deva escondê-la, antes que ela a encontre e nunca mais a solte.

Olho para o Drew por sobre os ombros de sua mãe, enquanto eu retribuo o seu abraço, sem apertá-la tanto, é claro. Ele cruza os braços e dá de ombros, mas acho que ele quer apenas rir disso tudo.

— Deus a abençoe. — ela sussurra em meu cabelo, como um mantra da

gratidão. — Eu sou Silvia, a mãe do Drew e nem posso dizer o quanto estou feliz em lhe conhecer Mia, minha nova filha.

— Os hematomas que deixará em seu corpo, certamente serão um registro da sua felicidade, mãe. — Adam fala; o riso muito presente em sua voz.

— E não será sua nova filha, mas sua única filha. Ou nós temos uma irmã perdida em algum lugar do mundo? — Drew pergunta, tentando me puxar de seus braços, que parecem grudados com super cola.

Então Chloe entra correndo pela sala. Eu não sei onde ela esteve esse tempo todo e para ser sincera, eu posso ter me esquecido dela, diante de toda a comoção ao meu redor. Mas Silvia a percebe instantaneamente, quando ela para diante de nós com o seu pijama rosa de corações coloridos e o cabelo bagunçado, caindo sobre o rosto. Ela exala fofura por todos os poros e posso ouvir um suspiro escapar dos lábios da mãe de Drew, antes de ela me empurrar pelos ombros e depositar toda a sua atenção em Chloe.

— Oh, meu Deus... — ela repete pela terceira vez, em menos de cinco minutos. — Quem é você, minha lindeza?

Chloe fica em silêncio, estamos na presença de duas pessoas absolutamente novas para ela e mesmo que ela tenha se soltado de forma incrível ao longo dos meses; ainda assim, tem se demonstrado tímida diante dos estranhos. Quando ela olha para mim e depois para Drew, que está logo atrás de mim com as duas mãos em meu ombro, eu espero que ela se comporte como fez com sua avó. Ou seja; retraída e quieta. Mas as pessoas sempre podem nos surpreender e eu me sinto surpresa e feliz, quando ela sorri para Silvia e começa a caminhar em sua direção.

— Eu sou a Chloe. — ela diz baixinho, mas o suficiente para todos ouvirem.

— Chloe, que nome mais lindo. — Silvia replica, com bastante admiração em sua voz. — Você realmente se parece com uma Chloe, linda e delicada. Eu posso te dar um abraço, meu amor?

Chloe olha para mim, buscando uma resposta. Eu amo o fato de ser uma referência para ela. Adoro que ela saiba que pode confiar e se sentir à vontade

com as pessoas em quem eu confio. Aceno de leve, sorrindo em resposta, antes de seus olhos deixarem os meus e voltarem a olhar para Silvia.

— Sim. — ela diz, estendendo os braços para ela.

Eu tenho um pouco de receio de que Silvia a aperte tanto quanto fez comigo, porém ela a abraça com delicadeza e muito carinho. Tocando seu cabelo e seu rosto, quando a ergue em seus braços.

— Eu estou tão feliz em conhecê-la Chloe. — ela sussurra em seu cabelo. — Você é muito mais linda do que Drew me contou.

Eu posso dizer pelo olhar de alegria no rosto de Chloe, que ela finalmente encontrou uma avó de verdade, além de Susan. Mas Silvia parece ter tanto amor para dar, eu já me sinto parte de sua família.

— Bom. — Drew, diz depois de um tempo. — Nós estávamos terminando o café, então entrem e fiquem à vontade.

— Eu estou realmente com fome, a comida do avião é terrível. — Silvia murmura, desfilando pela cozinha com Chloe ainda em seus braços. — Traga as minhas coisas, Adam e os presentes também.

Drew olha para mim, apertando a minha mão com um pequeno sorriso no rosto. Acho que sua mãe acabou de se convidar para ficar conosco, eu realmente não me importo com isso. Ela pode ficar o tempo que quiser.

— Estou tão, tão feliz, Mia. — ela continua, colocando Chloe sobre os seus joelhos quando se senta. — Eu tinha um medo imenso de que Drew acabasse como aqueles policiais dos seriados, que nunca se casam e terminam suas noites bebendo em um bar qualquer e fumando dois maços de cigarro por dia.

— Mãe, você desperdiçou uma carreira brilhante na dramaturgia mexicana. — Drew murmura.

— Não estou exagerando. — ela se defende, afagando os cabelos de Chloe enquanto eu lhe sirvo uma xícara de café.

— Com essa aparência e personalidade, tenho certeza de que era exatamente esse o seu destino. — brinco, parando ao lado de Drew e o beijando. — Mas o que posso dizer, eu sou uma alma caridosa e fico feliz em salvá-lo de uma vida solitária e miserável.

— Obrigado. — ele murmura, me apertando mais ao seu lado.

— Vocês ficam tão lindos juntos. — dou risada, porque ela realmente tem um jeito exagerado de ser, mas vindo dela me parece extremamente genuíno.

Eu imagino o Drew tão reservado, crescendo ao lado de alguém tão espontâneo assim, provavelmente ele deva ter ótimas lembranças de sua infância e muitas histórias divertidas para contar.

Sinto-me feliz, porque algo me diz que Chloe e os nossos outros filhos, terão uma avó a quem adorar. Adam aparece outra vez, com duas malas muito grandes e um saco cheio de embrulhos de presentes. Ele deposita tudo no chão aos seus pés, estalando os dedos em seguida.

— Meu Deus, mãe. O que você trouxe nessas malas? — ele pergunta de forma exagerada. Já sabemos qual dos filhos herdou a personalidade da mãe. — Você poderia ter ajudado Drew.

— Você não pediu a minha ajuda. — Drew fala de forma natural. — Quantos anos você ficará mãe, até a formatura de Chloe no colegial?

— Até o seu casamento pelo menos. — ela diz, olhando para o meu anel. — Então se me quer longe daqui, não demorem a casar.

— Nós não a queremos longe daqui, pode ficar o tempo que quiser. — afirmo com um sorriso, imaginando que teremos que colocar uma cama no quarto de Chloe.

— Obrigada querida, eu sabia que o Drew se apaixonaria pela melhor mulher. Você é um anjo.

Sinto-me um pouco tímida com seu elogio, então apenas mantenho meu sorriso de agradecimento. Chloe desce de seu colo, depois de se contorcer por alguns minutos e enfim conseguir escapar do agarre de Silvia. Claro que ela como a única criança do local, está depositando todo o seu interesse no saco de

presentes. Certamente se perguntando se algum dos embrulhos pode ser destinado a ela.

— São quase todos seus Chloe. — Silvia diz, notando a sua curiosidade.  
— Têm alguns para você e o Drew também, Mia.

— Não precisava se preocupar, — balbucio. — mas obrigada.

— E eu não ganho nada? — Adam pergunta, se encostando à mesa e parecendo genuinamente chateado.

— Só quando você me mostrar uma noiva, quando isso acontecer terá todos os presentes do mundo. — sua mãe lhe diz.

— Você sempre foi tão má assim? Me sinto muito magoado agora. — ele diz, cruzando os braços. *Realmente dramático.*

— Venha Chloe. — Silvia segura a sua mão, lhe mostrando todos os presentes.

— Nossa. — Chloe murmura, segurando um embrulho dourado — Você é o Papai Noel?

— Não, mas posso ser a Vovó Noel se você quiser querida.

É claro que Chloe quer. Qual criança não gostaria de alguém que aparece e lhe traz uma infinidade de presentes, sem que seja Natal ou seu aniversário? Silvia não chegou nem há meia hora e já está mimando Chloe. Eu me pergunto se Drew contou a ela sobre a nossa situação, mas eu diria que sim.

— Você pode me dar um cachorro? — Chloe lhe pede, segurando um conjunto de canetas coloridas e livros de princesas.

— Se seus pais deixarem... pode apostar que sim. — Silvia responde, piscando para Drew e eu.

— Ainda não faça planos, mãe. Chloe vai pedir para o Papai Noel primeiro. — Drew diz de forma séria, dando a entender que essa é uma decisão nossa.

Um cachorro é certamente uma responsabilidade grande. E não podemos presentear Chloe, como se déssemos a ela um brinquedo de pelúcia. Embora eu mesma adorasse ter um cachorro também, quem sabe um gato para completar. Eles são fofos.

Olho para os meus pés e em seguida para as minhas coxas nuas, então me lembro do meu pijama.

— Com licença, vou subir e me trocar. — digo, apontando para a minha roupa e já passando por eles com pressa. — São só alguns minutos.

— Eu também vou. — Drew fala, vindo atrás de mim logo em seguida.

— Demorem o tempo que precisarem. — Silvia grita, quando já estamos no quarto. — Adam e eu podemos cuidar da Chloe, não se apressem por nós.

Chego até Drew e o abraço, assim que a porta se fecha atrás dele. Seus braços ao redor da minha cintura, o queixo repousando no alto da minha cabeça. Ele suspira, antes de gritar uma resposta para a mãe.

— Esse é um bom momento para me contar que sou adotado, mãe. — dou risada em seu peito e ouvimos a risada de sua mãe vinda da cozinha. — Ela é um pouco louca, mas tem um bom coração.

— Eu já me apaixonei por ela. — Afirmo, me afastando para olhá-lo.

— Eu fico muito feliz. — Ele murmura, me beijando. — Mas quando podemos nos casar?

— Amanhã mesmo, é só você marcar e eu estarei lá.

— Se soubesse que seria tão fácil assim, eu a teria chamado antes. — ele sorri, me empurrando até a cama.

Você sabe que seu dia será lindo, quando percebe que acabou de conhecer a mãe do seu noivo e ela é uma das pessoas mais incríveis do mundo.





Vinte e Cinco

Mia

**Nunca** me diverti tanto em um único fim de semana e eu nem precisei sair de casa para isso acontecer. Silvia se mostrou a pessoa mais maluca e divertida que eu já conheci e eu estava realmente encantada pela sua personalidade tão radiante. A energia que ela emana, é a mais linda de todas. Tanto que Chloe se pendurou nela o tempo todo, exatamente como um macaco em um cacho de bananas. Existem pessoas que são simplesmente fácies de amar. Drew é uma delas, sem dúvida, e eu não deveria ficar surpresa por sua mãe ser também.

Tudo parecia perfeito e eu quase me esqueci de todo o meu problema com a guarda de Chloe e sua avó egoísta. Se não fosse por esse *quase*, eu não me pegaria olhando para ela enquanto estávamos todos juntos e sentisse um medo insano de que talvez eu a perdesse. Naquela noite de sábado, eu contei detalhadamente a situação para Silvia, ela escutou com atenção e foi bom desabafar com alguém que concordava que Lorena merecia uma bela surra. Aliás, depois que terminei de falar, achei que ela gostaria de ser a única a fazer isso.

— Deixe-me ter uma pequena conversa com essa senhora, da próxima vez. — ela disse, enquanto se deitava no sofá cama que Drew e Adam montaram no quarto da Chloe.

Suas palavras soaram como; *deixe-me quebrar o nariz dela, se nós estivermos no mesmo ambiente* e ao mesmo tempo em que eu sorri, fiz uma nota mental para nunca deixar as duas se encontrarem. Uma coisa era eu bater mentalmente em Lorena, outra bem diferente seria fazê-lo de verdade. Ela ainda era a avó de Chloe, apesar de todas as ressalvas.

— Sua mãe é doida. — eu disse ao Drew, ao me deitar do seu lado mais tarde.

— Ela realmente é. — ele concorda, me abraçando. — Porque deixe lhe dizer, esse é o lado sensato dela e às vezes ela pode ser muito maluca que isso.

— Eu gostei muito dela. — afirmo fechando os olhos.

— Isso é bom, meu amor. — ouço o dizer, antes de cair no sono.



Acordo na manhã de segunda feira com barulhos incessantes vindo do andar de baixo. Drew ainda está dormindo ao meu lado, e demoro alguns minutos para me lembrar de que há agora uma quarta pessoa morando conosco. Saio da cama e depois de usar o banheiro, desço até a cozinha e fico surpresa ao encontrar Chloe e Silvia juntas, preparando o café da manhã. Elas estão tão envolvidas e felizes, o cheiro de panquecas quentinhas envolve o ambiente e traz um conforto imediato ao meu coração. Estou chocada com a desenvoltura de Chloe espremendo laranjas para um suco, de um jeito desengonçado, porém, totalmente à vontade.

— Bom dia. — murmuro, me aproximando na bancada e me debruçando sobre ela.

— Bom dia, Mia querida. — Silvia devolve, com um grande sorriso. Eu sempre acordo de bom humor; mas ela supera qualquer pessoa.

— Vocês parecem incrivelmente animadas para uma manhã de segunda-feira. — observo, soprando um beijo para a Chloe.

— E por que não estaríamos? Temos tanto motivos. Eu já disse que estou muito feliz?

— Sim, algumas vezes. — *a cada cinco minutos nas últimas quarenta e oito horas, para ser mais exata.* — E você, Chloe?

— A vovó me acordou e me deixou fazer panquecas. — ela diz com alegria.

— A vovó? — eu pergunto, sibilando um pouco alto e talvez sentindo uma pontada boba de ciúmes.

Quer dizer, estamos morando juntas há meses e ela ainda me chama de Mi. Tirando aquele rápido momento em que se referiu a mim como *mãe*, para a Julie; não fizemos mais nenhum progresso nessa área. Então, ela acabou de conhecer a Silvia e a palavra vovó já está fluindo de sua boca de forma natural. Onde está a justiça da vida? Agora eu sei como o Drew se sente.

— Sim, vovó. — Silvia repete, abraçando Chloe. — Não é a palavra mais doce do mundo? Eu esperei tanto para ouvi-la.

— Sim, mas *mamãe* é muito melhor. — digo com uma careta, eu definitivamente estou com ciúmes.

Silvia ri do meu jeito, enquanto eu ando pela cozinha e me sirvo uma xícara de café.

— Andrew ainda está dormindo? — ela pergunta, me fazendo rir por chamá-lo assim.

— Acho que agora ele deve estar tomando banho. — afirmo sob a fumaça do meu café. — O que me lembra que você vai se atrasar para a creche, Chloe.

Ela olha para Silvia, que lhe devolve o olhar de forma cúmplice. Bem, elas têm um segredo, isso é certo. Um do qual eu também não fui informada. *Muito bom...*

— O que foi? — eu pergunto, queimando a minha língua em seguida com um gole de café super quente.

— Eu estive pensando e espero que você e Drew não se oponham. — Silvia começa, sentando à mesa. — Gostaria que a Chloe ficasse em casa comigo hoje.

Oh, Deus... *É claro que ela gostaria.*

Mas e amanhã? Eu não quero que se torne um hábito para Chloe faltar da

escola e até aonde eu sei, Silvia ficará tempo suficiente para ela querer lhe fazer companhia os outros dias também.

— Bem eu não sei. — Desconverso, olhando para a minha xícara. — Chloe já ficou tempo suficiente sem ir à creche quando esteve doente.

— Será só hoje, eu prometo. — Silvia insiste.

— Por favor, Mi. — Chloe pede, com um bico e descendo da cadeira para me abraçar.

— O que vocês farão sozinhas aqui? — sondo, carregando Chloe.

— Nós iremos nos divertir muito, isso eu garanto. — Silvia afirma, no instante em que Drew desce as escadas.

— Garante o que? — ele questiona, beijando a sua mãe no rosto.

— Sua mãe quer que Chloe falte da creche hoje. — conto, quando ele para diante de mim e me beija.

— Mãe, você já está inventando as suas maluquices? — ele a recrimina de forma branda — Chloe precisa da sua rotina.

— Não é maluquice, apenas o desejo de uma avó carente. — Silvia replica — Que mal pode fazer?

— Você nunca me deixava faltar à escola, quando eu era pequeno.

— Isso porque eu sou a sua mãe. — ela diz muito séria — Precisava ser severa, mas agora eu sou uma avó e posso estragar os meus netos.

— Literalmente. — ele fala, sorrindo para mim.

— Aliás, quando eu terei alguns bebês para mimar?

— Nós ainda nem casamos. — sussurro, colocando Chloe sentada. — Esse assunto ainda não está em pauta.

— Não está? — Drew me pergunta; um meio sorriso no rosto. *Ele é um bobo.*

— Não, ainda não. — ênfase. *Como essa conversa evoluiu para novos bebês?*

— Então me avise quando estiver. — ele pede, me abraçando e ignorando o fato de que sua mãe está nos olhando como se fosse o cupido.

— Não se preocupe você saberá. — sussurro, piscando para ele. — Já que você é uma parte importante dessa história.

Ele ri, sentando se ao lado de Chloe para tomar o café. As coisas são naturais entre nós quatro, e eu me sinto incrivelmente feliz agora, como se tivesse conhecido Silvia por toda a minha vida. Ficou impossível lhe negar a companhia de Chloe e eu concordei em deixá-las sozinhas em casa.

— Amanhã você vai para a creche, Chloe. Sem desculpas. — eu afirmo, enquanto tranço o seu cabelo antes de ir para o trabalho.

— Tá bom, Mi. — ela diz com voz suave, se pendurando em meu pescoço.

— Você vai se comportar, ficando sozinha com a vovó? — me contendo para não revirar os olhos ao dizer a última palavra.

— Sim, ela me disse que vamos fazer um monte de coisas legais.

Eu tenho certeza de que ela disse. Eu só morro de medo ao imaginar o que essas coisas legais significam. Cubro-lhe de beijos, antes de sair com Drew e deixar Chloe e Silvia sozinhas, por longas horas.

— O que você acha que elas farão o dia todo? — pergunto ao Drew, quando ele manobra o carro para fora da garagem.

— Em se tratando da minha mãe, tudo é possível. — Ele responde de forma calma. — Talvez ela redecore a casa, pinte algumas paredes. Ela comprou algumas roupas coloridas para mim da última vez que esteve aqui, e escondeu

meus ternos pretos.

— Ela não gosta do seu visual monocromático. — pontuo, com um sorriso ao imaginar a cena. — O que você fez?

— Passei uma longa semana depois que ela se foi, tentando achar as minhas roupas. — ele conta rindo.

— E onde estavam?

— Em uma caixa dentro do forno e algumas dentro do armário de vassouras.

— Você passou uma semana sem abrir o seu forno? — pergunto, como se não fosse estranho o fato de sua mãe esconder as suas roupas. Mas uma semana sem abrir o forno? *Isso é muita coisa.*

— E sem varrer a casa. — Ele completa de forma natural. — De qualquer forma, é sempre uma surpresa o que possa passar pela sua cabeça; ainda mais com uma criança ao seu lado.

— Devemos nos preocupar então? — Inquiro já um tanto preocupada.

— Sim, com toda a certeza.

— Você está brincando, não é?

— Nem um pouco. — ele afirma de forma muito séria.

Por um momento ele me assusta, mas então ele sorri e segura a minha mão, beijando o meu anel em seguida. Gesto esse, que já se tornou uma espécie de ritual para ele.

Talvez eu devesse ter dito a Silvia quais são as minhas cores favoritas; eu não me importaria de ver um pouco de cor naquela casa branca. Com o que diz respeito a mim, ela pode pintar o quanto quiser.

— Minha mãe quer nos dar um jantar de noivado, enquanto estiver aqui. — ele continua, me tirando do devaneio sobre as tintas. — Acho que seria uma boa ocasião para eu conhecer a sua mãe.

—*Hummm.* — eu digo simplesmente, não imaginando minha mãe à mesa conosco, como se fôssemos uma grande família feliz.

— Você não quer que eu conheça a sua mãe?

— Levando em conta que você já conhece meu pai... — eu digo, tentando parecer engraçada, mas ele me olha sério. Humor ácido não irá funcionar dessa vez

— Então? — ele demanda. — Irá convidá-la?

— Eu não sou próxima da minha mãe, Drew. Você já sabe disso.

Isso me lembra que faz um tempo razoável que não vejo minha mãe. Ela nem sabe sobre a adoção de Chloe e certamente não concordaria, se soubesse. A verdade é que temos passado cada vez mais tempo sem nos falar. Eu sempre fui aquela que entrava em contato, e agora não tenho tido mais tanta vontade de dar o primeiro passo dessa relação.

— Você não irá ao menos convidá-la para o nosso casamento?

— Quando esse dia chegar, eu farei. — afirmo, quando ele para em frente à livraria. — Eu só não tenho certeza de que ela irá querer realmente aparecer; mas irei convidá-la sim.

— Tudo bem, eu só quero conhecê-la se você se sentir à vontade com isso. — ele me conforta com calor em seu olhar.

— Ela apenas não é uma parte da minha vida, — suspiro. — não como a sua mãe e o Adam são da sua.

— Eu entendo, convide a Susan então.

— Eu farei— aceno, aceitando a sua mão para sair do carro. — Me diga quando será e eu a convidarei.

Ele concorda, sorrindo e me dando um beijo de despedida.

David está atrás do balcão da livraria e parecendo não ter a menor

preocupação em ir embora tão cedo. Ainda são nove e meia da manhã e desde que Chloe começou a ir à creche, eu tenho vindo trabalhar mais cedo; pensando em voltar para casa junto com ela. De qualquer forma, David nunca fica mais do que o tempo necessário, o que me leva a crer que ele tem algo a me falar agora.

— Bom dia. — digo tentando parecer natural, mesmo que eu me sinta um pouco estranha em sua companhia agora.

— Bom dia, Mia. — ele devolve, deixando de lado o computador para me encarar — Podemos conversar?

— Claro. — concordo, chegando mais perto do balcão — Pode falar.

Ele ajusta os óculos e me observa com atenção por algum tempo, se demorando em meu anel de noivado, quando eu coloco a minha bolsa sobre o balcão.

— Você vai se casar? — é uma pergunta, mas soa mais como uma constatação. Aceno. — Quando?

— Em breve, ainda não escolhemos uma data, mas será logo.

— Você está feliz? — ele me analisa.

— Muito, muito feliz. — digo de forma suave, olhando em seus olhos. — Estou muito apaixonada!

Ele meneia a cabeça e se cala por alguns instantes. Encosto-me um pouco mais ao balcão, trocando os meus pés em ansiedade.

— Nós nos conhecemos há quanto tempo? — sua pergunta me surpreende, mas ele responde por mim. — Uns três ou quatro anos?

— Algo assim. — Balbucio, incerta. — Por quê?

— Você nunca teve um namorado em todo esse tempo. Agora acabou de conhecer alguém e já está noiva. — ele diz de forma séria, como se fosse o meu pai. Eu sei que não foi sua intenção ser rude; mas eu me sinto um pouco incomodada com suas palavras.



— Talvez eu tenha tido muitos namorados e você apenas não soubesse.  
— Replico.

— Nós éramos amigos o suficiente para eu saber. — ele diz com pesar na voz. *Essa conversa parece tão estranha...*

— Ainda somos amigos. — Afirmo sem tanta convicção.

— Não somos; não mais. — Ele discorda, sacudindo a cabeça e deixando vários fios de cabelo sobre a testa. — E desde que seu futuro marido está lá fora, encostado no carro e parece querer arrancar a minha cabeça... amizade parece fora de cogitação.

Olho para trás rapidamente e vejo Drew encostado ao carro, falando casualmente ao celular. Porém, os olhos fixos em nós. Não sei se rio ou me zango, ainda estou em dúvida.

— Ele é inofensivo, não se preocupe. — digo, voltando a olhar para o David. — Mas sobre o que queria conversar, além da minha vida amorosa?

— Eu vou vender a livraria. — Ele diz, por fim.

— Verdade? — digo surpresa e um pouco triste. — Você sempre amou a livraria.

— Sim, mas eu vou começar a lecionar na faculdade daqui a alguns meses e não terei mais tempo para cuidar dela. Achei melhor vendê-la para alguém que pudesse lhe dedicar tempo e amor.

— Faz sentido, já tem alguém interessado?

— Você, eu quero que você compre a livraria. — ele diz sorrindo. — Eu sei que você a ama tanto quanto eu.

— Sim, eu adoraria fazer isso. — digo me sentindo grata por ele ter pensado em mim — Mas acho que eu não posso pagar por ela.

Na realidade, eu sei que não posso. Mas me permito uns instantes de

sonho.

— Eu a venderei por um preço bem mais baixo para você, pense nisso.

— Eu pensarei. — afirmo, quando ele passa por mim em direção a saída.

— Você sabe, durante algum tempo eu imaginei que pudéssemos ficar juntos. — ele fala com a mão na maçaneta, sem se virar para mim. — Nós parecíamos perfeitos um para o outro.

Respiro... Essa conversa chegou com meses de atraso, e não lamento por isso.

— Algumas coisas simplesmente não estão destinadas a acontecer. — recito, me sentindo sábia. — Mas quando encontrar a pessoa certa, diga a ela como se sente.

— Eu direi, pode ter certeza. — ele se vira para mim, com um grande sorriso no rosto. — Eu aprendi a lição.

— Você sempre foi um grande amigo, David.

— Você também, Mia. A melhor de todas. — Ele sai, me deixando sozinha.

Essa conversa foi estranha, triste e cômica, tudo ao mesmo tempo. Drew ainda está do lado de fora, mas com o celular desligado agora. As mãos em seus bolsos, enquanto ele certamente se pergunta se deve seguir o David ou vir falar comigo. Por fim, ele se desencosta do carro e entra na livraria.

— Você não precisa trabalhar? — eu indago, me impulsionando e sentando no balcão.

— Eu posso trabalhar ao seu lado, se quiser. — ele diz, vindo até mim. — Mas não se preocupe, eu não farei isso.

— Por que você ainda está aqui, afinal de contas?

— Meu telefone tocou, assim que você entrou na livraria.

— Você poderia tê-lo atendido dentro do carro.

— Eu poderia. — ele concorda sorrindo.

— Mas achou muito mais interessante me espionar. — completo por ele.

— Eu não faço ideia sobre o que vocês estavam falando, — ele se defende, mas em seus olhos não há nenhuma culpa. — então isso é um pouco injusto da sua parte.

— David quer vender a livraria. — conto, quando ele entrelaça as suas mãos na minha.

— Isso é uma pena. — ele diz sem nenhum pesar na sua voz. — É realmente muito triste que vocês não trabalhem mais juntos.

— Você é muito mau, sabia? — Exclamo, apertando um pouco as suas mãos. — Não comemore, porque a livraria pode ser comprada por um homem muito lindo e que fique aqui o tempo todo.

Ele me olha sério, com as sobrancelhas arqueadas, mostrando que ele não achou nenhuma graça em meu comentário. Eu não deveria, mas acabo rindo do seu jeito. *Drew ciumento sempre me faz rir...*

— Ele quer vendê-la para mim, — emendo. — claro que eu não poderei pagar por ela.

— E por que não? — ele pergunta, encostando a testa na minha. — E o dinheiro da sua poupança, o que estava guardando para a faculdade?

— Provavelmente não pagaria nem a metade dela. — digo com tristeza.

— Eu posso te ajudar, você pode fazer um empréstimo, existem muitas formas e eu acho que isso seria algo incrível.

— Então, eu não só não trabalharia com o David, como também não trabalharia mais à noite. — pontuo um pouco exasperada. — Duas coisas que você detesta.

— Eu realmente detesto e tenho ciúmes, tudo ao mesmo tempo. Mas eu jamais pediria para você deixar de fazer qualquer uma dessas coisas. — ele diz, soltando as minhas mãos, para apertar a minha cintura. — Porque eu apenas quero que você tenha um trabalho do qual realmente goste e que não precise se matar para isso. Além do mais, tem a Chloe e tenho certeza de que você quer estar com ela o máximo de tempo possível.

Ele está certo, eu quero estar todas as noites com a Chloe. E eu também odeio trabalhar à noite, sempre detestei servir em eventos, mas durante muito tempo isso foi uma necessidade da qual eu não poderia abrir mão. Se existe alguma possibilidade de eu comprar a livraria, com certeza quero que ela seja minha. Eu mudei todos os meus planos ao longo dos últimos meses e já nem consigo me lembrar do que eu queria para a minha vida antes. Porém, me casar com Drew, adotar a Chloe e comprar a livraria me parece muito mais do que eu poderia desejar.

— Eu disse ao David que iria pensar no assunto. — falo, enquanto ele beija o meu pescoço e me distrai. — Enquanto isso não acontece, pare de sentir esse ciúmes bobo dele.

— Eu não posso. — ele confessa, quando a sua boca encontra a minha. — Mas eu nunca fiz nada para ele.

— Não fez, mas enquanto ele passava por você, achei que fosse segui-lo e quebrar o seu nariz.

— Eu jamais faria algo assim. — ele diz sério, se afastando para me olhar. — Por que segui-lo, quando eu posso descobrir onde ele mora em dez minutos?

— Você não faria isso.

— Aliás, eu posso descobrir qualquer coisa que eu quiser, sobre qualquer pessoa. — ele acrescenta.

— Isso me parece um pouco assustador. — digo, com um riso nervoso.

— Mas pense como será útil quando a Chloe começar a namorar.

— Acho que você irá espantar todos os seus namorados, apenas com o olhar.

— Tomara que sim.

— Você não quer que ela conheça um homem tão maravilhoso como você e seja feliz?— eu pergunto, tocando o seu cabelo.

— Teria que ser melhor e muito mais maravilhoso do que eu. — ele diz sorrindo. — Você acha que existe alguém assim?

— Pela felicidade da Chloe, eu espero que exista sim.

Ele me beija, colocando uma das mãos nas minhas costas e me apertando de encontro a ele. David me disse que seríamos perfeitos juntos, mas ele nunca fez eu me sentir como Drew faz desde a primeira vez em que me olhou. E quando ele me beijou então, eu sabia que estava completamente perdida para os outros homens e agora, mais do que nunca, tenho certeza disso.

— Eu preciso trabalhar. — eu falo, colocando a mão em seu peito, para afastá-lo — E você também.

— Sim, você está certa. — ele concorda me beijando um pouco mais.

— Drew... — eu insisto. — Ainda não comprei a livraria.

— Está bem. — Ele se fastia sem vontade. — Te vejo mais tarde!

— Estarei aqui te esperando.

— É melhor estar. — ele diz rindo. — Eu te amo.

— Eu te amo também. — Aceno feito uma boba... *Uma boba feliz.*



Durante o dia todo, eu me vejo fazendo planos para a livraria, como se a

ideia de comprá-la realmente pudesse ser algo real. Eu até posso me ver, em um futuro não muito distante, com Chloe e um bebê enquanto trabalho *na minha livraria*. Sonhar ainda é de graça e eu posso ser muito criativa ao fazer isso. Eu sempre fui, com a exceção de que agora as possibilidades de realizar os meus sonhos me parecem muito maiores. Eu estou sorrindo, pensando em tudo isso, enquanto Drew dirige para a casa.

— Você falou com a sua mãe hoje? — pergunto, quando estamos na metade do caminho.

— Não, eu não tive tempo para isso. — ele me olha rapidamente — E você?

— Eu acabei me esquecendo, mas tenho certeza de que elas ficaram bem juntas.

Ele sorri em resposta, voltando a se concentrar na direção e eu me sinto cada vez mais curiosa e ansiosa para chegar em casa e encontrá-las. Desço do carro, assim que Drew estaciona e embora eu saiba que ele odeia isso, não posso esperar que venha abrir a porta para mim.

— A fachada parece a mesma. — eu digo, pegando as chaves da minha bolsa.

— Não acho que ela tenha tido tempo de mudar algo aqui fora. — ele replica, colocando a mão em minhas costas.

O barulho alto da tevê nos recebe assim que entramos, mas Silvia e Chloe não estão em nenhum lugar onde possam ser vistas.

— Que cheiro bom. — eu falo, caminhando pela cozinha e percebendo o forno ligado.

— É lasanha. — ele observa, desfazendo o nó da gravata.

— A sua paixão.

— Você se lembra? — ele pergunta sorrindo e eu aceno em concordância. — A minha mãe faz a melhor lasanha.

— Isso porque você ainda não provou a minha. — digo, com um sorriso confiante.

— Eu irei me casar com você, então a sua é melhor; mesmo que eu não tenha provado ainda.

— Não estou aqui para competir com a sua mãe, não se preocupe.

Ele me abraça, no mesmo instante em que Chloe desce correndo as escadas e pula em meu colo. Eu a pego no ar e abraço, antes de olhar para o seu rosto sorridente. Ela está maquiada de forma engraçada. Um batom rosa, escapando do contorno dos seus pequenos lábios, me levando a crer que ela estava brincando com a minha maquiagem lá em cima.

— Eu estou bonita, Mi? — ela pergunta, com bastante orgulho do seu trabalho.

— Você é sempre bonita. — Drew diz, antes que eu responda. — Mas fica mais bonita sem maquiagem, lembre-se disso quando crescer.

— Esse batom é meu? — eu pergunto, dando uma cotovelada no Drew.

— Não, é da vovó e ela me deixou usar nela também. — ela conta com alegria. — Ela também está muito bonita.

— Isso eu preciso muito ver. — Drew diz rindo alto, enquanto caminha até a escada com pressa.

Eu não sei como ele pode ser tão sério e infantil ao mesmo tempo, mas ele sobe alguns degraus e volta rindo mais ainda, acompanhado de sua mãe. Se eu não a conhecesse, jamais diria que a pessoa à minha frente é a Silvia. Seu cabelo está todo emaranhado, preso no alto da cabeça e seu rosto parece uma obra de *Picasso*. Uma maquiagem louca e colorida, que somente uma criança de três anos poderia fazer. Mas o que chama mais a atenção são os seus lábios incrivelmente vermelhos e que parecem ter o triplo do tamanho; já que quem os pintou não sabia aonde terminava a boca e começava o resto do rosto.

— Olá, Mia. — ela diz com naturalidade, passando por mim e ignorando o filho que não parou de rir até agora. — O jantar está quase pronto, podemos

comer em cinco minutos.

— Obrigada. — eu sussurro, colocando Chloe lentamente no chão. — Vou lavar as mãos e já desço.

Vou até Drew e agarro o seu braço, tentando arrastá-lo comigo até o andar de cima. Tenho medo de sua mãe se sentir ofendida; mas tenho mais medo de que ele passe mal de tanto rir. E eu também quero rir, mas farei isso na privacidade do meu quarto.

— Pare com isso. — eu o repreendo, pisando no primeiro degrau. — Não está tão engraçado assim.

— É claro que está. — ele fala, passando as mãos no rosto e secando os olhos úmidos.

Balanço a cabeça, começando a rir do seu jeito quando subimos juntos. Ele parece um bobo agora e eu já não consigo me conter.

— Você não mexeu nas minhas roupas, não é mãe? — ele pergunta de repente, descendo outra vez.

— Não, mas certamente farei agora. — ela promete com voz calma. — Será a minha vingança. Mas dessa vez, eu me certificarei de esconder todas elas e trocar por camisas havaianas e bermudas de surfista.

— Você não faria isso. — ele afirma, mas com bastante preocupação.

— Eu faria e eu farei. — ela devolve rindo alto, fazendo Chloe rir também.

A essa altura, eu já não consigo me conter e começo a rir também, me encostando a parede. *Jesus... Ela é louca. Sim, totalmente maluca.* Porém, é sem dúvida uma das melhores pessoas que eu já conheci e que bom que Chloe vai crescer com alguém tão maravilhoso assim. Drew passa por mim, segurando a minha mão e me puxando para o banheiro.

— Você mereceu. — eu falo, limpando as lágrimas dos meus olhos.



— Você queria rir também, viu só o rosto dela? — ele pergunta, começando a rir outra vez. — Precisamos tirar uma foto e mandar para o Adam.

— Ainda estou ouvindo a sua risada, Andrew. — Silvia sibila da cozinha.

Ele para de rir no mesmo instante, me olhando como um menino pego fazendo alguma travessura. Acho que não importa quantos anos nós tenhamos; as nossas mães sempre terão esse efeito em nós.

— Me lembre de fechar o nosso quarto amanhã, ou hoje à noite enquanto dormimos. — ele pede sério. — Ele pode até cortar o meu cabelo enquanto durmo.

— Ela não faria isso. — falo, tocando o seu lindo cabelo, e sentindo pena apenas ao imaginar algo assim.

— Melhor não duvidar.

— Tudo bem, eu te lembro. Mas você ficaria bem com camisa havaiana.

Ele revira os olhos, antes de lavar as mãos. Eu faço o mesmo, jogando um pouco de água nele. Eu me sinto genuinamente em paz e Deus... Que nada e nem ninguém atrapalhe isso.



## Vinte e Seis

Drew

A minha mãe me enlouquece às vezes...

Quem eu quero enganar? Ela me enlouquece sempre, é um dom natural dela. Sempre foi. Quando eu era pequeno, amava o quanto ela parecia viva, falante, era quase como ter uma criança grande ao meu lado. Mas então, quando entrei na adolescência, era exatamente isso o que eu mais detestava nela. Não preciso dizer, que ela me fez passar vexames épicos diante dos meus amigos; ou a cada vez que eu conseguia uma namorada. Ela apenas não tem um filtro entre o cérebro e a boca, diz tudo o que pensa, ou diz sem pensar. Quando você a conhece, os primeiros cinco minutos ao seu lado dirão se vocês serão amigos. Porque ela é o tipo de pessoa que você ama ou odeia, sem meios termos.

Por esse motivo eu sempre soube que só me casaria com alguém que minha mãe amasse e vice versa. Já que ela é tão espaçosa, chegando e se convidando a ficar como fez há poucos dias. Como eu poderia manter um casamento com alguém que não se sentisse à vontade ao seu lado?

Porque não importa o quanto ela me enlouqueça; a minha mãe é uma parte importante e indispensável da minha vida. Eu a admiro e amo com todo o meu coração. Quando o meu pai morreu, achei que ela pudesse se fechar em si mesma, perder a alegria e a sua essência otimista e radiante. Mas não, ela viveu o seu período de luto e tristeza, e voltou a ser esse raio de Sol. Acho que nada no mundo pode mudar o seu coração. E posso dizer que eu me sinto em paz agora, Mia e ela se conheceram e parecem amigas de infância. Mesmo que minha mãe tenha tomado conta da casa, como se ela morasse aqui há muito tempo. Isso poderia irritar outras mulheres, mas não a Mia. Graças a Deus por isso, eu ficaria louco no meio das duas e jamais poderia escolher entre uma ou outra.

— Você sabe quem a sua mãe convidou para esse jantar? — Mia me pergunta, terminando de calçar os seus sapatos.

— Quem ela poderia convidar, além do Adam? — devolvo a sua pergunta, abotoando a minha camisa.

Hoje é quinta feira, quase uma semana depois da chegada de minha mãe à Atlanta e ela falou nesse jantar durante todos os dias, como se estivesse esperando a presença do próprio Presidente. Na verdade, eu não vejo nenhuma necessidade de me arrumar assim, já que Mia não convidou a sua mãe e Susan não pôde vir, por estar visitando uma irmã em outra cidade. Arrumar-me assim apenas para o Adam? Eu poderia recebê-lo de pijama.

— Ela pode ter convidado algum amigo.

— Que amigo? — eu pergunto me virando para ela.

— Eu não sei talvez ela tenha conhecido alguém nesses dias em que ficou sozinha aqui.

— Um vizinho? Que eu saiba, ela não tem saído de casa. — falo, tentando parecer desinteressado. — Ou saiu?

— Eu não sei Drew. — ela ri. — E se soubesse, eu não diria.

— E a sua lealdade, onde fica?

— Você é muito ciumento, a sua mãe tem direito a ter amigos.

— Amigos ou namorados?

— Amigos, namorados; qualquer um deles. — ela fala, vindo até mim.  
— Acho que ela é grande o bastante para fazer as suas próprias escolhas.

— Eu prefiro que ela tenha apenas amigas, você e a Chloe também. — enfatizo para provocá-la.

— Você já sabe que a vida não se baseia em nossas preferências.

— Eu sei e obrigada por enfatizar isso. — coloco a mão na sua cintura, para beijá-la. — Eu gostei do seu vestido.

— Obrigada. — ela agradece, ajeitando as alças finas do seu vestido preto. — Eu gostei da sua camisa.

É uma camisa vinho muito escura e chamativa. Eu não gosto de me aventurar além do branco, preto, cinza e azul marinho; talvez em um dia de bom humor, eu possa usar uma gravata colorida. Eu não sei qual o meu problema com as roupas de cores chamativas, mas me sinto estranho ao vesti-las. Se as roupas refletem a nossa personalidade, as minhas dizem que sou uma pessoa mais séria, ao menos era isso o que pensava antes. Essa camisa foi presente da minha mãe e ela me disse que se eu não a usasse, ela tingiria minhas camisas brancas de cor de rosa. Está óbvio que ela tem uma pequena obsessão com as minhas roupas.

— Obrigado, mas eu me sinto estranho, graças a minha mãe.

Ela ri, enquanto saímos do quarto. Faz mais de uma hora que voltamos para casa e assim que colocamos o pé na porta da sala, minha mãe nos obrigou a subir para o quarto; deixando apenas Chloe lhe fazer companhia na cozinha. Eu não sei quem ela convidou, nem ao menos sei o que ela está preparando para o jantar e aquela sensação de que ela pode ter aprontado alguma coisa, não me abandona. Adam está na sala com Chloe, ambos parecem bem à vontade um com o outro. Eu agradeço o fato de que minha família abraçou Chloe e Mia como se elas sempre fossem uma parte de nós.

— Oi, Mia. — ele vem para abraçá-la, me ignorando totalmente. — Deixe-me abraçá-la, antes que a minha mãe te puxe outra vez.

— Já chega. — eu digo depois de cinco segundos, puxando Mia de seus braços. — Gostei da sua camisa.

— Foi a mamãe quem me deu. — ele conta, alisando sua camisa azul turquesa. Parece cetim ou seda, o que a faz brilhar diante da luz. A minha é de ouro tecido, por sorte.

—E eu estava achando a minha ruim. — digo, segurando a mão de Mia. — A sua é muito pior.

— Eu não ligo, acho que o azul combina com o meu tom de pele. — ele fala, sentando-se outra vez ao lado de Chloe; antes de gritar. — Mãe, o que

estamos esperando para comer. Estou morrendo de fome?

Olho para Mia, antes de olhar na direção da cozinha. Minha mãe remexe no forno, sem responder Adam e parece alheia a todos nós.

— Mãe. — Adam a chama outra vez. — O que está esperando? Não somos apenas nós?

— Estou esperando uma pessoa. — ela diz sem olhar para nós. — E pare de gritar, eu não sou surda.

— Que pessoa? — pergunto, não imaginando mais ninguém que pudesse estar aqui.

— Podemos comer alguma coisa enquanto esperamos? — Adam pergunta, nem um pouco preocupado com quem quer que seja que estamos esperamos.

— O senhor Wilder. — minha mãe diz, trazendo uma cestinha de pães para Adam.

— O meu vizinho? — me surpreendo — Desde quando você o conhece e por que o convidaria para jantar conosco?

—Eu andei conversando com ele um dia desses. Ele é muito agradável e me pareceu muito solitário. — ela conta com naturalidade e só agora eu percebo como está arrumada e maquiada; muito diferente de como Chloe a deixou dias atrás.

— Entendo. — sussurro, balançando a cabeça e olhando para Mia, que tem um meio sorriso em seu rosto.

— Ele é um policial aposentado e viúvo há sete anos, sabia? — minha mãe completa, voltando para a cozinha.

— Que ele era um policial sim, — confirmo — que ele é um viúvo, eu não me importo.

— Drew. — Mia diz, apertando um pouco a minha mão — Pare com

isso.

— Não estou fazendo nada. — digo, me afundando no sofá ao lado de Adam e roubando um de seus pãezinhos.

— Ei, isso é meu. — ele diz, escondendo a cesta para ele.

— Eu quero um. — Chloe, que até agora estava quieta, se levanta interessada na comida de Adam. — Estou com fome, Mi.

— Mãe. — eu grito sem me levantar — Estou em minha casa, não vou passar fome na minha casa.

— Só uns minutos, Jesus... — ela replica exasperada. — A vovó já vai servir o jantar, Chloe.

Puxo Chloe para o meu colo e roubo a cesta de pães do Adam, para dar a ela. Ele me olha irritado, mas amolece o olhar ao se dirigir a Chloe. Já está evidente que ela pode conseguir o que quiser de qualquer um de nós. Não sei quanto tempo ficamos assim, Mia está sentada no braço do sofá, mexendo em seu cabelo e eu coloco um braço ao redor da sua cintura, para trazê-la mais perto de mim. Algum filme da Disney está passando na tevê e Chloe parece muito interessada; ao menos não é *Frozen*.

— Da próxima vez, eu passo em uma lanchonete, antes de vir jantar aqui. — Adam sussurra, de forma dramática que lhe é tão comum. — É sério, eu fiquei quase o dia todo sem comer, pensando em todas as maravilhas que teria nesse jantar e ao invés disso, estou sentado aqui há mais de vinte minutos.

— Que pena. — eu digo em resposta. — Você irá sobreviver.

— Você nem se importa. — ele replica, cruzando os braços e fazendo Mia rir.

Abro a boca para falar, mas a campainha toca nesse momento. O som é irritante. Mia já me pediu para consertá-la, mas eu não faço a menor idéia de como se faz isso. Nós ficamos em pé, enquanto minha mãe se apressa em abrir a porta. Talvez eu devesse fazê-lo, já que a casa é minha, por outro lado o convidado é dela. Ainda não entendi por que ela tinha que chamá-lo para um

momento tão íntimo como este.

Eles conversam um pouco à porta, antes que minha mãe retorne para a sala, seguida pelo senhor Wilder. O seu nome é Joe ou James, não consigo ter certeza. Ele é um policial da *Swat* aposentado. Conversamos pouquíssimas vezes, a maioria delas quando eu estava saindo para o trabalho e ele estava passeando com o seu labrador. Ele é um homem alto, talvez tanto quanto eu e com cabelo curto loiro escuro, que agora está mesclado com muitos fios brancos. Se eu pudesse afirmar, diria que ele tem mais de sessenta e cinco anos. Um semblante agradável, principalmente por seus olhos castanhos amigáveis.

— Boa noite. — ele diz sorridente, parando ao lado da minha mãe.

— Boa noite, sou Adam. — Adam diz, lhe estendendo a mão. — É um prazer conhecê-lo, senhor Wilder.

— Me chame de Joel. — ele diz.

*Joel*, eu passei perto.

— Seja bem vindo, Joel. — eu digo apesar de sua presença aqui ainda não fazer sentido. — Essa é minha noiva Mia!

Mia o cumprimenta também, apertando brevemente a sua mão assim como Adam e eu fizemos.

— E essa é a Chloe. — falo, colando Chloe no chão; mas ainda segurando a sua mão.

— Nós já somos amigos, não é Chloe? — ele pergunta, deixando a mão no ar para ela tocar.

— Sim, somos. — ela diz com alegria, batendo em sua mão. — Onde está o Alec?

— Ele ficou em casa, dormindo. — Joel responde e diante do meu olhar curioso, completa. — Alec é o meu cachorro.

— Ok. — digo simplesmente, olhando para a minha mãe com faíscas nos olhos. Que história é essa?

— Podemos comer agora? — Adam interrompe os meus pensamentos com o seu dramalhão por comida. — Acho que a minha glicemia está caindo a cada segundo.

— Claro que sim, vamos. — minha mãe diz com a alegria, fazendo um gesto para que todos a sigam até a sala de jantar.

A mesa está arrumada com esmero, assim como ela sempre faz no Natal. O que me faz pensar que Chloe adorará passar o Natal com a minha mãe, pois ela não poupa esforços para agradar a todos. E ela quer agradar o Joel, isso fica claro e me causa uma pequena irritação, que eu disfarço, é claro.

Eu como em silêncio, enquanto os outros à mesa conversam com descontração, mas eu não tenho nada a dizer agora. Minha mãe fez a sua famosa torta de frango com massa folheada, é uma receita clássica e fica realmente muito bom. Tenho certeza de que ela escolheu essa receita, porque Chloe não come carne vermelha.

— Isso está muito bom, Silvia. — Joel elogia, repousando o seu garfo ao lado do prato. — Você disse que sabia cozinhar, mas nunca comi nada tão maravilhoso.

*Quanto exagero...* Está realmente bom, mas dizer que nunca comeu nada igual, isso me faz querer revirar os olhos e desde quando ela é Silvia para ele?

— Esse era o prato favorito do meu pai. — pontuo com naturalidade, olhando para o Joel — Não é mesmo, Adam?

— Pelo que me lembro, ele não comia frango. — Adam responde, sem abandonar o seu prato... *Traidor*.

— Isso mesmo. — minha mãe enfatiza. — Will detestava frango.

Eu sei disso, meu pai amava carne vermelha e eu me lembro perfeitamente das noites em que ele acendia a sua churrasqueira no quintal, apenas para grelhar alguns bifés e tomar uma cerveja. Ele morreu quando fiz dezoito anos e nós nunca tivemos a oportunidade de fazer isso junto. Chloe o teria adorado também; ele era um grande cara.



— Você tem filhos, Joel? — eu pergunto, tentando conhecer o inimigo.

— Sim, duas meninas. Ambas já crescidas e casadas, eu tenho três netos incríveis também. — ele conta com alegria.

— Como eu queria poder dizer que tenho três netos. — minha mãe diz com voz chorosa. — Mas meus filhos não ajudam. Finalmente eu tenho a linda Chloe, mas não foi graças ao Drew.

— Obrigado, mãe. — murmuro, segurando a mão de Mia sob a mesa.

— Acho que quando se tem filhas é mais fácil. — Mia fala, olhando para mim e sorrindo. — Graças a Deus temos a Chloe, não é Drew?

— Sim, mas no que diz respeito a mim, ela pode ser casar e ter filhos depois dos trinta e cinco anos. Eu não me importo em esperar por isso.

— Eu já estive no seu lugar. — Joel fala rindo — Espere até ela ficar adolescente. Onde você acha que eu consegui esses cabelos brancos?

Eu estremeço apenas com o pensamento, enquanto todos riem com diversão, inclusive a Chloe. Embora eu duvide que ela saiba que estamos falando sobre ela.

— Então nos conte sobre o pedido de casamento. — Adam pede, tomando um gole do seu vinho. — Você ainda não me disse como foi.

— Bem... Foi normal, você sabe; eu pedi e ela aceitou. — conto com um pequeno sorriso, me virando para a Mia.

— Que chato, sem nada diferente e especial? — ele pergunta, desapontado.

— Não. — digo simplesmente, bebendo um pouco de vinho também.

— Drew se ajoelhou e me disse o quanto me ama e não pode viver sem mim. — Mia fala, com voz suave. — Então ele me mostrou o anel e eu disse sim, é claro que eu disse sim.

Minha mãe sorri com emoção nos olhos e eu concentro o meu olhar em Mia... Puxa, ela mente bem, será que devo me preocupar?

— Mesmo assim, chato. — Adam insiste, revirando os olhos.

— Ao menos eu tenho uma noiva. — digo, o chutando por baixo da mesa.

— Puxa, isso doeu. — ele fala, colocando a mão sobre o coração. — E não estou falando do chute que acabou de me dar.

— Meninos, parem. — minha mãe intercede, com a mesma voz que usava quando éramos criança.

— Vocês são bobos. — Chloe fala sorrindo. — Muito bobos.

— O Adam é. — reforço, o chutando outra vez.

O resto do jantar transcorre de forma tranquila. Não que eu esteja tranquilo, principalmente depois de minha mãe servir a sobremesa; mousse de chocolate e Joel dizer que é o seu favorito. Eu já não gosto muito de doces e agora posso afirmar que açúcar nunca foi tão amargo.

— Vou acompanhar o Joel até em casa. — minha mãe anuncia, depois que todos já se despediram dele.

— Geralmente é o homem que faz isso, mãe. — pontuo, colocando as minhas mãos nos bolsos.

— Eu já estou em casa, Drew. — ela replica sem se abalar com o meu olhar insatisfeito. — Não me esperem acordados.

— Mãe. — eu digo sério, balançando a cabeça. — Ela não disse isso.

— Ela disse. — Mia fala, pegando Chloe no colo. — Vou subir com Chloe. Tchau, Adam.

—Tchau, Adam. — Choe repete.

—Tchau, meu amor. Chame-me de tio, quem sabe da próxima vez?

— Não Adam. — ela fala, rindo enquanto Mia sobe as escadas.

Espero as duas subirem, para me virar para Adam e arrastá-lo até um canto.

— Você não acha estranha essa amizade repentina da mamãe com o senhor Wilder?

— Qual o problema? — ele me analisa. — Deixe a velha ser feliz.

— Eu adoraria que ela te ouvisse falando assim. — digo, sem deixar de rir.

— Não conte a ela. — ele pede, ficando um pouco pálido. — De qualquer forma, eu não vejo o menor problema.

— Se eles namorarem e se casarem, ela pode morar em Atlanta.

— Precisamos separá-los. Conte comigo. — ele me dá um tapa no ombro, antes de caminhar até a porta. — Eu definitivamente não posso morar na mesma cidade dela, ela já me enlouquece com quilômetros de distância entre nós.

— Ela seria a minha vizinha. — eu enfatizo, sentindo um calafrio com esse pensamento.

— Agora, isso seria engraçado. — ele fala rindo, antes que eu comece a fechar a porta.

—Tchau. — balbucio, fechando totalmente a porta. O som da sua risada, ainda sendo ouvido mesmo através da madeira.

Quase me sinto tentado a trancar a porta e deixar minha mãe presa do lado de fora. Mas então, onde ela iria dormir? Melhor não pensar nisso.

Chloe já está dormindo, quando passo pelo seu quarto. Entro sem fazer barulho e lhe dou um beijo na testa, então vou para o meu quarto. Mia está escovando os dentes quando eu entro, ela já trocou o seu vestido por uma das

minhas camisetas, que ela gosta tanto de usar para dormir. Sento-me na cama, desabotoando a minha camisa, querendo guardá-la no fundo do meu armário e nunca mais usá-la.

— Será que isso aconteceu realmente, a minha mãe trouxe o seu namorado para jantar hoje? — eu pergunto, tirando os meus sapatos em seguida.

— Ela não o apresentou como namorado. — Mia me corrige, parando na porta com a escova na mão.

— Acho que isso ficou tão óbvio, por que dizer?

— Às vezes o óbvio precisa ser dito. — Ela reflete. — Como você se sente sobre isso?

— Ela nunca teve um namorado em dez anos. — eu falo, estendendo a mão para ela vir até mim. — Acho que eu pensei que ela nunca fosse se apaixonar outra vez.

— Eu não acho que ela esteja apaixonada, ainda não.

— Ainda não. — eu repito, segurando o seu quadril quando ela se encaixa entre as minhas pernas. — Se eu morrer, não se case outra vez.

— Você não vai morrer. — ela ri, tocando o meu queixo. — E na verdade, se isso acontecesse, eu não me casaria outra vez. Me casaria pela primeira vez, afinal nós ainda não nos casamos.

— Obrigado por isso. — Sussurro em sua barriga. — Agora me sinto muito melhor.

— Estou às ordens! — ela brinca.

— Isso me lembra... Você recebeu o e-mail da Claire?

— Sobre a audiência? — eu aceno em resposta, beijando o seu umbigo em seguida. — Ela me enviou uma mensagem hoje à tarde.

— Um mês. — eu recito calmamente. — Um mês e tudo isso acaba.

— Um mês. — ela repete. — Um mês e a Chloe será nossa para sempre.

Eu sorrio em resposta e volto a encará-la, adorando ver a confiança em seu olhar. Depois do quanto ela ficou abalada quando a avó de Chloe quis lutar pela guarda; vê-la otimista assim, significa muito para mim.

— Nós podemos nos casar em duas semanas. — Digo, depois de deitá-la na cama. — Então teremos tempo de sobra para anexarmos nossos documentos no processo.

— Tem certeza de que é isso o que você quer? — ela pergunta, tocando o meu cabelo com carinho.

— Você não precisa me perguntar algo assim. Claro que tenho certeza, eu só me preocupo que você queira um casamento grande, isso não seria possível em duas semanas.

— Eu quero o casamento mais simples, do tipo que começa e termina em trinta minutos.

— Acho que podemos fazer isso, não em trinta minutos; mas algo parecido.

Eu a beijo, enquanto ela sorri. Tocando os seus lábios suavemente e apertando a sua cintura, antes de deixar minhas mãos viajarem pelo seu estômago, sob a camiseta. Seus braços contornam o meu pescoço, para logo em seguida apertarem a minha nuca, me convidando a beijá-la mais forte.

— Estou em casa. — minha mãe grita da sala, fechando a porta ao mesmo tempo.

— Já não era sem tempo, mãe. — eu grito de volta, me afastando um pouco de Mia.

— Ainda sou sua mãe, Andrew.

— Você não deixa eu me esquecer disso, nem por um segundo.

Seus passos ecoam pela escada, depois pelo corredor, até desaparecerem quando ela entra no quarto de Chloe.

— Duas semanas. — eu digo, voltando a olhar para Mia.

— Duas semanas. — ela repete, encostando a testa na minha e entendendo perfeitamente o que essas duas palavras significam. — Você acha que estamos sendo rápidos demais?

— Pelo contrário, tenho a sensação de que estou esperando a vida inteira.

— Eu sei exatamente o que isso significa Drew. — ela diz, antes de me beijar.



Vinte e Sete

Mia

**Estou** há uma semana olhando para o meu celular, e tentando ligar para a minha mãe. Quando eu começo a digitar os primeiros números, algo sempre me atrapalha. Seja a Chloe que me chama. Drew que bate na porta do quarto sempre que eu me tranco nele. Alguém que entra na livraria e precisa da minha ajuda, a Silvia que quer conversar quando fujo para o quintal. Parece que todo o universo conspira para essa ligação não acontecer.

Não sei o que existe em minha mãe e na minha relação com ela, que me causa medo, insegurança, indecisão, vulnerabilidade...

Mesmo com quase vinte e quatro anos, é só ouvir a sua voz e eu me sinto pequena. Talvez seja por isso que eu acabo mantendo distância, de uma forma involuntária; eu não quero estar ao seu redor. Mas enfim, Drew espera que eu a convide para o casamento, as pessoas esperam isso de mim. Por quê? Porque todo mundo ama a sua mãe, a figura mais importante de uma criança, a primeira referência, o primeiro amor. Não que eu não ame a minha; eu a amo. Sou grata a ela. Ela me deu alimento e abrigo, como alguém que cuida de um filhote de cachorro, mas não quer criar laços afetivos. Minha mãe nunca se entregou. Nunca se permitiu me amar. Ela sempre teve essa barreira erguida, que a separava de mim e eu nunca consegui derrubá-la; não importa o quanto eu tentasse, o quanto eu quisesse.

Se eu era uma boa menina, não dando trabalho na escola, tirando boas notas, dormindo no horário certo; eu não fazia mais do que a minha obrigação. Se eu decidisse ser um pouco rebelde, e preciso dizer que isso quase nunca acontecia, bem então era porque a minha ingratidão pela vida maravilhosa que ela me proporcionava era imensa. Eu acho que nunca a fiz sorrir, não um sorriso genuíno, de satisfação, orgulho, amor. Todos os meios sorrisos que ela já me dirigiu, eram de ironia, reprovação, insatisfação. Você sabe o que é viver com isso? Ela ainda é o meu carrasco, não importa onde eu esteja. Tem uma corrente

invisível no meu tornozelo e somente ela possui a chave. Acho que o dia em que eu finalmente disser a ela o quanto me magoou ao longo dos anos, eu estarei livre; porque eu sei que ela apenas irá virar as costas e ir embora. Eu só não sei quando serei corajosa o bastante para fazê-lo.

De qualquer forma, eu preciso ligar... agora, neste instante, sem mais protelar. Até parece que eu estou marcando uma cirurgia no fígado quando eu fecho a porta da livraria e viro a plaquinha pendurada, para *fechado*. Então disco seu número, com um pouco de insegurança e espero ela atender. Minhas mãos transpiram enquanto seguram o celular e minha mente repassa passo a passo, tudo o que decorei para lhe dizer.

— Miranda. — sua voz rouca e tão familiar, soa aos meus ouvidos quando ela atende. É sempre assim, nada de alô ou qualquer entusiasmo para a pessoa do outro lado da linha.

— Mãe, sou eu. — digo, com uma imensa vontade de acrescentar *Mia*, mas sei que ela detesta quando faço isso. — Como vai?

— Bem, eu quase me esqueci de que tinha uma filha. Você não me liga há séculos.

— Eu sei, mas meu telefone recebe ligações. Pode me ligar também, se sentir saudades.

Fica mais que evidente, que esse é o motivo principal de sua falta de contato; ela jamais sente saudades... E por que sentiria?

— Estou sempre ocupada, além do mais eu sei que você sabe se cuidar sozinha.

— Eu realmente sei. Você foi uma excelente professora, mãe.

— Foi para isso que você ligou? — ela pergunta um pouco irritada. Acho que não é o momento para ser irônica.

— Não foi; desculpe-me. — digo com voz branda e obediente. — Será que poderíamos nos ver, quem sabe almoçarmos juntas?

— Estou muito ocupada Mia, não tenho tempo.



— Mãe... — eu sussurro, depois de respirar. Eu sabia que ela me diria isso. — É importante para mim, por favor. Quero conversar com você, mas precisa ser pessoalmente.

Agora é a sua vez de suspirar, provavelmente irritada com a minha insistência. Minha mãe se acostumou a nunca precisar dizer duas vezes a mesma coisa. Quando ela me dizia que não tinha tempo, eu sempre dizia; *ok, combinamos outro dia*. O problema é que para mim, ela nunca teve tempo, não importa o dia que fosse.

— Está bem, Mia. — ela diz por fim. — Mas você terá que vir até mim, não vou atravessar a cidade para vê-la.

— É claro que não, — Deus sabe que eu não esperaria tanto. — você está no trabalho?

— Sim, estou. Algum problema?

— Problema nenhum. — apenas o fato de que seu trabalho fica a quarenta minutos daqui, mas eu não expresso isso; ela poderia mudar de ideia. — Eu te encontro em uma hora então.

— Ok, tchau. — ela desliga antes que eu possa me despedir também.

Antes de guardar meu celular na bolsa, chamo um táxi e espero em frente à livraria. O movimento é bem tranquilo a essa hora do dia, então eu acho que não terei problemas em ficar mais de duas horas longe.

Minha mãe é corretora de imóveis, ela faz o curso e se formou para exercer a profissão quando eu completei nove anos. Até então, ela fez várias coisas. Foi vendedora, cabeleireira, limpou casas e eu me lembro de que essa foi a época em que ela mais exaltou o quanto o meu nascimento indesejado podou os seus sonhos. Sim, por minha causa ela não foi para a faculdade. Por minha causa ela nunca tinha dinheiro para ela, Por minha causa ela nunca se casou; porque nenhum homem de bem iria querer uma mulher com uma filha. Por minha causa... Um milhão de coisas em sua vida foram por minha causa e nenhuma delas eram boas.

Mas, enfim, ela descobriu algo que gostasse de fazer e parece muito feliz com o que faz. As escassas vezes em que nos encontramos nos últimos anos, ela

sempre estava bem arrumada e parecia orgulhosa de si mesma e desde que eu não sou mais um fardo a ser carregado, acho que as coisas caminham bem. Para a minha sorte, o trânsito flui muito bem e demoramos apenas trinta minutos para chegar. Desço do táxi, depois de pagar o motorista e caminho com pressa até a imobiliária. É um lugar grande, bem conceituado e vários corretores trabalham aqui. Cumprimento alguns deles, enquanto passo rapidamente pelas mesas. Minha mãe tem a sua própria sala, com seu nome escrito na porta de madeira. *Miranda White*, eu repito mentalmente. Eu não sou uma *White*, e ela não é uma *Anderson*. Foi a primeira coisa que ela fez meu pai mudar quando ele apareceu, o meu sobrenome. Nem isso ela foi capaz de me dar.

Bato levemente na porta e logo em seguida ela grita para eu entrar. Empurro a porta e a encontro atrás de uma grande mesa de madeira, mexendo em um moderno computador, do qual ela mal levanta os olhos para me cumprimentar. Cinco meses sem me ver e eu não mereço nem um aperto de mão.

— Oi. — Digo um pouco hesitante, levantando levemente a mão também. — Gostei do seu cabelo.

Ela finalmente dirige a atenção para mim, seus olhos castanhos claros me examinam com curiosidade. Eu não mudei nada, desde a última vez que nos encontramos; talvez o meu cabelo tenha crescido um pouco e eu espero não ter engordado. Mas ela está diferente, o cabelo loiro claríssimo, que antes estava abaixo do ombro, está liso e curto, tocando o pescoço. Ela também parece ter feito algo no rosto. Botox talvez? Eu não ousaria perguntar e nem acho que ela precise; suas expressões sempre foram congeladas mesmo.

— Obrigada, você está bonita também.

*Uau*, um elogio? Quem sabe ela esteja de bom humor hoje?

— Obrigada. — agradeço, me sentando em frente a ela. — Então... Tudo bem no trabalho?

— Sim, melhor impossível. — ela responde, se encostando à cadeira para me olhar. — E você, o que queria me falar com tanta urgência?

— Bem, eu vou, — paro e levanto a minha mão esquerda com entusiasmo. — me casar, eu vou me casar!

Seus olhos vão do meu anel para o meu rosto algumas vezes, antes que ela levante as sobrancelhas finas e muitas perguntas apareçam em seu olhar.

— Quando? — ela pergunta simplesmente. Depois de eu ter esperado uma enxurrada de recriminações.

— Em uma semana.

— Uma semana. — ela repete surpresa. — Você está grávida?

— Não, não estou. — rio de forma nervosa.

— Uma semana. — ela repete novamente.

*Uma semana...* Ok, talvez até eu mesma esteja surpresa. Essa semana foi uma verdadeira loucura, embora Silvia tenha me ajudado com muitas coisas e decisões. O casamento será simples, é algo do qual eu não abro mão. Iremos nos casar na igreja, isso é algo que Silvia não abre mão e mesmo que eu não seja uma pessoa religiosa; quis fazer a sua vontade. A recepção será em um lindo salão no centro da cidade, Drew tem uma família grande, avós, tios, primos e bem, Silvia não abriria mão disso também. Mas eu não deixei que ela convidasse as duzentas pessoas que ela queria, apenas as mais importantes e isso reduziu a lista a menos de cinquenta pessoas. Eu sou como *Poliana, a pequena órfã* e da minha parte, apenas Susan confirmou presença; já que seria muito estranho convidar o David. Resta saber se minha querida e amada mãe me dará o prazer de sua presença.

— Eu nem sabia que você estava namorando. — ela diz, depois de um tempo. — Há quanto tempo você está com essa pessoa?

— Uns três meses. — respondo mexendo em meu cabelo. — Algo assim.

— Então por que tanta pressa para casar?

— Nós apenas não queremos esperar, estamos decididos. — Me limito a dizer.

— Você ainda está com aquela bastardinha? — suas palavras são feias e venenosas e me causam mal estar imediato.

— Que horror, mãe! Ela não é nada disso, você nem ao menos a conhece.

— Você ainda está... claro que você não a deixaria em um orfanato ou em um canto qualquer.

— Eu irei adotá-la de forma definitiva. Ela será minha e do Drew, nossa filha. — digo com orgulho. — Então ela será a sua neta.

— Nunca, — ela debocha. — eu não tenho nenhuma aptidão para ser avó.

Claro que não tem. Nem mesmo para ser mãe ela tem. E pelo seu ódio gratuito a Chloe, o melhor que eu tenho a fazer é mantê-la muito longe da minha mãe.

— Seu pai me escreveu uma carta. — ela continua, quando eu permaneço em silêncio, sem saber o que falar. — Ele parece tão redimido, me pediu perdão por tudo. Até achei que estivesse sido condenado à morte e não a trinta e cinco anos de prisão.

Olho para ela com os olhos arregalados e a mão sobre a boca. Eu pedi ao Drew que não me contasse sobre o julgamento, sequer falamos do meu pai depois que eu o visitei. Eu não queria saber, não queria sofrer por ele e imaginá-lo sozinho durante tanto tempo. Obrigada, *mamãe*, por estragar a minha paz.

— Você escreveu de volta? Respondeu a carta dele? — eu pergunto, tentando disfarçar a minha expressão de choque. — Ele estava muito triste, acho que merecia um pouco de conforto.

— Eu quero mais que ele apodreça no inferno, seu pai não merece nada de mim. — Ela replica com escárnio. — Ele não merece nada de você também e ainda te deixou um presente de grego.

— A Chloe não é um presente de grego, eu a amo como uma filha.

— Como você pode afirmar isso? Ela é apenas a sua irmã bastarda.

— Não a chame assim. — eu grito, batendo na mesa e a assustando,

assim com a mim mesma. — Ela é apenas uma criança inocente, como você pode ser tão cruel?

— Ela não é a sua filha. — Ela grita de volta, quando se recupera do choque que minha atitude lhe causou. — Ela nunca será.

— Por quê? — eu pergunto me inclinando sobre a mesa, mas não espero resposta. — Por que eu só poderia me apaixonar por ela, quando me descobrisse grávida? Certamente foi assim com você. Ou quem sabe quando ela mexesse em minha barriga? Foi assim com você?

— Pare com isso. — ela me repreende, segurando firmemente o meu braço. — Sente-se agora.

— Eu tenho certeza de que você me amou no instante em que olhou para mim, ao nascer. Não foi? — pergunto, ignorando o seu aperto doloroso. — Quando o médico me colocou em seu peito e eu abri os olhos, estou certa?

— Chega Mia. — ela solta o meu braço e se afunda na cadeira outra vez, exasperada. — O que deu em você hoje?

Eu estou lúcida e pela primeira vez em tempos, não disposta a aceitar suas palavras maldosas; não quando elas são direcionadas a Chloe.

— Você não sabe nada sobre o amor, muito menos o amor de uma mãe, — me atrevo a pontuar. — então não venha me dizer como eu devo me sentir.

— Tão dramática, assim como o seu pai. — Ela ironiza sem pena. — Ela não é sua filha, suas palavras não mudam esse pequeno detalhe genético.

Fecho os olhos e exalo... Essa conversa está muito mais densa do que eu julguei que seria. O tempo não abrandou as opiniões contundentes e cruéis da minha mãe. Aparentemente, elas apenas se intensificaram.

— É como se ela tivesse sido concebida pelo meu amor e nascido do meu coração diretamente para os meus braços, é assim que eu me sinto sobre ela. É assim que eu acho que todas as mães deveriam se sentir e é assim que eu quis por anos, que você se sentisse sobre mim. — Falo colocando a mão sobre o peito e abrindo os olhos. — Porque então não doeria tanto olhar para você e saber que

eu não significo nada; eu nunca signifiquei.

— Eu fui a melhor mãe que eu pude. — Ela diz com uma careta, em seu rosto quase inexpressivo. — E então para quê? Para você crescer e vir jogar a sua ingratidão em mim.

— Não é ingratidão, mas você nunca foi uma mãe. — Expresso, me sentando também. — Eu passei cada minuto da minha vida ao seu lado, desejando que você me olhasse como se não se arrependesse do meu nascimento.

— Eu não queria ser mãe, mas eu não te abandonei.

— Existem muitos tipos de abandono, mãe. — O que eu vivencie ao seu lado, talvez tenha sido o pior deles.

— A minha mãe me mandou embora, assim que descobriu sobre a minha gravidez. Eu tinha vinte anos, estava sozinha e não fazia ideia de como encontrar o seu pai. — Ela conta, como se eu já não tivesse ouvido essa história dezenas de vezes. — Você se lembra da sua avó, ela era terrível.

Eu convivi pouquíssimo tempo com a minha avó, ela morreu quando eu ainda era muito pequena. Mas algo que me marcou dolorosamente foram os seus olhos severos. Ela parecia tão amarga, seca, infeliz e disposta a fazer todos ao redor, infelizes também. Eu sempre imaginei como deve ter sido terrível para a minha mãe e minha tia crescerem ao redor de alguém assim. Mas isso justifica, o quanto minha mãe quis fazer o mesmo comigo?

— O fato de sua mãe não te amar, não significa que você também não poderia me amar. E o fato de você não me amar, não significa que eu não posso amar a Chloe e os outros filhos que terei. Eu os amarei demais, exatamente como eu sonhei ser amada por você.

— Você está exagerando, como sempre. — Ela murmura, se levantando e caminhando até a porta. — Foi para isso que você veio aqui, para chorar e se lamentar como a pobre garotinha que sempre foi?

Rio, não por achar isso engraçado, mas por ainda alimentar ilusões a respeito da minha mãe. Sim, sou uma *pobre garotinha tola*.

— Não, eu vim para convidá-la para o meu casamento. — caminho até ela, entregando o convite que estava na minha bolsa. — Mas, agora acho que não devo contar com a sua presença, não é?

— Eu não posso. — ela recusa, sem nem ao menos olhar para o convite. — Mas te mandarei um presente.

— Não se preocupe, — sussurro com tristeza, enquanto me afasto. — continue não se importando, mãe... você faz isso tão bem.

Abro a porta e saio sem olhar para trás. Eu empurrei o convite em sua mão antes de sair, me recusando a voltar com ele para casa e responder as perguntas do Drew.

Ando por um tempo, até encontrar um ponto de ônibus onde possa sentar. Eu fico no mesmo lugar e do mesmo jeito, por algum tempo; apenas olhando o movimento e deixando que meu coração se acalme. Então eu finalmente entro no ônibus que me leva até a livraria. A essa altura, estamos no início da tarde e eu já deveria ter voltado ao trabalho há muito tempo, mas não me preocupo; estou amortecida. Eu não me preocupo tampouco, quando entro na livraria e fechando a porta em seguida, me escondo atrás do balcão, então eu choro...

Choro como há muito não fazia, choro com talvez nunca tenha feito. Porque realmente dói e eu sei que será a última vez, então preciso limpar a minha alma, preciso derramar todas as minhas lágrimas. Eu me perco em meus pensamentos, revivendo a minha infância, como um filme em preto e branco, que passa diante dos meus olhos. Uma riqueza de detalhes e sentimentos atinge-me. Eu sinto tudo outra vez, eu me machuco outra vez. Achando que talvez possa ter algo de errado em mim para ser tão masoquista assim.

— Mia. — Drew grita na porta, enquanto bate nela com bastante fúria. — Mia, você está aí, abra a porta.

Ele continua a gritar, enquanto eu levanto o meu rosto que está apoiado nos joelhos e percebo que já anoiteceu. Eu não notei o tempo passar e isso me assusta. Penso na Chloe imediatamente e me levanto, apressada.

— Jesus. — Drew exala, assim que eu abro a porta e me puxa para o seu peito. — Você quase me matou de susto. O que aconteceu?

Sinto-me um tanto atordoada, na verdade, muito.

— Desculpe, eu perdi a noção do tempo. — sussurro, minha voz muito rouca de tanto chorar. — E a Chloe?

— Em casa, com a minha mãe. — Ele ainda me analisa com atenção.

— Eu a esqueci na creche. — digo, me afastando, quando a verdade toma conta da minha mente. — Será que ela ficou me esperando?

— Não, por sorte minha mãe quis levá-la para tomar um sorvete com o Joel. Ela me ligou e pediu permissão, acho que ela te ligou também.

— Eu não vejo meu celular faz um tempo.

— Eu te liguei um milhão de vezes, talvez mais. — Ele conta, examinando o meu rosto, eu devo estar terrível. — Eu passei aqui para levá-la para a casa e estava tudo fechado, então fui para a casa e você não estava, liguei para a Susan, fui até o seu antigo apartamento, andei por todos os lugares e voltei para cá. Por favor, nunca, nunca mais faça isso comigo.

— Desculpe, me desculpe. — eu peço o abraçando e sentindo vontade de chorar outra vez por tê-lo chateado. — Eu convidei a minha mãe para o casamento.

— E então? — ele pergunta, me apertando um pouco mais.

— Ela não poderá ir. — Murmuro, resumindo todo o drama em apenas uma frase.

— Foi isso o que te chateou?

*Ah, se ele soubesse...* O problema é que eu nunca consigo explicar em palavras, o quanto minha mãe me afeta, e manipula sem esforço algum.

— Não, a nossa conversa apenas reabriu velhas feridas, ela foi cruel com a Chloe e isso me machucou também. Eu precisava ficar sozinha por um tempo e pensar.

— Da próxima vez, me ligue. Eu posso deixá-la sozinha, contanto que eu



saiba que você está segura.

— Não existirá a próxima vez, eu prometo.

Ele me beija. Me abraça e me beija outra vez antes de me ajudar a fechar a livraria. O caminho para casa é feito em silêncio. Deduzo que Drew queira me fazer muitas perguntas, mas se cala por saber que a decisão de falar deve partir de mim. Embora eu saiba que não quero tocar nesse assunto outra vez, sei que lhe devo algumas explicações.

Sinto-me um pouco envergonhada quando entramos em casa e Silvia se apressa em me abraçar, como se eu estivesse perdida na selva e acabasse de ser resgatada. Joel também está aqui e Drew não parece se importar com isso. Ainda bem que não chamaram o Adam.

— Você está bem querida? — ela pergunta, tocando o meu rosto com gentileza. — Nós ficamos preocupados.

— Eu estou bem. — Garanto, tocando a sua mão. — Me desculpe, aconteceram algumas coisas.

— Não se preocupe, não precisa se explicar nada. O importante é que esteja bem.

— Onde está a Chloe? — eu pergunto, achando estranho que ela ainda não tenha vindo me abraçar.

— Dormindo, ela estava tão preocupada com você. — Silvia conta com tristeza e eu me sinto pior ainda. — Não conseguimos deixá-la acordada.

— Eu vou subir. — digo me virando para Drew e o beijando, antes de ir para o quarto de Chloe.

O relógio do corredor me mostra que ainda são oito e meia da noite, cedo demais para Chloe estar dormindo em um dia comum. Meu coração se aperta ao pensar que ela se preocupou comigo e esse é o motivo do seu sono. Como fui ficar tanto tempo na livraria?

Abro a porta e a encontro dormindo encolhida, abraçado ao seu urso e ao cobertor. Tiro os sapatos e me deito ao seu lado, tocando levemente os seus cabelos e depois o rosto. Eu quero chorar novamente, porque eu falhei com ela,

não posso pensar só em mim nunca mais.

— É você mãe? — ela pergunta com voz sonolenta, me fazendo sorrir com a palavra.

— Sou eu, a Mi. — sussurro, quando ela abre os olhos para me ver.

— Você é a minha mãe, Mi. — ela fala, largando o urso para me abraçar com força. — Você se esqueceu de mim?

— Nunca, eu nunca me esqueceria de você. — afirmo com emoção, enquanto a aperto junto a mim. — Nunca, nunca mesmo.

—Eu achei que você não fosse *volta* — ela balbucia em meu cabelo e isso parte um pouco mais o meu coração. — então eu ficaria sozinha outra vez.

—Não, isso nunca vai acontecer. — enfatizo com muita certeza. — Nós duas somos como...

— Sorvete. — ela completa sorrindo.

—Não, sorvete derrete. — pontuo, beijando o seu nariz. — Somos mais como chicletes, bem grudadinhas.

— Eu gosto de chicletes.

— Eu sei que gosta. Eu também gosto.

Ela sorri, antes de deitar outra vez. Eu me junto a ela e a abraço, como se não fosse soltá-la nunca mais. Eu não quero soltá-la nunca mais.

— Eu te amo, mãe. — ela sussurra, antes de respirar suavemente quando cai no sono novamente.

Meu coração para e volta a bater. Eu quase quero lhe perguntar se estava falando mesmo sobre mim. Mas meu coração sabe que sim. Ela nunca teve uma mãe e seu coração me escolheu, meu coração também a escolheu. Então, o que me importa o resto? Para mim, o coração sempre está certo.



## Vinte e Oito

### Drew

**Eu** nunca me senti tão impotente ou preocupado em toda a minha vida, quanto eu me senti quando não sabia onde Mia estava. Eu passei um tempo considerável a procurando até mesmo nos lugares em que tinha certeza de que não a encontraria. Mas como dizer à minha mente para ser racional? Depois dos primeiros trinta minutos, eu já me julgava incapaz de pensar com clareza, não diante de todos os cenários pelos quais os meus pensamentos me levaram.

Eu já me senti preocupado, mas não dessa forma. Eu fui treinado para não me desesperar, não importa qual seja a situação; porém eu esqueci tudo o que aprendi durante anos como um policial.

Eu tive medo e depois que eu a encontrei, involuntariamente, senti raiva. Não dela... Eu seria incapaz de sentir qualquer coisa pela Mia, que não fosse amor, adoração. Mas talvez eu tenha sentido raiva do próprio amor que sinto por ela, por ele ter me deixado tão frágil, tão fácil de ser esmagado com um aperto de sua mão.

Quando ela subiu para o quarto de Chloe, eu disse a mim mesmo que precisava do meu próprio espaço agora, assim como ela precisou do seu. Os casais são assim, nada demais, nenhum dano feito, e eu não quero magoá-la quando ela está tão fragilizada. Nós ainda não tivemos nenhuma briga séria, apenas pequenas coisas sobre as quais discordamos e são tão fáceis de serem superadas, até mesmo sobre a Chloe e sua educação nós concordamos. Nós funcionamos bem juntos. Uma equipe. Uma família. Eu nem sei como lidaria diante de uma briga séria; talvez eu dissesse nos primeiros vinte segundos que ela estava certa.

Eu posso ceder. Posso ser flexível. Posso engolir o meu orgulho. Por ela eu posso fazer qualquer coisa. Qualquer coisa, apenas para vê-la feliz.

Fechando a porta do banheiro atrás de mim, tiro a minha roupa e entro sob o forte jato de água, deixando que ela lave os meus pensamentos, e me traga

um pouco de sensatez. Com as mãos espalmadas sobre o azulejo frio, abaixo a cabeça, respirando para aliviar a minha frustração. Eu odeio com todas as forças do meu coração me sentir assim. Gosto de pensar que não existe nada nesse mundo que eu não possa resolver; claro que é mentira. Existem milhares de situações que estão longe do meu controle, mas eu vivi assim, sendo alguém com quem se possa contar quando algo der errado. *Chame o Drew, ele irá pensar em algo*, é o que as pessoas que me conhecem dirão em uma emergência. Mas, então, eu não posso fazer com que a mulher que eu amo pense assim também. Isso é irritante, é frustrante, é quase desesperador.

Eu ouço a porta se abrir, ainda assim, não levanto a minha cabeça. Ouço o zíper do vestido de Mia ser aberto e logo depois o barulho quase imperceptível do tecido caindo ao chão. Assim como o barulho de suas mãos tocando brevemente a sua pele, enquanto se livra do resto de suas roupas. Eu ainda não olhei para ela, no instante em que abre a porta de vidro do Box e se junta a mim sob o chuveiro. Meus olhos estão fechados, quando ela toca sutilmente as minhas costas, deixando os braços deslizarem ao redor da minha cintura e a cabeça repousar sobre o meu ombro.

Ficamos assim por algum tempo, não sei quanto. Mas é até que eu toque uma de suas mãos e nossos dedos se entrelacem sobre o meu coração, enquanto a água cai entre nós. Eu sei que ela percebe que me chateou. Eu quero lhe dizer que está tudo bem, que não se preocupe; mas as palavras não saem da minha boca. Talvez o silêncio seja a melhor escolha. Podemos conversar depois. Quando eu não estiver tão frustrado. Quando ela não estiver tão ferida.

Eu não sei o que sua mãe lhe disse, contudo, posso imaginar que tenha sido algo que a fez sentir-se como se o mundo tivesse simplesmente acabado. Ao menos era esse o olhar em seu rosto quando abriu a porta da livraria para mim. Se você ama alguém e a vê olhar para você desse jeito, tudo o que você quer é tirar essa dor e tomá-la para você.

Viro-me para ela ainda em silêncio e descanso a minha testa na sua. A água cai ao nosso redor como uma chuva fina e calma, e de certa forma, amansa os nossos sentimentos também. Lavo o seu cabelo demoradamente, ela faz o mesmo comigo, assim como o resto do meu corpo. Trocamos olhares às vezes, nos tocamos de uma forma íntima e carinhosa; é como se nos curássemos, sem palavras desnecessárias. Desligo o chuveiro e saio primeiro, me enrolando em uma toalha e a enxugando em seguida, como uma criança; como ela faz sempre com a Chloe. Quando termino, eu a beijo, uma mão em seu rosto e a outra entrelaçada a sua.

— Eu sinto muito. — ela diz por fim, a sua voz é tão baixa, mesmo assim

quase me assusta e me faz apertar um pouco mais a sua mão. — Eu sinto muitíssimo, Drew.

— Está tudo bem. — consigo dizer e minha voz soa incrivelmente calma até mesmo para mim. — Está tudo bem.

— Não está tudo bem. — ela me contradiz com convicção. — Eu errei, deixei a Chloe preocupada e ela só tem três anos; ela não deveria se preocupar nunca.

— O que eu posso dizer? — pergunto, olhando para ela com carinho. — Acho que você teve os seus motivos.

— Eu não sei se tive, olhando agora para a situação... É que de repente, eu me esqueci de vocês. — ela me abraça outra vez, agora beijando o meu pescoço. — É como se eu tivesse voltado a ser aquela Mia de antes, mesmo que por algum tempo.

Não posso deixar de abraçá-la também, eu não sei como é se sentir sozinho. Na pior das hipóteses, eu sempre tive o Adam, ele vale por um time de futebol inteiro e é o tipo de irmão que te enlouquece, mas que atravessaria um oceano por você.

A minha mãe nunca me fez esquecer que ela me amava nem por um segundo, até mesmo quando estava me envergonhando, e o meu pai era uma pessoa amorosa e presente. Eu não sei o que é ser rejeitado, não sei o que saber que alguém que deveria me amar simplesmente me ignora.

— Eu dei esse poder a ela, de me fazer sentir sozinha outra vez. — Ela continua. — Como se eu apenas não merecesse ser amada por ninguém.

— Não se sinta assim, por favor. Você sabe que é uma das pessoas mais maravilhosas que eu já conheci.

— Agora eu me sinto como a pior namorada do mundo.

— Você não é. Você nem é mais a minha namorada. — falo, encostando a minha testa na sua. — Eu só gostaria que você tivesse me chamado, eu teria te abraçado enquanto você chorava. Sem perguntas, sem cobranças. Apenas gostaria de saber que eu sou alguém em quem você pensa quando precisa.

— Você não tem ideia de como minha mãe consegue me afeta, eu somente precisava de um momento sozinha. Não planejei te assustar ou ficar tanto tempo sentada no escuro.

—Você me assustou muito e eu só descobri que te amo desesperadamente.

—Isso nunca mais vai acontecer, eu prometo. — ela diz, me olhando seriamente — Eu e a minha mãe, nós meio que terminamos.

— Eu sempre achei que esse fosse um laço inquebrável.

— Entre mãe e filha sim, mas acontece que ela nunca foi a minha mãe, e eu finalmente admiti isso a mim mesma. Foi doloroso, mas ao mesmo tempo libertador.

— Isso é triste, mas nós podemos seguir a partir daqui. Eu te amarei tanto, a Chloe te amará tanto... Você nunca mais saberá o que não é ser completa e absolutamente amada.

Um sorriso tímido nasce em seu rosto, antes de ela me beijar. Eu a aperto em meus braços, levantando levemente os seus pés do chão, enquanto correspondo ao seu beijo. Tê-la aqui comigo é tudo o que eu preciso para me sentir em paz. Ela é a única que pode pisar em meu coração, ao mesmo tempo em que é a única que pode curá-lo.

— Chloe me chamou de mãe. — Ela conta, agora com um sorriso imenso e um pouco de deboche no olhar. — Duas vezes.

Eu coloco as mãos ao redor das suas coxas, impulsionando-a um pouco mais alto, sua cabeça está sobre a minha agora, seu cabelo molhado caindo sobre nós.

— Você parece muito satisfeita. — Digo mordendo o seu queixo. Existe uma espécie de competição silenciosa entre nós sobre esse assunto; eu estou perdendo vergonhosamente.

— Eu estou feliz, muito feliz. — Ela não se esforça em esconder.

— Até agora nada de *pai*, não é? — indago com expectativa.

— Não.

— Estou voltando para casa mais tarde amanhã, talvez sentir a minha falta seja um bom incentivo para ela finalmente me chamar de pai. — Falo, levando a até o quarto. — Talvez eu até durma fora.

—A sua hora irá chegar. — Ela profetiza, rindo. — Quando você menos esperar, ela dirá. Tem que ser algo natural da parte dela.

—Eu sou paciente, espero o tempo que precisar. — Afirmo, quando estou pairando sobre ela. — Eu sei que ela me ama.

— Como alguém poderia não amá-lo Drew? — ela exclama, arrastando o polegar sobre a minha boca. — Você é perfeito!

— Eu não, mas se tem alguém que me faz querer ser perfeito, esse alguém é você, Mia.

Ela me beija, então a terra para e volta a girar da forma certa novamente. Tudo ficará bem...



Depois de superarmos todo o pequeno drama do breve desaparecimento de Mia; voltamos a nossa rotina normal. Ou ao mais normal que poderíamos, já que minha mãe parece uma organizadora de casamentos louca, à medida que a cerimônia se aproxima. Eu não quero escolher nada. Não quero decidir nada, além da minha roupa. Então me limito a pagar a conta e dizer a Mia que tudo está perfeito, sempre que ela me pergunta alguma coisa.

Só me basta saber a hora em que eu preciso aparecer e que Mia também não falte; o resto ficará bem.

Chloe não me chamou de pai ainda, embora eu a tenha visto chamar Mia de mãe diversas vezes. Se eu estou com ciúmes? *Sim, um pouco*, mesmo que pareça infantil da minha parte. Não consigo evitar.

Agora faltam três dias para o casamento e eu tenho trabalhado até mais

tarde para deixar tudo organizado. Nós não iremos viajar, ainda não. Com a audiência da guarda de Chloe se aproximando, Mia e eu decidimos deixar a nossa lua-de-mel para depois. Quando tudo se resolver, e eu sei que se resolverá, viajaremos os três para algum lugar fantástico. Existem dezenas de lugares que quero mostrar à Mia e Chloe, milhares de coisas que eu quero fazer ao lado delas. Eu mal posso esperar para começar.

São nove da noite, quando ando até meu carro e meu celular toca no instante em que abro a porta.

*Adam...* a tela se acende e seu nome pisca para mim. Ele tem me atormentado nos últimos dias, querendo me levar a uma espécie de despedida de solteiro. Ligando-me todos os dias e fazendo parecer que para ele, isso é a coisa mais importante que um irmão faria pelo outro.

— Oi, Adam. — digo, entrando em meu carro.

— Vai sair comigo hoje? — ele pergunta sem me cumprimentar, e como se eu já não tivesse dito *não* centenas de vezes.

— Não, não vou. — Nego sem preâmbulos. — Estou cansado e estou indo para casa agora.

— Me dê ao menos três motivos para isso? São seus últimos dias de solteiro, Drew.

— Três motivos? — eu repito rindo. — Ok... Primeiro, eu não gosto de beber. Segundo, eu não gosto de sair e o terceiro e mais importante de todos; eu não gosto de sair com você.

— Você é um péssimo irmão. — ele diz rindo, sabendo que estou brincando.

— Eu me esforço, de qualquer forma, a Mia ainda está um pouco chateada com a história da mãe dela e eu não aborrecê-la. —E nem lhe dar a ideia de sair também, *completo em pensamento*.

— Você se tornou um verdadeiro cachorrinho.

— E você um idiota, me lembre de quebrar o seu nariz quando eu te encontrar.



— Estou brincando. — ele se defende sério. — Você sabe que tudo o que eu quero é ser o cachorrinho de alguém.

— Acho que você já começou a beber sozinho mesmo. — replico, balançando a cabeça. Juro que ele consegue dizer as coisas mais estranhas do mundo.

— Talvez eu tenha, estou um pouco melancólico. — Ele confessa em um sussurro que quase me faz sentir pena... *quase* — Ando pensando se eu mesmo me casarei algum dia.

Rio, é claro que ele estaria pensando nisso.

— Na pior das hipóteses, você sempre será o tio Adam. Eu pretendo ter muitos filhos.

— Muito obrigado por me animar. — ele ironiza, mas com um sorriso na voz. — Te vejo em três dias, isso se eu não fugir com a sua noiva.

— Ainda posso pedir para o Joel levá-la até o altar.

— Isso eu pagaria para ver. — Ele duvida.

— Tchau, Adam. — Me despeço, encerrando a conversa.

— Tchau.

Jogo o celular no banco do passageiro e ligo o carro em seguida. Eu não trocaria nada nesse mundo, pela alegria de voltar para casa nesse instante. Ganhar um abraço aperto e alegre de Chloe e um beijo doce de Mia, quando eu abro a porta da sala e as encontro assistindo tevê no escuro. Elas fizeram um piquenique no tapete, com travesseiros, cobertores e uma variedade infinita de guloseimas. Como eu poderia escolher estar em outro lugar, que não fosse aqui com elas?

— Onde está a minha mãe? — pergunto sentindo falta da terceira mulher da minha vida.

— Eu não sei. — Mia responde, colocando uma mão cheia de pipoca na boca e desviando o olhar para a tevê.

— Ela foi jantar com o Joel. — Chloe conta, descendo do meu colo e voltando para o seu lugar no tapete.

—Obrigado Chloe. — falo, olhando seriamente para Mia.

— Eu não sabia, ela não me disse. — Mia se defende rindo, nem um pouco convincente.

— Claro que não, — ironizo enquanto afrouxo a minha gravata. — vou tomar um banho e já desço.

— Quando você vai parar de sentir ciúmes dele, Drew? — Mia grita às minhas costas.

— Quem disse que eu tenho ciúmes? — pergunto revirando os olhos para mim mesmo, como se esse fosse o maior absurdo do mundo.

Ouçó a sua risada logo atrás de mim, mas não sei se foi da minha negativa ou do filme que passa na tevê. Acho que de ambos. Depois do banho, eu me junto a elas no tapete para assistirmos uma comédia sobre cachorros falantes. Eu me pego rindo de algo tão bobo, apenas porque Chloe e Mia o fazem também. É visível o quanto uma criança pode trazer leveza para a vida de alguém, mais do que isso; uma felicidade genuína. Quase no final do filme Chloe está sonolenta e se deita sobre o meu peito. Mia está ao meu lado, apertando a sua mão na minha... *Eu amo esses pequenos momentos.*

— Ela dormiu. — Mia diz, se sentando assim que o filme acaba.

— Sim, já está tarde. — replico, tentando me levantar sem acordar Chloe — Vou levá-la para a cama.

— Tudo bem, eu deixei a cama dela arrumada antes de descermos.

Eu sorrio em concordância, então subo com Chloe. Geralmente é a Mia quem a coloca para dormir, mas eu tento deixá-la o mais confortável possível, antes de cobri-la com a colcha e colocar o urso ao seu lado.

— Pode deixar a luz acesa, *papai*? — ela pede em um murmuro, quando já estou na porta.

Volta para a cama e noto que esqueci de deixar a luz do abajur acesa. A maioria das crianças tem medo de dormir no escuro, eu mesmo era assim quando pequeno. Assim que a pequena lâmpada se acende, ela me olha sorrindo e só então eu me dou conta de que ela finalmente me chamou de pai. Ou será que estou imaginando?

— Assim está melhor? — pergunto sorrindo.

— Sim. — ela diz tocando a minha mão. — Obrigada, *papai*.

— De nada, meu amor. — sussurro, sentindo como se alguém apertasse o meu coração dentro do peito, mas é uma sensação boa...  *muito boa*. — Tenha bons sonhos!

Ela sorri novamente, antes de abraçar o urso e fechar os olhos outra vez. Ainda fico olhando para ela por alguns minutos, mal acreditando no que acabou de acontecer.

— Você não estava com esse sorriso quando subiu. — Mia me pontua, assim que me sento ao seu lado.

— Aconteceu. — digo, puxando-a para o meu colo — Chloe me chamou de *papai*.

— Jura?

— Sim...

— Que amor Drew. — ela me beija em meio a sorrisos e com alegria em seus olhos, — Eu disse que aconteceria e ela te chamou de *papai*... poxa, eu quero ser *mamãe* e não *mãe*.

— Você acha que ela dirá amanhã também? — pergunto, sem deixar de rir do seu protesto.

—Eu acho que ela dirá tantas e tantas vezes, que você irá enjoar de ouvir.

— Isso nunca aconteceria. — afirmo tocando o seu cabelo — Seria como enjoar de ouvir você dizer que me ama.

— Eu te amo. — ela recita, me beijando suavemente.

— Viu? É sempre como se fosse a primeira vez.

Ela ri, antes que eu a jogue sobre o tapete e a beije. Me sentindo o mais bobo; mas também o mais feliz de todos os homens.



Vinte e Nove

Mia

— **Você** está pronta? — a voz de Adam soa ao meu lado, me fazendo virar em sua direção.

Enfim, o dia tão aguardado chegou. Não que eu tenha esperado tanto assim... Como aquelas noivas de reality show e comédias românticas, que planejam o casamento com meses de antecedência, escolhendo milimetricamente cada detalhe da cerimônia. Eu fico imaginando o quanto elas se sentem ansiosas para isso, se eu quase não esperei e mesmo assim me sinto nervosa.

— Estou o mais pronta que eu poderia estar. — digo calmamente.

— Você está muito linda! — ele exclama.

Sorrio diante das suas palavras. Ele é um doce, assim como o Drew. Eu me esforcei em esconder a minha melancólica por não poder entrar na igreja com o meu pai. Isso não foi algo sobre o qual eu pensei quando criança, e em nenhum momento até que o fato de que eu iria me casar se tornasse real. Então talvez, apesar de todos os pesares da nossa problemática relação, esse seja um dos momentos em que eu o quisesse aqui comigo.

— Obrigada. — agradeço, antes de alisar a minha imensa saia de tule. — Não pareço um *marshmallow* gigante?

Eu escolhi um típico vestido de noiva no estilo princesa, com uma saia bem ampla e decote tomara que caia. É totalmente avesso a minha personalidade, mas quando bati os olhos nele eu sabia que ele era o meu vestido. Nunca me apaixonei por uma roupa antes com tanta força e quando eu o provei,

caiu como uma luva em mim. Eu me senti linda o suficiente para querer casar vestida assim. Eu nunca gostei de ser o centro das atenções, mas acho que isso é algo inevitável quando se é a noiva; então por que não usar o maior e mais chamativo dos vestidos?

— Não, você não está. — Adam responde rindo. — Na verdade você parece uma princesa.

— Eu me sinto uma princesa. — digo, e isso nunca soou tão verdadeiro. — E estou louca para encontrar o meu príncipe.

— Ele deve estar muito ansioso também.

Eu posso fechar os olhos e imaginar o rosto de Drew enquanto me espera no altar. Meu coração acelera apenas com esse pensamento. Não nos vemos desde a manhã de hoje, quando eu sai de casa com Chloe e Silvia para o *Meu Dia da Noiva*. Que deveria ser chamado de *Dia da Chloe*, já que ela gostou muito mais do que eu. Para uma criança de apenas três anos, ela foi simplesmente o epítome da vaidade, saindo do salão com um penteado e unhas pintadas de rosa; além de uma suave maquiagem. Tudo correspondente à sua idade é claro, mas foi engraçado vê-la tão envolvida com tudo, como se ela fosse a própria noiva.

Mas enfim, Drew e eu não nos vimos o dia todo. Ele não faz ideia de como é o meu vestido e eu não sei como será o seu traje. Se bem que em se tratando de Drew, acho que não devo esperar nada ousado demais. Essa antecipação é algo novo para mim, um frio que começa na barriga e atravessa todo o meu corpo, enquanto esperamos no carro em frente à igreja.

Adam foi me buscar no salão onde eu me arrumei e ele tem sido um amor desde o instante em que nos encontramos. Ele simplesmente tem essa personalidade tão gentil e alegre, e apenas o fato de sorrir para você te deixa completamente à vontade em sua presença. Ele é o típico irmão mais velho que qualquer pessoa gostaria de ter. Eu não sei como alguém ainda não roubou seu coração, e o arrastou até o altar.

— Antes de você sair desse carro, preciso dizer que você está se casando com o irmão errado. — Ele murmura. — Ainda podemos fugir.

Minha risada ecoa por todo o automóvel, fazendo com que o motorista que nos trouxe até aqui se vire com uma expressão surpresa no rosto. Adam

falou tão sério, que quem não o conhece poderia muito bem acreditar em suas palavras.

— Acho que Drew discordaria totalmente disso.

— Provavelmente sim, mas então já estaríamos tão longe e ele não poderia fazer nada sobre isso.

—É uma oferta muito tentadora. — digo mordendo o meu lábio e fingindo pensar. — Mas, não obrigada. Vou manter o Drew.

— Azar o seu. — Ele diz sorrindo, descendo do carro e estendendo a mão para mim. — Mas eu tentei.

Ainda estou rindo, no momento em que manobro a minha saída do carro. É complicado sentar e levantar quando a sua roupa tem tantas camadas de tecido. Depois de me equilibrar em meus saltos, eu seguro o meu buquê de rosas vermelhas com uma mão e com a outra, levanto levemente a minha saia para subir os poucos degraus até a igreja. Silvia e Chloe nos esperam na porta.

Não me canso de ver Chloe com o vestido que escolhemos para ela. É branco, assim como o meu, com mangas curtas que cobrem sutilmente os seus ombros. Uma fita de cetim lilás contorna a sua cintura e termina em um laço nas costas. Mas o charme fica por conta das pequenas rosas em relevo, que contornam a sua bainha que chega até o joelho. Seus sapatos são rosa, assim como os de uma boneca e essa foi a única coisa sobre a qual, Silvia e eu não conseguimos fazê-la mudar de ideia. Quando soube sobre o casamento, Chloe achou que pudesse ir com sua roupa de bailarina, já que é o seu traje favorito em todo o universo e a escolha perfeita para ocasiões especiais. Porém, foi fácil fazê-la mudar de ideia quando ela viu a variedade infinita de vestidos que havia na loja. Se Drew tem ciúmes agora, espere só ela crescer e enlouquecê-lo com todas as suas roupas e maquiagens. Será muito divertido.

— Oh, meu Deus. — Silvia diz, vindo ao meu encontro. — Você está tão linda.

Ela já me disse isso. Quando me viu vestida pela primeira vez, ela repetiu, *oh, meu Deus* ao menos quinze vezes, em uma velocidade que eu julgava impossível para os seres humanos comuns. Mas se tem algo que eu descobri ao longo das semanas ao lado de Silvia, é que ela é tudo, menos

comum.

— Obrigada Silvia. — agradeço; *de novo*. — Então, podemos entrar?

— As noivas costumam se atrasar um pouco mais. — ela diz como se estivesse lendo as etiquetas matrimoniais em uma prancheta. — Mas não queremos fazer o Drew sofrer sem necessidade.

— Como ele está? — pergunto ansiosa.

— Incrivelmente calmo, mas ele sempre foi assim. — ela conta com um pequeno sorriso. — Além do mais, ele sabe que escolheu a pessoa certa, a única a quem poderia amar para sempre.

— Você é um amor! — digo tocando a sua mão e, me virando para Adam; eu completo. — Vocês são uns amores!

Eu não quero chorar e estragar a maquiagem caríssima, pela qual precisei ficar sentada por horas, apenas para me parecer com outra pessoa ao final. E eu de jeito algum quero deixar meu pensamento viajar para um lugar oculto em minha mente e me lembrar de que, quando as portas da igreja abrirem-se, a parte destinada à noiva; no caso eu, estará completamente vazia. Eu poderia facilmente ganhar um prêmio como a pessoa mais insistente ou ingênua do mundo, porque até há poucos minutos, eu ainda esperei um telefonema da minha mãe, uma mensagem, um e-mail, um sinal de fumaça. Qualquer coisa que me fizesse crer, que ela ao menos se lembrou de que hoje a sua única filha estaria se casando.

— Eu vou entrar primeiro. — Silvia diz batendo palmas e chamando a minha atenção outra vez. — Assim que a música começar vocês entram também.

Ela se vira e caminha para uma porta lateral, o seu esfuziante vestido de seda azul, flutuando levemente com o vento da tarde.

— Faça como nós ensaiamos Adam. — Ela grita sobre os ombros.

— Nós não ensaiamos mãe. — Ele replica me estendendo o braço. — Mas é apenas andar; um pé atrás do outro... eu aprendi quando tinha um ano.



— Só não vá pisar no vestido da Mia e derrubá-la no tapete. — Silvia replica.

Apenas o pensamento de algo assim acontecendo me deixa em pânico absoluto. Se eu caísse na igreja, ficaria deitada até me fundir ao chão e desaparecer para sempre. Olho para Adam que está sorrindo, muito diferente de mim, provavelmente achando alguma graça na possibilidade de um tombo meu.

— Eu não sou tão desajeitado, mãe. — ele diz sério, deixando de sorrir diante do meu olhar incrédulo. — Isso não irá acontecer.

Com um revirar de olhos para o filho e um sorriso encorajador para Chloe, Silvia finalmente entra na igreja. Estamos os três sozinhos agora, ao final da tarde, e sei que se me virar posso ver o pôr-do-sol no horizonte. Meu cabelo está solto, com cachos que foram modelados para resistirem a um pequeno furacão. Uma tiara discreta está no centro da minha cabeça, onde o meu véu foi preso. O vento o faz voar para o meu rosto, me fazendo rir. Ou talvez eu esteja rindo, porque as portas se abriram e daqui a alguns minutos eu estarei casada.

— Muito obrigada por fazer isso. — eu digo, me virando para Adam. — Estou muito feliz que esteja aqui comigo.

— Eu estaria mais feliz, se você estivesse se casando comigo. — ele fala piscando para mim.

— Você é doido!

— Estou brincando, não conte ao Drew.

— Não contarei. — digo sorrindo, ele é mesmo muito louco.

Chloe puxa a minha saia, me fazendo olhar para baixo. Acho que Silvia já deve ter lhe dito de forma exaustiva, o que ela deveria fazer e ela parece tranquila o suficiente para saber disso.

— Você sabe que só precisa caminhar até onde o Drew... quer dizer o papai está, não é? — eu pergunto com doçura.

—Eu sei, a vovó me disse. — ela conta com alegria, erguendo a pequena

cesta de pétalas em sua mão. — E jogar isso no chão, mesmo que fique tudo sujo.

— Não tem problema, as pessoas acham bonito assim.

— Tá bom. — ela concorda, começando a caminhar.

Adam e eu também começamos a andar e então, finalmente, tenho uma visão do interior da igreja. Não é um lugar imenso ou requintado, somente uma igreja simples, assim como eu queria.

E Silvia teve a delicadeza de distribuir os poucos convidados de forma igual. A minha parte não está vazia, como eu temia. Embora eu nem me importasse se tivesse, pois no momento em que eu vejo o Drew, nada mais existe. Até mesmo Adam, que está ao meu lado deixa de existir.

É como se existisse uma linha invisível, entre mim e ele, e Drew estivesse me puxado em sua direção. A música escolhida para a minha entrada foi *From This Moment On*, e nesse momento é como se fôssemos apenas nós dois no mundo, a melodia soando em nossos ouvidos e indo direto para a nossa alma. Drew está tão lindo, como eu já deveria supor, em um smoking preto, camisa branca e gravata borboleta. Mas o sorriso que ele me dá é totalmente novo, diferente de todos os outros que eu já vi nascer em seus lábios.

Eu entendo porque algumas noivas se emocionam nesse momento e choram. Porque mesmo estando diante de alguém que você conhece e ama. Alguém que escolheu para passar o resto da vida ao seu lado; ainda assim, esses poucos passos que te separam do *Para Sempre*, te trazem uma sensação completamente nova.

É como se você se apaixonasse novamente pela mesma pessoa. E apesar de entender o choro de algumas, a única coisa que eu quero fazer agora é sorrir. Eu me lembro de quando ouvi a sua voz pela primeira vez, sem saber como ele era. Sem imaginar quem ele seria para mim. Lembro-me do primeiro sorriso, o nosso primeiro beijo; a primeira vez em que fizemos amor. E quando eu percebi que o amava que o amaria por toda a vida. Esse é um filme feliz, passando diante dos meus olhos, terminando quando sua mão toca a minha e estamos enfim, diante um do outro.

Adam faz graça, fingindo que não vai me entregar para Drew. Todos riem, menos o seu irmão, é claro. Dou um beijo no rosto de Adam, antes de entregar o meu buquê para Silvia, que está sentada com Joel e Chloe na primeira fileira. Olho com amor para Chloe, me lamentando por não ter prestado atenção enquanto ela caminhava. Espero que alguém a tenha filmado, eu definitivamente

quero assistir isso um milhão de vezes e mostrar para os seus amigos quando ela for adolescente e tiver vergonha dos seus pais.

— Você está linda. — Drew diz com emoção. — Muito mais do que eu possa ter sonhado, ou imaginado.

—Você também está lindo. — devolvo o elogio, me perdendo na profundidade dos seus olhos. — E a real felicidade desse momento, supera qualquer sonho que eu possa ter tido ao longo da minha vida.

Ele sorri, entrelaçando a sua mão esquerda na minha mão direita, antes de ficarmos em frente ao pastor. Eu não tenho uma religião, minha mãe nunca se preocupou com isso e as poucas vezes em que eu estive em uma igreja antes, foi ao lado de uma amiga da escola e sua família. Porém, eu acredito em Deus, acredito em sua bondade e benevolência, acredito no amor, no bem e no mal. Acredito em se colher a felicidade que se semeou.

Esse momento aqui me leva a crer que eu semeei algo de bom em meu caminho. E Deus foi generoso ao me dar a Chloe e o Drew; eu sou grata a Ele por isso, eu serei por toda a vida. Depois de algumas palavras o pastor nos pergunta sobre os nossos votos. Drew e eu ficamos frente a frente outra vez e ele começa a falar segurando firmemente as minhas mãos. Agora eu estou realmente muito emocionada. Será que o meu rímel é à prova de água? Ou se eu chorar ficarei parecendo um panda?

— Mia, eu me comprometo a amá-la um pouco mais a cada amanhecer, ser a sua segurança e o seu cavaleiro quando o mundo for assustador demais, ser os seus olhos e a sua voz se um dia você precisar. Aceitar o seu silêncio e a sua solidão quando eu não for a sua pessoa favorita no mundo. — isso faz todos rirem e eu revirar os olhos. Como se fosse possível algum dia, *ele não ser a minha pessoa favorita*. — Mas, o mais importante, é a minha promessa de estar ao seu lado enquanto construimos o nosso lar, de preferência em uma sólida rocha onde nem mesmo as águas mais revoltas nos atingirão.

*Sábias palavras, Drew.* Se eu não estivesse me casando com ele, certamente me encantaria por sua sensibilidade. Respiro algumas vezes, antes de sentir que a minha voz está firme o suficiente para que possa falar também. Foi difícil escrever os meus votos, porque eu não conseguia pensar em nada que se comparasse com o tamanho do meu amor por ele. Quais são as palavras que expressam um amor imenso e que nunca foram ditas antes?

— Drew, eu prometo, diante de Deus e de nossa família, que eu te amarei até o meu último suspiro. Prometo me esforçar em te fazer feliz e sorrir até mesmo nos momentos tristes; quando a própria vida não nos sorrir. Ser generosa e sempre deixar o último pedaço de pizza para você. — ele ri e olha para Adam, os dois sempre brigam pelo último pedaço de pizza. — Mas a mais importante promessa, é a de segurar a sua mão e nunca deixar que você se perca. Ser a chama acesa de uma pequena vela que te guia pela escuridão, a partir de hoje e por todos os dias, antes que os meus ou os seus olhos se fechem para sempre.

Ele me olha sorrindo, ainda segurando a minha mão, enquanto o pastor declama as perguntas antes do famoso "sim". Eu não estou ouvindo nada, ele poderia muito bem estar me perguntando sobre física quântica ou geométrica e a minha resposta ainda seria "sim". A minha atenção está toda voltada para Drew, deslizando a aliança em minha mão esquerda e parando sobre o meu solitário de noivo.

— Sim. — diz responde, beijando o meu dedo anelar; os olhos fixos no meu.

O pastor repete as mesmas perguntas a mim, enquanto eu deslizo a grossa aliança de ouro branco em seu dedo anelar esquerdo. Eu gosto do fato de que a aliança é grossa o bastante para chamar a atenção de qualquer pessoa que olhar para a sua mão. Culpe-me por isso, mas acho que Drew pensou exatamente a mesma coisa, ao escolhê-las.

— Sim. — eu digo alto e claramente, minha voz ecoando firme por toda igreja.

— Pelo poder a mim investido pela Santa Vontade de Deus e do Estado da Geórgia, eu vos declaro marido e mulher. — eu nunca imaginei ouvir essas palavras e me viro sorrindo rapidamente para o gentil pastor. — Pode beijar a noiva!

Drew segura o meu rosto com uma das mãos, enquanto a outra vai para as minhas costas, me puxando para ele. Então seus lábios se encontram com os meus e esse beijo tem um sabor especial que os outros não tiveram. É o nosso primeiro beijo como *marido e mulher*. Existe uma doçura e magia no encontro de nossas bocas, existe um amor maior ainda e existe a certeza absoluta de que

as promessas proferidas há minutos não são vazias. Eu coloco os braços ao redor do seu pescoço, quando ele me tira do chão sem interromper o beijo.

*Quanta felicidade uma pessoa pode sentir?*

O meu coração parece que vai explodir a qualquer instante. Drew me coloca no chão sem soltar a minha mão, eu aceito o meu buquê entregue por uma Silvia e Chloe corre em nossa direção. Drew a carrega e saímos os três juntos da igreja, *nós três...*

Como foi no início, como será para sempre... ao menos até que três se tornem quatro ou cinco, quem sabe? Temos o amanhã, temos a eternidade, e eu? Bem, eu acredito em *Finais Felizes*.

Eu encontrei o meu príncipe e ele transformou o meu *era uma vez...* na mais linda história de amor que eu já conheci.



**Trinta**

**Drew**

O ser humano ainda não é capaz de voar. E eu não estou falando sobre aviões, asa deltas e planadores; mas sim sobre a capacidade de voar livremente como um pássaro. Cortar o céu e passear por entre as nuvens, ver o brilho e sentir o calor do sol, assim tão de perto. Nós nunca saberemos qual a real sensação de algo tão magnífico. Tão libertador.

Mas para mim, se existe algo que se assemelha a sensação que voar deveria ser, é a felicidade. Aquela felicidade plena, que contamina cada célula do seu corpo, flui pelas suas veias no lugar do seu sangue e faz o seu coração bater com força. A felicidade que eu estou sentindo nesse instante.

Desde que vi a Mia entrando na igreja, como se ela fosse todos os meus sonhos de menino, adolescente e homem, personificados em uma única pessoa; é como se eu estivesse voando. É a sensação mais incrível que já senti. Faz-me forte e frágil na mesma proporção. É como ser um super herói, invencível, mas ainda humano, e mortal.

Meu coração pulsou e bateu no ritmo dos sorrisos que me Mia me deu durante a noite. Não importa em qual parte do salão nós estivéssemos, longe ou perto, eu ainda a sentia comigo. Interligada a minha alma e ao meu coração. Meus olhos a buscavam a cada instante e nunca se cansavam de olhar para ela. Tão linda, radiante, eu me sentia atraído por ela como uma mariposa por uma chama acesa. Eu não podia evitar, eu não queria evitar. Muitas vezes as pessoas falavam comigo e eu simplesmente não ouvia, tão preso ao magnetismo que ela exerce em mim. Não existe mais nada... não existe mais ninguém, além dela.

Se eu tivesse pensando em meu casamento em algum momento da vida, eu diria que esse dia foi muito mais do que poderia imaginar. Acontece que eu nunca pensei, e nunca desejei amar alguém assim como eu a amo. Com tanta loucura, com tanta intensidade. Às vezes é assustador, mas a maior parte do tempo é apenas o que faz eu me sentir completamente vivo.

Daqui a alguns anos, quando eu olhar para as nossas fotos e me ver sorrindo, como eu jamais fiz antes, porque eu simplesmente não consegui esconder a felicidade que sinto; eu ainda sentirei as mesmas emoções que vivo agora. É algo que o tempo, a rotina, as adversidades nunca me farão esquecer, disso eu tenho certeza.

A minha família abraçou Mia de uma forma tão completa, que eu tenho certeza que ela se esqueceu absolutamente do fato de que não conhecia ninguém que estava na recepção. Eles foram maravilhosos, cada momento foi único e especial, e eu sei que ficará gravado em seu coração para sempre. Ela estava tão feliz.

Chloe estava tão feliz também, todos se apaixonaram perdidamente por ela. Ela correu e brincou pelo salão, como a criança mais radiante da Terra, e isso foi mais uma parte especial do meu dia. Vê-las felizes assim, era muito mais importante do que a minha própria felicidade. Era como ser feliz em dobro, em triplo.

Foi no início da madrugada quando me despedi da minha mãe, de Adam, e de uma Chloe absolutamente sonolenta. Adam nos reservou uma suíte em um hotel, como presente de casamento, sobre a qual fez absoluto mistério. E nem Mia e eu fazíamos ideia de como seria. Espero que ele não tenha feito nenhuma brincadeira sobre isso.

Ficar longe da Chloe por uma noite, era o único pesar que eu sentia. Embora soubesse que ela não poderia estar mais bem cuidada na companhia da minha mãe e Joel; sim... Joel. Dou meu braço a torcer, ele é um cara legal, ainda assim não quero minha mãe morando em frente a minha casa. Espero que eles aceitem o conselho de Adam e concordem que a Califórnia é um lugar melhor para se morar na *terceira idade*. Acho que minha mãe quebrou o seu pé, pisando nele com o salto do seu sapato, quando ele lhe disse isso. Eu não senti pena, mesmo que tenha sido eu que lhe pedi para dizer exatamente isso.

Mia e eu estivemos em silêncio por toda a viagem até o hotel, na verdade eu não sei se ainda tenho voz, depois de ter conversado com tantas pessoas durante a noite. A música alta do salão me fez falar um tom muito acima do que eu costumo usar. Mas no elevador enquanto seguramos a mão um do outro, nossos olhos presos como ímãs cuja força não pode ser quebrada; eu sei que esse é um dos nossos momentos em que as palavras se tornam secundárias. Eu quero apenas olhá-la, tocá-la, senti-la, vivê-la intensamente.

O elevador se abre no vigésimo andar e eu a puxo por um extenso corredor, parando em frente à suíte que Adam escolheu. Tiro o cartão do meu bolso e abro a porta. Olho para Mia, sorrindo e então a carrego, não dando tempo para ela protestar ou sequer perceber o que estava prestes a fazer.

Eu a beijo ainda na porta, roubando o gritinho surpreso que ela solta quando se vê em meus braços. Ela tirou o véu no meio da festa e seu cabelo está solto, caindo pelos ombros e costas. Ela encosta a testa na minha e ficamos assim por um tempo, antes que eu entre e chute a porta com um dos pés. Seu vestido se arrasta pelo piso, enquanto ando pelo quarto amplo, antes de colocá-la no chão, bem ao lado da imensa janela de vidro. Uma visão linda da cidade, seus prédios acesos, pequenas luzes formando um conjunto com a noite estrelada, iluminando o ambiente e não tornando necessário que se acenda as luzes do quarto.

Estamos frente a frente e eu tenho uma visão perfeita da Mia, seu rosto sorridente e olhos vivos, consumindo cada pedaço de mim, roubando toda a minha atenção. Ela está tão linda e eu ficaria feliz se ela usasse esse vestido para sempre.

— Eu já te disse o quanto te amo? — pergunto ainda sem me mexer, apenas estendendo a mão para tocar a sua.

— Não nos últimos vinte minutos. — Ela brinca, chegando mais perto e colocando a mão livre na lapela do meu smoking. — Mas deve ser o quanto eu te amo também.

— Dizem que duas pessoas nunca se amam de forma igual, uma delas sempre amará mais. E entre nós dois essa pessoa sou eu, com certeza.

— Como você sabe? — ela demanda, levantando uma sobrancelha em desafio. — Você não pode medir o amor que eu sinto.

— Não, mais eu posso medir o que eu sinto, e é imenso; maior que qualquer coisa no mundo. — Afirmo soltando a sua mão, para apertar a sua cintura.

— Estamos começando com o pé esquerdo, nunca ouviu dizer que as esposas têm sempre razão?

— Não sobre isso, sobre todo o resto eu irei concordar com você.

Ela ri, encostando a cabeça em meu peito, e se afastando em seguida para explorar o quarto. Eu me encosto à parede, as mãos nos bolsos para olhá-la enquanto anda. É uma suíte muito bonita, decorada para ser romântica, com o



vermelho, branco e dourado como cores predominantes. Eu já estive em alguns hotéis, em diversos lugares do mundo por causa do meu trabalho, mas nunca me importei com a decoração de nenhum e provavelmente não me importaria para a decoração deste, se não soubesse que para a Mia é algo especial. Então talvez eu deva agradecer ao Adam por essa gentileza, por fazer os olhos da minha mulher brilharem ao digitalizarem cada detalhe.

A cama king size no centro do ambiente, foi decorada com muito cuidado. Com pétalas de rosas e corações de toalhas, como nos catálogos e comerciais de hotéis que vemos por aí.

— Eu nunca estive em um lugar assim. — Ela me confessa, sentando-se na beirada da cama e chutando os sapatos para longe.

— Você gostou?

— Sim, é muito lindo. O Adam é um doce.

— Ele não é. — Resmungo, balançando a cabeça. — Não o elogie demais, ele já tem um ego muito inflado.

— Ele é um cara legal, — Mia sorri. — vocês dois são. Acho que é uma qualidade dos irmãos Scott.

— Desde que eu seja sempre o seu favorito, não tem problema.

— Você sabe que é o meu favorito no mundo todo. — Ela enfatiza, piscando para mim. — Sempre será.

— Eu fico feliz em saber... — murmuro, puxando a minha gravata desfeita e a jogando na cadeira ao lado, em seguida o meu smoking.

— O que nós faremos agora? — ela pergunta, me fazendo rir. Ela sempre me faz rir...

— Podemos jogar cartas, você trouxe um baralho?

Ela revira os olhos, mas com um pequeno sorriso no rosto, erguendo um pouco a saia do vestido e massageando os pés sob as meias brancas. Abro o frigobar no canto do quarto e pego uma garrafa de água gelada.

— Você quer beber? — ofereço, apontando para um balde de champagne ao lado da cama.

— Agora não. Na verdade eu quero muito tirar esse vestido. — Ela balbucia, se contorcendo e tentando puxa o zíper das costas, sozinha. — Você pode me ajudar?

— Claro que sim, eu achei que você não fosse me pedir nunca. — Digo, tomando um grande gole da minha água enquanto caminho até ela. — Passei a noite toda curioso para saber o que tem por baixo dele.

— Pode ser um pijama de bolinha. — Ela debocha, ficando de costas para mim.

— Eu acharia lindo do mesmo jeito.

—Não acharia, não... Acho que você teria um ataque de risos, com certeza. — Ela mesma ri com o pensamento.

— Ok... talvez eu risse, — admito com um sorriso na voz. — mas depois acharia lindo.

Afasto o cabelo do seu ombro e beijo o seu pescoço, antes de puxar lentamente o zíper do vestido, que começa no início das suas costas e termina em seu quadril. Eu toco suavemente a pele nua de suas costas, coberta apenas por um sutiã branco sem alças, então me afastando, segurando a minha garrafa outra vez. Mia se vira devagar, segurando a frente do vestido junto ao corpo. Ela morde o lábio, antes de soltá-lo e deixar que o grande vestido caia com fluidez e fique aos seus pés. Ela sai com cuidado do amontoado de tecido, um pé atrás do outro, as suas meias brancas, que chegam até o meio de suas coxas, a deixam absolutamente adorável. Eu já a vi muitas vezes em lingerie bonitas. É uma coisa que ela gosta, assim como roupas e sapatos. Algumas até mais sexys do que a simples calcinha de renda também branca que forma conjunto com o sutiã, mas nunca com as meias. As meias são realmente especiais. Seu cabelo cresceu desde que nós conhecemos e posso dizer que é uma das coisas que eu mais gosto nela, eu sempre gostei. Ele balança ao seu redor, quando ela faz graça e dá uma volta para mim. Ela parece um anjo, *o meu anjo...*

— Pijama de bolinha, não é? — eu pergunto, apontando com a minha garrafa para os seus pés, até o topo da sua cabeça.

— Você gostou? — ela devolve a pergunta, colocando as mãos na cintura. — Eu demorei muito tempo para escolher essa lingerie.

— O que você acha? — pergunto também, andando até ela, e me lembrando do quanto ela detesta que eu responda as suas perguntas com outras perguntas. — Você ainda não sabe que não existe nada que eu não goste em você, Mia?

— Essa não era a resposta que eu queria. — Ela murmura, rindo em meu pescoço e ficando na ponta dos pés para me abraçar.

— Você está linda! — sussurro em seu ouvido, meus braços ao redor do seu corpo. — Você é sempre linda sem esforço algum, e quando se esforça eu sinto pena das outras mulheres.

— Você é um bobo, mas obrigada!

Ela beija levemente a minha boca, com um sorriso ainda em seus lábios, depois meu queixo e pescoço, desabotoando em seguida a minha camisa e deixando-a aberta. Ela deposita um beijo em meu peito, antes que eu coloque a mão em seu rosto e a faça olhar para mim. Ela sorri com doçura, então eu a beijo, sem nenhuma pressa, porque o tempo não existe nesse quarto. Seus lábios são macios e doces de encontro aos meus. Sua língua invade a minha boca e encontra a minha e eu deixo que as duas se toquem, em uma entrega total. Com a mão livre, eu a aperto um pouco mais, a sua pele é quente e parece que eu sinto frio, um frio que só pode ser aquecido com o encontro dos nossos corpos.

Ela intensifica o beijo, mordendo levemente a minha boca e colocando as mãos no meu cabelo, em um leve aperto. Eu solto o fecho do seu sutiã e deixo a minha mão deslizar por toda a sua pele nua, terminando em seu quadril, onde eu aperto; antes de carregá-la até a cama. Eu a deposito com cuidado entre os travesseiros, sua pele clara e cabelos loiros, formando um contraste lindo com os lençóis vermelhos. Eu gosto sempre de olhá-la por alguns momentos, quando eu paio acima do seu corpo e seus olhos me prendem; ou seria o contrário?

Seus seios sobem e descem ritmicamente com a sua respiração rápida, eu tirei o seu fôlego e ela roubou todo o meu ar também. Mas eu morreria feliz, se fossem os seus beijos a me matarem. Eu sorrio, quando ela me estende a mão.

Tiro as minhas roupas, aceito o seu convite, entrelaçando os nossos dedos e deitando ao seu lado. Eu olho para o seu corpo, desde os dedos dos seus pés, passando por cada parte e eu posso jurar que ela pode sentir, como se eu a estivesse tocando. Sua pele se arrepia de forma perceptível diante do meu olhar. Nossos olhos se encontram, eu a beijo outra vez, agora quase com desespero. Eu nunca tenho o suficiente dela. É como um oásis em um deserto sob um sol escaldante. Você quer correr; se jogar nessas águas e se deixar levar sem nenhuma calma.

Beijo o seu pescoço, então os seus seios. Eu me demoro neles, querendo ouvir cada gemido que ela solta, quando eles e a minha língua se encontram. É como o meu próprio pedaço do paraíso. Sua pele é como seda, macia e suave sob as minhas mãos e eu não posso deixar de tocá-la em todos os lugares. Toco a sua barriga, voltando a beijar a sua boca, seus olhos estão fechados. Eu tiro alguns fios de cabelo da sua testa, deixando a minha mão no seu rosto.

A outra mão para sobre o elástico da sua calcinha, seus olhos se abrem antes que eu me abaixe e beije a sua barriga, mordendo de leve o osso do seu quadril. Enroscando os polegares no tecido macio, eu deslizo a calcinha pelas suas pernas e pés, e a jogo sob o tapete. Minhas mãos ainda estão em seu quadril, então eu a puxo de encontro a mim e a penetro com cuidado. Ela enrosca as pernas em minha cintura, a suavidade das meias de seda de encontro a minha pele, me causando arrepios. Eu coloco as duas mãos em seu rosto, não querendo que ela feche os seus olhos agora, como ela sempre faz. Suas mãos estão em meus ombros, em um aperto forte que poderia ser doloroso, mas nesse momento, eu simplesmente não me importo com nada que não seja a mulher sob mim.

— Eu te amo... — sussurro entre beijos. — Eu te amo demais.

— Eu também te amo. — ela devolve tocando o meu rosto, assim como eu fiz com ela — Eu te amo muito.

Ela sorri antes que eu a beije.

E eu que imaginava que voar pudesse ser incrível, descobri que não tem nada mais maravilhoso no mundo, do que ter a mulher que se ama nos braços.



## Trinta e Um

### Mia

**Faz** três dias que Drew e eu nos casamos. Eu ainda me sinto nas nuvens, andando como se o chão sob os meus pés não existisse e sim nuvens macias. Meus passos são leves, a minha alma tem flutuado por todos os cantos e eu não paro de sorrir.

Mas eu não posso dizer que não exista uma ranhura em minha vida quase perfeita, porque tem sim e ela possui apenas um nome: *Lorena*.

A audiência se aproxima e eu tenho sentido uma pontada de medo cada vez que penso sobre o assunto. E me preocupo, porque a bruxa simplesmente desapareceu da minha vista. Esse silêncio e distância não pode ser algo bom. Aquele meu sexto sentido não me deixa relaxar completamente.

Assim que a nossa certidão de casamento ficou pronta, Drew a enviou para Claire anexar ao processo. Agora não somente eu, mas *nós* iríamos pleitear a guarda de Chloe. E se o juiz for do tipo tradicional, eu sei que esse detalhe aumenta as nossas chances. Eu também espero que ele leve em conta, o quando Drew e eu somos jovens. Não que alguém na idade de Lorena não possa cuidar perfeitamente de uma criança; Silvia faria isso com os olhos fechados. A questão nesse caso não é a idade, mas sim o coração de Lorena, ou a falta dele para ser mais justa.

Mas eu me mantendo otimista, apesar das circunstâncias. Confiando que tudo o que importa é o quanto Chloe está feliz conosco. Qualquer pessoa que colocar os olhos nela saberá que o lugar dela é aqui; com *seu pai e sua mãe*.

Falando em Silvia, ela está voltando para a casa hoje. Cumprindo a promessa que fez quando chegou, de ir embora quando Drew e eu nos casássemos. Eu sentirei muito a sua falta, ela se tornou uma parte importante da minha vida. Drew também sentirá, eu sei disso, mesmo que ele debochadamente negue. Contudo, Chloe é sem dúvida a que mais lamenta a sua ida. Elas se tornaram parte uma da outra, como almas gêmeas, irmãs siamesas. Porém,

olhando para o lado bom da situação, Chloe sempre terá um lugar para passar as férias escolares quando crescer. Eu mesma estou ansiosa para conhecer a Califórnia e suas famosas praias.

— Você poderia ficar um pouco mais, Silvia — digo a ela, enquanto descemos as escadas com sua bagagem. Ela já havia trazido muita coisa, mas certamente está voltando para casa com muito mais.

— Não poderia não. — Drew diz passando por nós, carregando uma das imensas malas de Silvia. — Nos deixe sentir a sua falta outra vez, mãe.

— Ele está brincando. Aposto que irá chorar feito um bebê quando você não estiver mais aqui. — Pontuo, sorrindo.

— Eu não me importo, já estou acostumada com a ingratidão dos meus filhos. — Silvia sibila, de modo teatral. — Quando eu não estiver mais aqui, nesse mundo, então eles sentirão a minha falta e será tarde demais.

Eu quero rir, mas mordo a minha língua e levo uma das malas até o táxi que está esperando em frente à calçada. Silvia vem logo atrás, com Chloe no colo. Espero que ela não chore agora. Entrego a mala que seguro, para Drew colocá-la no porta-malas, e fico parada esperando Silvia me entregar Chloe.

— Acho que essa é a última. — Drew diz fechando o porta-malas e ficando ao meu lado. — Tem certeza de que não quer que eu te leve para o aeroporto, mãe?

— Não quero te atrapalhar, o Adam também se ofereceu. — Ela fala, me entregando a Chloe, para abraçar o filho. — Eu ficarei bem.

— Eu sei que ficará. — Drew exclama ao abraçá-la, e sorri para mim sobre os seus ombros. — Cuide-se, mãe.

— Tchau, vovó. — Chloe se despede também, se debruçando sobre ela sem descer do meu colo.

— Tchau, Silvia! — eu completo, quando ela nos abraça. — Sentirei muito a sua falta.

— Obrigada, Mia. Ao menos alguém sentirá. — Ela fala, tocando o meu rosto com um sorriso. — Agora ficarei esperando a sua visita.

— Eu irei assim que puder, estou ansiosa para conhecer a Califórnia. — Prometo e me virando para Chloe, completo. — Não é mesmo, Chloe?

— Sim e a vovó vai comprar um cachorro para mim, mas ele vai morar na casa dela. — Chloe conta, com bastante entusiasmo. *Por que ela quer tanto um cachorro?*

— Verdade, Silvia? — eu pergunto, colocando Chloe no chão e segurando a sua mão.

— Sim, eu prometi à Chloe e isso fará ela me visitar sempre; nem que seja para ver o cachorro.

Os olhos de Chloe e o sorriso iluminando seu rosto, dizem que Silvia está certa. Eu até acho que ela aceitaria ir embora para a Califórnia, se Silvia fizesse a oferta. Lógico que eu gosto de pensar que Chloe iria sentir a nossa falta e querer voltar em um minuto.

— Está na hora, — Silvia anuncia, batendo brevemente as mãos. — adeus meus amores.

— Até logo, Silvia. — Eu digo, beijando o seu rosto uma última vez.

Estamos no final da tarde e o início de uma noite muito quente em Atlanta. Drew e eu trabalhamos normalmente hoje, mas Chloe faltou da creche e ficou com Silvia em casa. Eu não pude negar esse pedido a elas, já que era o último dia das duas juntas. O carro do Adam para ao lado do táxi, no instante em que a porta da casa de Joel se abre. Adam desce do carro e Joel caminha até nós com uma bolsa nos ombros e uma mala de rodinhas. Eu olho para Drew com uma sobrancelha levantada e um milhão de perguntas em meu rosto. Talvez ele não acredite, e eu sei que ele pensa que sua mãe me conta tudo; mas isso é totalmente novo para mim. Estou tão surpresa quanto ele e Adam, e com muita, muita vontade de rir da cena.

— Por que você precisa sair correndo, como se o seu cabelo estivesse pegando fogo, mãe? — Adam pergunta, mas sem desgrudar os olhos de Joel, que

acabou de parar ao lado de Silvia.

— Eu te disse há dois dias que iria embora hoje, Adam. — Silvia diz, ao abraçá-lo também.

— Vai viajar também, Joel? — Drew sonda, sem tirar os olhos dele.

— Na verdade, eu vou finalmente conhecer a Costa Oeste. — Ele responde sorrindo, se referindo com certeza à Califórnia.

— Resumindo; vai para a Califórnia com a mamãe. — Adam completa, dando um tapinha nas costas de Joel. — Façam uma boa viagem, sentiremos saudades, mas sobreviveremos.

Joel ri do seu jeito. Descobri que é praticamente impossível não viver rindo quando Adam está por perto, e ele é ótimo também para aliviar o clima pesado que se formou agora. Ainda preciso morder a minha língua para não rir de tudo isso.

— Obrigado por elucidar tão bem a situação, Adam. — Drew ironiza, passando a mão pelos cabelos. — É isso, mãe?

— Sim, Joel vai passar umas férias na Califórnia. — Ela responde despreocupada, entrando no táxi e acenando para Chloe. — Fiquem bem meninos, cuide deles Mia. Eu te amo, Chloe. Sentirei muitas saudades de todos!

— Tchau, Silvia... tchau, Joel. — eu aceno em resposta, enquanto Chloe joga beijos e vemos o táxi sumir dos nossos olhos.

Ficamos os quatro parados na calçada, em silêncio. O último resquício do sol ao fundo, iluminando o horizonte.

— O que foi isso? — Drew pergunta para Adam, quando eu enfim me viro para entrar com Chloe em casa.

— Eu não sei e nem me importo, desde que ela continue morando em outro estado. — Adam fala com evidente alívio na voz. — Vai me convidar para jantar?



— Não. — Drew nega sem rodeios.

— Claro que sim. — eu digo rindo, gesticulando para a porta e convidando-o a entrar em casa.

— Você é linda! — Ele sorri, beijando o meu rosto quando passa por mim e correndo atrás de Chloe até a sala.

Espero Drew entrar e fechar a porta atrás dele, para abraçá-lo, encostando o rosto em seu peito e olhando em seus olhos.

— Como você se sente sobre a sua mãe e o Joel, juntos?

— Como o Adam disse, eles estão longe. Poderia ser muito pior. — Ele responde; muito mais tranquilo do que eu achei que estaria. — Ela poderia apenas ter atravessado a rua e ido morar na casa dele.

— Vocês são muito maus. — Pontuo, o beijando antes de ir para a cozinha. — Qual o problema de ela morar ao nosso lado? Eu iria adorar e a Chloe também.

— Isso porque você não passou a metade da vida morando com ela. Acredite, Adam e eu sabemos o que estamos falando.

Apenas balanço a minha cabeça, me concentrando no jantar que preciso fazer. Chloe vem para a cozinha e senta-se à mesa para desenhar, enquanto eu cozinho. Ela adora fazer isso e eu adoro tê-la ao meu lado em momentos assim. Às vezes eu a deixo me ajudar em algo que não envolva fogo ou facas afiadas, e é uma ótima maneira de fazê-la provar alimentos novos. Ela sempre se sente orgulhosa e feliz em ajudar. E em poder contar aos outros que eu a deixei cozinhar.

Adam e Drew se envolvem em um jogo de vídeo game, brigando e rindo como se fossem duas crianças. Eu sempre achei que a minha vida teria sido menos triste, se tivesse tido um irmão ou irmã para me fazer companhia enquanto eu crescia. Alguém para compartilhar meus segredos e tristezas, alguém com quem eu pudesse implicar às vezes; de uma forma que somente as pessoas que se amam podem fazer. Mas por outro lado, foi bom que minha mãe não tenha engravidado novamente. Eu acredito que isso a tornaria mais amarga do que já é.

— Você quer ter um irmão algum dia? — pergunto a Chloe, enquanto corto alguns tomates — Assim como o papai e o tio Adam?

— Eu quero uma irmã, igual a Julie tem. Ela parece uma boneca. — Ela me conta, sem deixar de pintar o seu desenho.

— Ela é muito linda mesmo. — Concorde, me lembrando que a mãe de Julie acabou de dar a luz a um dos bebês mais fofos que eu já vi. — E logo ela irá crescer e fará companhia para a Julie em suas brincadeiras.

*Também irá enlouquecê-la, roubar os seus brinquedos e chorar em seu ouvido durante a noite;* penso sem dizer à Chloe. Mas, deixe-a descobrir sozinha quando tiver os seus próprios irmãos, que todas as relações humanas também têm o seu lado ruim. Deixo Chloe me ajudar com a salada, colocando os tomates e a alface que eu já piquei, em uma tigela.

— Assim mamãe? — ela pergunta sorrindo. *Essa palavra, essa única palavrinha...* tem um poder imenso. Ela toca fundo em minha alma, não importa quantas vezes eu a ouça.

— Sim, meu amor. — eu digo, lhe dando um beijo estalado no rosto.

Eu sei que Chloe já se esqueceu completamente da sua vida anterior. Posso jurar que se ela se encontrasse com o meu pai hoje, ele seria um completo estranho. Isso não é algo que eu quis de forma proposital, mas não consegui evitar.

É intrigante, mas a sua vida foi preenchida com muitos elementos novos. Uma mãe e um pai presente, uma escola com professores e amigos amorosos, duas avós cheias de amor, um tio completamente maluco e com um coração de ouro, e até um avô postiço. Ela tem uma vida plena de alegria e possibilidades, como se os três anos que existiram antes que nós nos encontrássemos, não tivesse passado de um pesadelo. Mas eu quero que ela saiba a verdade sobre a sua história, eu devo isso ao meu pai, e eventualmente terei que tocar nesse assunto. Uma parte do meu coração não quer que ela o esqueça completamente, o apague completamente de sua existência. Ele sempre será um pedaço de nós.

— Podemos *fazê* um bolo de chocolate depois? — ela pergunta, mexendo a salada com uma colher que parece grande demais para a sua mãozinha.

— Podemos fazer amanhã, quando voltarmos para a casa. Agora está muito tarde.

— *Tá bom.* — ela concorda parecendo um pouco desapontada, mas sem deixar de sorrir.

Meu telefone vibra no balcão, enquanto eu coloco a minha carne no forno. Lavo as mãos rapidamente, antes de segurá-lo e sinto uma pontada no coração ao ver o nome escrito na tela; *Lorena*. Na verdade eu salvei o seu número como *Cruela*. Cogitei *Freddy Krugger* também, já que ela aparece justamente para estragar o meu sonho, e é um completo pesadelo em forma de gente.

— Vá ficar com o papai e o tio Adam, enquanto eu atendo. — Peço a Chloe, antes de abrir a porta de vidro que me leva ao quintal.

O telefone vibra com insistência em minhas mãos e eu respiro, repetidas vezes, me enchendo de coragem antes de atender.

— Alô. — digo com calma, me sentando em um banco de madeira que fica sob um grande carvalho. Eu não tenho medo dela, tenho medo de perder a paciência e finalmente mandá-lo para o inferno.

— Boa noite, Mia. — ela me cumprimenta, com a voz polida de sempre.

— Boa noite, Lorena.

— Como Chloe está?

— Bem, ótima na verdade. Não poderia estar melhor. — respondo rapidamente.

— Isso é bom. — Fala com cautela, acho que também está se esforçando para manter a calma. — Estou chegando à sua cidade em dois dias, meu marido estará comigo desta vez e eu gostaria de passar um tempo com a Chloe; só nos três.

*Droga...* eu sabia que não iria gostar da sua ligação, só não imaginava

que seria tão rápido.

— Isso não será possível. A Chloe não gosta de estar com estranhos. — Murmuro sem hesitar, talvez seja maldade da minha parte; mas é a mais absoluta verdade. — Tenho certeza de que ela não iria sem mim, ou o Drew.

— Então você pode levá-la. Meu marido quer muito conhecê-la. — ela pede com a voz firme. Deve ser um esforço sobre humano para ela. Aposto que ela pensou que bastava apenas estalar os dedos e a Chloe estaria lá.

— Eu adoraria fazer isso, na verdade será um prazer, — começo a dizer com uma voz forçadamente gentil. — se você desistir do processo. Eu levarei a Chloe até você um milhão de vezes.

— Mas isso é chantagem. — ela fala, erguendo um pouco a voz para mim.

— Na verdade, é uma negociação. — A corrijo com calma, usando as mesmas palavras do Drew — Eu nunca me opus a uma convivência da Chloe com vocês, mas você apenas chegou aqui, exigindo direitos que não possuiu.

— Eu não farei isso, ainda quero a guarda da Chloe e tenho certeza de que irei ganhar essa causa, é só uma questão de tempo. Quando isso acontecer, será você me implorando para vê-la e eu farei questão de negar também.

Sei que ela está blefando, mas a simples possibilidade de algo assim acontecer me faz quase desmaiar. Fecho os olhos, enquanto aperto o celular até meus dedos doerem. *Eu odeio essa mulher.*

— Sou a avó materna, minha única filha morreu por causa do seu pai, Mia. Nenhum juiz daria a guarda para alguém como você. — ela continua falando, a voz muito mais alterada agora.

Alguém como eu? *Frase errada, muito, muito errada...*

— Alguém como eu? Como assim? Eu não tenho culpa dos erros do meu pai. — Grito, perdendo a minha paciência de vez. — A sua filha se afundou em drogas e se suicidou na cadeia, ela fez as suas próprias escolhas. Eu posso culpá-la também, Lorena? Por todas as más escolhas da sua filha? Dizer que ela

fez tudo isso porque você foi uma mãe tão terrível, que se drogar era melhor do que conviver com você.

— Você não me conhece e isso é algo horrível para se dizer. — Ela exaspera. — Eu amava a minha filha.

— Você também não me conhece, eu amo a Chloe e se eu precisar usar as mesmas armas sujas que você; eu usarei. — Me defendo. — Não fui eu a declarar guerra, mas nem por isso eu irei recuar. De qualquer forma, ainda podemos agir com maturidade.

— Eu já decorei um quarto para ela, com roupas e brinquedos, escolhi uma escola de balé e piano, além do melhor jardim de infância que possa existir em Londres. Eu não trabalho com a possibilidade de perder a guarda para você. — ela fala com evidente confiança, jogando as minhas palavras de paz, ao vento. — Estou viajando com o meu marido, mas sei que voltaremos com a nossa neta, já até reservei a passagem dela.

— Você está completamente iludida, eu quase sinto pena da sua loucura. — Digo sentindo vontade de me teletransportar até onde ela está e apertar o seu pescoço. — Não me ligue mais, nunca mais.

— Antes de desligar... Eu já conversei com a assistente social da Chloe e reservei uma visita antes da audiência. — Ela conta com voz triunfal. — Eu apenas pensei que pudéssemos ser um pouco civilizadas, mas me enganei.

*Claro, porque a pessoa não civilizada aqui sou eu...* Ela não poderia ser mais demente.

— Você está mentindo, — balbucio. — a Claire não me disse nada.

— Ligue para ela então e confirme. Consegui duas horas com a Chloe sem a sua companhia. — ela pontua, parecendo prestes a desligar, mas antes disso, completa. — Coloque uma roupa mais bonita nela, da última vez ela parecia uma criança de rua mal vestida.

— Vá para o inferno e fique lá para sempre, sua bruxa.

Tenho vontade de arremessar o celular na parede, mas ao invés disso, eu

puxo os meus cabelos em completo desespero. Isso não é justo. Como eu posso obrigar Chloe a ficar na presença dessa mulher horrível? Como eu posso obrigá-la a estar com alguém que ela mal conhece?

Disco rapidamente o número de Claire, me sentindo um pouco traída, por ela não ter me avisado antes da bruxa me ligar.

— Você já sabe? — ela pergunta assim que atende.

— Sim e estou arrancando os cabelos. — Confesso rapidamente — Me diga que não é verdade.

— Infelizmente é sim, Mia. Ela é a avó materna, tem laços sanguíneos com a Chloe e consequentemente; direitos também. — Claire explica, com a calma e o profissionalismo de sempre. — Ela quer vê-la, o juiz autorizou. Eu não posso me opor e você não pode se negar.

— Mas a Chloe não quer, ela quase chorou da primeira vez. Como posso deixá-las sozinhas, obrigar uma criança a estar na presença de alguém que ela não quer?

— Eu sinto muito, mas se serve de consolo; estarei junto o tempo todo. Porém, não há nada mais que eu possa fazer.

— Isso não me consola, mas obrigada de qualquer forma. — Sussurro, me sentindo derrotada. — Ao menos eu sei que ela não pode sequestrar a Chloe.

— Eu acho que ela jamais faria isso, — Claire ri — ela está confiante demais para fazer algo tão desesperado.

— Eu me sinto péssima agora, aquela mulher estragou totalmente o meu bom humor.

— Apenas pense que é a mãe da Chloe e ninguém irá tirá-la de você. — ela diz com gentileza e um sorriso na voz.

— Você acredita mesmo nisso? — questiono sem certeza alguma.

— Tanto quanto eu acredito que o céu é azul. — Ela recita... *espere, o seu é mesmo azul?*

— Obrigada, Claire. — agradeço com um pequeno suspiro, e o coração ainda apertado.

— Agora falta pouco, muito pouco e tudo isso acabará.

Ela desliga, depois de me dizer que mandará os detalhes sobre a visita de Lorena por e-mail. Eu deixo o celular sobre o banco e olho para o céu. As estrelas começam a aparecer e uma lua cheia, desponta no céu.

Eu fecho os olhos, ouvindo a porta se abrir e os passinhos de Chloe soarem, enquanto ela vem de mansinho e se senta no meu colo. Eu a abraço, ainda com os olhos fechados e sinto a sua respiração quente em meu rosto, quando ela encosta a testa na minha. Depois de um tempo em silêncio, eu abro os olhos e encontro os seus grandes e vívidos olhos verdes. Ela sorri e eu também.

— Você quer pintar comigo? O tio Adam desenhou um monstro de gelatina no meu caderno. — Ela pergunta com voz suave, tocando o meu cabelo.

— Ele desenhou? — eu devolvo a pergunta rindo, isso é algo que somente o Adam faria. — Aposto que ficou incrível, eu nunca vi um monstro de gelatina.

— Ele disse que é o mais bonito do mundo, porque ele é o tio mais bonito que existe.

— Ele é muito bobo! — falo me levantando com ela em meu quadril. — Que cor você irá pintá-lo? Eu quero vermelho, amo gelatina de morango.

— Eu quero amarelo. — Ela escolhe rindo e se segurando em meu pescoço, quando eu finjo que vou derrubá-la.

Eu fecho a porta de vidro, dando uma última olhada no meu celular e me lembrando do meu problema de minutos atrás. Caminhando com Chloe até a sala, eu decido que vou deixar as minhas preocupações e medos do lado de fora por enquanto. Agora eu só quero aproveitar um momento especial com a minha família e fingir que vivo em um mundo em que apenas o amor existe. Ao menos aqui dentro; eu sei que é assim.



## Trinta e Dois

### Mia

**Meu** coração se aperta cada vez que olho para Chloe e penso em como lhe contar sobre a Lorena. Como explicar para alguém tão pequena, que a vida é injusta e às vezes precisamos fazer coisas que não queremos? Não é somente comer brócolis sem gostar, ou tomar banho quando se quer apenas brincar, ou assistir tevê. É ser obrigada a sair da segurança da sua casa e passar duas horas com uma avó sem coração, que poderia muito bem ser confundida com a madrasta da Cinderela. Mas eu sei que preciso ser a adulta da situação, preciso demonstrar a Chloe uma confiança que eu não tenho. Eu não quero que ela chore; eu não saberia lidar com isso. Também não posso esperar que ela vá até a avó com um sorriso no rosto. Eu simplesmente não sei o que fazer...

Hoje é quinta feira e eu precisei mudar toda a rotina do meu dia, porque às quatro e meia da tarde Claire virá e levará Chloe. Ela será a nossa intermediária nessa situação. Eu não verei a Lorena, graças a Deus. Ela não é a minha pessoa favorita nesse momento, também acho que não sou a sua.

Eu deveria ter contado a Chloe sobre o seu passeio com a vovó logo que fiquei sabendo, mas eu sei o quanto ela ficará triste e por isso quis deixar para o último instante. Como agora, enquanto eu penteio o seu cabelo e a deixo escolher a roupa que quer colocar. Eu me sinto péssima, ela está feliz e eu serei a portadora da má notícia que tirará esse sorriso do seu rosto.

— Aonde nós vamos? — ela me pergunta depois de eu ter trançado o seu cabelo. — Eu quero colocar esse vestido.

— É muito bonito. — Eu digo, segurando o vestido azul marinho com flores brancas que Silvia lhe deu. — Eu adoro azul.

— Eu também adoro, — ela exclama. — a neve é azul.



— Na verdade, a neve é branca. — Dou risada, ao mesmo tempo em que tento vesti-la sem estragar o seu penteado. — Um dia nós iremos viajar para um lugar aonde tenha muita neve.

— Como Frozen?

— Mais ou menos, não será tão gelado. Mas faremos o nosso próprio boneco de neve também.

— Eu quero. — Ela diz alegremente, enquanto eu a ajudo a colocar as suas meias brancas.

— Sabe Chloe, você é a menina mais linda que eu já conheci. A mais boazinha de todas.

Ela ri quando eu lhe faço cócegas em sua barriga. Ela está sentada na cama e eu ajoelhada à sua frente. Fixo meus olhos nos seus, nossos rostos muito próximos. Chegou a hora... as palavras chegam até a minha boca e quase me fazem engasgar, tamanha a amargura que elas me causam. Juro que eu preferiria apunhalar o meu próprio coração nesse momento.

— Você se lembra da sua avó Lorena? — a questiono, sem deixar de olhá-la.

— Não. — ela responde, tocando o meu brinco. — Eu só tenho a vovó Silvia e a Susan.

— É eu sei, mas se lembra que nós conhecemos aquela mulher na cafeteria? — insisto, lhe calçando um de seus sapatos.

— Quando nós comemos bolo de chocolate? — ela me sonda.

— Sim, isso mesmo. — *Porque eu não falei logo do bolo?* — Nós encontramos uma mulher, ela é a sua avó... Se lembrou agora?

— Ela não é. — ela nega, querendo sair de onde está.

— Ela não é, mas ao mesmo tempo ela é. A vida é muito complicada,

para uma garotinha como você entender. — Eu seguro as suas mãos e não a deixo fugir — Só me prometa que você será uma menina boazinha. Mesmo que você não entenda algumas coisas.

— Eu não quero ver aquela mulher, nem comer bolo hoje.

Dou lhe um sorriso fraco. Meu coração já está despedaçado, e a Claire ainda nem chegou. Acho que eu serei a criança chorona, hoje.

— Você precisará vê-la. Ela pediu para o juiz e nós não podemos desobedecê-lo. — Ela me olha com um bico de insatisfação — Eu não posso ir com você, sinto muito.

— Nem o papai? — ela pergunta com o olhar triste.

— Não, nem ele. — Balanço a cabeça para enfatizar — Mas a Claire estará o tempo todo, você se lembra dela?

— Não. — Ela nega, já pulando em meu pescoço — Eu não quero ir.

*Eu não quero que você vá, eu não quero mesmo.* Mas não posso dizer em voz alta. Se eu não me mantiver calma e demonstrar que é algo simples, apenas algumas horas e nunca mais; será muito pior. Drew me disse isso exaustivamente, na verdade ele está muito mais preocupado com a minha reação do que com a Chloe.

— Eu sinto muito, Chloe. — Murmuro, afagando o seu cabelo. — Mas serão só algumas horas e eu vou ficar te esperando aqui, depois poderemos fazer o que você quiser.

Ela já está chorando em meu pescoço, antes que eu termine de falar. Geralmente, *podemos fazer o que você quiser*, funciona muito bem com ela e agora ela não quis nem me ouvir direito. Chloe é o tipo de criança que nunca chora. A maior parte das vezes que algo não lhe agrada, ela fica quieta, abraçada ao seu urso, ou em frente à tevê. Ela nunca faz birra ou insiste em algo quando lhe dizemos não. Acredito que grande parte desse comportamento, venha da sua antiga vida, onde ela foi condicionada a ser praticamente invisível. Porém, agora eu acho que é um dos momentos em que ela não se importa nenhum pouco em chorar.

— Claire está lá embaixo. — Drew nos diz, parando em frente ao quarto de Chloe. — Precisamos descer.

Olho para ele com o olhar mais derrotado que alguém já possuiu. A incapacidade de mudar o nosso destino nesse momento faz-me fraca. É como se eu tivesse esquecido como se anda, eu não posso me mexer. Chloe me aperta um pouco mais, certamente ouvindo os passos de Drew em nossa direção. Suas mãos ao redor do meu pescoço quase machucam, eu não sabia que ela poderia apertar com tanta força. Eu não me importo, eu a aperto também; tomando cuidado para não machucá-la, mas querendo que ela se torne uma parte de mim.

— Chloe. — Drew diz, tocando as suas costas. A sua voz está suave, de uma forma que eu nunca ouvi antes. — Olhe para mim, Chloe.

— Não. — Ela nega, balançando a cabeça. A sua voz triste, abafada e quase inaudível porque a sua cabeça está escondida em meu ombro.

— Por favor. — Ele pede com mais cuidado ainda. Drew tem uma voz tão forte, que mesmo quando ele fala baixo; ainda assim é poderosa. Mas agora existe uma doçura imensa vindo dele. E eu quero apenas chorar...

Chloe se desvencilha lentamente do meu pescoço. É quase como se ela estivesse se decidindo se deve ou não fazê-lo, nos poucos segundos que se passam. Então ela olha para o Drew, existem lágrimas não derramadas em seus olhos e seu rosto fofo está molhado também. Ela estava tão feliz há poucos minutos e eu não posso deixar de me culpar por ela estar assim. Eu poderia apenas ter saído com ela e fingido que me esqueci desse compromisso. Estou tentada a fazê-lo agora.

— Eu sei que você não quer ir. — Ele começa a falar, enxugando uma lágrima do seu rosto com o polegar. — Esse é um daqueles momentos, em que você precisa apenas confiar em mim e na sua mãe. Você não entende agora, mas existirão milhares deles ao longo da sua vida e eu preciso que você faça o que eu digo. Por favor, você pode fazer isso por mim?

— Por mim também. — Eu reforço, segurando a sua mão outra vez. — Sem chorar, eu fico muito triste.

Ela olha para nós e um suspiro de tristeza sai de sua boca. Eu sei que ela quer chorar mais alto ainda. Na sua inocência infantil, ela deve pensar que ao chorar não será obrigada a fazer o que não quer. Que pai quer ver a sua linda garotinha se afogar em lágrimas?

— Tá bom. — ela diz por fim, fungando o choro que precisa reprimir — Eu não vou *chora*.

— Você é tão linda. — eu digo beijando o seu rosto.

— Você é muito corajosa e eu já sabia disso. — Drew continua falando, depois de pegá-la no colo. — Então a Claire está te esperando. Talvez você não se lembre dela, mas vocês se conhecem e ela é minha amiga, e da Mia também. Pode confiar nela.

Chloe olha para mim, buscando uma confirmação para as palavras de Drew. Eu aceno em concordância e lhe dou o melhor sorriso que consigo.

— Ela irá levá-la para um lugar muito legal, onde duas pessoas que querem muito te ver estarão. — Drew explica com calma... Uma calma que eu não teria, por sinal. — A Claire ficará com você o tempo todo até te trazer de volta. Prometa-me que você será uma boa menina para essas pessoas.

— Não boa demais. — Eu sussurro, fingindo uma tosse em seguida.

— Quem é a criança aqui? — Drew pergunta sério, mas com um pequeno sorriso no rosto. Ele não consegue ficar bravo comigo, eu sei.

— Desculpe. — balbucio me encostando à porta. — Continue, por favor.

— Seja boa, seja educada. — Ele enumera. — Mia e eu estaremos te esperando aqui, e quanto mais boazinha você for, mais rápido o tempo irá passar.

— Fale para eles o quanto você nos ama, sobre todos os seus brinquedos, as suas aulas de balé e sobre como o carro do Drew é grande e bonito. — digo brincando, mas ganhando a sua total atenção.

— Não precisa falar sobre o meu carro, mas se quiser dizer o quanto a sua mãe é boba e como não existe ninguém no mundo como ela, seria legal. —

Drew emenda.

— Eu gostei da parte de que não existe ninguém como eu, mas não sou boba, vocês sabem disso. — Digo roubando Chloe dos seus braços — Mas eu te conheço o bastante para saber que você irá querer ficar quietinha, está tudo bem. Fique sentada com a Claire, será como se nós estivéssemos lá com você também.

— Eu não quero ir, não quero. — ela recita, quando começamos a sair do quarto.

— Nós também não queremos que você vá. — Drew afirma, caminhando ao nosso lado — Será só hoje, só uma vez e depois acabou.

Claire está na sala, sentada na ponta do sofá. Parece que faz uma vida inteira que não a vejo. Seu cabelo preto cresceu um pouco, assim como o meu, e está preso em rabo de cavalo. Ela está com um vestido de linho preto, sóbrio, que chega até o joelho. Eu gosto do seu sorriso acalentador. Provavelmente anos convivendo com crianças negligenciadas e abandonadas, fizeram-na ter esse jeito manso de ser, uma suavidade no olhar.

— Oi Claire. — Digo com um sorriso, parando em frente a ela.

— Oi Mia. — Ela dirige rapidamente o olhar para mim, antes de se concentrar em Chloe. — E você minha linda Chloe, tudo bem? Lembra-se de mim?

— Não. — Chloe diz sem nem pensar duas vezes. Seu rosto está corado da sessão de choro anterior.

— Isso é ótimo. Tudo o que eu quero para as minhas crianças, é que elas tenham uma vida tão maravilhosa, que possam se esquecer de tudo o que existiu antes — Claire diz com sinceridade. — Mas eu me lembro de você, e está mais linda do que quando te conheci.

— Você pode ir com a Claire agora? — pergunto a Chloe, quando a coloco no chão.

— Vamos Chloe. — Claire a incentiva com gentileza, lhe estendendo a mão. — O seu vestido é lindo, quem lhe deu?

— A minha vó Silvia. — Chloe conta olhando para mim, antes de timidamente tocar a mão de Claire.

— Que legal, eu aposto que ela é uma avó muito linda. — Claire replica.

Chloe não responde, mas sorri para ela quando caminhamos para fora de casa. Um carro as espera em frente à calçada. Claire se despede de nós e senta-se no banco de trás, convidando Chloe a fazer o mesmo.

— Eu não quero ir mãe. — Ela me diz baixinho, duas longas lágrimas deslizando por seu rosto.

— Vai passar muito rápido, você nem irá perceber. — eu falo, sentindo os meus próprios olhos se encherem de lágrimas. — E eu prometo que a Claire irá te trazer de volta, você acredita em mim?

— Sim. — Ela me abraça e entra no carro. Eu fecho a porta lentamente, encostando a minha mão no vidro fechado.

— Eu te amo! — sussurro devagar para que ela possa me entender.

— Eu te amo! — ela devolve, encostando a mão junto a minha.

O carro sai e eu fico parada no meio fio da calçada. Vendo o olhar triste de Chloe atingir o meu coração e parti-lo em mil pedaços, quando ela se vira no banco para me olhar. Eu não sei exatamente como ela se sente agora, mas se eu fosse uma criança de três anos, fatalmente o medo seria o sentimento mais latente. Medo de perder a minha família, medo de estar sozinha. No caso de Chloe; sozinha mais uma vez.

— Ficaré tudo bem. — Drew diz me abraçando, as suas mãos repousam em minha barriga, seu rosto em meu pescoço. — Estamos quase no final desse pesadelo.

— Parece que estamos há décadas esperando essa audiência. Estou cansada de sentir medo.

— Não precisa sentir medo, eu já te disse um milhão de vezes que

ninguém levará a Chloe de nós.

— Mas e se alguma coisa der errado? E se de repente o juiz não der a mínima para o que é melhor para a Chloe? — eu divago meio perdida. — O que nós faremos se isso acontecer, Drew?

— Nós tentaremos de novo. — ele diz, virando-me para ele. — Nos tentaremos até que Chloe seja nossa outra vez.

— Até lá eu já terei morrido de tristeza. — Suspiro, encostando a minha cabeça em seu peito. Meus braços estão ao seu redor, enquanto eu o abraço com toda força do mundo.

— Você não morrerá, porque é mais corajosa do que imagina. E nada disso será necessário, eu tenho certeza.

Gostaria de ter a mesma certeza dele. Até mesmo a certeza que a bruxa da Lorena tem. Porém, cada vez que eu fecho os olhos e me lembro da tristeza de Chloe, não posso ter certeza de nada. Eu só quero que o tempo voe e eu acorde no dia seguinte à audiência, e os documentos da sua adoção estejam assinados ao lado do travesseiro com o meu lindo nome na mesma linha que a palavra mãe.

Mas eu não posso fazer isso, não posso nem ao menos fechar os olhos e obrigar as duas horas mais longas da minha vida, a não se arrastarem tão vagorosamente assim.

Drew resolve gastar o seu tempo trabalhando em seu escritório. Já eu, decido ir para a cozinha e transformar a minha amargura em doçura. Faço o bolo de chocolate preferido da Chloe, além de biscoitos de ursinhos. Foi a Silvia quem nos ensinou que o açúcar torna tudo melhor. Quero espalhar a doçura do meu amor sobre Chloe quando ela voltar. Mais do que isso, quero que ela saiba que nunca mais precisará fazer algo assim novamente, e que eu passei cada minuto pensando nela.

O bolo está pronto e os biscoitos estão esfriando, mas o relógio não anda. O tempo parece ter congelado. O sol já se pôs e estamos no início da noite. Faz alguns minutos que estou em frente a nossa casa, andando freneticamente de um lado para o outro e parando em alerta, a cada novo carro que surge na rua. As minhas unhas já se foram e o meu cabelo está desarrumado, depois que eu passei a mão por eles uma centena de vezes.

— Por que elas estão demorando desse jeito? — pergunto a Drew, assim

que ele se junta a mim na calçada.

— Ainda faltam dez para às sete, e não sabemos aonde elas foram; precisamos imaginar o tempo de deslocamento que teriam que usar.

Olho para ele, como se tivesse falado russo. Estou tão nervosa, que nada faz sentido agora.

— Venha aqui. — Ele pede sorrindo.

Arrasto meus pés até onde está dando uma última olhada no final da rua. Nenhum carro, infelizmente.

— O quê? — eu pergunto depois que ele me beija.

— Precisa se acalmar, não pode ficar tão agitada assim ao lado da Chloe. Nós sabemos que ela ficou com a pior parte dessa situação.

— Eu sei... Você está certo. Mas meu coração está tão apertado. — falo colocando a mão sobre o peito, para enfatizar as minhas palavras.

Ele coloca a mão sobre a minha, apertando levemente. Eu dou-lhe um pequeno sorriso, ao mesmo tempo em que o carro com Claire e Chloe para em frente a nós. Eu quero correr, abrir a porta e arrastar a Chloe para fora em meus braços, de onde ela nunca mais sairá. Mas me atentando às palavras de Drew, eu apenas me viro e espero. Claire sai primeiro e me vê, dirigindo a mim um sorriso de conforto. Então ela segura a mão de Chloe com carinho e a tira do carro, a trazendo até nós.

— Oi, meu amor. — Sussurro me ajoelhando até ela e beijando o seu rosto. — Tudo bem?

Ela acena levemente, estendendo os braços para que Drew a carregue. Fico em pé, olhando para Claire com muitas perguntas em meu rosto.

— Obrigado, Claire. — Drew se despede, entrando em casa com Chloe nos braços.

Espero até que os dois entrem em casa, para voltar a olhar para Claire.



— Seja sincera, como foi? — inquiri, cruzando os braços.

— Ela não disse uma única palavra desde que saiu daqui. — Ela fala com seriedade. — Nenhuma palavra, Mia, assim como quando nós a encontramos. Você terá que ser muito cuidadosa com ela agora.

— Eu sempre fui... eu tenho paciência. — Afirmo, tocando o seu braço. — Agora, mais do que nunca, você sabe que eu não posso perder a Chloe. Ela seria a maior prejudicada.

— Quanto a isso, não se preocupe. Eu farei um relatório bem detalhado sobre essa visita. Isso contará a seu favor, não tenha dúvidas.

Solto a respiração lentamente, a sua informação me traz uma ínfima, quase invisível, tranquilidade. Despedimo-nos com um abraço e eu volto para a casa. Chloe está deitada no peito de Drew, enquanto um desenho passa na tevê, ela não parece interessada, e isso me preocupa. Seu silêncio me preocupa. Depois de termos feito tanto progresso, é como se tivéssemos andado para a trás no *Monopoly*. Eu não quero perder a confiança que conquistei tão arduamente.

— Você quer bolo? — eu pergunto acariciando as suas costas. — Uma grande e deliciosa fatia de bolo de chocolate?

Eu balanço as sobrancelhas enquanto falo, fazendo graça e finalmente conseguindo roubar um sorriso torto seu. Ela acena afirmativamente, e corro para a cozinha antes que Chloe mude de ideia. Eu lhe trago o bolo, e ela come em silêncio em frente à tevê, um grande copo de leite ao lado do seu prato. Sento-me ao lado de Drew e percebo que odeio o silêncio.

Quero de volta as risadas e voz infantil que preenchem os meus dias. Mas Chloe não quer falar e eu não forço, nem Drew. Eu lhe dou banho e lhe ajudo com o pijama, deitando ao seu lado na cama, enquanto Drew lê uma história. Ela dorme na metade do livro, e eu fico olhando para ela durante muito tempo, pedindo a Deus que amanhã ela volte a ser a criança alegre que eu tanto amo.

Eu demoro a dormir; a minha mente muito cheia para o sono me alcançar. Drew está dormindo a meu lado, um dos seus braços em minha cintura e o outro sob o travesseiro. Eu olho para ele com amor e acaricio o seu cabelo, antes de finalmente dormir. O meu sono não é nem um pouco tranquilo, e eu acordo logo depois com Chloe em pé ao meu lado.

— Mamãe. — ela sussurra com os olhos sonolentos. — Posso *dormi* com você? Eu tive um pesadelo.

— Claro. — Digo rapidamente, afastando-me para que ela possa se deitar ao meu lado.

Eu a abraço, acariciando os seus cabelos. Tenho vontade de perguntar sobre o pesadelo, mas algo me diz que foi relacionado a uma determinada pessoa. Eu quero que ela esqueça tudo o que aconteceu hoje, e tocar no assunto só a fará se lembrar mais ainda.

— Tudo bem? — eu pergunto baixinho.

— Eu vou *fica* com você e o papai para sempre, não vou? — ela sussurra com suavidade.

— Lógico que irá, para sempre. — Me apresso em afirmar. — Até que você cresça e ache o seu pai chato demais, e queira se mudar.

— Eu ouvi isso. — Drew diz apertando a minha cintura.

Dou risada, fazendo Chloe rir também. O doce som enchendo o quarto, a sua risada é tão bonitinha e fofa; assim como tudo o que ela faz.

— O papai nunca será chato. — Ela fala ficando de joelhos, para olhar para o Drew.

— É claro que não. — Ele concorda, com presunção fingida. — Eu sou o cara mais legal que eu conheço.

— Você soou exatamente como o Adam agora. — Eu pontuo, me virando para ele.

— Estamos passando tempo demais junto. — Ele diz, rindo também.

Chloe deita entre nós, segurando as nossas mãos. Eu beijo os seus dedos, fazendo na sorrir docemente, antes que seus olhos se fechem. Eu sei que agora ela terá os sonhos mais lindos, como todas as crianças deveriam ter.

— *Dorme minha doce menina!* — murmuro, beijando a sua testa. — Estou aqui para vigiar o seu sono.



## Trinta e Três

Mia

Os próximos dias pareceram se arrastar, prolongando a angústia que tomava conta de cada parte do meu coração. O tempo passa muito mais rápido quando estamos felizes. É quase uma maldição, quantas vezes você quis que um momento alegre fosse eterno? Muitas, muitas vezes. Porém, foi só piscar os olhos e ele havia passado. É assim que funciona. É a lei da vida, ou algo assim, eu não sei. Só sei que quando estamos amargurando um pensamento persistente de dor e medo, a sensação que se tem é de nunca mais se sentirá paz outra vez.

Eu estava enlouquecendo, enquanto ensaiava todos os dias cada palavra que diria ao juiz, mesmo sabendo que me esqueceria de todas elas quando chegasse a hora. E o que falar da roupa que eu usaria? Bem, dessa vez, quem enlouqueceu mesmo foi o Drew, depois que eu provei o meu guarda-roupa todo. Além de algumas outras peças que eu havia comprado, e eu fiz com que ele opinasse sobre todas elas. Enfim, eu escolhi uma. Embora, tenho certeza que mudarei de opinião quando estiver me vestindo.

A questão é que eu preciso parecer perfeita e eu nunca fui perfeita. Será que alguém, além do Drew, é?

Estou em sérios problemas. A ansiedade se tornou uma companheira constante e eu tenho descontado tudo na comida. Acho que nunca comi tanto, quanto fiz nesses últimos dias. Existe tanto conforto em um pedaço de pizza ou um pote de sorvete... Batata frita? É a minha nova melhor amiga. Mas tudo bem, agora faltam apenas dois dias para a audiência, e eu ainda tenho esperanças de continuar passando pela porta depois que isso tudo acabe.

— Você não acabou de jantar? — Drew me pergunta assim que me sento ao seu lado, com um pacote de salgadinho na mão.

— Faz uma hora já. — Digo sorrindo, depois de ter olhado as horas no

celular.

— Talvez você devesse cogitar a possibilidade de parar com os derivados da cafeína. — Ele fala, olhando para o meu refrigerante na mesinha do centro.

— A cafeína não me faz nenhum mal. — Reviro os olhos diante do seu comentário.

— Parece que você engoliu uma bateria sem fim nos últimos dias, acho que a cafeína é a sua *Kryptonita*.

— Eu estou ótima. — Digo, tentando me convencer também. — Talvez um pouco ansiosa somente.

— Você poderia correr comigo. — Ele sugere. — Ou ao menos andar um pouco na esteira do meu escritório, é muito relaxante.

— Eu não gosto de correr, as minhas pernas doem e eu já andei muito nessa vida. — murmuro com uma careta. — Desculpe, mas eu sou cem por cento sedentária, Drew. Você me ama mesmo assim, não é?

— Claro que amo. — ele ri me puxando até ele.

— E me amará até quando seus braços não conseguirem me circular?

— Para sempre e um pouco mais. — Ele me beija para enfatizar as suas palavras. — Eu só me preocupo com você, sei que tudo isso é por causa da audiência.

— Sim, eu estou desabando. Comer me tranquiliza e eu sou tão azarada, porque gostaria de ter perdido totalmente a fome.

— Eu ficaria mais preocupado ainda.

Dou risada, porque sim, eu adoro comer. E, é óbvio que nada nesse mundo foi capaz de me fazer perder a fome até agora. Só tem uma coisa que me desolaria tanto e deixaria toda a minha vida cinza. Até mesmo uma barra de chocolate perderia totalmente a sua doçura. Mas, eu me recuso a pensar nisso esta noite e o barulho do pacote de salgadinho sendo aberto, é a melhor distração

nesse momento.

— Dois dias, só mais dois dias. — Drew fala, roubando o pacote das minhas mãos antes que eu o abra — E tudo isso acaba.

— Drew... — Exaspero, tentando recuperar o pacote roubado.

— Você não precisa disso. — Ele pontua, jogando o saco sobre as suas costas. Reviro os olhos quando o pacote cai ao chão e fica muito longe do meu alcance.

— Você nunca deveria me negar comida. — Pondero, escondendo um sorriso.

Ele dá de ombros sem se importar com o meu drama alimentício.

— Eu andei pensando que poderíamos passar alguns dias com a minha mãe na Califórnia, depois da audiência. — Ele anuncia, depois de um tempo. — Acho que faria um bem enorme para a Chloe.

— Seria maravilhoso, acho que a Chloe iria realmente adorar.

Eu sinto falta da Susan, do seu jeito alegre e tão carinhoso de lidar com a Chloe. Desde o seu encontro com a Lorena, Chloe tem dado um trabalho imenso para dormir, além de se mostrar muito irritada na creche. Qualquer pequena coisa a desagrada.

A mudança em seu comportamento foi tanta, que a psicóloga da creche me chamou para conversar. Eu relatei a situação com detalhes, tentando justificar a irritação e falta de paciência da minha pequena. A psicóloga me aconselhou a manter a calma e seguir com a nossa rotina, como se nada de diferente estivesse acontecendo. Que o comportamento de Chloe, era apenas a forma que ela encontrou para chamar a atenção, que eu deveria corrigi-la quando fosse preciso, mas sempre com muito amor. Ver Chloe sofrendo, mesmo que ela não entenda o porquê, me desgasta ainda mais.

— Eu sinto falta da sua mãe. — Digo ao Drew, deitando ao seu lado no sofá. — Adoraria poder atravessar a rua e falar com ela agora.

— Eu também sinto. Aposto que ela está morrendo de saudades de vocês.

— Você acha que eles irão se casar?

— A minha mãe e o Joel?

— A menos que ela tenha conhecido outra pessoa no avião. — Replico, chegando mais perto para deitar a minha cabeça em seu peito. — Sim, estou falando do Joel.

— Eu não sei, ainda estou tentando me acostumar com a ideia de que eles estão juntos. — Ele confessa, enquanto acaricia o meu cabelo. — É difícil imaginar outra pessoa no lugar do meu pai.

— Tenho certeza de que o seu pai é insubstituível e que a sua mãe também pensa assim. Mas todo mundo precisa de amor, e de alguém para dividir a vida.

— Mas se eu morrer... — ele fala rindo e eu coloco meus dedos em seus lábios, impedindo que continue.

— Cala a boca. — Dou risada, antes de beijá-lo.

A casa está silenciosa o bastante para o som das nossas risadas e beijos, ecoarem por todo o ambiente. Mas não alto o bastante para que eu não ouça os pequenos passos que soam na escada, e logo depois no piso de madeira, antes de Chloe parar ao lado do sofá.

Tem sido assim quase todas as noites, desde que ela dormiu a primeira vez conosco. Ela acorda um pouco depois de dormir e diz que teve um pesadelo. Ou que está escuro demais, ou há um barulho na janela. Ela sempre teve o sono dos anjos, depois que dormia nada poderia perturbá-la. Agora é como se ela não pudesse ficar com os olhos fechados, se não souber que Drew e eu estamos ao seu lado.

— Tem um monstro no meu quarto. — ela fala puxando o meu vestido. — Estou com medo.

— Eu aposto que não tem. — Digo ao me sentar e puxá-la para um abraço. — Que monstro seria corajoso o bastante para entrar aqui em casa, quando o papai está aqui nos protegendo?

—Nenhum, eu garanto. — Drew emenda, entrando na brincadeira. — Mas eu irei olhar em cada canto do seu quarto, e se encontrar um monstro lá; vou jogá-lo pela janela.

Dou risada ao vê-lo caminhando até a escada, Chloe está com um pequeno sorriso no rosto também. Os olhos sonolentos de cansaço, embora ela continue lutando para mantê-los bem abertos.

— Eu quero dormir com você e o papai. — ela pede com voz manhosa, antes de deitar a cabeça em meu ombro.

— Não. — Nego enquanto acaricio as suas costas. — Você tem o seu quarto e a sua cama é tão macia. Além disso, tem o seu urso e ele irá cuidar de você.

— Mamãe. — Ela sussurra quase dormindo — Por favor!

— Hoje não, Chloe. Mas eu ficarei com você até que durmo.

É difícil dizer não a uma criança, e dói muito mais em você, do que nela. Eu quero dizer sim à Chloe o tempo todo. *Sim, você pode tomar sorvete... Sim, podemos comprar aquele brinquedo... Sim, você pode dormir na minha cama.*

Porém, eu sei que não posso demonstrar o meu amor dessa forma. E a psicóloga da creche insistiu que eu a incentivasse a dormir em seu quarto, até que ela perceba que não existe nada a temer, muito menos o medo de perder a sua família. Eu só acho que deveria existir uma escola para mães, eu me matricularia com toda certeza. Tenho tanto a aprender e um medo imenso de errar, e não poder corrigir esse erro.

— Não tem nada no quarto. — Drew diz ao voltar para a sala. — Eu olhei embaixo da cama também.

— Ela dormiu outra vez. — sussurro, deixando que ele a pegue do meu colo.

Deixo que ele suba com ela em seus braços, enquanto eu desligo a tevê e apago a luz da cozinha. Estou cansada também, a minha preocupação com a Chloe não me deixa relaxar nem durante o sono. Diferente do que Chloe disse, tem muito mais do que apenas um monstro em meu quarto. Tem uma bruxa em

minha vida e a sensação é de que ela não irá embora nunca mais.

— Ela parece tranquila agora. — Drew me diz quando paro no quarto de Chloe. — Acho que ela irá dormir até amanhã.

— Ela queria dormir conosco e eu disse não. — Conto a ele, ao mesmo tempo em que puxo o lençol sobre a Chloe. — Eu me sinto realmente horrível.

— Aposto que ela já se esqueceu. — Ele me consola com carinho. — Nós lhe diremos milhões de *nãos* ao longo da vida, não podemos nos culpar por cada um deles.

— Acho que sou uma mãe terrível. — murmuro com a mesma manha que a Chloe usou há minutos, enquanto Drew me puxa até o nosso quarto.

— Você é a melhor mãe, a melhor mulher, a melhor esposa. — ele afirma enquanto me beija, tirando o meu vestido no processo.

— Você é muito, muito suspeito para falar. — brinco, o beijando de volta e deixando com que me deite na cama. — Mas irei acreditar dessa vez.

— Você sabe que eu jamais mentiria para você, meu amor.

Eu amo quando ele me chama assim. É tudo o que eu preciso para ter um sorriso no rosto, e achar que posso ter alguns sonhos doces enquanto durmo. Drew me faz sonhar até de olhos abertos.



Chloe está alegre e saltitante na manhã seguinte. Fazendo jus às palavras de Drew, de que esqueceria completamente o *não* que eu lhe disse na noite anterior. Ela parece sequer se lembrar do monstro que estava em seu quarto e não a deixava dormir.

Eu a deixo na creche e fico parada, enquanto a vejo correr com Julie e os seus outros amigos, e ainda assim, me preocupo com ela. Acho que ser mãe é preocupar-se a vida toda, porque eu não posso simplesmente garantir a sua felicidade. Têm tantas coisas que apenas escapam do meu controle; como grãos de areia entre os meus dedos.



— Ela está bem, pare de se preocupar. — Drew pede, enquanto aperta os meus ombros.

— Só deixarei de me preocupar com ela, quando deixar de amá-la. Ou seja, nunca. — Reflito, ao me virar para ele.

— Sim, a doce tortura de amar. — Ele sorri em meus lábios.

— Exatamente. — Concordo com um sorriso também. *Amar é uma tortura, sem dúvida.*

Drew me deixa na livraria logo em seguida e eu me esforço para me concentrar no trabalho. Se existe algo que realmente me acalma nessa vida, além de chocolate; são os livros. Não é a toa que eu acabei por trabalhar exatamente em uma livraria, eu me sinto em casa aqui, como se fosse o paraíso na Terra.

Quando eu era pequena, passava muito tempo na biblioteca da escola. Aquelas prateleiras cheias de livros, o cheiro do papel em diferentes estágios, alguns novos, outros tão antigos e cheios de histórias; além da própria história contada pelo autor. Tudo aquilo me trazia uma paz que eu não sentia em outro lugar. Eu fugia do mundo e criava o meu próprio mundo ali.

Anos depois, eu descobri que poderia continuar fugindo dos meus problemas e me refugiar nas páginas de um livro. A livraria tem sido o meu refúgio nesses dias de tormenta. É um dos poucos momentos do meu dia, em que eu não me sinto cheia de preocupações. Eu me perco em meus pensamentos, enquanto arrumo algumas prateleiras, ou ajudo um cliente com alguma história. Às vezes eu encontro algum tão apaixonado por *Jane Austen* como eu, e posso passar longos minutos discutindo as suas obras. *É terapêutico.*

Mas, então eu me vejo sozinha e o silêncio traz consigo uma pequena pulguinha de aflição. Eu não posso me controlar, eu não consigo. Então ando pelos corredores, arrumando coisas que já estão em perfeita ordem, discutindo comigo mesma em voz alta. Sim, as minhas divagações não me abandonaram, embora eu esteja muito mais centrada nos últimos dias. Acho que estar às vésperas de uma audiência judicial é um bom momento para divagar.

O sino que fica em cima da porta, soa quando estou de costas, tirando partículas imaginárias de pó dos Clássicos de *Stephen King*. Eu me viro lentamente, ainda com um dos livros em minha mão, e saúdo a pessoa que entrou com um sorriso educado. É um senhor de mais ou menos sessenta anos. O que não é novidade alguma, já que a grande maioria das pessoas que frequentam

a livraria são mais velhas. Ele é muito elegante e tem um caminhar seguro, enquanto olha atentamente o ambiente. Eu o deixo à vontade, até que decida que precisa da minha atenção ou ajuda com algo.

Eu acho que ele não mora por aqui, ou talvez tenha apenas se mudado há pouco tempo. Anos trabalhando no mesmo bairro e conheço grande parte dos moradores, esse senhor não é um deles. Seu cabelo grisalho está muito bem cortado, algumas mechas pretas, denunciando a cor original deles. A calça social marrom e camisa bege estão impecáveis, além do sapato marrom escuro muito bem lustrado e ele tem um chapéu. Alguém ainda usa chapéu, sem que seja em um dia ensolarado na praia?

— O Iluminado. — ele diz apontando para o livro em minhas mãos. — Um dos meus favoritos de King.

— Eu só assisti ao filme, e morri de medo. — Devolvo o comentário, atenta ao sotaque em sua voz. Não consigo me lembrar de onde o ouvi antes. — Terror não é a minha praia.

— E qual a sua *praia*? — ele pergunta, sorrindo das minhas palavras.

— Romance — Suspiro quase que involuntariamente. — todos os tipos dele. Histórias de amor, mas eu posso ajudá-lo se precisar.

—Eu queria algo para a minha neta, contos de fada ou algo assim.

— E quantos anos ela tem? — pergunto ao colocar o livro que seguro na prateleira e caminhar para a sessão infantil.

— Três anos, ela é uma garotinha linda. — ele diz enquanto caminha ao meu lado.

— Que coincidência, eu tenho uma filha dessa idade e sei exatamente o que a sua neta irá gostar.

Ele espera paciente, enquanto eu lhe mostro alguns contos de fadas e livros de princesas, além de uma coleção sobre uma menina que ama esportes. Chloe adora futebol, depois que Adam lhe ensinou a brincar com uma bola. Ela pode correr durante horas pelo quintal e nunca se cansar.

— Eu acredito que temos opções suficientes. — Afirmo, apontando para a pilha de livros sobre o balcão.

— Balé e futebol? — ele indaga, levantando os dois livros diferentes.

— Eu não gosto de limitar a imaginação da minha filha, ela pode ser o que quiser. Princesa ou astronauta; tanto faz. Eu só quero que ela seja...

— Feliz. — Ele completa por mim. — Não é isso o que todos os pais querem?

— Nem todos, mas sim, é o que a maioria deseja. — Concordo lhe dando um pequeno sorriso. *A minha mãe é a exceção a isso, é claro.*

— A sua filha tem todos esses livros? — Ele inquire pensativo.

— Alguns, mas não todos. — Respondo, ponderando também.

— Separe os que ela não tem e eu os levarei.

— Está bem. — Eu concordo, achando o seu pedido muito estranho. — Quer que eu embrulhe para presente?

— Por favor! — ele pede com o sotaque mais acentuado ainda.

— Você não é americano, não é? — Sondo, ao escolher um embrulho colorido.

— Não sou. — Ele admite rindo. — Meu sotaque me denuncia sempre.

— Onde você nasceu?

— Escócia, mas vivo em Londres já faz algum tempo.

— Eu sou louca para conhecer os castelos da Escócia. — Confesso, enquanto lhe entrego a sacola pesada e aceito o seu cartão. — São tão lindos assim pessoalmente, como são nas fotos e vídeos?

— Eles são mais lindos ainda, eu sou apaixonado pelo meu país. Espero

que você possa conhecê-lo um dia.

— Eu também espero. —Falo sorridente, ao lhe devolver o cartão. — Muito obrigada, senhor...

— Sinclair, Ian Sinclair. — Ele se apresenta, tocando a minha mão.

— É um prazer, sou Mia.

— É um grande prazer para mim também, Mia. — Ele me examina. — Um grande prazer finalmente conhecer a mãe da minha neta.

— Desculpe? — eu me sinto totalmente confusa com suas palavras.

— Sou pai da Rebecca, avô da Chloe. — Ele anuncia, com infinita gentileza e suavidade — Podemos conversar?

*Podemos?*

Se eu encontrar a minha voz novamente, nós realmente podemos. O problema é que estou tão estarecida, que talvez não me lembre como se faz para falar. O tempo todo eu estava diante do inimigo, embora ele não se pareça de forma alguma com uma ameaça... *Mas o diabo foi um anjo um dia, não foi?*



## Trinta e Quatro

Mia

— **Podemos** conversar? — ele repete diante do meu silêncio. — É extremamente importante.

— Podemos. — Eu concordo sem nenhuma confiança na voz. — Podemos sim, só me dê um minuto, por favor.

— Claro... quantos você precisar. — Ele fala, enquanto se senta no sofá de leitura que fica no canto esquerdo do balcão.

Aceno, lhe dando um sorriso gentil, mas camuflado de um nervosismo crescente em meu coração. A pergunta que persiste em minha mente enquanto eu corro até o banheiro dos fundos da livraria é: *O que ele está fazendo aqui?*

Tranco-me no pequeno banheiro dos funcionários e respiro algumas vezes, antes de buscar o meu celular no bolso do meu avental. Clico na foto do Drew e espero ansiosa que ele atenda.

— Oi, meu amor. Aconteceu alguma coisa? — ele pergunta assim que atende. Nós geralmente nos falamos por mensagem durante o dia, nunca ligações. Ele sabe que tem algo diferente. — Mia, você está aí?

— Sim, estou. Ainda estou. — Sussurro mesmo que Ian não possa me ouvir daqui.

— Por que você está sussurrando?

— Porque o avô de Chloe está aqui. — Sussurro ainda mais baixo.

— Quem? — Drew demanda. — Não entendo nada.

— O avô da Chloe, — reforço. — o marido da bruxa.

— Ok, marido da Lorena. — Ele me corrige, mas sem deixar de rir. — O que ele está fazendo aí?

— Na verdade, eu ainda não sei. Ele apareceu e comprou alguns livros; livros para a Chloe. Mas eu não sabia quem ele era.

— Como ele se comportou com você?

— Foi muito gentil, gentil e educado. — Respondo com sinceridade. — Eu fiquei surpresa quando ele me disse quem era.

— Isso é bom, estou falando sobre a gentileza dele. Ao menos, ele não parece arrogante como a Lorena. — Meneio a cabeça em concordância, mesmo que ele não possa me ver.

— Como ele conseguiu me encontrar? — pergunto me encostando à porta fechada — Será que ele está me seguindo? Seguindo-nos?

— Mia, não subestime a minha inteligência, eu sou um policial e certamente saberia se alguém estivesse nos seguindo. — Ele replica sério, então ouço o farfalhar de papéis do outro lado. — O meu palpite é que a Claire lhe deu o seu endereço. Isso significa que ele é uma boa pessoa, e talvez já tenha conversado com ela antes.

— Sim, faz um pouco de sentido. Mesmo assim, estou com medo do que ele possa me dizer. — Confesso com um suspiro.

— Quer que eu esteja aí? — Ele oferece, preocupado. — Posso aparecer em dez minutos, é só me esperar.

— Não precisa, eu posso fazer isso. — Afirmo sem muita confiança. — Mesmo assim, obrigada. Mas eu realmente posso fazer isso sozinha.

— É claro que você pode. — Ouço um sorriso em sua voz e posso imaginar os seus lindos olhos em mim. — Eu te amo.

— Também te amo.

Depois de desligar, me sinto mais calma. Drew tem o dom de me tranquilizar. Um hambúrguer teria o mesmo efeito, mas um telefonema para o meu marido funciona também. Por que eu fui pensar em comida agora? Será que eu conseguiria correr até a lanchonete da esquina, e pegar ao menos um *milk shake*? De chocolate, cremoso e gelado, com aqueles flocos que derretem na língua. Isso seria muito, muito calmante.

*É claro que não, Mia...* Eu reviro os olhos para mim mesma quando me olho no espelho, e jogo água fria em meu rosto. Ajeito o cabelo e guardo o celular, enquanto volto para a livraria. Será que eu tenho chocolate na bolsa? Algo me diz que eu irei precisar de altas doces de açúcar, ao final dessa inesperada conversa.

— Desculpe por isso. — Digo assim que Ian levanta os olhos do jornal em suas mãos e sorri. — Talvez tenha sido um pouco mais de um minuto.

— Está tudo certo. — Ele fala com um sorriso cordial, ao mesmo tempo em que dobra o jornal e o deixa ao lado no sofá.

Vou até a porta e viro a plaquinha para *fechado*. O que quer que ele tenha a me dizer; não quero que ninguém nos interrompa.

— Podemos finalmente conversar. — Me sento ao seu lado, com um sorriso nervoso no rosto. As mãos sobre os joelhos, impedindo que eu bata os pés no chão.

— Você deve estar se perguntando qual o motivo desta minha visita. — Ele começa, com voz branda.

— Sim, estou. — Admito com a mesma brandura... *Para dizer o mínimo.* — Eu não esperava conhecê-lo antes da audiência.

— Eu, ao contrário de você, queria muito conhecê-la. Mas ao que parece, você e Lorena tiveram algumas divergências.

— Escolha interessante de palavras. — Replico, tentando camuflar a ironia em meu comentário. — Não somos as melhores amigas.

— Minha esposa pode ser um pouco intensa às vezes.

— Tanto quanto um choque elétrico. — Digo o olhando com simpatia, ele deve saber do que fala. — A verdade é que eu queria ter um bom relacionamento com vocês, nunca foi a minha intenção podar uma relação da Chloe com os avôs maternos. Contudo, a sua esposa tornou isso algo inviável.

— Isso me deixa irremediavelmente triste. — Ele diz com pesar. Seus olhos por um segundo, perdem o brilho de alegria que naturalmente possuem. — Nós temos problemas.

— Nós temos sim. — Eu confirmo, não sabendo exatamente sobre o quê ele está falando. Mas, se tem algo que nós temos, são problemas.

— Estou falando sobre a minha família. — Ele elucida as minhas dúvidas com suas palavras. — Sobre a minha filha Rebecca e a minha esposa, a verdade é que nós nunca fomos a *Família Dó Ré Mi*.

— Não sei se existe realmente uma família assim, todas as pessoas têm problemas. — Isso soa um tanto redundante aos meus ouvidos, já que o meu pai está preso e minha mãe nem foi ao meu casamento. — Eu imagino que nem você, ou sua esposa, aprovavam o casamento de Rebecca com o meu pai.

— Já que a última vez que nós no vimos eu lhe disse; *se você se casar com esse homem, esqueça que sou seu pai*, — ele exclama sério. — eu definitivamente não aprovava.

— Entendo. — Balbucio simplesmente. Meu pai não é a sua pessoa favorita. *Ele não é a de muitas pessoas*.

— Mas isso foi há muito tempo... em outra vida é a sensação que eu tenho.

— Então você não conhecia a Chloe? — pergunto, mas soa como uma afirmação.

— Apenas por fotos. — Ele admite. — Ela se parece tanto com a Rebecca.



— Eu não a conheci, na verdade eu gostaria. Mas meu pai não me convidou para o casamento. — Dou risada, porque o fato de que ele não vai diretamente ao assunto, está me deixando nervosa outra vez.

— Não é que eu ache o seu pai uma má pessoa, Mia. — Ele passa as mãos no rosto, parecendo procurar as palavras certas antes de continuar. — Apenas, essa não foi a vida que eu sonhei para a minha filha. Ao menos eu desejei uma na qual um policial não me ligasse no meio da noite para dizer que ela se matou em uma cela fria.

— Eu sinto muito, principalmente sobre a Chloe. Porém o meu pai não pode ser responsabilizado por tudo o que aconteceu.

Eu não sei de onde vem essa vontade de defender o meu pai, quando na verdade eu sei que ele tem uma parcela grande de culpa. Mas que diferença tudo isso faz? A filha dele não voltará e nem eu terei um pai presente e responsável em minha vida. Tudo o que importa agora é a Chloe. Aliás, o que importa realmente, é que ele me diga que está indo embora hoje e vai nos deixar viver em paz.

— É claro que não, o seu pai foi apenas o *Gran Finale*, a cereja no topo do bolo. Quando eles se conheceram a Rebecca já estava tão perdida, nem mesmo um farol aceso a faria encontrar o caminho certo.

— Foi o que eu imaginei. Embora a sua esposa tenha feito parecer que o único culpado foi o meu pai, eu sei que existe muito mais sob a superfície. — Digo me levantando. — A questão é que eu não pedi para estar nessa situação, eu apenas fui jogada nela e cuidei da Chloe quando vocês estavam *sei lá aonde*. Nós construímos laços, nos apaixonamos, criamos uma família que nem mesmo eu, ou ela jamais tivemos. Agora vocês querem tirar isso de mim, tirar isso dela.

— Você pode se sentar, por favor. — Ian me pede com gentileza. — Estou aqui como um amigo, nada além.

Eu não percebi que estava andando de um lado para o outro, e eu posso também ter alterado um pouco a minha voz. Infelizmente, eu não posso encará-lo como um amigo ainda, desde que estaremos em lados opostos diante do juiz.

— Desculpe. — Peço, me sentando novamente. — Mas qual o real motivo dessa visita?

— Eu queria te conhecer. — Ele diz com um sorriso. — Sem que você estivesse com a armadura que colocou para a minha esposa.

— Ela tem muitos espinhos, eu com certeza preciso de uma armadura para não sair machucada e acima de tudo; não deixar que a Chloe se machuque. — Falo em um fôlego só, a minha pulsação ficando acelerada de repente — Você não sabe, mas ela tem tido pesadelos desde que foi obrigada a estar com vocês.

— Eu também não tenho dormido bem, não consigo tirar aqueles olhos tristes da minha mente. — Ele confessa em um sussurro. — Ela nem me disse oi, eu nem sei como é o seu sorriso.

— É o mais lindo e doce de todos. — Digo com amor. — A Chloe é uma bênção em minha vida, em nossas vidas. Ela é a criança mais maravilhosa do mundo!

Ele me encara com extrema atenção, e de repente, ser analisada dessa forma me causa algum incômodo. Não sei o que Ian espera encontrar em meu olhar, ou talvez seja algo tão claro, que ele já tenha conseguido ver. Quero desviar o olhar, mas me disponho ao seu exame, se isso me trazer algum benefício ao final.

— Você fala como uma verdadeira mãe. — Ele diz por fim. — Orgulhosa e carinhosa.

— Eu sou a sua mãe, não duvide disso um segundo sequer. — Afirmo com seriedade. — E assim como uma mãe, eu farei qualquer coisa, qualquer pequena coisa, para que ela não sofra.

— Eu não quero machucar a minha neta, Mia. — Ele admite, mexendo em seu chapéu. — Eu magoei demais a minha filha, e daria tudo o que tenho para vê-la uma última vez e lhe dizer o quanto a amo.

— Ela queria que eu ficasse com a Chloe. — Enfatizo, tentando usar a sua emoção a meu favor. *Vale tudo no amor e na guerra.*

— Eu sei, e por esse motivo quero fazer o que é certo para a Chloe. — Ele se levanta como fiz anteriormente e para em frente à janela. — Eu aprendi da pior maneira, que não podemos prender quem amamos. Não podemos obrigá-los a estar ao nosso lado, essa tem que ser uma decisão deles; não nossa.

Eu acho que existe uma grande ferida em sua alma, com o que diz respeito a sua filha. Mágoas passadas, corações partidos, e um caminho de dor. Curiosamente, eu pensei que o problema de Rebecca fosse com a mãe. Ainda mais agora que estou diante de Ian e ele parece ter um coração generoso, não posso imaginar o que realmente aconteceu em sua relação com a filha. Mas existe uma lamentação latente em sua voz, e na expressão de seus olhos gentis. Pais e filhos, a relação mais complicada do mundo.

— Eu não quero ver aquele olhar triste e machucado outra vez em Chloe, o mesmo olhar que eu vi dezenas de vezes em minha filha. — Ian continua, enquanto olha o movimento da rua. — Quando eu estava diante de Chloe, foi como se a história se repetisse, como se eu estivesse diante da minha filha e tivesse a oportunidade de arruinar a sua vida novamente.

— Eu não sei o que aconteceu entre vocês, mas eu não acredito que Rebecca pensasse assim. Garanto que ela te amava muitíssimo. — Balbucio, sentindo uma grande necessidade de consolá-lo. — Eu tenho muitos problemas com o meu pai e ainda assim, o amo.

— Ela me odiava e fez questão de me dizer isso todas as vezes que pôde... eu me odeio agora também, porque eu não lhe dei escolha. Tracei a sua vida desde que ela nasceu; como se minha filha não pudesse fazer mais nada, além de me deixar feliz.

— Eu sinto muito. — Lamento em um sussurro. Inesperadamente, essa conversa se tornou mais emocional do que imaginei ser possível... A sua dor é quase palpável para mim.

— Ela era a criança mais linda e amada de todas.

— Eu imagino.

— E ela tinha um sorriso doce, como você disse que Chloe tem.

Ele olha para mim e sorri com lágrimas nos olhos. Eu só posso sorrir de volta, e assim como um terapeuta faria; sento-me e o escuto.

— Ano após ano, eu vi esse sorriso brilhante se apagar, morrer. E a culpa foi minha, eu cometi muitos erros, erros que não quero repetir com a Chloe.

— O que isso significa exatamente? — pergunto com cautela.

— Que eu sei que irei apagar o sorriso da minha neta se a levar de você. Ela te ama.

— Eu a amo também. Como se ela fosse uma parte da minha alma, ela certamente é uma parte do meu coração.

— Em um mundo perfeito, a minha filha estaria comigo, assim a Chloe viria nos visitar aos finais de semana, correria pela casa toda com os meus cachorros em seu encalço. — Ele sorri com o pensamento, apesar de uma lágrima cair de seu olho esquerdo. — Eu até poderia me vestir de Papai Noel no Natal, eu fiz isso com a Rebecca. Nada me faria mais feliz, do que ver a minha neta correr e se jogar em meus braços; então eu seria alguém especial para ela.

— Mas o mundo não é perfeito. — Eu o lembro; sentindo-me o seu algoz. Mas a sua felicidade é a minha tristeza, eu não tenho escolha.

— Ele nunca é. — Ian concorda, limpando o rosto. — Porém, às vezes podemos fazer o que é certo e torná-lo perfeito para alguém, e eu quero torná-lo perfeito para a Chloe.

— E como você faria isso?

— Abrindo mão da disputa pela guarda, deixando que ela fique com você e o seu marido. É onde ela pertence, ela é uma flor e eu sei que o seu amor a fará florescer linda, e sem perder o seu brilho.

— Oh Meu Deus... — eu murmuro cobrindo a minha boca. — Você faria realmente isso?

— Não apenas faria, eu já fiz. Liguei para a assistente social antes de vir

aqui.

— Eu não acredito. — Balanço a cabeça incrédula, olhando brevemente para os meus pés e me certificando que o chão ainda está sob eles. — É realmente verdade?

— Sim, totalmente verdade. — ele afirma se sentando ao meu lado novamente.

— Mas e a sua esposa? — Não me contenho em perguntar... A bruxa não jogaria a toalha com tanta facilidade. — Ela concordou com essa decisão?

— Ela ainda não sabe, mas pode deixar que eu cuidarei disso.

— Aposto que ela não irá gostar. — Dou risada, ao mesmo tempo em que lágrimas de felicidade tocam o meu rosto.

— Ela não irá, — Ele não se esforça em mentir. —porém, com o tempo saberá que essa foi a coisa certa a se fazer.

— Eu não tenho palavras para lhe agradecer. — Digo, já não escondendo a emoção. — Posso te abraçar?

— Claro você é mãe da minha neta. Somos da família.

Eu o abraço e é como se uma montanha tivesse saído dos meus ombros, o peso do mundo que eu tenho carregado nas costas nos últimos dias, se dissipou diante dos meus olhos. Esse homem que eu sequer conhecia há minutos se tornou, de repente, alguém com grande significado em minha vida. Não é fácil abrir mão de alguém que amamos e foi isso o que ele fez, abrindo mão da Chloe por um bem maior.

— Obrigada! — eu exclamo quando nos afastamos. — Muito, muito obrigada.

— Um dia quando contar à Chloe sobre mim quero que ela sinta orgulho, e não raiva.

— Eu tenho certeza que ela sentirá, e você pode visitá-la sempre que

desejar. — Oferece; não estendendo o convite à sua querida esposa.

— Eu certamente farei. — Ele aceita, com alegria. — E ficarei feliz, se você me enviar algumas fotos e talvez puder telefonar às vezes.

— Será um prazer.

Durante horas, nós conversamos. Eu não posso parar de sorrir, enquanto lhe mostro todas as fotos de Chloe que tenho no celular. Conto-lhe sobre o Drew, e como os dois se adoram, exaltando o pai maravilhoso que ele é para ela. Eu também ouço com carinho as histórias de Ian sobre a infância da filha, e não posso acreditar no pai horrível que ele se autodenomina. Se ele pecou, foi por amor.

Quando ele se vai, eu fecho a porta da livraria e encosto-me nela por algum tempo, me perguntando se isso é mesmo real.

*A Chloe é realmente minha e do Drew? Para sempre?* Isso parece um sonho, mas as minhas lágrimas de gratidão são reais, o meu sorriso é real, os meus pés tocando o chão enquanto eu corro até a creche são cem por cento reais.

Eu avisto a Chloe antes que ela me veja, eu paro no corredor da sua sala e espero até que meu coração volte a pulsar normalmente. Ela me procura em meio a tantos pais e mães ansiosos para sair com a sua criança. Seus lindos olhos se encontram com os meus. Aquele brilho sobre o qual Ian me falou, e que eu farei tudo para que jamais se apague, toca a minha alma e me faz sorrir. Ela corre até mim, suas tranças batendo no ombro, enquanto ela vem até onde estou. Eu abro os braços e deixo que ela se jogue neles.

— Eu senti a sua falta. — Murmuro, beijando o seu rosto. — Você sentiu a minha?

— Sim mamãe. — Ela devolve, me dando um beijo de esquimó que tanto gosta.

— Eu te amo, muito, muito, muito.

— Eu também te amo.

— Do tamanho do mundo. — Recito, encostando a minha testa a sua.

— Do tamanho do mundo. — Ela repete rindo.

Eu não a coloco no chão, mas a deixo em meus braços enquanto caminho pelo corredor cheio da creche. As pessoas passam apressadas por mim, tão alheias ao fato de que hoje é o dia mais feliz da minha vida. É como se Chloe tivesse acabado de nascer e eu como mãe dela, nasci também... Mãe e filha para sempre. O maior e mais lindo amor.



## Trinta e Cinco

**Drew**

**Estaciono** no meio fio da calçada do parque favorito de Chloe. Ainda no meu carro, vejo à distância, minhas lindas meninas. Elas correm pela grama com o sorriso mais lindo e uma alegria pulsante, que mesmo estando longe sou capaz de sentir. Isso é o que basta para eu sorrir também, é sempre o que basta para eu me sentir completo.

Tiro o meu paletó e a gravata, jogando no banco traseiro antes de abrir a porta e caminhar até elas. Estamos no final da tarde, o sol ainda brilha; um pouco tímido enquanto dá lugar à lua. Depois do inesperado telefonema de Mia, eu fiquei curioso para saber o motivo da visita do avô de Chloe. Mesmo assim, eu esperei, e guardei minha curiosidade para quando estivéssemos juntos. O que quer que seja que ela tenha a me dizer, nós resolveremos juntos, mas eu quero ouvir dos seus lábios.

A julgar pela felicidade das duas, as notícias são melhores do que eu possa ter imaginado. Faz tempo que não vejo a minha linda esposa tão feliz. Nem a Chloe. Deus, ela ficou tão machucada por ter sido obrigada a ir encontrar com os avôs, que por um momento eu achei que ela fosse ficar magoada comigo e com a Mia. Perder a confiança que eu sei que ela sente por nós, uma confiança que foi tão difícil de ser conquistada.

Se eu fosse uma criança, sinceramente teria feito isso. E como pai, eu me senti um grande perdedor por não poder proteger a minha filha, por ter de uma forma, mesmo que indiretamente; colocado lágrimas em seus olhos. Quem foi que disse que o caminho do amor seria fácil? É preciso desviar de alguns espinhos às vezes. Mas quando você vê a pessoa que ama sorrindo, descobre que tudo vale a pena.

Quando eu chego até elas, Mia está curvada com as mãos no joelho enquanto recupera o fôlego. Chloe, pelo contrário, já correu até o outro lado do parque onde alguns balanços ficam.



— É muito ruim ser sedentária agora, não é? — eu pergunto, colocando a mão em suas costas.

— Você me assustou. — Ela ofega, ainda sem se virar. — Estava preparada para pisar no seu pé e sair correndo com a Chloe

— Se você conseguisse correr. — Eu a provoco. — E seria melhor que chutasse o meu joelho, ou me desse um soco na garganta. No caso de eu ser um agressor de verdade.

— Seria melhor que eu te batesse com a minha bolsa e começasse a gritar. — Ela replica finalmente me olhando. — Ou que meu marido fosse um policial lindo e me protegesse.

— Que coincidência, porque eu sou policial e sou seu marido.

— E é muito lindo também. — Ela completa com um largo sorriso antes de me beijar, colocando os braços ao redor do meu pescoço.

— Você tem gosto de açúcar. — Eu digo, sorrindo também.

— Chloe e eu comemos algodão doce.

— Isso explica porque a sua boca está azul.

— Não está. — Ela nega rindo, passando a língua entre os lábios para tentar limpá-los, mas não consegue.

— Está sim, muito azul. — Reforço, a beijando outra vez. — E explica também, porque a Chloe já deu cinco voltas completas no parque. Altas doses de açúcar.

— Açúcar é energia, todos nós sabemos disso.

— E faz muito mal para a saúde.

— Quando o assunto é comida, tudo o que é bom faz mal para a saúde. — Ela diz, me puxando para uma mesa de piquenique onde as suas coisas estão.

— Mas eu estou tão feliz, posso ignorar esse detalhe hoje.

— Acho que você tem ignorado esse detalhe desde sempre, mas... — Eu me sento e a puxo para os meus braços, beijando o vinco que se formou em sua testa. — Qual o motivo de tanta felicidade?

— Porque o avô da Chloe, que se chama Ian, só para constar. — Aceno em concordância, antes que ela continue. — Ele possuiu um coração, diferente da Bruxa, que têm um buraco oco no peito.

— Isso é bom, não é? O que ele lhe disse exatamente? — eu pergunto, não a corrigindo sobre a Bruxa. Ela parece se divertir com isso.

Ela morde um sorriso, olhando brevemente para a Chloe e novamente para mim. Se eu não pudesse ver tão facilmente a felicidade brilhando em seus olhos, me preocuparia com a sua demora em me responder.

— Ele simplesmente abriu mão da guarda da Chloe. — Ela diz por fim.

— Jura? — a palavra me escapa, estou bem surpreso. Eu já sabia que pela felicidade de Mia, a sua resposta não seria algo ruim; mas não esperava que fosse algo tão maravilhoso.

— Sim, pode acreditar em algo tão bom? — ela pergunta rindo.

— Se você não estivesse me contando, eu não acreditaria. — Eu meio que não acredito ainda, precisarei de alguns minutos para processar a realidade. — Mas isso é incrível, não é?

— Incrível é definitivamente a palavra certa.

— Maravilhoso também serve. — Emendo, beijando o seu pescoço. — Já ligou para a Claire e confirmou?

— Não, meu Deus, eu me esqueci completamente. — Ela diz, saltando do meu colo e procurando o celular na bolsa. — Farei isso agora.

— Vá em frente. — Eu digo passando por ela e a beijando, antes de ir até a Chloe.

Já estou rindo antes mesmo de chegar até ela. Vendo a de ponta cabeça no balanço, as suas tranças tocando o chão e deixando o seu cabelo sujo de grama. Mia irá amar isso, quando for lhe dar banho.

— Papai. — Ela grita com alegria quando me vê e tenta sair do balanço, mas se atrapalha toda.

— Oi, meu amor. — Sorrio para ela, enquanto a ajudo a se levantar. — O que aconteceu com a sua boca?

— Eu tomei sorvete de morango. — Ela me conta sorrindo, quando eu a carrego. A boca totalmente vermelha, deixando-a engraçada e adorável na mesma medida.

— Verdade? Eu sabia sobre o algodão doce, mas não sobre o sorvete. — Pontuo, tirando a grama do seu cabelo. — Acho que você não irá dormir tão cedo hoje.

— Não. — Confirma ao me beijar, mas provavelmente não entendendo o que eu disse. — Me empurra no balanço, papai.

— Bem alto? — Eu sugiro, quando a coloco no balanço.

— Muito, muito alto. — Ela responde repleta de animação. — Até o céu!

— Não tão alto assim. — Eu replico a ajudando a se segurar. — Pronta?

— Sim.

Essa é sem dúvida a melhor parte em ser criança. Achar que cada pequena coisa é algo incrível. Viver intensamente cada minuto com a gratidão que a vida merece, e da qual nós nos esquecemos quando somos adultos. E isso é algo que a convivência com a Chloe trouxe à minha vida. Estou aqui com ela, em um final de tarde no parque, e não existe nenhum outro lugar no mundo aonde eu gostaria de estar agora. Eu não trocaria esse momento por nada nesse mundo.

— Mais alto papai, mais alto. — Ela me pede, ofegante.

Ela não tem medo de cair e eu não sei se isso é bom ou ruim, ainda estou me adaptando ao papel de pai de uma menina. Para mim, ela é delicada como uma rosa e eu quero protegê-la de todo e qualquer mal.

Ao mesmo tempo não quero tratá-la como um cristal, quero que ela saiba que pode fazer ou ser exatamente tudo o que desejar. Eu espero que o nosso amor lhe dê a segurança necessária para crescer feliz e fazer da sua história, algo realmente bonito.

— Claire confirmou o que Ian me disse. — Mia fala, chegando até mim e encostando a cabeça em minhas costas. — Ela me disse que assinaremos a adoção no dia em que seria a audiência.

— Graças a Deus. — Respiro, tocando a sua mão e me afastando do balanço para ver Chloe subir e descer, enquanto ri. — Foi muito generoso da parte dele, eu não esperava algo assim.

— Eu também não, ainda mais por imaginar o quão difícil foi para ele tomar essa decisão.

Eu nunca duvidei, um segundo sequer, que Chloe seria nossa. Mesmo porque, ela sempre foi. Primeiro da Mia e depois minha também, *minha filha*. Para mim essa é uma das palavras mais lindas, carregada de um amor puro, incondicional. Mesmo acreditando na certeza de que não existe outro lugar para Chloe, que não seja ao nosso lado; eu tive medo algumas vezes.

Eu detesto sentir medo, principalmente sobre algo que não depende somente de mim para ser mudado. Esse senhor foi um verdadeiro anjo em nossas vidas, demonstrando em um gesto tão altruísta, que só amamos de verdade quando conseguimos deixar o bem do ser amado, acima do nosso. Eu ainda estou aprendendo e no meu caso, jamais abriria mão de Chloe ou de Mia. Eu iria até o fim do mundo e lutaria todas as batalhas necessárias, para tê-las comigo para sempre. Mas Ian tem o meu respeito e admiração, e no que depender de mim, esse avô terá um lugar imenso no coração da minha filha.

— Você está feliz? — Mia me pergunta, quando me vê perdido em meus pensamentos.

— Muito, eu diria que agora, nesse instante, eu sou o homem mais feliz de todos. — Afirmo ao me virar para ela.

— Eu também. — Ela fala ao me beijar de leve — Quer dizer, sou a mulher mais feliz, não o homem.

— Você é boba demais e eu te amo demais.

— Eu também te amo e eu não sou boba, não muito... — ela ri da própria negativa e se afasta de mim para pegar a nossa pequena bagunceira.



Chegamos em casa e Chloe corre para a sala, ligando a tevê, embora Mia esteja dizendo a ela para ir tomar banho. Todo dia é assim, todo dia eu me vejo rindo das duas e correndo atrás de Chloe para levá-la até o banheiro.

— Eu vou atrás dela desta vez. — Mia diz, passando por mim e subindo as escadas. — Preciso tomar banho também, você pedir alguma coisa para o jantar? Não quero cozinhar hoje.

— Claro o que você quer? — Questiono, jogando o meu paletó em um canto.

— Pizza.

— Nós comemos pizza há três dias, não quer algo diferente?

— Não, eu quero muito queijo, pepperoni, um pouco de presunto. — Ela enumera, parando no meio da escada para olhar para mim. — Você acha que ficará estranho, se colocarmos abacaxi e cebola?

— Parece a pizza que o Godzilla pediria. — Respondo rindo. — O bom é que eu deixarei o meu pedaço para você, não arriscaria a minha vida provando algo assim.

— Eu comeria o Godzilla agora, a minha fome é do tamanho dele nesse momento. — Ela ri, enquanto sobe atrás de Chloe.

— Você me assusta às vezes. — grito, antes de tirar o celular do bolso e

ligar para a pizzeria.

Lógico que eu não sigo a receita de Mia. Cebola e abacaxi juntos? Essa mulher tem um gosto peculiar, quando o assunto é a culinária. Eu já deveria saber desde que ela me fez provar aquelas balas de ursinho.

Quando a pizza chega, alguns minutos depois, ela abre a caixa e vê que não está como queria. Preparo-me para o seu questionamento, mas ela simplesmente retira uma das fatias e a coloca sobre um prato. Então caminha até a geladeira e retorna à mesa com uma tigela de morangos, morangos esses, que terminam picados sobre o queijo da sua pizza. O olhar que ela me dá ao morder a combinação um tanto quanto peculiar leva-me a crer que o gosto ficou ótimo. Mas, eu definitivamente poderia ter vivido sem ver essa cena.

— Está muito bom. — Ela diz, fazendo Chloe rir. — Você deveria provar.

— Não, não deveria. — Digo com uma careta involuntária. — Nem você, Chloe.

— É apenas uma fruta em um pedaço de pizza, Drew. Não uma bomba radioativa.

Dou risada, porque eu não posso evitar quando ambas sorriem para mim. Mas isso não parece bom, nenhum pouco.

Volto a olhar para a minha segura fatia de pizza de queijo e aproveito esse momento ao lado delas... *Preciosos momentos!*



Eu me sinto muito mais leve a partir do momento em que tenho uma conversa séria com Claire, e ela me conta todos os detalhes da sua conversa com o avô da Chloe. Ela se mostrou tão surpresa quanto nós, com a sua atitude e me garantiu que seria difícil que ele voltasse atrás em sua decisão. Que ele pareceu realmente convicto do passo que estava dando. Isso não significa muito, partindo do princípio de que ele poderia mudar de opinião a qualquer momento; mas eu tomo a palavra de Claire como garantia e sigo em frente.

Ao contrário de mim, Mia ainda parece extremamente ansiosa e nem um pouco segura. Acho que depois de algumas horas de sua conversa com Ian, o

medo fez caminho em seu coração outra vez e assim como eu imaginei, ela temia que ele viesse a mudar de ideia. O sorriso feliz sumiu de seu rosto novamente, e ela estava uma pilha de nervos mais uma vez.

Contudo, o dia da audiência finalmente chegou. E eu me sinto outra vez com doze anos, quando esperei por meses que meu aniversário chegasse, porque sabia que meu pai me daria um vídeo game. Dessa vez, o meu presente não seria um vídeo game, mas sim a certeza de que ninguém seria capaz de roubar a nossa felicidade.

— Eu acho que irei vomitar. — Mia me diz, assim que eu estaciono em frente tribunal.

Com as mãos ainda ao redor do volante, me viro para ela. Seu rosto está um tanto pálido e a preocupação é facilmente visível em seus gestos e olhar.

— Respire! — eu a lembro.

— Eu não consigo respira direito.

— Você só está nervosa. — Digo, segurando a sua mão e a sentindo fria entre a minha. — Respire devagar algumas vezes e tente se acalmar.

— Essa roupa está apertada, por que você não me disse para trocá-la? — ela pergunta, alisando a saia azul e camisa branca — Esses botões estão me sufocando.

— Não está. Você está linda! — eu afirmo, beijando os seus dedos — Agora vamos.

— Eu estou com medo. — ela puxa a minha mão, quando vou sair do carro. — Estou com medo, Drew.

— Vai dar tudo certo, Mia. Agora vamos, não podemos chegar atrasados.

— Ok, está tudo bem. — Ela respira, dizendo isso a si mesma.

Saio do carro e abro a porta para ela, segurando firmemente a sua mão, enquanto subimos a grande escadaria que nos leva até o auditório. Claire já nos espera no corredor da sala do juiz, assim como o advogado que eu contratei para

cuidar do caso.

Logo no final do corredor está quem eu assumo ser o avô de Chloe, e Lorena. Ela não parece feliz, mas eu tenho dúvidas de que ela saiba sorrir. Já ele, parece estar tranquilo e acena sorrindo assim que nos vê. Mia devolve o seu aceno e eu apenas meneio a cabeça,

— Oi, Claire. — A cumprimento com um sorriso cordial, puxando Mia para o meu lado. — Tudo certo?

— Olá Drew, Mia. — ela devolve o sorriso, nos olhando de forma gentil. — Não devemos esperar muito, o juiz já irá chamá-los em breve.

Eu concordo, me sentando em um dos bancos de plástico que ficam espalhados ao lado das portas de madeira, e espero. Também estou ansioso, embora bem menos que a Mia. Aliás, quando olho para ela, me assusto por encontrá-la tão pálida, a mão ainda mais gelada do que antes.

— Está tudo bem, não se esqueça de respirar. — Sussurro em seu ouvido.

— Eu não me esquecerei. — Ela murmura, rindo levemente das minhas palavras. — Eu só quero que isso acabe de uma vez.

— Falta pouco. — Aperto a sua mão ainda mais. — Já estamos no final.

Apesar do entra e sai de pessoas e o volume elevado de vozes vindas das diversas salas, eu não ouço nada. Tento me concentrar apenas na porta à minha frente, desejando que ela se abra o mais rápido possível, e o nosso nome seja chamado.

Uma década de tortura depois, somos finalmente chamados e convidados a nos confinar na pequena sala, onde o juiz ainda não está presente. Nós nos sentamos de lados opostos. Claire junto a Mia e eu, além do nosso advogado. Ian e Lorena do outro lado, acompanhados de seu advogado também.

Novamente uma década de espera e o juiz finalmente se faz presente. Ele é um homem sério, provavelmente entrando na casa dos sessenta anos, talvez mais, a julgar pelo grande número de fios brancos entre os seus fartos cabelos castanhos.

Ele está com o traje tradicional de um juiz, uma toga preta e um pequeno colarinho branco. Apesar de já ter prendido muitas pessoas, eu estive em poucas audiências e julgamentos, em nenhuma disputa de guarda, isso é certo. E começo



a ficar nervoso também, enquanto o juiz lê as laudas do processo.

— Estamos aqui para decidir a guarda definitiva, da menor Chloe Anderson. Filha da falecida, Rebecca Sinclair Anderson e de Joseph Anderson, que se encontra na Penitenciária Estadual da Geórgia, condenado a trinta e cinco anos por tráfico de drogas. Alguma correção? — O juiz levanta os olhos, da extensa ficha em suas mãos e espera alguma movimentação, ninguém se pronuncia. — Muito bem, continuando... Joseph abriu mão da guarda, assim como Rebecca; para a sua filha e enteada respectivamente, Amália Anderson Scott.

Olho para Mia e vejo o seu olhar fixo no juiz, tenho medo de que ela desmaie, então aperto um pouco mais a sua mão sob a mesa, antes de voltar a me concentrar no Magistrado outra vez.

— Disputam a guarda da criança, os seus avôs maternos; Lorena Sinclair e Ian Sinclair, assim como a sua irmã paterna; Amália Anderson Scott e seu esposo, Andrew Mathew Scott. — O juiz deixa de lado os papéis que segura e volta toda a sua atenção para nós. — Eu já analisei esse caso e acho a decisão bastante simples, já que sou conhecido por levar em conta apenas o bem estar da criança...

— Senhor, se me permite. Eu gostaria de dizer algumas palavras. — Ian interrompe o juiz, ficando em pé e surpreendendo a todos... quer dizer, a nós, nem tanto. Mas a sua esposa está visivelmente perdida.

— Agora? — o juiz pergunta um tanto aborrecido com a interrupção.

— Sim senhor, — Ian insiste. — por favor.

— Tudo bem, mas saiba que não importa o que diga; nada mudará a decisão que já tomei. — O juiz reforça, enquanto Ian se aproxima com lentidão.

— Não é essa a minha intenção, pelo contrário. Na verdade, eu quero dizer que eu e minha esposa, abrimos mão da disputa, e entregamos de bom grado a guarda total à Mia e seu esposo.

— O quê? — Lorena grita, ficando em pé em sua mesa e parecendo absolutamente horrorizada. — Eu protesto, não concordo com isso.

— Acho que ele não chegou a contar para ela, afinal. — Mia sussurra em meu ouvido, me fazendo rir baixinho.

— Eu acho que não. — Concordo, voltando a me concentrar em Ian.

— Senhora, isso não é um julgamento. Sente-se, ou serei obrigado a pedir que se retire. — O juiz diz se dirigindo a Lorena, que parece tão vermelha de raiva e pronta a entrar em combustão a qualquer instante.

Ela abre a boca para protestar, mas diante do olhar severo do juiz, decide obedecê-lo e senta-se, mesmo que a contragosto.

— Fazendo a vontade da minha filha Rebecca e sentindo uma paz inexplicável em realizar o seu último desejo em vida. — Ian continua, falando com serenidade e olhando para Mia e eu — Apesar das palavras de minha esposa serem contraditórias às minhas, nós abrimos mão da guarda nossa neta.

— Você está certo disso, senhor? — o juiz pergunta a Ian.

— Sim, certíssimo. — Ian afirma de forma sucinta.

— Que bom, porque eu concederia a guarda definitiva para Amália e Andrew. — O juiz diz, com um pequeno sorriso. — Mas foi uma decisão sábia da sua parte. Caso encerrado.

O juiz bate o martelo e sai da sala com rapidez, certamente se preparando para outros casos que virão a seguir.

Olho para Mia e a vejo sorrindo lindamente, enquanto algumas lágrimas escorrem pelo seu rosto. Eu a abraço por alguns minutos, sentindo o meu próprio coração transbordar de alegria. Ficamos assim em silêncio, apenas nós dois sabemos o quanto isso significa. Ter a Chloe para sempre, sem medo, sem insegurança, tendo a certeza absoluta que nada e nem ninguém a levará de nós; nunca.

Eventualmente eu me desvinculo de Mia, deixo a sentada com Claire do seu lado e vou até os avôs de Chloe. Lorena chora, aborrecida, e eu quase sinto pena dela. Se ela não fosse tão arrogante, poderíamos viver todos em paz. Espero que o tempo a amoleça um pouco e a faça enxergar as coisas com mais clareza para o bem de Chloe.

— Muito obrigado, senhor. — Eu digo a Ian, estendendo a mão em agradecimento. — Foi uma atitude muito generosa, nós cuidaremos muito bem de Chloe e as portas da nossa casa estarão sempre abertas para vocês.

— Não precisa agradecer rapaz. — ele não aceita a minha mão, mas me puxa para um abraço — Estou cem por cento certo que tomamos a melhor decisão.

— Fale por você Ian, fale por você... — Lorena murmura aborrecida, enquanto caminha pisando forte até a saída.

— Não se importe com ela. — Ele me diz, ao passar por mim e seguir a esposa. — Eu sei domar essa fera.

— Boa sorte, parece que será um longo caminho. — Balbucio, tentando conter o riso. Ela é realmente uma Bruxa, estou sentindo pena dele.

— Vamos assinar os papéis da adoção, Drew? — Claire me pergunta, parecendo realmente feliz.

Eu sei como ela se sente. Saber que uma criança que sofreu um dia, teve finalmente o seu final feliz, traz a qualquer coração um grande conforto. Eu nunca poderia imaginar no dia em que encontrei Chloe, que o seu lar acabaria por ser o mesmo que o meu. Que aquela criança linda, que se escondia por trás dos cabelos, com medo de todos à sua volta, seria a mesma que me olharia sorrindo e me chamaria de papai. O destino foi muito mais generoso comigo, do que eu acredito merecer. E enquanto eu assino algumas folhas, entregando para Mia fazer o mesmo em seguida; olho para ela e sei que encontrei o maior tesouro de todos.

— Acho que agora eu vou realmente vomitar. — Ela murmura, segurando a certidão temporária de Chloe junto ao peito.

— Eu tenho certeza que você não irá. — A contradigo, segurando a sua mão e a levando até o carro. — Vamos buscar a nossa filha e ir para a casa. Estou de tão bom humor, que posso até pedir aquela pizza maluca que você queria.

— Com queijo extra? — ela pergunta rindo, quando abro a porta para ela.

— Com queijo extra. — Concordo a beijando, assim que me sento em frente ao volante. — Mas não se acostume, será só hoje.

— Você ama as minhas maluquices, Drew.

— Eu amo você, não as suas maluquices. — A corrijo com um sorriso.

Ela me olha sorrindo também, sabendo que eu farei tudo o que ela e a Chloe quiserem, basta apenas que elas nunca parem de me olhar com essa doçura, como se eu fosse um super-herói. E para a minha família eu serei exatamente isso, sempre...



## Trinta e Seis

### Mia

A vida seguiu o seu curso em uma calmaria muito bem-vinda. Estamos na plenitude do verão, dias ensolarados e tardes tocadas pela brisa mais suave de todas. É maravilhoso caminhar por aí sem grandes preocupações, nenhum peso maior do que eu posso carregar. Um milhão de possibilidades, todas felizes. Um milhão de desejos, alguns comestíveis.

Essa é a parte engraçada de tudo isso, apesar de todo estresse e preocupação terem ido embora; eu ainda sentia fome a todo instante e pensava em comida com uma frequência assustadora. Mais ou menos como alguém que esteve no deserto por meses, privado de qualquer *fast food* com muito bacon. Bacon é ou não é, uma das maravilhas do mundo moderno?

Mas tudo bem, eu pensava em comida, porém, não comia tanto assim. Existiam coisas mais importantes a serem pensadas. Como a compra da livraria. Sim; eu Mia Anderson Scott, serei dona da livraria mais linda de Atlanta. Ao menos no meu ponto de vista. Eu me sinto tão excitada com a ideia, sonhando com as inúmeras mudanças e melhorias que eu quero fazer nela.

Esse é apenas mais um, dos sonhos que eu vejo tornar-se real bem diante dos meus olhos. Parece que foi em outra vida totalmente diferente, onde eu acordava todos os dias sozinha, e caminhava até a livraria. Um dos poucos momentos felizes do meu dia seria a minha conversa de dez minutos com o David. E eu economizava cada centavo que pudesse para a minha faculdade de Turismo, que eu nunca quis fazer realmente.

A verdade é que eu acreditava com todas as forças do meu coração que sempre seria apenas eu, sem família, filhos, talvez no melhor dos casos um cachorro ou uma samambaia, já que eu viajaria bastante e poderia pedir a Susan para cuidar dela para mim. Eventualmente eu compraria uma casa, ou um apartamento pequeno. Talvez em algum momento eu quisesse ter um carro, embora deteste dirigir. Esse era o cenário perfeito para a mim, na melhor das

hipóteses, se eu conseguisse realmente cada uma dessas coisas, então eu seria feliz.

Isso era mais do que eu acreditava merecer. Mas cá entre nós, os planos de Deus, ou do destino, chame como quiser; são muito melhores do que os meus. Eu nunca fui tão feliz, eu já disse antes e eu repetirei amanhã e por muito tempo depois disso.

O dinheiro que eu guardei por tanto tempo, foi o suficiente para pagar sessenta por cento do valor que David tão generosamente me propôs. Drew me ajudou com o restante, depois de termos a nossa primeira, e espero última, discussão séria. Eu estava relutante em aceitar algo assim, mais ele é muito persuasivo quando quer e eu cedi, por fim. O que é dele é meu, o que é meu é dele, isso inclui o dinheiro. Essa é a parte mais difícil para mim, mas com o tempo eu me acostumo.

— Parem de correr, meninas. — Digo a Chloe e Julie, que estão comigo na livraria hoje. — Sentem-se em algum lugar e peguem um livro, por favor.

Elas riem, antes de fugirem para o corredor infantil. A creche está em recesso por causa das férias de verão, serão apenas algumas semanas sem aula, e a mãe da Julie e eu estamos nos revezando em cuidar delas. Às vezes, alguma outra criança aparece para brincar também, e eu poderia ficar louca com tanta bagunça, mas estou feliz demais para isso. Além do mais, elas são as duas meninhas de três anos mais lindas do mundo.

— Posso ler esse, tia? — Julie me pergunta ao me mostrar um livro de Charles Dickens.

— Literatura inglesa, escolha interessante... Rio ao analisar o livro. — Talvez você goste de algo mais colorido, com figuras quem sabe?

— Tudo bem. — Ela dá de ombros e me entrega o livro. *Ainda não me acostumei com tanta fofura.*

— Esse é muito legal, Julie. — Chloe diz a ela, enquanto segura a sua mão e lhe mostra o livro de Cachinhos Dourados.

É uma das suas histórias favoritas e ela me perguntou se poderia pintar o cabelo para que ficassem amarelos, como os da Cachinhos. Não posso deixar de rir ao me lembrar disto, e também do seu bico de frustração quando eu lhe disse

não. Além do mais, onde encontraríamos três ursos para nós?

Deixo as duas brincarem e volto a me concentrar na minha arrumação. Eu mudei todo o layout da livraria. Enlouqueci o Drew e o Adam, ao fazê-los mudar os móveis de lugar diversas vezes, até que eu me sentisse satisfeita com o resultando.

Eu encaixotei todos os livros e existem milhares deles, agora preciso colocá-los no lugar novamente. Estou me dedicando a isso há dois dias e já estou exausta, porém, eu sei que valerá a pena quando tudo ficar com a minha cara. As horas passam mais rápido do que eu posso perceber, paro algumas vezes para cuidar das meninas e trocar algumas mensagens com o Drew. Às vezes ele parece um adolescente, me escrevendo besteiras a cada hora. Sinceramente, o nosso país está em perigo com policiais assim.

São quase seis da tarde, quando a mãe de Julie vem buscá-la. Ela é uma jovem mulher, talvez apenas alguns anos mais velha que eu, e muito bonita. Seus cabelos castanhos claros, que antes chegavam até a sua cintura, agora estão um pouco abaixo do ombro. Ela me disse que o cortou por não ter tempo de cuidar dele, com uma criança de três anos e um bebê de dois meses, que absorvem todo o seu tempo e sugam cada gota de sua vitalidade. Palavras dela, não minhas. Entretanto, o sorriso em seu rosto é contrário a sua declaração; ela está totalmente satisfeita com a maternidade.

— Como essas duas bruxinhas se comportaram? — ela pergunta em tom divertido.

— Tão bem que eu diria que elas são duas fadas lindas. — Respondo, piscando para Chloe que já está debruçada sobre o carrinho de bebê.

— Muito obrigada por cuidar da Julie hoje, Mia. — ela agradece, encostando-se ao balcão para olhar as crianças — Eu até consegui tomar um banho de cinco minutos e comer um pedaço de pão.

— Eu acho que você está totalmente disposta, a me desestimular a ter um bebê algum dia. — digo rindo. — Não pode ser tão horrível assim.

— Não é. Eu amo as minhas filhas e não trocaria a minha família por nada. Mas eu também adoraria que o meu marido não fosse um cirurgião que passa vinte horas do dia trabalhando.

— Então é apenas o cansaço, eu posso ajudar sempre que precisar. —

*Embora eu não saiba nada sobre bebês*, completo em pensamento, olhando para o pequeno pacote cor de rosa sorrindo para mim.

— Os primeiros meses são os mais difíceis. — ela diz, jogando o cabelo de lado para sorrir também. — Mas você já deve saber que por nossos filhos, nós sofremos com um sorriso no rosto.

— Sim, eu sei. —Concordo.

— Vamos Julie, se despeça da Chloe e da Mia. Estamos atrasadas. — Ela me dá um beijo apressado e já começa a manobrar o carrinho de bebê para fora da livraria. Talvez ela esteja tomando café demais, ou essa eletricidade toda é natural? — Obrigada mais uma vez Mia.

— De nada, nos falamos mais tarde, Christina. — Consigo dizer antes que ela se vá.

— Tchau, tia Mia. — Julie se despede, esticando os braços para que eu a segure. Seus longos cabelos loiros se espalham por todo o meu ombro. Eu imagino que ela se pareça com o seu pai.

— Tchau, minha linda. — Me despeço com carinho, beijando o seu rosto — Estamos te esperando mais vezes para brincar, foi muito divertido, não foi, Chloe?

— Sim. — Chloe sorri para a amiga e as duas se abraçam. — Tchau, Julie.

— Tchau, Chloe. — ela corre atrás da mãe, seus cabelos balançando ao seu redor.

Eu sorrio para Chloe, quando me abaixo para carregá-la e beijar as sua bochechas gordinhas e rosadas.

— Eu quero um bebê para mim. — Ela pede, tocando o meu rosto. — Quero um bebê igual ao da Julie.

— Você quer? — pergunto rindo e lhe fazendo cócegas. — Receio que não seja tão fácil assim conseguir um bebê.



— Não? — ela pergunta, enrugando o nariz com curiosidade evidente. — A mãe da Julie comeu muito e ficou com a barriga muito grande, depois foi para o hospital e comprou um bebê para a Julie.

— Foi assim que aconteceu? — Exclamo, tentando parecer séria. — Eu nunca soube sobre isso.

— O papai pode comprar um bebê para mim?

— Talvez ele possa, só não agora. — digo a colocando no chão e pegando a minha bolsa — Mas eu posso te comprar um sorvete, enquanto esperamos o papai vir nos buscar.

— Eu quero pipoca. — Ela saltita na calçada, parecendo ter esquecido o assunto do bebê.

— Pipoca. — eu repito olhando ao meu redor, então seguro a sua mão — Veremos o que podemos fazer.



Depois da audiência, eu conversei com Chloe e lhe contei sobre o seu avô Ian. Fiz isso ao lhe dar o grande embrulho de presentes com todos os livros que ele havia comprado para ela. Não sei se ela estava fascinada demais com os presentes, mas ela gostou de ouvir sobre ele e depois daquele dia, falou com ele por duas vezes ao telefone. Mesmo que ela tenha mais ouvido do que falado, foi um grande progresso.

Eu quero que ele seja uma parte da sua vida, porém, ainda quero protegê-la da Lorena, sobretudo porque a *Bruxa* ainda não deu o braço a torcer. Deus sabe se algum dia ela o fará. Chloe voltou a se comportar com a doçura que lhe é tão característica, sem choro ou dificuldade para dormir. Nem mesmo trabalho para tomar banho e comer os seus vegetais ela tem me dado. É como se ela sentisse que nenhum mal a cerca mais, que tudo finalmente ficou bem. Eu só posso sentir meu coração leve, ao vê-la dormir como um anjo todas as noites.

— Como você está? — Drew me pergunta assim que eu entro no quarto, depois de ter colocado Chloe para dormir.

— Bem, um pouco cansada, mas bem. Por quê? — lhe devolvo a pergunta, me sentando em frente a ele na cama.

— Nada demais. — Ele diz tocando o meu rosto brevemente. — Eu tenho uma coisa para você.

— Um presente? — exclamo animada, me virando em direção ao banheiro para onde ele foi.

— De certa forma sim, para mim e para você.

— Estou curiosa. — Falo, olhando para o saco de papel marrom em suas mãos, quando ele reaparece na porta. — Isso não parece um presente.

— O presente vem depois, — ele sorri me entregando o embrulho — abra.

Aceito e seguro o embrulho com um pouco de cautela, agora já não estou tão empolgada, quanto um papel de presente e fitas coloridas seriam capazes de me deixar. Abro devagar e olho o que tem dentro, para fechar o saco e amassar o papel entre os dedos rapidamente.

— Isso não tem graça, Drew. — digo com um sorriso nervoso, ao abrir o saco outra vez e segurar o seu conteúdo, deixando o papel amassado na cama. — Definitivamente não tem a menor graça.

— Não era para ser engraçado. — Ele afirma, mas o seu sorriso mostra o contrário.

— Então? — eu pergunto exasperada, erguendo a caixinha rosa e branca junto ao meu rosto. — O que significa isso?

— Parece óbvio, não é?

— Eu não estou grávida. — articulo cada letra, sentindo a minha mente vagar pelos lugares mais diversos. — Eu não estou.

— Tem certeza? — ele pergunta cruzando os braços e levantando uma

sobrancelha para mim, em desafio.

— Absoluta. O que te levou a pensar algo assim, além do fato de que você me acha gorda?

— Eu não te acho gorda. — Ele ri, vindo até mim — Eu nunca acharia isso.

— É assim que eu me sinto agora; gorda. — Digo rindo em seus lábios, quando ele me beija.

— Grávida. — Ele me corrige com assustadora convicção.

— Drew, pare com isso.

— Seus absorventes estão fechados há mais de um mês no armário do banheiro.

— Isso já me aconteceu antes, por isso eu não me preocupei. É apenas estresse. — pontuo, me afastando para olhar em seus olhos. — E pare de mexer em meus absorventes.

— Eu não mexi neles, eles apenas estão junto com algumas coisas minhas. — Ele me joga na cama e paira sobre mim, um sorriso lindo no rosto. — Seu corpo está diferente.

— Viu só? Gorda... — Reviro os olhos.

— Seus seios estão maiores.

— Eu deveria imaginar que de todas as coisas, essa seria a que te chamaria a atenção. — Falo rindo e batendo em seu braço. — Eu não estou grávida, Drew.

— Por que você precisa ser tão teimosa assim? — ele pergunta, mordendo o meu pescoço.

— Essa ideia me assusta, — confesso. — então irei negar enquanto puder.

— Por que te assusta? Somos nós Mia; você e eu... — ele sussurra entre beijos. — Não precisa ter medo de nada.

Ainda assim, a possibilidade me causa um nervoso frio no estômago. Não um ruim, mas um diferente. Começo a sorrir lentamente, antes de colocar as mãos em seu peito e afastá-lo com gentileza, ficando em pé com a caixinha do teste na mão.

— Se você estiver errado, o que eu ganho por isso? — pergunto com a outra mão na cintura.

— O que você quiser. — Ele replica, se sentando. — Isso vale para mim também, já que tenho certeza de que estou certo.

— Eu tenho medo de, *o que você quiser*, significa. — pronuncio, indo até o banheiro. — Mas tudo bem.

Fecho a porta e encosto-me a ela, fechando os olhos por alguns segundos. Se eu estou tão convicta de que o resultado será negativo, por que o meu coração bate tão descompassado no momento? Meus dedos tremem um pouco quando eu abro a caixinha e a jogo sobre a pia, eu leio rapidamente as instruções e as sigo, me sentindo realmente estranha ao fazer isso.

— Posso entrar? — Drew pergunta, batendo à porta depois de alguns minutos.

— Sim! — murmuro, deixando o teste sobre o balcão e lavando as mãos em seguida.

— E agora?

— Esperamos cinco minutos.

— Você prefere um menino ou outra menina? — ele indaga, se sentando na beirada da banheira e me puxando para o seu colo.

— Eu não estou apreciando o seu bom humor no momento. — Digo olhando fixamente para o teste.

— Você deveria, — ele me aperta um pouco mais, os braços bem firmes ao redor do meu corpo. — pare de se preocupar.

Respiro, esticando os brancos e trazendo o teste mais para perto dos meus olhos.

— Uma listra é negativo. — Explico, segurando o teste e colocando um braço ao redor do seu pescoço.

Os nossos olhos estão fixos no bastão. Não sei sobre o Drew, mas o meu coração está batendo muito mais rápido que o normal.

— Negativo, — balbucio, soltando lentamente o ar. — sinto muito.

—Eu estou enxergando duas listras, — ele me contesta, roubando o teste da minha mão e o olhando mais detalhadamente. — com certeza duas.

Olho para o pequeno espaço branco, onde há segundos, apenas uma listra rosa estava e vejo com perplexidade que outra listra apareceu como mágica. Eu ainda não estou convencida e acho que se fechar os olhos e abri-los outra vez, o resultando será diferente.

— Como isso aconteceu? — eu pergunto mais a mim mesma que a ele.

— O espermatozóide, no caso o meu, fecundou o ovulo, no caso o seu... — olho para ele séria, e ele ri. — Só existe um jeito de isso acontecer, quer que eu te explique? Eu voto por uma aula prática.

— Drew, você não está me ajudando nem um pouco. — digo rindo ou bufando, eu não saberia a diferença agora.

— Nós não fomos responsáveis o tempo todo, e você não quis usar pílula porque...

— Me deixaria inchada e com fome o tempo todo. — Eu completo com voz de derrota.

— Que ironia não é? — ele debocha.

— Eu me sinto estranha. — Me levanto para me olhar no espelho, meus olhos estão maiores que o normal... Eu pareço um cervo assustado, acho que a comparação é perfeita.

Viro-me para Drew e diferente de mim, ele parece muito centrado e com a situação sobre controle. Ao menos um de nós dois está agindo como um adulto, ou quase isso...

— A culpa é toda sua. — Eu sibilo, apontando o meu dedo para ele.

— Cinquenta por cento ao menos, a outra metade é sua. — Ele me devolve, sorrindo, sabendo que eu não estou falando sério.

É claro que não estou brava, estou apenas um pouco chocada, mas eu tenho pelo menos oito meses para me acostumar com a ideia de que teremos um bebê.

—Você parece muito feliz com essa notícia, — me aproximo dele outra vez, tocando suavemente os seus cabelos. — muito, muito feliz.

— Você não está? — ele pergunta beijando a minha barriga, as duas mãos bem firmes em meu quadril.

*Eu estou?* Não sei na realidade, não sou capaz de descrever claramente os meus sentimentos confusos. Mas não estou triste, certamente.

— Estou sim, eu acho... e também um pouco assustada. —Eu confesso quando ele me olha com atenção. — Isso é totalmente inesperado.

— As melhores coisas da vida acontecem quando não planejamos. Foi assim com nós dois, foi assim com a Chloe e será assim com o bebê.

— A Chloe irá adorar a notícia, ela me pediu um bebê hoje. — Conto, sentindo um sorriso genuíno nascer em meu rosto, ao me lembrar da sua ingênua explicação sobre a origem dos bebês.

— Viu só? Ficaré tudo bem. —Drew se levanta me puxando até o quarto, sem parar de me beijar pelo caminho. — Como você se sente?

— Com fome e agora posso comer o que quiser, e colocar a culpa na gravidez.

— Como se você já não fizesse isso sem bebê algum.

— E você terá que fazer todas as minhas vontades a partir de agora. — Continuo falando, escolhendo ignorar seu comentário sobre a minha gula. — Cada desejo maluco.

— Espero que esses desejos se limitem a pasta de amendoim na batata frita ou algum recheio exótico de pizza. — Ele recita, ao se deitar e me puxar para o seu peito.

—Eu acho que o bebê gosta de coisas agridoces, mas eu serei uma grávida boazinha, eu prometo. — Digo beijando o seu queixo — Nada de desejos malucos no meio da noite.

— Você diz isso agora, mas espere até ter vontade de comer goiaba com churrasco ou algo assim.

— Eu não gosto de goiaba. — anuncio, com um careta.

— Mas o bebê pode gostar. — Ele diz, me fazendo rir. — Eu amo a sonoridade que isso tem... *o bebê*.

Ele me beija de forma arrebatadora e embora eu me sinta muito assustada com a ideia de uma gravidez; *desculpe meu bebê, isso vai passar logo*, um beijo do Drew é tudo o que eu preciso para me sentir segura. Eu me assustei tanto com a vinda da Chloe para a minha vida e ela acabou por ser uma das melhores coisas que já me aconteceu. Será assim com você também *meu bebê, eu sei que será*.

Deito a minha cabeça em seu peito e deixo que ele acaricie as minhas costas e cabelo, com carinho. As batidas do seu coração e sua respiração calma; acalmam o meu próprio coração.

— Eu nunca te disse, mas eu te perdoo por ter me acordado aquela noite. — Murmuro, depois de algum tempo em silêncio.

— Que noite? — ele pergunta um pouco confuso, parando de acariciar o

meu cabelo e esperando que eu responda.

— Quando você me ligou e me contou sobre o meu pai. Eu fiquei realmente brava com você.

— Eu deveria ter ido te buscar. — ele diz rindo.

— Teria sido engraçado. — eu falo, deixando meu queixo descansar em seu peito para olhar para ele. — Mas eu cheguei até você de qualquer maneira.

— Nós não poderíamos fugir um do outro, o nosso encontro já estava escrito em algum lugar.

— Eu não teria fugido nem se eu pudesse. — Afirmo com amor em minha voz.

—Eu não teria te deixado fugir, nunca.

Eu me sento em seu colo, ele toca a minha barriga e deixo a minha mão repousar sobre a sua. Um bebê, *o nosso bebê*... Estou começando a gostar da ideia, na verdade eu acho que amo a ideia de estar grávida do homem da minha vida. Principalmente, quando nossos olhos se encontram e eu vejo refletido neles, o amor e a felicidade que os meus certamente possuem... *Seja bem vindo, meu bebê*.





## Trinta e Sete

### Drew

**Mia** e Chloe já estão tomando café da manhã, quando eu entro na cozinha. Nós não conversamos sobre contarmos à Chloe sobre o bebê, então não sei se devo trazer o assunto à tona ainda. Passo por Chloe e lhe dou um beijo, afagando os seus cabelos e ganho um sorriso com bigode de leite em troca. Eu nunca me canso do quanto ela é linda.

— Bom dia. — Mia diz, vindo até mim, me beijando e ajeitando a minha gravata ao mesmo tempo.

— Bom dia. — Replico a beijando de volta e segurando uma mecha do seu cabelo. — Você acordou incrivelmente cedo hoje, por quê?

— Eu estava um pouco inquieta. — Ela sorri, tocando a barriga e me fazendo sorrir também.

— O bebê já está tirando o seu sono antes mesmo de nascer. — Digo baixinho, olhando para a Chloe em seguida. — Você já contou a ela?

— Não, você já ligou para a sua mãe?

— Está ouvindo isso? — coloco a mão na orelha para enfatizar a minha pergunta.

— Não ouço nada. — Ela diz com curiosidade.

— Eu também não, paz é o nome disso e você sabe quanto irá durar esse silêncio depois que eu der a notícia para a minha mãe?

— Apenas o suficiente para ela pegar o primeiro avião e voltar para cá.

— Exatamente, — concordo. — vamos aproveitar enquanto podemos.

— Não seja mal! — ela bate em meu peito e passa por mim, pegando uma xícara no armário.

— Eu estou brincando, ligue para ela quando quiser; acho que ela irá gostar de ouvir a notícia da sua boca.

— Eu ligarei assim que terminar de comer. — Ela promete, quando eu abro o armário também. — Nem um minuto a mais.

— Tudo bem... — dou risada, despejando o café em minha xícara, nem um pouco preocupado. — Você não pode me ameaçar usando a minha mãe.

— Acho que desta vez ela ficará na casa do Joel.

— Jesus; eu também acho. Mas não posso fazer nada a respeito, a não ser comprar uma casa nova.

Ela ri, sempre achando esse assunto o mais divertido de todos. Agora com a vinda do bebê, minha mãe ficará grudada nela como um filhote de canguru, sufocando-a com tantos cuidados e amor em excesso. Veremos por quanto tempo o seu sorriso irá durar.

— Você pode me comprar um bebê, papai? — Chloe me pergunta, quando me sento ao seu lado na mesa.

— O quê? — exclamo um pouco chocado, depois de ter derrubado café quente na minha camisa.

— Eu quero um bebê, igual o da Julie, — ela explica sorrindo — a mamãe me disse que você pode comprar um também.

— Ela disse? — olho com surpresa para Mia, quando ela me estende um guardanapo. — Tenho certeza de que é ilegal comprar um bebê. Você não quer outro urso ou uma bicicleta?

— Não, — ela sacode firmemente a cabeça, parecendo bem decidida. — eu quero um bebê que se mexa e abra os olhos.

— E também chore muito, gaste muitas fraldas e roupas e tenha muita dor de barriga às duas da manhã e não te deixe dormir mais. — Mia completa com o mais brilhante sorriso, como se ela não houvesse acabado de citar o pior pesadelo de qualquer pai.

— Eu posso te dar um bebê. — afirmo, olhando para Chloe quando os seus olhos ficam maiores; isso sempre acontece quando ela está feliz. — Mas, talvez demore uns oito ou sete meses.

— Ah... — é tudo o que ela diz, antes de se levantar, não tão feliz mais.

— Mas você terá um bebê, um muito lindo. — eu a pego no colo, antes que corra para a sala. — Só precisa ter um pouco de paciência.

— Uma menina? — seus olhos brilham mais ainda. Já sabemos que ela descaradamente prefere uma irmã.

Olho para a Mia antes de responder. Ela está se divertindo muito com toda essa conversa.

— Você está muito exigente, menininha. Nós não podemos escolher, temos que aceitar o bebê que nos derem. — Respondo por fim.

— Quem vai nos dar? — Chloe questiona, ela está cheia de perguntas hoje.

— A cegonha eu acho. É ela quem traz os bebês, Mia? — viro-me outra vez para a minha adorável esposa. — Estou um pouco confuso.

— Eu não sei de nada sobre esse assunto, meu bem. — Ela responde com fingida inocência, levantando o rosto por alguns segundos do seu segundo pedaço de bolo. — Além do mais, ela perguntou para você.

— Muito obrigado, meu amor. — Devolvo sem deixar de rir do seu teatro. — Não importa de onde os bebês venham, Chloe. Você terá um só seu.

— A mamãe terá que comer muito e ficar com a barriga muito grande! — ela conta como se fosse uma especialista no assunto.

— Não se preocupe, ela já está fazendo isso. Cuidado ao deixar alguma coisa por perto, porque ela pode comer também.

— Muito engraçado, enquanto isso não acontece, vamos decorar o escritório do papai e transformá-lo no quarto do bebê. — Mia diz me mostrando a língua.

— Claro que eu perderia alguma coisa nessa história. Devo instalar as minhas coisas no quintal? — pergunto, levantando as sobrancelhas.

— Não podemos colocar o bebê no quintal, podemos?

— Não, talvez a ideia de uma casa nova não seja tão ruim assim.

— Eu gosto de morar aqui e estou ansiosa para ter a sua mãe como vizinha. — ela vem até mim e bagunça o meu cabelo, me dando um beijo rápido. — Vamos ligar para a vovó e contar sobre o bebê, Chloe.

— Oba! — Chloe festeja, pulando do meu colo com rapidez. — Vamos.

Dou risada quando as duas correm até a sala e enquanto tomo o meu café, posso ouvir as vozes e risadas, alguns gritos de alegria da Chloe, certamente gerados por alguma promessa da minha mãe. Deus, eu espero que ela não tenha um infarto com tamanha felicidade. Isso é tudo o que ela quer; a casa cheia de crianças.

— A sua mãe quer falar com você. — Mia diz me entregando o telefone, depois de alguns minutos de conversa. — Ela está melhor a cada dia.

Ela se afasta, em um evidente ataque de risos. Respiro, apertando o celular um pouco forte demais.

— Mãe, como vai? — a cumprimento com carinho.

— Andrew meu lindo, você me fez a pessoa mais feliz. — ela me diz

com emoção evidente.

— Que bom mãe. Eu sabia que ficaria feliz. — digo sorrindo, ao pensar nela. — Um bebê é um presente e tanto, hein?

— Sim, um lindo presente.

— Quando você chega? — pergunto, sabendo que nada a manterá na Califórnia após essa notícia.

— Eu já estou arrumando as minhas coisas enquanto nos falamos. — Ela confessa, e para confirmar as suas palavras, ouço o barulho de algo caindo do outro lado.

— Tudo bem, mãe?

— Foi apenas o Joel que derrubou a minha mala. — ela murmura rindo.

— Então vocês estão morando juntos? — sondo e ouço a gargalhada de Mia na sala.

— Ele me pediu em casamento, Drew. Há dois dias.

— Sem falar comigo ou com o Adam? — exaspero sem me conter. — Vocês se conhecem há algumas semanas, onde está o discernimento das pessoas?

— Você não pode falar nada, depois de ter se casado tão rápido. — Ela me repreende, me fazendo rir... *Ponto para você, mãe.* — E ele irá se casar comigo, não com vocês.

— Ainda assim... nós somos os seus filhos.

— Você falou com o pai da Mia?

— Mãe, você sabe que eu não poderia; isso foi golpe baixo. — Balanço a cabeça, incrédulo. — Mas tudo bem, ao menos, me convide para o casamento.

— Claro que sim, meu amor. — Ela grita com alegria. — A vovó está chegando!

Conversamos por mais alguns minutos e eu me despeço com a promessa de ir buscá-la no aeroporto.

Ela chegou dez horas depois.



Os meses seguintes se passaram com uma rapidez quase assustadora, era só piscar e o tempo passava diante dos nossos olhos. O que era bom, porque Chloe estava realmente impaciente diante da necessidade de se esperar tanto para ter o seu tão sonhado bebê. Mia está agora entrando no quarto mês de gestação e tudo corre bem, ela ainda não me enlouqueceu com nenhuma maluquice culinária, embora, ainda continue comendo feito uma doida.

A sua barriga está começando a aparecer, mesmo não sendo tão perceptível para os mais desatentos. Para nós, que sabemos que existe um bebê lá, podemos notar as sutis mudanças. A minha mãe pode ser descrita como a pessoa mais feliz do mundo, e enquanto o bebê não chega; gasta seu tempo fazendo de Chloe a criança mais feliz do mundo. Adam também está muito animado. Por nunca ter estado ao redor de uma grávida, ele está enchendo Mia de perguntas. A interação entre os dois, é a garantia de boas risadas.

— Eu ainda não me acostumei com o fato de abrir a porta para pegar o jornal de manhã, e encontrar a minha mãe me acenando do outro lado da calçada. — Digo a Mia, depois de fechar a porta, em uma manhã de sábado.

— Eu adoro tê-la como vizinha. E será ótimo que ela me ajude, quando o bebê nascer. — Ela me diz sorrindo, com uma coxa de frango na mão.

— Onde você conseguiu isso? — eu pergunto, deixando o jornal sobre a mesa do café.

— Do jantar de ontem.

— Ao menos es quente, deve estar horrível agora. São oito da manhã.

— O bebê não sabe a diferença entre frio e quente. — ela dá de ombros, dando uma mordida na carne fria.

— Exatamente, ele também não sabe a diferença entre uma maçã e um

pedaço de frango. — Eu pontuo, ao roubar a carne da sua mão e trocá-la por uma maçã verde.

— Você é muito mal para mim e você não faz ideia do que é ter vontade de comer coisas, que você jamais comeria em um dia normal. — Ela replica com voz chorosa, o que geralmente lhe concede as suas vontades. Mas hoje não, eu definitivamente não quero vê-la comendo isso agora.

— Você irá me agradecer quando não precisar perder trinta quilos, ou tiver algum problema de saúde. — Profetizo, ao abraçá-la. — Eu preciso ser a voz da razão às vezes.

— Você disse que me amaria do mesmo jeito.

— Claro que eu amaria, eu amarei, sempre. — Recito, terminando com um beijo em sua testa.

Ela se afasta de mim, mordendo a maçã e se sentando à mesa. Chloe dormiu na casa de Joel está noite, minha mãe a incentivou a fazer uma espécie de festa do pijama, com Julie e outras amigas da creche. Eu sinto falta de tê-la no café da manhã.

— Está animada para descobrir o sexo do bebê hoje? — eu pergunto a Mia, ao me sentar ao seu lado.

— Sobre isso, — ela balbucia, deixando a maçã de lado. — eu decidi que não quero saber o sexo, só quando o bebê nascer.

— Verdade? — demando, definitivamente, não esperava por isso. — Eu estou realmente curioso para saber.

— Eu também estou. Você sabe que curiosidade é o meu sobrenome. — Ela sorri, tocando o meu braço. — Mas eu acho que será uma surpresa incrível, algo realmente único.

— Você não quer decorar o quarto, escolher o nome? — eu pergunto, tentando fazer com que mude de ideia.

— Eu não preciso decorar usando apenas rosa ou azul, posso escolher

algo mais neutro e sobre os nomes, podemos deixar algumas opções em aberto.

Ela me parece genuinamente convicta. Na realidade, eu nunca vi tanta determinação em seu olhar.

— Eu posso saber e não te contar? — levanto a possibilidade.

— Se eu souber que sabe, certamente irei tirar essa informação de você. Eu quero esperar.

— Eu gostaria de vê-la tentando, eu sou muito bom em guardar segredos; eu tenho vários. — ela aperta o meu braço com força e me olha com uma careta, por isso, completo. — Sobre o meu trabalho, é claro. Coisas que eu não posso te contar, fique tranquila.

— Sobre todo o resto, você não me esconde nada não é? — ela me pergunta desconfiada. A gravidez a deixou um pouco ciumenta, isso é novo, mas não é algo que me incomode.

— Você sabe a senha do meu celular e quando não estou trabalhando, estou com você. Como eu poderia guardar algum segredo? — pergunto rindo, achando que definitivamente disse a coisa errada. — Estávamos falando sobre o bebê.

— Eu não quero que ninguém saiba, — ela afirma. — vamos esperar; todos nós.

— Eu quero saber, estou muito ansioso.

— Enquanto ele ou ela estiver aqui. — ela fala, tocando a barriga — Eu tomo as decisões, desculpe você terá que esperar.

— Quem é a pessoa má agora? — eu a puxo para o meu colo, colocando a mão sobre a sua. — Tudo bem, nós iremos esperar. Só não me enlouqueça quando mudar de ideia.

— Eu não vou, fique tranquilo. — Ela beija o meu queixo enquanto acaricia o meu cabelo. — Pense em como isso será especial.



Surpresa são legais, sem dúvida. Mas, descobrir o sexo do seu bebê, ainda na barriga da mãe e poder lhe dar um nome; é ainda melhor.

— Eu estou pensando, mas a minha mãe ficará muito decepcionada. — Dizer isso é mais do que um eufemismo. Minha mãe ficará epicamente arrasada.

— Ela irá entender, — Mia sussurra. — eu tenho certeza.

A campainha toca ao final dessa frase, quase como se minha mãe soubesse sobre o que estávamos falando. Eu sei que é ela, antes mesmo de abrir a porta. Ouço a voz de Chloe e do Adam também; ele está aqui quase todo o fim de semana. Para comer ou perguntar a Mia sobre o bebê, eu ainda não encontrei o motivo certo.

— Que ótimo! Você pode dar a brilhante notícia para ela agora mesmo. — Anuncio com diversão, apontando para a porta.

— Que incrível.

Ela ri, correndo para abrir a porta, e ajeitando o seu vestido enquanto anda. Minha mãe entra sorridente, com um prato de bolinhos na mão, seguida por Joel e Adam, com Chloe no colo. Eu já me acostumei com a ideia de que essa é a minha família e Joel foi incluso no pacote, mesmo que eu tenha relutado um pouco no início. Ele é incrível com a Chloe, gentil com a minha mãe e atencioso com a Mia. Posso dizer que ele passou no meu teste.

— Bom dia família. — Adam diz animado, colocando Chloe no chão para que ela venha até mim.

— Oi, meu amor. Como foi dormir na casa da vovó? — eu pergunto, assim que ela pula em meu colo.

— Foi muito legal, papai. — ela diz, beijando o meu rosto — Nós assistimos muitos desenhos e comemos pipoca e sorvete.

— Deve ter sido muito divertido. — eu sorrio a beijando também.

Minha mãe faz todas as suas vontades. Ela é a avó dos sonhos de qualquer criança.

— Hoje é o grande dia! — minha mãe diz, colocando o prato de bolinhos sobre a mesa e batendo palmas. — Eu mal posso me conter de ansiedade, finalmente saberemos o sexo do bebê.

— Sobre isso. — Mia fala, dando uma grande mordida no bolinho de chocolate que minha mãe lhe trouxe. — Isso está maravilhoso, Silvia.

— O que tem sobre isso? Eu esperei por meses. — Adam inquire, pegando um bolinho também.

— Eu quero esperar e saber o sexo no momento em que o bebê nascer. — Mia pronuncia lentamente.

— O quê? — Adam grita, deixando o bolinho de lado.

— Ah, não. — minha mãe completa, colocando a mão sobre o peito.

— Não é tão ruim assim gente, quanto drama. — eu intervenho, já que Mia está mais interessada em comer.

— Não é tão ruim? — Adam pergunta incrédulo — Ela somente destruiu todos os meus sonhos em cinco segundos.

— Eu sou o pai e não estou desiludido desse jeito, pelo amor de Deus, Adam.

— Por que, Mia? — ele a questiona, ignorando o meu comentário — Eu quero poder comprar uma camiseta de beisebol ou uma roupa de princesa para o bebê.

— Não seja tão bobo, você pode comprar uma camiseta de beisebol para ambos os sexos. — Mia pontua, pegando o segundo bolinho. Eu afasto o prato, antes que ela pense no terceiro. — Existem milhares de presentes, você não precisa comprar exatamente uma roupa de princesa se for uma menina.

— Eu estou muito triste, triste mesmo. — ele murmura, voltando a se concentrar no seu bolinho. — Nem a minha avó esperou para saber o sexo e o ultrassom sequer existia quando ela estava grávida da minha mãe.

— Não exagere Adam! — minha mãe o repreende. Ele acabou de chamá-la de velha...

— Eu não mudarei de ideia. — Mia enfatiza, rindo. — Desculpe, mas o bebê é meu.

— Nosso. — Eu a corrijo, fazendo cócegas na Chloe. Que está vidrada na discussão maluca à sua frente. — E da Chloe também.

— É meu também, eu sou o tio. — Adam emenda.

— Como tio, a sua porcentagem é bem pequena, Adam... — eu o provoco.

Ele me olha brevemente, sei se abalar nenhum pouco e então volta a se concentrar em sua comida. Ele está chateado, mas não o suficiente para perder o apetite.

— Estou triste, Mia. — minha mãe diz, tocando a barriga de Mia com carinho. — Mas se esse é o seu desejo, tudo bem, nós iremos esperar.

— Eu irei subornar a enfermeira para descobrir. — Adam completa sorrindo, como se a ideia tivesse acabado de brotar em sua brilhante mente.

— Então eu irei proibi-lo de entrar no consultório. — Mia diz, jogando o papel do bolinho nele.

— Você é a pior cunhada que eu poderia ter. — Ele devolve, vindo até ela e a abraçando. — Mas eu não posso devolvê-la, será que posso?

— Não, mas pode parar de tocá-la. — Digo, deixando Chloe no chão para afastá-lo de Mia.

— Vocês são todos loucos. — Joel balbucia, balançando a cabeça enquanto ri de toda essa maluquice.

Ele é sempre quieto e observador; provavelmente por não ter a oportunidade de falar ao redor da minha mãe e do Adam. Aliás, minha mãe está assustadoramente quieta agora. Mia frustrou todos os seus planos, acho que ela

irá chorar quando chegar em casa.

— O que eu farei nesses cinco meses? — Adam pergunta, sentando-se com o prato de bolinhos no colo.

— Irá apenas esperar. — murmuro.

— Esses bolinhos são para a Mia e o bebê, Adam. — Minha mãe diz com reprovação — Não vá comer todos.

— Eu sou o bebê agora, mãe. Meu coração foi partido pela crueldade da Mia. — ele replica abraçando o prato. Essa cena é dramática até mesmo para os seus parâmetros.

— Você pode bater nele por mim? — Mia me pergunta, quando me abraça.

— Eu posso, mas eu iria machucá-lo, você quer mesmo assim?

— Me machucar? Isso eu gostaria de ver. — Adam diz rindo. — Eu quebraria o seu braço sem nenhum esforço, Drew.

— Ok, vamos para o quintal agora mesmo. — Eu o desafio, estalando os dedos de brincadeira.

—Depois que eu comer. — ele fala, colocando os pés sobre a cadeira da frente. Ele é tão espaçoso. — Mas não pense que eu tenho medo de você.

— Nunca pensaria algo assim. — Afirmo, rindo. — Eu tenho certeza disso.

— O bebê pensará duas vezes, antes de nascer nessa família. — minha mãe murmura, se afastando com Joel para a sala.

— Com certeza a possibilidade de ter Adam como tio, o assusta demais. — Completo.

—Eu gosto do tio Adam. — Chloe exclama, sorrindo para ele.

— Porque você é a pessoa mais inteligente da família. — Adam diz, piscando para ela.

— Você pode me comprar uma roupa de princesa? — ela pede, com animação.

— Para uma menina tão linda como você, eu compraria até duas. — Adam deixa o prato de lado para carregá-la. — Vamos ao shopping hoje.

— Eu quero uma roupa rosa e outra vermelha. —ela recita com alegria, quando eles passam por nós. — Ou azul...

Dou risada, e volto a olhar para Mia quando ficamos sozinhos outra vez. Ela sorri, me beijando rapidamente e encostando a cabeça em meu peito em seguida.

— Tudo bem? — ela pergunta, enquanto eu toco as suas costas.

— Sim, por quê?

— Se você realmente quer saber o sexo do bebê, tanto quanto o Adam; eu posso mudar de ideia.

— Ele estava brincando, você sabe como ele pode ser bobo quando quer. — Eu reforço diante do pequeno tom de preocupação em sua frase.

— Eu sei, mas você não se importa mesmo em esperar? — ela ergue os pés para encostar a testa na minha. — Sei que eu disse que o bebê é só meu, mas ele é um pouquinho seu também.

— Que bom, eu fico muito feliz. — Afasto o cabelo da sua testa, antes de beijá-la. — Mas sério, a gravidez é sua, faça dela o momento mais especial de todos.

— É especial pelo simples fato de ser o nosso bebê, Drew. — Ela sorri em meus lábios. — Obrigada por esperar!

— Eu sou paciente, além do mais, as melhores coisas da vida valem o tempo que esperamos por elas.

— Eu te amo. — ela me beija uma última vez antes de ir para a sala também.

— Também te amo!

*Cinco meses*, eu repito mentalmente, passando a mão pelo cabelo e soltando lentamente o ar. Agora eu sei exatamente como a Chloe se sente. Olho para os bolinhos da minha mão sobre a mesa e apesar de não gostar de doces; esse é um dos momentos em que eu realmente preciso de um.



## Trinta e Oito

### Mia

**Estou** quase dormindo, com a mão de Drew sobre a minha barriga. Esse parece ter se tornado o lugar favorito do meu corpo para ele. E eu amo as suas carícias, principalmente em momentos como esses. O silêncio é bem vindo, essa é uma das melhores coisas sobre se amar alguém, poder apreciar o silêncio. Quando ambos podem se perder em pensamentos diferentes, mas ainda assim estarem conectados.

Os meus pensamentos giram em torno de apenas uma coisa, ou devo dizer alguém? O bebê é claro, não é preciso ser nenhum gênio para saber que a minha mente fervilha com as novidades que a gravidez me trouxe, acho que a do Drew também. A ficha ainda está caindo aos poucos, mas mesmo assim, tenho um sorriso no rosto todas as noites quando passo os minutos antes do sono me vencer, pensando nele. Ou nela, tanto faz, eu não tenho preferências.

Posso sonhar com outra garotinha de sorriso doce e um amor genuíno por balé. Ou com um garotinho de olhos e cabelos escuros, e um sorriso sapeca... Sei que estou matando todos de curiosidade, inclusive a mim mesma. Mas eu quero viver, além da emoção do nascimento, também a emoção de saber o sexo, tudo em um mesmo dia.

É engraçado o quanto eu já amo essa nova vida que pulsa dentro de mim. Eu já deveria saber o quanto é inevitável fugir do amor, mas não vou negar que nos primeiros dias eu me assustei. Eu não queria um bebê tão cedo, já que temos a Chloe, porém, parece que ele... Ou ela, decidiu que era a hora de chegar. Eu já não tenho medo mais e me sinto segura, sabendo que o amor vai me guiar para onde quer que eu precise ir.

— O bebê mexeu. — Digo ao Drew, enquanto me sento com uma velocidade impressionante. Meu cabelo bagunçado cai sobre o meu rosto e eu quase não posso vê-lo, mas sorrio para ele mesmo assim. — O bebê mexeu.

— Eu não sinto nada. — Ele replica, colocando uma mão na minha barriga e a outra afastando o cabelo do meu rosto. — Que pena, eu queria sentir também.

— É muito suave, como uma borboleta batendo as asas. — Explico, direcionando a sua mão para o lugar certo. — O bebê ainda é muito pequeno, logo ele... Ou ela, estará fazendo uma festa aqui dentro.

— Como você sabe qual a sensação de uma borboleta batendo as asas? — ele pergunta, acariciando a minha barriga.

— Eu sinto isso todas as vezes que estou com você ou quando penso em você. Você sabe; borboletas no estômago, o ápice dos apaixonados?

— Você está sentindo isso agora?

— Sim, junto com o bebê. — Digo me inclinado para beijá-lo.

— Então podem ser todas as borboletas que o meu amor lhe causa. — Ele ri, antes de continuar o beijo. — E não o bebê.

— É o bebê, eu tenho certeza. — Afirmo e logo em seguida, dou um gritinho quando o bebê se mexe mais uma vez. — Aconteceu de novo, acho que ele... ou ela, gosta da sua voz.

— Você vai ficar falando *ele ou ela*, até o final da gravidez? — ele coloca as mãos na minha cintura e gentilmente me deita, pairando sobre mim. — Isso é um pouco chato, chame o apenas de bebê.

— É que *bebê* me parece masculino demais e se for uma menina? Podemos ferir os seus sentimentos.

— Então vamos descobrir o sexo, podemos chamá-lo de *Shopie* ou *Anthony* de uma vez.

— São esses os nomes que você escolheu? — pergunto, afastando um fio de cabelo de sua testa.



— Não, foram os primeiros nomes que vieram à minha mente.

— Você não teve uma namorada chamada *Sophie*, teve? —sondo, batendo em seu ombro para que ele pare de morder o meu pescoço.

— Não, de onde você tira essas ideias doidas? — ele indaga, rindo em meu cabelo.

— Eu gostei de um garoto chamado Antony, no colégio. — Pontuo para provocá-lo, embora seja mesmo verdade; mas eu tinha sete anos.

— Verdade? — ele levanta a cabeça para me olhar e eu aceno em concordância. — Então, Antony está fora da lista.

— Você é um bobo, — dou risada, o puxando para um beijo. — nós ainda não estamos discutindo os nomes.

— E sobre saber o sexo do bebê?

—Drew; achei que isso já estivesse resolvido. — Exaspero com uma careta, o fazendo rir.

— Tudo bem. Embora eu pudesse facilmente te persuadir a mudar de ideia, eu não irei.

— Você não pode, mas se fosse tentar, quais armas usaria?

— Meu charme, meus toques, meus beijos. — Ele enumera, puxando o meu lábio inferior entre os seus. — Me aproveitaria da informação sobre as borboletas...

— Mesmo que eu ame o seu charme, seus toques e beijos, e a sensação de borboletas no estômago seja muito tentadora; ainda assim eu não cederia.

— Eu gosto dessa determinação em você e já disse que espero; estou apenas brincando.

Ele sorri, me fazendo sorrir também. Eu tenho a sensação de que estou sempre sorrindo ao seu redor, o simples fato de olhá-lo já é um dos motivos

disso. Então ele me beija com paixão, quase não me dando tempo para respirar uma última vez, antes de roubar o meu fôlego. Seus beijos são urgentes, lábios apressados que me fazem gemer em antecipação. Eu abro a boca ligeiramente, convidando a sua língua a se encontrar com a minha. Quando acontece, pequenos choques atravessam o meu corpo. Desde o meu cabelo, até a ponta do meu pé.

Coloco uma das mãos em seu bíceps, a outra em seu rosto, o trazendo mais perto de mim. Uma de suas mãos está no meu cabelo agora, em um agarre não muito forte, mas o bastante para os seus dedos terem se emaranhado nos fios. A outra mão está na minha barriga, tocando com suavidade e carinho o nosso bebê.

Eu não sinto o seu peso sobre mim, e eu sei que ele tem se atido a isso todas as vezes que fizemos amor, para não me machucar, embora eu duvide que ele o fizesse. Eu amo o fato de que ele é protetor, não só comigo, mas com todos os que ele ama. Drew está sempre atento as minhas necessidades. Eu acho impossível amá-lo mais, mas eu descubro que eu o faço, cada vez que abro os olhos para um novo dia.

Nós nos beijamos por longos minutos, a sua língua entra e sai da minha boca, seus dentes me mordem com suavidade, sem que ele interrompa o beijo. Eu poderia fazer isso para sempre e nem me importaria de nunca mais respirar, mas ele se afasta, me deixando ofegante; então tira a minha camiseta.

Estou sem sutiã, porque eu definitivamente tenho os odiado nos últimos dias. Drew também está sem camiseta, então é fácil que as nossas peles se toquem. Ele é sempre quente e eu quero me envolver em seus braços, me fundir em seu calor. Ele se apoia em seu cotovelo, olhando para mim e tirando o cabelo que caiu sobre os meus olhos. Olha-me por algum tempo, e eu vejo um mundo de sentimentos dentro dos olhos negros que tanto amo.

Volta a me beijar apenas por alguns segundos, antes de abandonar a minha boca e beijar o meu queixo e pescoço. Sua mão está no meu seio, enquanto a sua boca toca o ponto sensível ao lado da minha orelha. Meus olhos estão fechados, enquanto eu viajo por lugares que somente Drew pode me levar, apenas com seus sussurros e carícias. Seus dentes mordem, a sua língua acalma.

— Eu nunca vou me cansar de você, Mia. — ele sussurra em meu ouvido, mordendo a minha orelha.

— Nem eu de você, Drew. — Murmuro beijando o seu pescoço e arranhando as suas costas.

Como eu poderia me cansar de me sentir tão amada? Há tanta reverência em cada toque seu e eu imaginei que a gravidez poderia me deixar insegura, eu já ganhei alguns quilos. Mas basta a forma como Drew me olha, para eu me sentir a mulher mais linda de todas.

Sua boca percorre lentamente a pele do meu pescoço, colo, deixando beijos molhados pelo caminho. Ele para em meu seio esquerdo, a sua proximidade faz a sua respiração me causar arrepios. Ele troca o toque dos seus dedos, pela maciez da sua boca. Eu arqueio as minhas costas, lhe dando pleno acesso ao meu corpo, que anseia febrilmente pelo seu.

Eu quero tocá-lo também, mas estou tão entregue às sensações que ele me causa, sua boca e língua. Meus braços estão abertos, espalmados pelo lençol, meus dedos enroscados no tecido macio sob nós.

Eu abro os olhos, vendo estrelas no teto do nosso quarto, quando Drew abandona o meu seio esquerdo e se concentra no direito, lhe dando a mesma atenção. Beijos, pequenas mordidas, chupões na medida exata para me enlouquecer e desejar mais. Ele desce beijando a minha barriga algumas vezes, com tanta ternura que faz olhá-lo e tocar o seu cabelo com o mesmo amor.

Olhando para a mim, ele contorna o meu umbigo com a língua, uma das suas mãos está em meu quadril, me firmando no lugar, sobre o elástico da minha calcinha. A outra desliza tão devagar para o interior da minha coxa, me pedindo com o olhar para que eu abra as pernas. Eu não poderia lhe negar nada em momento algum, agora muito mesmo. Ele beija o lugar onde suas mãos estiveram na minha coxa e logo depois o meu púbis, ainda sobre o tecido da calcinha.

É a única peça que falta para eu estar totalmente nua diante do seu olhar, mas ele não parece ter presa para tirá-la. Ele continua beijando o interior da minha coxa por alguns segundos, porém eu estou realmente ansiosa para fazer amor com ele.

— Drew. — eu o chamo ofegante, quando ele morde a pele sensível da minha virilha — Venha aqui.

— Por quê? — ele pergunta com a voz divertida.

— Porque eu quero beijá-lo.

Coloco as mãos em seus braços e o puxo para novamente. Ele reluta, mas finalmente está sobre mim outra vez, nossos olhos se encontram; as nossas bocas também. Eu o beijo com toda paixão que posso, tocando a sua nuca e costas.

Sem abandonar a sua boca, tiro a sua calça do pijama com os meus pés, surpreendendo a mim mesma, com tamanha habilidade. Ele faz o mesmo comigo, deslizando a minha calcinha por meu quadril e pernas, ficando de costas e me levando junto com ele, eu monto em seu colo e ele me penetra com cuidado, deixando que eu dite o ritmo em que nossos corpos se mexem. Nós já fizemos isso tantas vezes e de tantas formas, e cada vez é como se fosse a primeira. Drew tem razão, eu nunca poderia me cansar dessa sensação, totalmente completa, totalmente apaixonada.

Ele coloca as mãos no meu rosto e me beija, roubando todos os gemidos que soam dos meus lábios quando alcançamos o êxtase.

— Eu te amo tanto. — Ele recita sem fôlego, a voz rouca de excitação.

— Eu te amo também. — Replico, encostando a minha testa na sua e o beijando — Demais.

Ficamos em silêncio, ainda abraçados, as suas mãos na minha cintura. Minha cabeça em seu pescoço e é quando eu sinto o bebê se mexer com mais força ou serão as borboletas revoltas? Esse é o momento em que elas saem em um voo livre no meu estômago.

— Eu senti o bebê. — Drew diz, me fazendo levantar a cabeça para olhá-lo.

— Sentiu? — me entusiasmo, tocando a sua mão sobre a minha barriga, em um lugar específico onde o bebê se mexeu com muita suavidade.

— Sim, é mágico. — Ele exclama com carinho.

— Essa é a melhor definição. — concordo, sorrindo. — Existe magia entre nós, Drew.

O olhar em seu rosto me diz que ele sabe exatamente sobre o que estou dizendo.



## Trinta e Nove

### Adam

**Não** sei nada, absolutamente nada sobre bebês. A não ser que eu quero muito ter alguns, algum dia. Não eu, a minha esposa... O pensamento de um homem engravidar me faz rir, chamando a atenção de Mia. Eu fiquei com a árdua tarefa de acompanhá-la nas compras do enxoval do bebê. Drew está em Houston a trabalho, minha mãe e Chloe foram ao balé e eu estou gastando meus sapatos e meu tempo com a minha *querida cunhada*. Não; eu ainda não esqueci o quanto ela me magoou ao não me deixar descobrir o sexo do bebê.

— Qual a graça? — ela pergunta, com as mãos na cintura.

— Nenhuma. — Balanço a cabeça, apontando para algumas camisetas no corredor da loja infantil. — Eu gosto dessas, que tal?

— São azuis. — ela pontua o óbvio, depois de olhar a roupa em minha mão. — Sem nada azul, sem nada rosa. Eu já lhe disse um milhão de vezes, Adam.

— Não passaríamos por isso, se você quisesse saber o sexo.

— Me diga, por que o Drew te pediu mesmo para estar aqui comigo? — ela pergunta sem deixar de olhar as roupas de bebê à sua frente.

— Porque você está muito gor... — ela olha para mim, me desafiando a dizer a palavra proibida. — Grávida para dirigir, a sua barriga vai explodir a qualquer momento.

Eu toco a sua barriga com o meu dedo indicador para provar a minha

teoria. Parece uma bexiga cheia demais... E se realmente explodir? Ela revira os olhos diante do meu gesto, eu gosto de provocá-la, como se ela fosse a minha irmã mais nova, e é exatamente o que ela se tornou desde que se casou com o Drew.

— Não seja bobo, eu estou de sete meses ainda. — ela ri, tocando a barriga. — E não estou gorda, pare de se referir a mim desse jeito.

— Eu não disse nada sobre o seu peso, só sobre a sua barriga. — digo rindo também. — Por que precisamos de tanta coisa?

Olho para a cesta que ela tem me feito carregar durante horas, indo para lá e para cá, pegando roupas que parecem iguais as anteriores e acessórios que eu não faço ideia para o que servirão. É apenas um bebê, ele só precisa de fralda e chupeta, talvez um cobertor para ficar enrolado. Entretanto, a Mia precisará construir um quarto apenas para colocar as roupas que compraremos hoje.

— Precisamos pegar tudo o que achamos que o bebê irá precisar. Depois, pegamos coisas que achamos que ele irá precisar eventualmente e então, pegamos mais coisas; apenas porque são lindas e fofas.

— Temos um problema, porque tudo parece lindo e fofo. — falo, erguendo uma toquinha com orelhas de coelho. — Vamos só comprar a loja e ir para casa.

— Que fofo. — ela coloca a mão no peito e vem até mim. — Mas é lilás, veja se tem verde ou vermelho.

— Você me mata, sabia? Se você fosse a minha esposa, eu te arrastaria até o consultório médico, te amarraria na maca e só sairíamos de lá, quando eu soubesse o sexo do bebê. — finalmente eu acho uma toquinha vermelha e a coloco na cesta, com as outras roupas.

— Eu adoraria vê-lo tentar. — Ela debocha, dando de ombros. — Aliás, quando você se casar e tiver um bebê, eu irei persuadir a sua esposa a fazer o mesmo que eu.

— Não irá, porque a minha esposa será uma mulher amável e de bom coração, e ela fará de tudo para me fazer feliz. —Balanço a cabeça,

estremecendo diante da sua promessa. Jesus... Eu me divorciaria na mesma semana.

— Eu faço de tudo para fazer o Drew feliz, — ela para de repente, me fazendo bater em suas costas. — e eu tenho o melhor coração de todos.

— Concordarei com isso daqui vinte anos, quando eu me esquecer de que você não me deixou saber o sexo do bebê. — digo passando por ela.

Uma das simpáticas e atenciosas vendedoras me vê e me dá um sorriso iluminado, artificial demais para me fazer sorrir de volta. Ela é bonita, sem dúvida, e há algum tempo eu lhe daria um segundo olhar, talvez três; mas algo mudou em mim e eu nem sei dizer o que exatamente.

— Você sabe que ela está te paquerando e nem faz ideia se sou ou não a sua esposa. — Mia diz logo atrás de mim, me assustando.

— Eu não tenho uma aliança. — Pontuo, erguendo o meu dedo anelar da mão esquerda. — Já você... Não sei como faz para equilibrar o peso ao andar com esse tijolo no dedo.

— Eu adoro a minha aliança e o meu anel de noivado também. — ela sorri parando ao meu lado — Vá falar com ela então, convide a para sair e lhe diga que eu sou apenas a sua cunhada chata.

— Eu não quero. — digo dando de ombros.

— Você deveria me dizer que eu não sou chata.

— Mas você é; o que posso fazer?

— Você é muito mais. — ela replica, me batendo com um cobertor de bebê.

— E violenta. — Acrescento, esfregando o meu braço no lugar em que ela me bateu. — Como o Drew te aguenta?

— Ele me ama, — ela diz com os olhos brilhantes e um sorriso de canto. — tipo muito, me ama demais.

— Isso é verdade, não posso discordar. — Digo ao abraçá-la. — Eu quero amar alguém assim um dia.

— Você ficou sério. — Ela se afasta, fazendo um gesto com o dedo em minha direção. — Por cinco segundos não era realmente você.

— Só porque sou engraçado, não quer dizer que eu não seja sério. Eu sou muito sério em meu trabalho, e não me considero um bobo por ter bom humor.

— Eu não disse isso. — Mia replica, tocando o meu braço. — Agora diga algo engraçado e volte a ser o Adam que eu conheço.

— Isso não funciona assim, precisa ser algo natural.

Ouçõ a sua risada quando caminho até outro corredor e a deixo para trás. Por mais quarenta minutos, Mia me fez andar feito um louco, e ajudá-la a escolher até mesmo a cor e o modelo das meias do bebê. Não seria infinitamente mais fácil escolher tudo rosa ou azul, talvez uma variação de tons vindo dessas cores? Mas ela quis apenas complicar tudo e me enlouquecer no caminho. Estou achando que o fato de Drew ter uma viagem para Houston marcada para ontem, foi apenas uma desculpa para ele escapar da grávida doida.

— Estou com fome. — Ela me diz, quando a vendedora sorridente nos entrega as sacolas.

— Merda, eu também estou. Posso comer um dinossauro.

—Não xingue perto do bebê. — Pede, colocando as mãos em concha sobre a barriga; como se protegesse as orelhas do bebê. *Ele já tem orelhas?*

— Merda não é um xingamento, — me defendo. — até os padres dizem isso.

— Não diga na frente da Chloe, ela irá repetir por semanas.

— Eu nunca disse. — Afirmo, cruzando os dedos atrás das costas. Talvez eu já tenha dito, *uma ou duas vezes*.



Mia já está na porta, quando a vendedora me entrega a nota da compra com o seu número de telefone junto, e um sorriso cheio de promessas no rosto. Eu aceito a nota, mas dispenso o papel com o número, lhe murmurando um simples obrigado em seguida. Ela não ficou muito feliz.

— Você estava certa, a vendedora me deu o número de telefone dela. — Conto a Mia, quando começo a andar ao seu lado. — Eu realmente poderia ser casado.

— Se fosse o Drew, eu teria pulado do outro lado do balcão e batido nela. — Ela ri, estourando uma bola de chiclete. — A gravidez me deixou muito ciumenta.

— Eu não aceitei o número e Drew certamente não aceitaria também. Ele me deu tantas recomendações sobre você, que tenho medo de que se você voltar para a casa com um fio de cabelo fora do lugar, ele me bata. — Murmuro, com uma careta. — Foi muito mais fácil emprestar o seu vídeo game.

— Não me compare com um vídeo game.

— Você não sabe o valor que um vídeo game tem para um homem, ou o seu carro; é um valor inestimável, Mia. — falo balançando a cabeça em reprovação.

—Você sabe o que ele foi fazer em Houston? — ela me pergunta, quando nos sentamos na praça de alimentação do Shopping.

—Você dorme com ele, então se não sabe; eu fatalmente não saberei.

— Acho que era algo confidencial, foi o que ele me disse.

— Algo sobre um cartel de drogas.

— Será que é perigoso? — ela pergunta com preocupação, alisando a barriga.

— O Drew é muito bom no que faz. Você já o viu atirando? Ele pode acertar um alvo a quilômetros de distância e em movimento. — Recito com orgulho, eu definitivamente acho o máximo ter um irmão policial.

— Eu nunca o vi atirar, mas já vi a sua arma. — Ela balbucia por de trás do cardápio. — É uma arma muito bonita.

— Não fale sobre a arma do meu irmão para mim. — Dou risada, afastando o cardápio do seu rosto.

— Você é louco, eu estava falando sobre a arma realmente. — ela replica, não deixando de rir também.

— Você está vermelha, acho que pensou em outra coisa.

— Cala a boca. O que nós vamos comer?

— Tudo o que tiver no cardápio, duas vezes.

— Nós somos tão parecidos agora, só pensamos em comida. — ela diz me soprando um beijo.

— Eu penso em outras coisas também, mas comida é a melhor delas.

Eu acho que ela gosta do fato de que eu a vi pedir duas porções de batatas fritas com cheddar e bacon extra, e não lhe disse nada, talvez porque eu tenha feito o mesmo. Além de hambúrgueres e milk shakes de chocolate. Eu direi ao Drew que ela comeu uma salada verde com suco de laranja, ele pode ser muito chato quando o assunto é esse. Mas qual é a graça de se estar grávida e não poder comer o que se tem vontade?

Quando a minha esposa engravidar, eu a deixarei comer o que ela quiser; talvez até cozinha para ela e coma junto tudo o que tivermos vontade. Podemos emagrecer juntos depois.

— O bebê não para de mexer, ele adora fast food, mas não conte ao Drew.

— Claro, como se ele já não soubesse que o *bebê* gosta de fast food. — Debocho, porque é óbvio que o bebê não tem culpa alguma de sua gula.

— Mas o bebê gosta mesmo. — Ela reforça, sem vergonha alguma.

— Eu não contarei e acho que é ela, uma menina. — Digo, roubando uma batata do seu prato.

— Não roube comida da grávida. — Ela me ameaça, tentando me espetar com o garfo. — Você achava que fosse um menino há duas horas e fica mudando de ideia o tempo todo.

— O que o seu coração de mãe lhe diz?

— Que é um menino, como o Drew. — Suspira, dando uma grande mordida em seu hambúrguer. Fico com medo de que ela coma o próprio dedo sem perceber. — Você quer ter filhos?

— Sim, ao menos dois. — Respondo. — Mas primeiro preciso conhecer a mãe deles, e essa parece a parte mais difícil.

— Ela está por aí, em algum lugar e quando menos esperar, irá conhecê-la.

— É um pensamento muito romântico. — Digo, me encostando ao assento para olhá-la melhor. — Não sei se eu realmente acredito nisso.

— Foi assim comigo e com o Drew. — Ela relembra. — Será assim com você também.

— Quem sabe. — dou de ombros, olhando ao redor.

— Você já se apaixonou de verdade? Drew me disse que você costumava namorar muito.

— Eu namorei muito e fui apaixonado por cada namorada que eu tive. Eu só tenho um grande azar quando o assunto é amor.

— Eu acho que você se apaixonou muitas vezes, mas não amou de verdade em nenhuma delas. — ela se aproxima da mesa, me observando com olhos curiosos. — Por que os seus namoros terminavam a maior parte do tempo?

— Tudo começa bem, eu me dedico quando estou apaixonado, posso ser

o namorado perfeito sem nenhum esforço. — Murmuro sorrindo, diante da sua sobrançelha levantada. — Eu posso, não serei modesto agora.

— Você nunca é modesto, Adam.

— Realmente. — Não a contradigo.

— Então a culpa é da mulher que se relaciona com você? Será que estou diante do *Senhor Perfeito*?

— Eu não disse isso, só disse que eu me esforço. Acontece que o amor é como uma chama acesa, só que a minha sempre se apaga.

— A minha está muito acesa. Drew não a deixa se apagar nunca. — Ela exclama, rindo e eu jogo uma batata nela. — A chama do amor seu idiota, foi você mesmo que usou essa metáfora.

— Que seja. — Replico, rindo também. — De qualquer forma, voltemos ao consultório sentimental e ao assunto da minha vida amorosa fracassada.

— Eu não acho que seja fracassada. Acho que você usa desculpa para ser um mulherengo.

— Que ofensa, Mia. — Coloco a mão sobre o peito para fingir estar machucado. — Eu sou romântico e quero uma família, assim como a sua.

— Por favor, não fique solteiro para sempre, meus filhos precisam de primos e eu quero ser tia de alguém também.

— Se você se sente assim, imagine eu. — Digo um pouco alto a fazendo rir.

— Talvez hoje seja o seu dia de sorte.

— Por quê?

— Não olhe agora, mas tem uma moça muito bonita logo à direita, que não para de te olhar. Pode ser a sua chance.

— *Humm*, com muita discrição, a descreva para mim. — peço, batendo os dedos sobre a mesa.

— Morena, cabelos até os ombros, não posso ver o corpo, mas ela parece alta, olhos azuis... — ela para e bebe um pouco de milk shake, antes de continuar. — Um batom vermelho e um sorriso muito bonito.

— Parece a minha ex-namorada. — digo, me virando sutilmente. — E é a minha ex-namorada.

Olho para Julie, me acenando a três mesas de distância. Ela parece muito feliz em me rever, bem diferente da última vez em que nos encontramos e ela me chamou de *idiota presunçoso*. Devolvo o seu aceno com menos empolgação e volto a me ajeitar em meu assento.

— Ela parece legal, — Mia me diz. — por que vocês terminaram?

— Ela falava demais.

— Todas as mulheres falam demais. A sua mãe, eu... você.

— Engraçadinha. — revira os olhos para ela e volto a olhar para o meu celular. — A voz dela é irritante, estridente e eu não aguentava ouvi-la por mais um segundo sequer.

— Você parece o personagem de *Jack Black* em *O Amor é Cego*, ele colocava defeito em todas as garotas apenas para não se envolver profundamente. — ela pontua, também mexendo no celular. Acho que Drew nos mandou a mesma mensagem. — Acho que você tem medo de se envolver.

— Você está falando com o cara que pensou em pedir as três últimas namoradas em casamento. Eu ainda tenho o anel guardado. — coloco o celular sobre a mesa e os meus cotovelos também.

— Tudo isso para quê? Desistir na primeira oportunidade que teve? — ela pergunta de forma desafiadora. — E usando os piores argumentos do mundo, Adam. Você é mais esperto do que isso.

— Não é uma desculpa, mas eu só acho que quando amar alguém, até

mesmo a sua voz irritante irá me fazer feliz.

— Você deve sair da sua zona de conforto, olhe para alguém que jamais olharia, tente algo novo.

— Um homem? — eu pergunto chocado. — Porque eu já tentei as ruivas, loiras, morenas, negras... Orientais, ainda não...

— Alguém com essência e alma. — Ela me interpela. — Personalidade seria bom também.

— Quanta arrogância, por que você acha que as mulheres com quem me relacionei não tinham tudo isso?

— Algo me diz que você escolhe alguém que não vai te dar trabalho algum. — Ela fala ao se levantar e segurar algumas das nossas sacolas. — Alguém que você pode dispensar com uma desculpa qualquer. Arisque-se, Adam.

— A gravidez não só te deixou ciumenta, mas doida também.

Ela balança a cabeça passando por mim, mas mesmo sem ver o seu rosto, eu sei que está sorrindo. Drew me mandou uma mensagem, dizendo que já está em casa. Eu sei que ele está louco para ver a Mia e certificar se eu cuidei dela direito. Não que ela precise que alguém faça isso. Na verdade, eu acho mais fácil que ela cuide de mim do que o contrário, mas Drew é super protetor e eu não posso culpá-lo; o amor faz isso com as pessoas.

Dirijo em silêncio, pensando nas palavras de Mia, enquanto ela troca mensagens com o Drew. Eles se comportam como adolescente, às vezes.

Talvez exista um fundo de verdade no que ela me disse. Mesmo inconscientemente, eu sempre me envolvi com pessoas fúteis e algumas vezes já pensando na desculpa que daria quando fosse terminar. Eu nunca lutei por alguém, a primeira briga me fazia desistir, o defeito mais bobo me fazia torcer o nariz. Mas por quê? Se eu realmente quero uma família, alguém para o meu mundo girar ao redor, alguns bebês para eu encher de roupas fofas... Isso não faz o menor sentido para mim.

Mas farei o que a Mia disse, olharei ao redor com novos olhos e uma nova atitude diante de um relacionamento. Eu não direi a ela é claro; não quero que saiba que estava certa sobre isso.

— Eu gostei da nossa tarde de compras, Adam. — Mia murmura sorridente, quando eu estaciono em frente a sua casa. Drew já está na porta nos esperando. Ele não lhe dá uma folga.

— Eu também gostei! Apesar de você ter me enlouquecido com as cores da roupa do bebê. — Digo para irritá-la. — Foi divertido.

— Se eu tivesse um irmão mais velho, gostaria que fosse igual a você.

— Claro que gostaria, eu sou o melhor irmão do mundo. Pergunte ao Drew.

— Pergunte o quê? — ele já está ao lado do carro, abrindo a porta para Mia.

— Se eu sou ou não sou, o melhor irmão do mundo. — Saio do carro para ajudá-lo com as sacolas.

— Eu não tenho ninguém para comparar. — Ele ri ao beijar a Mia — Eu senti a sua falta, meu amor.

— Eu também senti. — Ela replica, ao beijá-lo também.

— Jesus... — estremeço, levando as sacolas sozinho, só para fugir logo dali.

Deixo as sacolas na entrada da sala e olho rapidamente para a entrada da casa de Joel, não vendo o seu carro na garagem. Sinal de que minha mãe e Chloe ainda não voltaram do balé. Eu gostaria de dizer adeus a elas e dar um beijo na minha sobrinha linda, mas não posso esperar, correndo o risco de ver esses dois juntos, aos beijos.

— Já estou indo. — digo dando um beijo de despedida em Mia.

— Vocês compraram a loja toda? — Drew pergunta, apontando as sacolas aos meus pés.

— Não tem tanta coisa assim, que exagero. O bebê precisa se vestir. —

ela replica, indo até a cozinha.

— O que mais vocês fizeram? — ele cruza os braços e se encosta à parede, esperando a minha resposta.

Olho para Mia, que já voltou para a sala, com uma garrafa de água nas mãos e um olhar atento no rosto.

— Nós comemos, é claro. — Pronuncio lentamente. — Eu não posso sair de casa e não comer alguma coisa.

— Você não pode ficar em casa e não comer alguma coisa. — Ele ironiza, se divertindo com esse fato. — Mas vocês comeram algo saudável?

Saudável? Tenho vontade de revirar os olhos, Drew é um tanto quanto obcecado com o que é ou não saudável. Ele simplesmente não entende que às vezes, o saudável não traz felicidade.

— Sim, tinha alface no nosso hambúrguer. Leite em nosso milk shake e se eu não me engano; batata é um legume, não é? — Rio, diante da descrença da Mia.

— Adam! — ela grita, jogando a garrafa em mim, por sorte eu desviei... *Meus reflexos estão ótimos.* — Você disse que não contaria.

— Não peça para ele não me contar algo. — Drew diz, virando-se para ela.

— Controle a sua mulher, ela podia ter me machucado. — pego a garrafa de água do chão e saio da sala.

Paro em frente à porta fechada e abro a garrafa, tomando um longo gole da água gelada. Mia puxa a cortina da sala e olha para mim de forma ameaçadora, me mostrando a língua em seguida.

— Tchau, irmã mais nova. — Pisco para ela, quando abro a porta do meu carro.

— Eu não quero um irmão como você. — Ela grita, mas sem deixar de



rir. *Ela é uma graça...*



Quarenta

Mia

**Dor...** Eu me achava imune a ela. Uma vez quebrei uma taça em meu antigo emprego, e ao recolhê-la do chão, cortei a minha mão. Eu precisei de quatro pontos, e a sensação da agulha em minha carne foi realmente angustiante. Achei que aquilo havia doído como o inferno e fosse o ápice de toda a dor que eu já provei na vida. Até bater o dedinho do meu pé no sofá. Por que aquilo dói tanto? Eu cheguei a ver estrelas.

Então eu me preocupei nos últimos meses com a dor do parto, já que eu não aguento uma simples pancada no dedo. Li muito a respeito disso, assisti a alguns vídeos, e até pensei em um parto na água. Parece tão tranquilo... Até descobrir que eles são cem por cento naturais e bem, eu quero alguns analgésicos; uma peridural também será bem vinda. Eu não sou tão corajosa assim para encarar um parto sem nenhuma droga, lícita, é óbvio.

Talvez eu faça isso em minha segunda gravidez, quando eu souber qual o grau da dor que preciso enfrentar. Agora é tudo novo, estou em terras nunca antes habitadas. O bebê está grande, a obstetra me disse em minha última consulta, mas ela me disse também que eu sou perfeitamente capaz de ter um parto normal. Eu até prefiro isso, quando eu penso em alguém cortando a minha barriga e me costurando depois e como vai doer quando a anestesia passar; tudo me assusta... *Eu sou uma covarde completa.*

— Drew... — eu o chamo, tentando me sentar na cama. A minha barriga está enorme. Chloe tinha razão; ela ficou muito grande. — Você está dormindo?

— Sim. — Ele murmura no travesseiro, mas posso ouvir o sorriso em sua voz.

— Eu me sinto estranha. — Afirmo com a mão na barriga, quando uma

pontada de dor atravessa o meu ventre.

— Defina *estranha*. — Ele pede, ainda sem levantar a cabeça.

Respiro, apalpando a minha barriga e estranhando o quão rígida ela está agora.

— Algumas pontadas nas costas e estou com um pouco de cólica. A minha barriga está doendo.

— Agora você sabe que não foi uma boa ideia comer toda aquela torta de maçã no jantar.

— Não é por isso. — Replico, batendo em seu braço. — Acho que estou em trabalho de parto.

— Você acha? — ele pergunta, ficando sentado e parecendo totalmente desperto, em segundos.

— Eu acho. — Confirmo, rindo. — Não quer dizer que o bebê irá nascer agora, eu li que o trabalho de parto na primeira gravidez leva horas.

— Ok... — ele balbucia, pegando o travesseiro do chão e passando a mão pelo cabelo, repetidas vezes. — Fique calma!

— Eu estou... — afirmo, colocando os pés no chão com cuidado. — Ao menos agora... Diga-me isso daqui algumas horas.

— Tudo bem, — ele ri, me ajudando a calçar os meus chinelos. — vou ligar para a minha mãe e pedir que ela venha ficar com a Chloe.

Ele me dá um beijo rápido, tocando a minha barriga, antes de ficar em pé e procurar o celular pelo quarto. Eu demoro alguns segundos para lhe dizer que está sobre a cômoda à nossa frente.

Então, eu dou risada enquanto o vejo falar com a mãe ao telefone. Posso ouvir a voz dela do outro lado da linha. Ela grita tanto, que Drew precisa afastar o celular do rosto diversas vezes.

— Você ouviu, ela está vindo. — ele me diz, depois de desligar. —

Vamos torcer para que ela não caia da escada, ou resolva pular a janela para chegar mais rápido.

— Drew. — eu balanço a cabeça rindo, mas mudo de ideia quando sinto uma pontada nas costas. — Não me faça rir.

— É melhor do que chorar. — ele segura a minha mão e me ajuda a ficar em pé.

— Eu espero não chorar, a não ser que seja de alegria.

Ele me ajuda a trocar a minha camisola de algodão por um vestido de gestante, um do qual eu espero me livrar assim que o bebê nascer. Eu não engordei tanto, os doze quilos que ganhei nos nove meses, estão basicamente concentrados em minha barriga e seios. Mas eu me sinto inchada como um balão, e me arrependo por não ter sido saudável como o Drew queria que eu fosse. Embora, eu ache que comeria as mesmas coisas, se pudesse voltar no tempo. Para ser sincera, estou com fome agora mesmo.

— A minha mala está no fundo do armário e as coisas do bebê estão no quarto, na bolsa branca ao lado do berço. — Explico ao Drew, quando ele termina de se vestir e eu penteio os cabelos. — E pegue o cobertor vermelho, eu quero levá-lo também.

— Onde ele está? — ele pergunta já na porta.

— Na segunda ou terceira gaveta da cômoda, — pondero, mordendo uma das unhas. — talvez na quarta.

— É melhor eu procurar em todas as gavetas, só para garantir.

— São muitas coisas para me lembrar. — Sussurro para mim mesma, quando me vejo sozinha. *Meu Deus... O bebê vai nascer!*

Depois de meses de espera, eu o terei em meus braços. São tantas preocupações e dúvidas. Os mesmos medos que eu vivi e ainda vivo com relação à Chloe, intensificados ao quadrado.

Drew e eu fizemos um curso de pais, e eu tenho vontade de rir ao me lembrar do quão desajeitado ele é. Quase afagou a boneca ao simular o banho e

teria deixado um bebê de verdade cair do trocador. Mas, o seu envolvimento com a gravidez e os cuidados com o bebê, tocaram o meu coração de manteiga.

Eu não posso dizer que sou a pessoa mais habilidosa quando o assunto é trocar uma fralda também, levei alguns dias para aprender. E eu espero não deixar o medo de machucar o bebê tomar conta de mim, quando eu precisar fazer isso às duas da manhã e estiver muito, muito cansada.

— Minha mãe já está na porta. — Drew me diz, parando em nosso quarto outra vez — Consegue descer sozinha?

— Você me carregaria se eu dissesse que não?

— Eu te ampararia. — ele esclarece calmamente, e diante do meu olhar sério completa. — Tenho medo de tropeçar e cair com você.

— Isso não tem nada a ver com o fato de que você me acha pesada demais? — indago, passando devagar por ele.

— Claro que não, você é leve como uma pluma. Mas vamos ser cautelosos.

— Você é um mentiroso! — dou risada, quando estou na porta do quarto da Chloe. — Leve as bolsas para o carro, eu quero me despedir da Chloe antes de ir.

— Tudo bem.

São quatro e meia da manhã, e Chloe está no auge do seu sono. Acho quase impossível que ela acorde enquanto abro a porta do quarto, mesmo assim, eu o faço da forma mais vagarosa possível. Ela derrubou o lençol durante o sono e está esparramada na cama agora. É uma sorte que ela não tenha caído no chão também.

Silvia e Joel a pegaram na creche ontem à tarde e eles passaram horas no parque, junto com o cachorro de Joel. Ela chegou em casa acabada, e caiu no sono depois do jantar. A julgar pela agitação em seu sono, Chloe está sonhando que ainda está no parque, correndo com Alec.

Eu me sento ao seu lado, tentando ser invisível e não acordá-la. Toco o seu rosto e tiro o cabelo espalhado em sua testa.

Tudo vai mudar agora. Quando eu voltar para casa novamente, Chloe

será uma irmã mais velha. Como eu fui para ela um dia, por pouco tempo, é claro. Estávamos destinadas a sermos mãe e filha.

Espero que ela goste do bebê, mesmo se não for uma menina como ela quer. Ela se mostrou um pouco ciumenta com a minha barriga nos últimos meses e impaciente, devo ressaltar. *Que espécie de bebê é esse, que demora séculos para nascer?*

A presença de Silvia e Joel foi fundamental. Os dois se desdobraram em fazer Chloe se sentir amada e tendo a certeza de que outra criança em nossa família, não mudará nada. O amor não será dividido e sim somado. Eu aceitei algumas de suas manhas e fiz as suas vontades, algumas vezes. Drew também. Apenas um dos seus desejos não foi realizado e isso a frustra imensamente; ter um cachorro.

Adam, como o tio *adorável* que é se ofereceu para comprar o cachorro que ela quisesse. Silvia também. Joel até poderia lhe doar o seu próprio cão, embora pareça gostar bastante dele. Contudo, Drew e eu não queremos um animal agora. Talvez quando o bebê tiver uns dois anos ou mais. Diga isso a uma criança de quatro anos e ganhe lágrimas como resposta. Ela chorou durante horas em sua festa de aniversário, pois nenhum dos embrulhos que ganhou continha um filhote fofo de cachorro.

— Mamãe! — ela balbucia sonolenta. Os olhos parcialmente abertos.

— Não precisa acordar meu amor. — Digo, beijando o seu nariz. — Papai e eu estamos saindo agora para buscar o seu bebê. A vovó está lá embaixo.

— O bebê? — ela pergunta, com os olhos totalmente abertos agora. *Bebê* é uma palavra mágica. Só *cachorro* teria um efeito melhor.

— Sim. Chegou a hora de trazê-lo para casa — Anuncio sorrindo. Espero estar certa, se for um alarme falso ela ficará decepcionada.

— Como ele vai sair da sua barriga? — ela demanda com curiosidade.

Meus olhos viajam para o mesmo ponto em que os seus estão agora, em minha imensa barriga.

— Mágica... Lembra quando assistimos na tevê um mágico tirar um coelho da cartola?

— Sim. — Ela concorda. — O médico é mágico também?

— Eu espero que ele seja. — Ofego, quando sinto uma pontada nas costas. *Isso é realmente estranho.* — Eu espero que ele seja um ótimo mágico.

— O bebê quer sair da sua barriga. — ela ri, quando o bebê se mexe e fica bem perceptível através da minha pele e do tecido fino do meu vestido.

— Ele quer muito te conhecer, ele fica ouvindo a sua voz e imaginando como você é. — Murmuro, tocando o seu rosto. — Diga para ele se apressar, porque você está ansiosa.

— Venha logo bebê. — Ela diz, encostando o rosto na minha barriga.

O bebê realmente gosta da voz de Chloe, mas ele gosta mais ainda da voz do Adam. Talvez porque tenha sempre uma nota de humor em tudo o que ele diz. Drew fica muito bravo com esse detalhe, e eu só posso rir e me aproveitar dessa situação a meu favor. Disse a ele, que irei chamá-lo quando o bebê não parar de chorar às três da manhã.

— O carro está ligado, Mia. — Drew diz, parando à porta. — Você acordou meu amor.

— A mamãe disse que vai trazer o bebê hoje. — Chloe fala, saltando da cama para os seus braços. — Não é muito legal, papai?

— Muito. — Ele concorda, piscando para mim. — Finalmente o seu bebê vai chegar e nem demorou tanto assim.

— Demorou sim. — Chloe replica, com um bico fofo. — O bebê da Julie já está crescendo.

— O nosso crescerá também, isso não pode ser mudado. — Drew lhe explica com carinho.

— Quando ele crescer, nós podemos ter outro bebê? — ela pergunta, nos fazendo rir.

— Não tão cedo. — Intercedo, porque um novo bebê não está nos meus

planos atuais. — Você sabe como eles demoram a ficar prontos e eu não quero ficar barriguda durante muito tempo.

Drew ri e Chloe não parece satisfeita com a minha resposta, mas eu passo por eles e começo a descer até a sala, com a lentidão de uma tartaruga com o peso de um elefante. Desde o oitavo mês, quando a minha barriga começou a pesar mais, tenho alimentado o desejo de morar em uma casa térrea.

Silvia está na sala, ainda com o seu pijama e um robe de flanela colorido. Eu poderia rir do seu cabelo bagunçado, se não estivesse sem fôlego agora.

— Mia, eu estou tão feliz. — Ela diz emocionada — Nosso bebê vai chegar.

— Não me faça chorar antes de sair de casa. — digo a ela, quando ela me abraça... Ou tenta me abraçar.

— Eu estou emocionada e tão, tão feliz. Você nunca saberá como é a sensação, até que tenha os seus próprios netos.

— O que demorará uma eternidade, já que a Chloe só terá filho aos quarenta. — Drew pontua, descendo a escada com Chloe no colo.

— Não era aos trinta? — Silvia pergunta, tirando Chloe do seu colo.

— Eu acrescentei dez anos, só para garantir. — ele diz sorrindo descaradamente.

— Ok, primeiro vamos nos preocupar com esse bebê aqui. — Falo, apontando para a minha barriga — Podemos ir, Drew? Antes que eu me deite nesse sofá e você precise chamar um guindaste para me levantar.

— Foi um pouco dramático, meu amor. — Ele me censura, segurando a minha mão. — Mas o que eu poderia esperar da sua convivência com a minha mãe e o Adam?

— Eu tenho livre arbítrio para ser dramática agora.

Despeço-me de Chloe e Silvia com um beijo, e olhando uma última vez para a minha sala, faço uma prece silenciosa para que a próxima vez que eu pisar



aqui, seja com o meu filho... Ou filha nos braços.

O trajeto até o hospital é feito em silêncio. Ficar quinze minutos sentada no carro, é pior do que estar em pé. Isso porque as minhas cólicas e a dor na lombar se intensificaram consideravelmente. A minha bolsa ainda não rompeu, mas esses sinais me fazem ter certeza de que o bebê está mesmo chegando. Eu tento manter a calma, quando sorrio para Drew e saio do carro.

Não quero me sentir ansiosa, quando estamos na recepção e dezenas de grávidas passam por nós, algumas aos gritos. Eu estou ficando com medo, à medida que a enfermeira de plantão nos leva para o quarto. Ela me diz para trocar o meu vestido e colocar a camisola hospitalar que ela me deu. Drew me ajuda, com uma calma e confiança no olhar, que acalma o meu coração; mesmo que apenas um pouco.

Eu não sei o que esperar a partir de agora. O bebê pode nascer em duas horas ou em dez. Não sei se sou capaz de esperar tanto tempo assim. A enfermeira mede os batimentos do bebê, a minha pressão e depois de uma série de perguntas, me diz o óbvio:

*Sim, estou em trabalho de parto. Sente-se aí e espere que o bebê escolha a hora de nascer.* Foi exatamente o que ela me disse. Não gostei dela e acho que teremos problemas até o nascer do sol. Além disso, ela não parou de olhar e sorrir para o Drew, como se ele fosse o paciente e precisasse da sua atenção, e não eu.

— Tudo bem? — Drew me pergunta, quando ficamos sozinhos no quarto.

— Sim, tudo bem. — Digo, me esparramando na cama. Eu ainda estou com sono, mas a dor que começa a se intensificar, com certeza não me deixará dormir. De qualquer forma, eu fecho os meus olhos e tento relaxar.



As duas primeiras horas passam sem nenhuma novidade, a não ser a minha fome, que aumentou significativamente. Eu poderia tomar o café da manhã. Bacon e panquecas me parecem convidativos agora; mas tudo o que consigo é uma maçã e uma torrada integral com gosto de papelão. Drew aprovou esse cardápio, eu pude ver através do seu sorriso de deboche. Eu dispensei a torrada e fiquei só com a maçã.

Na terceira hora, a enfermeira *paqueradora de maridos*, me fez andar

pelo corredor da maternidade por algum tempo. Isso ajudaria a aumentar as contrações, foi o que ela me disse. Tudo o que eu consegui foi ficar com mais fome ainda.

Uma hora depois, após implorar muito para que Drew usasse o seu charme a meu favor; eu consegui um copo de suco de laranja e uma taça de gelatina. Nada foi tão saboroso, quanto esses quadradinhos de gelatina de morango. Eu me lembrei das nossas balas de ursinho, e pensei em todo o caminho que trilhamos até aqui. Eu sentia vontade de chorar e ainda nem estava sobre o efeito dos remédios.

Às nove da manhã, a minha bolsa rompeu e a dor chegou com força total. Eu finalmente entendi as grávidas que gritavam na recepção. Eu queria gritar, mas respirei como havia aprendido durante a gravidez. Eu não precisava ser tão escandalosa e louca como elas. As mulheres têm os seus filhos em tribos, sem nenhum recurso. Eu estava em um hospital moderno, com profissionais capacitados e poderia manter a calma.

Duas horas depois, eu estava enlouquecida e queria matar o Drew por ter me engravidado. A culpa era toda dele por eu estar sentindo a dor mais alucinante e inimaginável de todas.

— É apenas dor, vai passar. — Ele recita, massageando as minhas costas.  
— Diga ao seu corpo que você consegue e tudo ficará mais fácil.

— Não venha com esse papo motivacional agora. — Eu vocifero em seu rosto. O meu cabelo está todo no meu rosto, grudado pelo meu suor, e eu devo me parecer com a menina de *O Exorcista*, agora. — Isso não funciona assim, senhor policial. Não quando um bebê está querendo sair por um espaço menor do que ele.

Ele ri, me ajudando a ficar de costas novamente. Eu não quero ser injusta com ele, mas eu o odeio agora. Porque ele está sentado sorridente ao meu lado e sem nenhuma dor... Odeio também a enfermeira que não me dá nenhuma droga para a dor, além de um maldito soro colocado em meu braço.

— Eu sei que dói...

— Não, não sabe. — O interrompo. — E nunca saberá, agradeça por isso... É bom que esse bebê me ame muito mais do que a você.

— Fique tranquila, nós sempre amamos mais a nossa mãe. — Ele sorri

me dando um copo de água com gelo.

— A enfermeira gostou de você. — Pontuo, fazendo com que ele me olhe com as sobrancelhas arqueadas. — Você poderia seduzi-la.

— E depois o quê? — ele questiona, com diversão na voz.

— Consiga uma anestesia ou um remédio para dor, qualquer coisa. Por favor!

— Ela já te examinou e disse que você não precisa. — Ele me lembra, terminando com um beijo. — Tenha um pouco de paciência.

— Ela não gostou de mim, e quer me ver sofrer. — Sibilo, fechando os olhos e aproveitando os poucos minutos de paz, até a próxima contração.



Ao meio dia, a enfermeira me examina a última vez e me diz que eu já estou com a dilatação necessária para empurrar.

Quarenta minutos antes, eu havia lhe pedido a minha tão sonhada anestesia, e ela me disse que não valia mais a pena, o bebê já estava nascendo e saiu do quarto, olhando para o Drew uma última vez.

Eu perguntei a ele se havia trazido a sua arma; eu poderia facilmente atirar naquela mulher. Tenho certeza de que ela fez de propósito e me negou a anestesia cada vez que eu pedi, apenas para dizer que eu não precisava depois.

Então, eu poderia ter optado pelo parto na água, teria sido a melhor decisão. Quando a obstetra entra no quarto, eu já posso sentir o bebê nascendo. Meus nervos se metamorfosearam em uma mistura quase exata de medo e expectativa. Finalmente me dou conta que estou a poucos minutos de dar à luz, e isso é um tanto assustador. Mas estou alucinada pela dor e mesmo muito cansada de todas as contrações anteriores, empurro com todas as minhas forças. Drew está ao meu lado me incentivando. Seus sussurros chegam até mim e o seu amor me fortalece, nesse momento em me sinto tão fraca. É como caminhar por um deserto sem fim, minhas pernas estão cansadas, mas a chegada valerá a pena...

— Eu não consigo! — balbucio sem fôlego, a minha voz soa como um zumbido inaudível para mim. *Acho que estou delirando.*

— Você consegue... — Drew murmura em meu ouvido. — você consegue Mia!

— Estamos quase lá, mais uma vez. — A médica me orienta, elevando um pouco a voz sobre os meus murmúrios e gemidos de dor.

Respiro, tentando aspirar a maior quantidade de ar possível com uma única lufada. Então solto o ar lentamente, me preparando para o grande esforço a seguir.

— Ahhhhh... — Grito, me inclinando levemente no colchão e empurro.

Sinto o último fio de energia abandonar o meu corpo, mas também sinto o bebê sair de mim, e o mundo parar à minha volta. Tudo fica devagar, em câmera lenta. Existiam outros sons ao redor, dezenas deles; mas tudo o que eu ouço é o seu choro. A sua voz é suave, mas o seu choro é o mais alto de todos. Como se fosse um protesto por ter perdido o conforto do meu útero. Eu quero consolá-lo e dizer a ele... ou ela, que está tudo bem. Nós estamos aqui para protegê-lo de qualquer mal.

Eu fecho os olhos até sentir o seu peso sobre o meu peito. Então eu abro os olhos novamente, e me deparo com uma cabecinha cheia de cabelos pretos, como os do Drew. Toco as suas costas e sussurro em seu ouvido algumas palavras de amor. O choro cessa.

— É um menino. — Drew murmura ao me beijar. Eu estou entorpecida, inundada por tantos sentimentos novos e avassaladores.

— Ele é tão lindo! — suspiro ao beijar a sua mãozinha.

— Ele é sim. —Ele concorda, quando a enfermeira o leva de mim para limpá-lo.

Drew afasta o cabelo do meu rosto e me beija mais uma vez. Eu me esqueci completamente da dor e da enfermeira chata. Tudo o que posso pensar, é no tamanho da felicidade que sinto ao olhar para o meu filho. Eu acompanho com atenção cada movimento da enfermeira, estou tão apaixonada pelo meu filho... *Meu filho*. Penso na Chloe imediatamente, e rezo para que ela não fique brava por ter ganhado um irmão. Eu tenho quase certeza de que ela não ficará, porque ele é o bebê mais lindo do mundo.

Quando a enfermeira o coloca em meus braços novamente, agora enrolado em seu cobertor vermelho, eu posso analisar cada detalhe dele. Seu nariz é tão perfeito, pequeno e arrebitado. Suas bochechas são gordinhas, assim como as suas mãozinhas. Ele abre os olhos pela primeira vez e posso ver a sua íris castanha me fitar com amor, ele sabe quem eu sou... *Sua mãe*. Eu já o amo perdidamente, exatamente como eu amo a Chloe. Não há nenhuma distinção entre os dois. Ambos nasceram do meu amor e assim crescerão, alimentados por ele.

— Eu quero chamá-lo de Noah. — Conto ao Drew, quando o bebê começa a mamar. É tão maravilhoso, é mágico certamente.

— Você não gostou de nenhum Noah, gostou? — ele investiga, se sentando ao meu lado.

— Não, não gostei. — Respondo rindo. — Eu gosto de Noah, a sonoridade é bonita, e combina perfeitamente com Chloe.

— Chloe e Noah. — Drew repete com um sorriso de orgulho. Eu entendo o sentimento, também me sinto orgulhosa agora. — Eu gosto também e depois de tanta dor, você tem o direito de escolher o nome.

— Sobre isso... Me desculpe... — Balbucio envergonhada, eu agi feito uma louca. Quer dizer, *ainda mais louca do que costumo ser*. — eu fui uma chata. Mas realmente dói demais.

— Não se preocupe meu amor. Valeu apenas, não foi?

— Sim, eu faria tudo de novo. — digo ao olhar para Noah e completo ao olhar outra vez para Drew — Eu te amo!

—Eu te amo, — ele devolve, segurando a minha mão. — demais.

Eu não paro de sorrir e só consigo pensar na reação da Chloe. Quinze minutos depois, Drew vai buscá-la na sala de espera; onde ela está com Silvia, Joel e Adam, além de Susan. Ele volta com ela em seus braços, com certeza os outros entenderam que esse momento é só nosso, de nós quatro.

Chloe sorri quando me vê na cama. Ela está tão linda, Silvia colocou uma fita rosa na lateral do seu cabelo, para combinar com o seu vestido, também rosa.

Eu senti a sua falta, mesmo nessas poucas horas. Senti falta da sua voz doce, e suas frases divertidas e inocentes. Drew a coloca no chão e ela caminha até mim com um pouco de hesitação. Seus olhos são curiosos e estão fixos no pacote vermelho em meus braços. Gostaria de saber o que ela está pensando quando para ao meu lado. Drew a ajuda a se sentar na cama e eu lhe dou um beijo, antes de puxar o cobertor de Noah.

— Digo oi para o nosso bebê, Chloe. — Digo a ela, quando afasto o cobertor completamente; para que possa ver cada detalhe de Noah.

— É um menino? — ela pergunta, tocando levemente a sua mão.

— Sim, e nós iremos chamá-lo de Noah. — Drew lhe conta, ao se sentar também. — Você gosta?

— Eu queria uma menina. — ela diz baixinho, mas sem soltar a mão do irmão.

— Mas Deus quis te mandar um menino, para ser o seu amigo, cuidar de você e me contar sobre os seus namorados. — Drew emenda sério, mas com infinito carinho.

Claro que seria exatamente essa a sua resposta. Deixo Chloe tocar em Noah e olhá-lo por quanto tempo quiser. Ela o faz com infinito cuidado e amor, e acha graça quando eu o coloco sobre a cama e ele estica as pernas, antes de chorar.

— Olha como ele é lindo, Chloe. — Chamo a sua atenção, enquanto tento acalmar o bebê. — Você irá amá-lo demais, não irá?

— Sim. — Ela afirma com um pequeno sorriso. — Eu vou.

— E vai me ajudar a cuidar dele? — pergunto, colocando Noah em seus braços novamente.

— Eu vou até trocar a fralda. — Chloe promete, olhando para o irmão. Noah reconhece a sua voz e fica quieto novamente. — Igual eu faço com a minha boneca.

— Isso é bom. Você é uma irmã mais velha agora. — Drew diz, beijando o seu cabelo.

— Eu sou? — ela exclama com orgulho.

— A irmã mais linda de todas. — Reforço com um sorriso repleto de amor, sentindo uma lágrima tocar os meus lábios.

E eu, com toda a certeza, sou a mulher mais feliz de todas. A mais abençoada também!



## Quarenta e Um

### Mia

**Noah** é o bebê mais lindo do universo. Eu confesso que depois das primeiras horas ao seu lado, não poderia pensar diferente. Ele é o bebê mais lindo. Chloe é a garotinha mais fofa. Eles sempre serão perfeitos para mim... Nada menos do que isso.

Ele é calmo, só acordou para mamar e trocar a fralda; depois dormia outra vez. Todos que vieram visitá-lo queriam ver os seus olhos, mas ele não despertou nem com a voz alta do Adam.

Aliás, Adam ficou mortalmente ferido por não termos dado o seu nome ao bebê. Ele disse que era o mínimo que eu poderia fazer, depois de ter lhe negado a informação sobre o sexo de Noah... Dois Adams na mesma família? *Nem pensar*. Além do mais, o bebê precisa de sua própria identidade e merece um nome só seu. Adam realmente é um bebê crescido, com um coração de ouro; *mas não diga a ele*. O Drew tem razão, o seu ego é do tamanho de um trem.

Voltando a Noah, e no quanto eu estou fascinada com a novidade de ser mãe de um recém nascido, posso dizer que ele é o meu anjo. E sabe sobre o instinto materno que todos falam? Ele realmente existe. Eu tenho medo, mas ao mesmo tempo é como se eu soubesse o que fazer e quando fazer.

A enfermeira... Não a *paqueradora de maridos*... Uma enfermeira gentil e carinhosa me ajudou a lhe dar o seu primeiro banho e foi o único instante em que Noah acordou e chorou. Ele não gosta de banho, herdou isso da irmã mais velha. Já sei que a minha vida a partir de agora, será repleta de momentos nos quais eu corro atrás de duas crianças suzinhas, e eu mal posso esperar por isso.

Todos estão apaixonados pela *Sua Majestade, o Bebê!*

Silvia está brilhando de felicidade, mais do que uma árvore de Natal. E Joel, com seu jeito gentil e centrado, está tão encantado quanto ela. Susan esteve aqui por pouco tempo, mas foi o bastante para eu me sentir emocionada com o seu carinho e bondade.



Adam aproveitou a primeira oportunidade e trouxe uma roupinha azul para Noah. Acho que ele morreria se não fizesse isso, ele é um tio muito babão, e não posso deixar de sorrir quando penso nisso. A mulher que se apaixonar por ele, será muito feliz. Eu tenho uma família incrível.

Drew... O que dizer dele? A não ser que ele é simplesmente o marido mais maravilhoso de todos, com o pacote de *super pai incrível*, incluso. Nos dois dias em que eu precisei ficar no hospital, ele não saiu do meu lado um instante sequer.

A não ser para ir para casa tomar banho e se trocar. Mas mesmo assim, garantiu primeiro que outra pessoa estivesse comigo. E vê-lo com Noah, simplesmente aquece o meu coração. Eu não posso desejar mais nada da vida. Seria injusto pedir alguma coisa, quando eu tenho muito mais do que mereço.

— Pronta para ir para casa? — Drew me pergunta quando estou terminando de fechar o macacão vermelho de Noah.

— Prontíssima. — Afirmo com alegria. — Não suporta mais ficar aqui, estou com saudades da nossa casa.

—Então vamos. — Ele gentilmente toca o meu rosto e me beija, pegando as nossas bolsas em seguida.

Seguro Noah e ajeito o seu cobertor sobre os meus ombros, antes de sair do quarto. A enfermeira *paqueradora de maridos* me oferece uma cadeira de rodas; mas eu recuso. Deus sabe que ela poderia muito bem me empurrar escada abaixo, se tivesse uma oportunidade. Agora eu vejo os benefícios de um parto normal, estou me sentindo ótima e mesmo que precise andar um pouco mais lento que de costume, não tenho mais nada a reclamar.

Adam está com o carro de Drew e para em frente ao hospital, assim que saímos. Ele desce logo que nos vê e vem ao nosso encontro, pegando as bolsas da mão de Drew e as guardando no porta malas.

— Oi Adam. — eu digo sorrindo para ele.

— Oi Mia. — ele devolve me dando um beijo no rosto — Como está o nosso homenzinho hoje?

— Dormindo. — falo ao entregar Noah para Drew colocá-lo em sua cadeirinha de bebê.

Deixo Drew me ajudar a sentar ao lado de Noah e espero que os dois irmãos discutam sobre quem vai dirigir. Eles ficam alguns minutos na difícil tarefa de provarem que um tem mais razão do que o outro. Por fim, Drew senta-se no banco do motorista e espera Adam sentar ao seu lado.

— Por que eu não posso dirigir agora, se fui eu quem trouxe o seu carro aqui? — Adam pergunta a Drew, sentando-se com muita relutância no banco do passageiro e puxando o cinto de segurança.

— Porque o carro é meu. — Drew diz, virando-se para ele com um sorriso. — Eu não gosto de andar como passageiro, a não ser que o carro não seja meu.

— Então por que não me disse para vir com o meu carro?

— Porque a cadeirinha de Noah está aqui. — ele explica, olhando para mim pelo retrovisor. — A verdade é que eu não confio na sua habilidade como motorista.

— Que insulto, eu te ensinei a dirigir, Drew. — Adam diz colocando a mão no coração. Acho que ele sempre sente dor, quando alguém o desagrada.

— Podemos ir logo para casa? — pergunto, quando vejo que outro carro parou atrás do nosso.

— Sim. — eles respondem juntos. Esses dois me matam.

Drew liga o carro e sai do estacionamento do hospital. Olho para Noah e acaricio a sua cabeça com carinho, nem o movimento diferente do carro, foi capaz de perturbar o seu sono. Eu seguro a sua mão, enquanto olho pela janela e vejo a paisagem da cidade passar por mim.

Estou ansiosa para chegar em casa e abraçar a Chloe, passamos poucos momentos juntas desde o nascimento de Noah e eu sei que ela sentiu a falta dos pais; mesmo que Silvia seja tão maravilhosa. Por falar nela, eu sei que ela está ansiosa também, nos esperando em casa com Chloe e Joel. Só espero que ela não tenha planejado uma grande festa de boas vindas. Tudo o que eu quero nesse momento é descansar.

— Eu posso levar o bebê? — Adam pergunta, quando Drew estaciona na nossa garagem.

— Meu Deus, não. E se você tropeçar e cair? — Drew pergunta, exasperado. — Por enquanto você só irá segurá-lo quando estiver sentado, não vamos abrir brechas para acidentes.

— Eu quero levá-lo, Adam. — eu intercedo, ao sair do carro e segurar Noah. — Mas você pode carregá-lo sempre que quiser, principalmente quando ele estiver chorando.

— Espertinha. — ele ri passando por mim e deixando Drew trazer as nossas coisas sozinho. Acho que ele mereceu.

— Pare de implicar com ele. — eu digo a Drew, quando ficamos sozinhos.

— Ele é meu irmão, essa é a melhor parte de todas. — ele ri, colocando a mão nas minhas costas e me ajudando a caminha até a porta. — Espere só para ver a Chloe e o Noah juntos quando crescerem. Será exatamente assim.

Em outras palavras, eles irão me enlouquecer. Eu nunca poderei tomar partido, mas espero ser uma mãe justa e amiga. Já começo a me preocupar com a possibilidade das brigas na adolescência e eles ainda são dois bebês fofos. Sim, Chloe ainda é o meu bebê e sempre será.

Ela vem correndo até nós assim que a porta se abre, deixando o bolo que comia esquecido sobre a mesinha da sala. Ela abraça as minhas pernas e toca o cobertor de Noah e eu retribuo o abraço, mesmo que seja com a minha outra mão livre.

— Você demorou para voltar, mamãe. — Chloe diz, com o rosto ainda em meu vestido. — Trouxe o bebê?

— Ele está aqui. — Respondo, quando ela me olha. — Mas vamos chamá-lo de Noah agora, é o nome dele.

— Tá bom. — Ela assente com um sorriso, enquanto Drew a carrega para ver o rostinho de Noah. — Ele nunca vai acordar?

— Quando for tomar banho. — Eu digo rindo.

— Ele gosta de dormir, era isso o que ele fazia na barriga da sua mãe. — Drew emenda, beijando o seu rosto.

— Não o tempo todo, ele acordava sempre que eu ia comer. — Falo, finalmente notando Silvia e Joel na sala e Adam... Ele já encontrou o seu próprio pedaço de bolo na cozinha. — Oi Silvia, Joel.

— Mia querida. Como você está? — ela pergunta vindo até mim, me beijando e roubando o seu neto dos meus braços.

— Estou bem. — Mal tenho tempo de responder, antes que ela se vire.

— Cuidado com ele, mãe. — Drew diz, colocando a Chloe no chão.

— Drew, você acha que alguma vez eu já te derrubei quando era pequeno? — ela pergunta com indignação e só não coloca as mãos na cintura, porque estão ocupadas.

— Eu não, mas o Adam sim... — ele responde, subindo para o quarto com as nossas bolsas.

— O Adam caiu do berço uma vez, mas não foi minha culpa. — Silvia confessa.

— Eu sabia... agora tudo está explicado. — Drew grita no topo da escada. — Dá para sentar-se com o meu filho, mãe, por favor.

— Meu Deus. — Ela bufa, sentando-se com Joel ao seu lado. — Eu criei duas crianças.

— Você me deixou cair, mãe? — Adam pergunta, quando finalmente termina de mastigar. — Que horror, eu estou realmente magoado com essa informação.

— Não foi a minha culpa, você tinha começado a andar e foi descer do berço. — Ela conta com um sorriso. — Quando tiver os seus bebês, você entenderá.

— Acho que ainda tenho a marca do tombo. — Adam replica, tocando a testa.

— Você vai arrumar um bebê também, tio Adam? — Chloe sonda, ainda ao meu lado. — Quando ele chega?

— Um dia, Chloe. Não é tão rápido assim. — Adam sorri e pisca para ela, antes de continuar. — Nem todos têm tanta sorte, quanto os seus pais.

— Não mesmo. — eu concordo olhando para Chloe. — Eu sou muito sortuda.

— Pode ser uma menina dessa vez? — ela pergunta, fazendo todos rirem.



Os dias se passaram com calma, mas rapidez. Drew e eu nos acertamos em uma boa rotina de cuidar de dois filhos agora. Dividíamos as tarefas e depositamos a nossa atenção em Chloe, para que ela não sentisse ciúmes do irmão.

Silvia e Adam ajudavam muito, especialmente Adam. Eu desconfiava que ele tinha uma queda pela professora do jardim de infância da Chloe. Ele estava sempre se oferecendo para buscá-la na escola e isso me ajudou muito, principalmente nos primeiros dias após o nascimento de Noah. Eu perguntei ao Adam sobre isso e a única resposta que consegui, foi o seu engasgo com a água que estava tomando. Já podia sentir a vontade de bancar o cupido começar a me coçar.

Quando Noah fez um mês, eu voltei a trabalhar. Até então, eu havia contratado uma pessoa para ficar no meu lugar e só estava abrindo a livraria na parte da tarde. Mas, já que Noah continuava a ser o bebê mais calmo de todos, eu pude trabalhar das dez as quatro e ainda conseguia buscar Chloe na escola. Isso quando Adam não fazia esse favor para mim... Apenas por ser o tio mais lindo do mundo, não por querer estar perto da professora.

Eu estava feliz com o progresso da livraria depois das mudanças que eu fiz, e adorava trabalhar olhando para Noah todos os dias. Às vezes eu pensava em minha mãe. Mesmo que eu não quisesse; mas acho que seria inevitável não pensar nela, quando eu estava vivendo a maternidade em sua plenitude.

Eu lhe mandei uma mensagem de texto, lhe contando sobre a gravidez assim que eu completei seis meses de gestação. Ela nunca me respondeu e sim, eu esperei ao menos um oi de sua parte, mas ele não veio.

Eu disse a mim mesma que seu telefone poderia estar quebrado, ela poderia ter trocado de número, poderia estar em outra cidade ou país. Eu ainda inventei um milhão de desculpas para mim mesma... Até que liguei para ela do celular do Drew, foi um ato impensado e eu usei os meus hormônios como desculpa para isso.

Miranda atendeu no segundo toque, então a teoria do celular estragado foi por água abaixo. Eu fiquei sem reação, enquanto ela gritava do outro lado, perguntando se alguém estava lá. Drew pegou o telefone da minha mãe e lhe disse que havia sido engano, se desculpando antes de desligar.

*Então é isso...* Nem toda a história tem um final feliz. A minha com a minha mãe, nunca terá e eu sei que ficarei melhor quando aceitar esse fato. Espero um dia não sentir essa pequena pontada no coração, quando olhar para Noah e Chloe e pensar que não sou amada pela minha mãe.

Eu escrevi para o meu pai algumas vezes, contei sobre o meu casamento, a minha gravidez e por último o nascimento de Noah. Eu até lhe mandei um dos desenhos de Chloe como lembrança. Ele me respondeu apenas duas vezes, mas foi o suficiente para saber que, dentro do possível, ele está bem.

Se eu pudesse escolher gostaria que as coisas fossem diferentes. Eu gostaria sim que ambos fossem partes da minha vida, partes da minha família, a família que construí com Drew; mas não coube a mim essa escolha. Eu preciso seguir a partir daqui.

Drew me deu um carro, mas acho que ele não confia tanto assim em mim andando por aí com seus filhos; eu também não confio. Contudo, ele não teve outra escolha, desde que começou um novo caso e isso tem ocupado grande parte do seu tempo. Essa foi a única opção encontrada. Eu não dirijo tão mal assim, apenas não gosto de fazê-lo. Mas é claro que eu sou responsável enquanto o faço.

De qualquer forma, Drew está em casa todo início de noite e essa é a minha parte favorita do dia; quando estamos os quatro junto. Chloe nos conta sobre a escola. Drew me diz que não pode me contar sobre o trabalho, *ele é chato às vezes*.

Eu lhe conto sobre alguma fofura do Noah. Agora ele está com três meses e acho que esse é o momento em que as grandes fofuras começam a acontecer. Aquelas que me tiram o ar e me fazem querer congelar o momento, e guardá-lo para sempre na minha caixinha de lembranças.

Enquanto jantamos, ele permanece acordado em seu carinho, fazendo os

sons mais bonitinhos que um bebê poderia fazer. Sempre fascinado com algum brinquedo ou com Chloe que se debruça para falar com ele.

— Eu mal posso esperar para ouvi-lo dizer mamãe. — digo a Drew, enquanto corto o frango de Chloe.

— Quem disse que ele dirá *mamãe* primeiro, e não *papai*? — ele pergunta, com um sorriso.

— A minha intuição e o fato de que ele passa todas as horas do seu dia comigo.

— Vamos apostar. — Drew me oferece, me puxando para o seu colo.

—E o que eu ganho com isso? — pergunto com uma sobrancelha levantada em desafio.

— Qualquer coisa que você quiser.

— E você? — eu pergunto, olhando para Chloe e me certificando de que ela não dará os seus vegetais para Noah.

— O que eu quiser. — Ele devolve, me beijando.

— Você adora essa frase. — Rio, saindo do seu colo e me sentando no meu lugar outra vez. — Ok, combinado!

Eu pisco para ele, enquanto estendo a minha mão para selar o nosso acordo.

— Por que o Noah não precisa comer cenouras? — Chloe questiona com um bico, afastando as suas cenouras com o garfo. Ela tem uma relação complicada com elas.

— Porque ele ainda é um bebê. Mas ele irá comer sim e irá adorar também. — Drew explica com carinho.

— Mas eu não gosto, papai. —Ela resmunga.

—Lembra do nosso acordo sobre o balé, não é? — ele pergunta sério.

— Sim. — ela diz, voltando a sua atenção ao seu prato.

— Bem melhor assim. — Ele a consola com um sorriso.

Eu diria apenas... *Coma o seu brócolis, então.* Não precisamos tanto assim de cenouras para viver, precisamos?

Bom, claramente, Drew acha que precisamos...

— Você lê uma história para mim, papai? — ela pede, quando termina de comer.

— Claro que sim, escove os dentes e vá escolher o livro. — Drew lhe diz com uma voz suave.

Ela sorri para mim, antes de correr para o seu quarto. Simples assim... Eles são amigos outra vez. Eu sei que existe uma infinidade de amor em um *não* dito para uma criança. Eu ainda estou tentando encontrar o equilíbrio entre amar e educar. Drew parece muito melhor nisso do que eu.

Ele me ajuda com a louça do jantar, antes de subir para encontrar Chloe. Eu tiro Noah do seu carrinho e o levo para o seu quarto. Ele balbucia com alegria, enquanto eu troco a sua fralda e coloco o seu pijama. É como se ele quisesse falar comigo e entendesse cada palavra que eu lhe digo. Ele sempre adormece enquanto mama, e eu sempre fico olhando para ele por longos minutos antes de colocá-lo no berço.

Eu faço isso com a Chloe também, quando passo pelo seu quarto e a encontro dormindo. Gosto sempre de me sentar ao seu lado na cama e acariciar o seu cabelo, colocar a mão sobre o seu peito e acompanhar o movimento dela com a sua respiração. Eu também acordo a noite para ver se eles estão cobertos, ou simplesmente respirando. Eu me tornei esse tipo de mãe, porque o amor que eu sinto por eles é sem medida.

Encontro Drew no banheiro e tomamos banho juntos, nós não temos mais tanto tempo para nós dois apenas, então aproveitamos cada instante que podemos. Não que eu esteja reclamando. Eu não poderia imaginar a nossa vida sem as nossas crianças, elas são o nosso tesouro.

— Se tudo isso for um sonho, não me acorde nunca mais. — digo ao Drew, quando já estamos na cama e minha cabeça descansa em seu peito.



— Se fosse um sonho, eu estaria sonhando junto com você. — Ele murmura, colocando a mão no meu queixo para me beijar.

Então que ninguém, absolutamente ninguém me acorde... *Porque eu quero sonhar para sempre.*



## Epílogo Um

### Mia

**Eu** sinto o vento do final da tarde tocar os meus cabelos, e a brisa suave e salgada que o mar tranquilo traz; beijar a minha pele.

Estamos na Califórnia!

Silvia se divide entre a casa de Joel em Atlanta e a sua casa aqui. No final das contas, ela sentiu falta desse clima. Eu também sentiria, se fosse ela.

Faz dois dias que chegamos e eu já estou apaixonada por tudo. E essa é a nossa primeira viagem em família, tem um gosto todo especial. Eu já escondi o celular de Drew, assim que pousamos, não quero que ele pense em trabalho enquanto estivermos aqui. Para ele parece quase impossível, mas ele tem conseguido, por enquanto.

Chloe está absolutamente fascinada pelo mar, ela nunca tinha estado diante dele; eu também não. Gosto de descobrirmos isso juntas, eu me sinto criança outra vez ao seu lado. Eu poderia facilmente dormir e acordar na praia, tamanha é a minha alegria cada vez que sinto a areia fofa sob os meus pés.

Noah completou dez meses há alguns dias e percebo que ele já quer andar, ele fica inquieto em meus braços e quer engatinhar atrás da Chloe o tempo todo. O único que o mantém quieto é o seu pai. Ele tem um jeito de falar baixinho com ele, que o faz apenas observar tudo a sua volta. Eu estou desmoralizada como mãe.

Estou sentada a alguns metros do mar agora, com Noah ao meu lado. Eu me divido entre cuidar dele, e evitar que ele coloque areia em sua boca, e olhar para Chloe e Drew que estão na água. A risada de Chloe é tão alta a cada vez que as ondas chegam até eles, que eu acabo rindo junto. Noah também ri, mas é porque ele estranha a textura da areia sempre que a toca.

Eu quero engarrafar esse som e ouvir quando eles crescerem, e a sensação de que Drew e eu, somos todo o seu mundo, for apenas uma

lembrança.

O tempo não perdoa, ele passa rápido demais. Chloe não é mais aquela garotinha frágil e tímida, ela acabou de completar cinco anos e gosta de ser tratada como uma mocinha.

Eu entro na brincadeira e a deixo me ajudar em tudo o que posso, principalmente com Noah. E ela é a irmã mais linda de todas.

Seguro Noah pela cintura, enquanto ele tenta fugir de mim e ganho uma mordida babada em meu queixo, quando o aperto. Ele grita de felicidade, quando eu beijo a sua barriga antes de colocá-lo sentado entre as minhas pernas.

A risada e gritos de dois meninos que passam por nós e correm em direção ao mar, chamam a sua atenção imediatamente. A minha também. A mãe em mim se preocupa com a segurança deles, já que são pequenos. Talvez o mais velho tenha no máximo oito anos.

Ele é muito bonito, com cabelos loiros que tocam o seu pescoço, por estarem um pouco grande. Seu sorriso é grande e espontâneo, quando o outro garoto segura a sua mão e o puxa para a água. Eles se comportam como irmãos, mas são diferentes fisicamente. Já que o outro garoto, que eu julgo ter quatro ou cinco anos; é moreno, com um cabelo castanho liso e muito brilhante. Eu imagino que Noah ficará assim quando crescer.

Antes que eles se molhem, um homem muito bonito chega até eles e tira a camiseta, deixando-a sobre a areia. Então ele segura cada garoto em um dos braços e se joga na água com eles. Eu tenho um sorriso no rosto, quando seguro as mãos de Noah e desvio os meus olhos para Chloe e Drew que estão brincando do mesmo jeito. Imediatamente eu sei que o homem e os meninos são uma família também.

— Cuidado com eles, Damian!

Viro a minha cabeça em direção a voz que gritou isso, e encontro uma morena muito bonita parada logo atrás de mim. Seu cabelo castanho é longo, e assim como o meu, balança com o vento e toca o seu rosto. Ela balança a cabeça e ri com as travessuras dos três no mar, antes de caminhar até onde a camiseta ficou jogada e pega-la.

Ela olha para o mar por algum tempo, antes de me notar e sorrir. Ela tem um sorriso gentil e um olhar amigável. Eu devolvo o sorriso, deixando Noah ficar em pé e olhar as crianças brincarem, mas sem soltar as suas mãos.

— Eu posso? — a estranha pergunta, apontando para o lugar ao meu lado.

— Claro, fique à vontade. — Digo ainda sorrindo.

— Ele é lindo! — ela diz, tocando a mão de Noah. — Como ele se chama?

— Noah.

— Lindo nome, ele é grande... Já tem um ano?

— Ele faz em dois meses, ele puxou o pai. — falo, apontando com a cabeça para Drew e Chloe, que agora montam um castelo de areia.

— Que fofo, um casal. Eu quero muito ter uma menina também. — ela diz, olhando para o homem e os meninos no mar. — Mas, talvez eu tenha nascido para ser mãe de garoto.

— Eles são lindos também. Como se chamam? — eu pergunto, tentando evitar que Noah escale o meu pescoço.

— O mais velho é o Max, ele acabou de completar sete anos e o baixinho é o Matt, ele tem cinco. — Ela diz com orgulho. — E aquele homem feio é o meu marido Damian. A propósito, eu sou Emma.

— Oi Emma, sou a Mia. — falo com um menear de cabeça. — Aquela menina linda é a Chloe, minha filha. E aquele outro homem feio, é o meu marido Drew.

— Realmente muito feios. — Ela replica rindo.

Também dou risada e olho para Drew no mesmo instante em que ele levanta a cabeça em nossa direção. Pisco para ele e ganho um sorriso em troca, antes que ele volte a se concentrar em seu castelo; que, aliás, está ficando lindo!

— Você acabou de se mudar? — Emma me pergunta — Eu nunca te vi por aqui antes.

— Moramos em Atlanta, — conto. — estamos passando alguns dias com a minha sogra

— Verdade? — ela sorri. — Está gostando?

— Muito. — afirmo com alegria. — Chegamos há dois dias e eu não quero nunca mais ir embora.

— A Califórnia é viciante, Santa Mônica, principalmente. Eu moro aqui há alguns anos, e posso dizer que não trocaria esse lugar por nada.

— Eu posso imaginar. — Viro-me para a bolsa ao meu lado e pego a chupeta de Noah, já que ele começa a ficar impaciente. — Mas eu adoro Atlanta também, é um lugar bom para se viver.

— Não há lugar como o nosso lar. — ela diz, parafraseando *Dorothy*.

— Não há. — eu concordo, deitando Noah em meu ombro. — Gosta de *O Mágico de Oz*?

— Gosto muito mais agora que tenho filhos, é o favorito de Max. Tanto o filme, quanto o livro. — Ela murmura, tirando o cabelo do rosto. — Mas, estudei literatura e amo todos os clássicos, eu não posso negar.

— Eu também, tanto que tenho uma livraria que é a paixão da minha vida. — Replico com orgulho.

— Que inveja, eu acabei lecionando e claro, adoro fazer isso. Mas uma livraria é um sonho para qualquer um que ama ler.

— Sim, um sonho realmente. — concordo com um sorriso. — A minha vida toda é um sonho, tenho medo de acordar a qualquer momento.

— Eu conheço o sentimento. — Ela diz, olhando para o marido.

Ele saiu da água agora e está de braços cruzados olhando os meninos que ficaram na parte rasa do mar. As suas tatuagens se destacam sobre a pele morena, principalmente a grande tatuagem tribal que contorna todo o seu ombro e parte do braço esquerdo.

Ele se vira, olhando para Emma, como se soubesse que ela está olhando para ele. Seus olhos são afetuosos e brilham com amor por ela, antes de sorrir

lindamente. Mesmo distante, eu vejo a tatuagem com o nome dela, se destacar em seu peito. Eu nunca achei que diria isso, mas o Drew poderia fazer uma com o meu nome.

Emma toca levemente o seu pulso, então eu vejo uma tatuagem discreta se destacar em sua pele um pouco mais clara; *Damian, Max, Matt* ... Nessa ordem, em uma linda letra cursiva e com uma pequena e delicada estrela separando cada nome.

— Eu adorei a sua tatuagem. — digo a ela, quando ela me vê olhando para onde os seus dedos estão.

— Obrigada. — ela agradece, contornando os nomes com a ponta do dedo indicador. — Eu também adoro.

— Você tem outras? — pergunto curiosa. Eu mesma nunca pensei em fazer uma.

— Deus, não. Eu detesto agulhas e quase morri para fazer essa. Só consegui porque foi o Damian quem tatuou e ele foi muito paciente. — ela conta, voltando a olhar para o marido.

— Um tatuador em casa, que legal. — digo rindo e fazendo Noah se mexer em meu colo.

— Um dos melhores na Califórnia, o mais lindo, com certeza. — ela me olha, rindo também. — Já pensou em fazer uma também, com o nome dos seus filhos?

— Não, — nego, mas ao mesmo tempo, pondero. — mas olhando para a sua agora, sinto-me tentada.

— O estúdio do Damian fica perto do *Pacific Park*, se quiser, apareça por lá. — Ela oferece.

— Eu pensarei no assunto. — digo com sinceridade. — Foi assim que vocês se conheceram, por causa do trabalho dele?

— Não, é uma longa história... — seus olhos castanhos parecem viajar brevemente para longe. — Na verdade a nossa história daria um livro. Posso

dizer que o Damian é o meu cavalheiro de armadura brilhante.

— É um pensamento muito romântico.

— Sim, mas é a melhor metáfora quando o assunto é o Damian.

— Talvez o Drew seja o meu, embora eu não goste de pensar em mim mesma como uma princesa indefesa. — Balbucio com uma careta involuntária.

— Eu também não, acho que não poderia sequer pensar em mim como uma princesa. — Ela replica rindo. — Eu digo no sentido da honra, lealdade e caráter. Existem poucos homens como ele, então ele se destaca como se possuísse uma armadura brilhante.

— Entendo. Se for assim... — murmuro com lentidão. — então, definitivamente o Drew é o meu cavalheiro.

Ele definitivamente é, porque ele se destaca de todos os outros homens e não é apenas porque eu o amo loucamente. Eu gostei da Emma, ela é gentil e tem uma doçura no olhar que te faz pensar nela como uma amiga, mesmo em pouco tempo.

Não acho que seja à toa que ela trabalha com crianças. Durante uma hora nós conversamos, trocamos figurinhas de mãe e compartilhamos as nossas dúvidas e inseguranças. O Sol já está começando a se pôr, quando Drew e Chloe terminam o seu castelo e os filhos de Emma, por fim, saem da água e caminham até ela.

Eu posso olhar para eles de perto e me apaixonar imediatamente pela fofura dos dois. Max tem lindos olhos azuis e um jeito calmo. Muito diferente do irmão que é falante e agitado. Enquanto Matt mal consegue respirar enquanto conta à Emma todas as suas aventuras, Max apenas o observa e em determinado momento ele me olha e sorri; ele é lindo.

O marido de Emma, Damian também vem até ela e puxa a camiseta que está em seu colo, colocando a sobre os ombros. Ele me dá um pequeno sorriso e um menear de cabeça, antes de se virar para ela e perguntar se podem ir. Ela concorda. Os três caminham à frente e ela fica para se despedir de mim.

— Foi muito bom conversar com você, Mia. — ela diz, se levantando e limpando a areia de seus shorts. — Espero encontrá-la outra vez, antes que volte para Atlanta.

— Eu também adorei. Pensarei sobre a tatuagem. — digo rindo.

Ela sorri uma última vez, antes de correr até os filhos e o marido. Damian a abraça e balança o cabelo molhado sobre ela, fazendo-a rir. Eles formam uma família bonita.

Volta o meu olhar para a minha família bonita, no instante em que Chloe corre até mim. Ela está com um maiô azul, com a Elsa estampada em toda a sua frente. Quem poderia fazê-la mudar de ideia? Mesmo dois anos depois, Frozen ainda é a sua história favorita.

— Você viu o nosso castelo, mamãe? — ela me pergunta com alegria — Não ficou lindo?

— Ficou sim. Quer tirar uma foto? — eu ofereço, esticando o braço para pegar meu celular na bolsa.

— Quero sim. — ela grita, entusiasmada com a ideia e acorda Noah.

— Leve o celular, mas cuidado. Não vá derrubá-lo na água.

— Tá bom. — ela ri e corre até o castelo de areia.

Drew a ajuda com o celular e em pouco tempo ela já está fotografando sozinha e encontrando outras coisas mais interessantes do que o castelo. Já sei que mais tarde terei que apagar centenas de fotos repetidas.

— Tudo bem? — Drew pergunta, me beijando antes de sentar e pegar Noah dos meus braços.

— Sim. — digo encostando a cabeça em seu ombro, enquanto ambos olhamos para Chloe. — Já pensou em fazer uma tatuagem?

— Por quê? — ele pergunta e mesmo sem olhar para ele, sei que sua sobrancelha está levantada.

— Não sei, curiosidade apenas.



— Já pensei. — ele diz com voz divertida.

— O que você tatuaria? — demando, finalmente olhando para ele.

— O seu nome, bem aqui. — Ele afirma, apontando para o seu bíceps.

— Verdade?

— Não, estou brincando... — ele ri, enquanto beija Noah.

— Ah, que pena. — Exalo... por um ínfimo instante eu achei que fosse verdade. — Porque eu tatuaria o seu.

— Onde? — ele me sonda.

— Em minha bunda! — eu tento parecer séria, mas não consigo; diante do seu olhar. — Estou brincando também.

— Você é louca. — ele balança a cabeça e segura a minha mão.

— Você não me amaria se eu fosse de outro jeito. — pontuo, beijando o seu pescoço.

— Eu te amaria de qualquer jeito.

Tenho um sorriso bobo no rosto, quanto o Sol se põe totalmente; dando lugar a um céu estrelado e uma linda noite. Eu me levanto, reunindo as coisas de Chloe e os brinquedos de Noah para irmos embora. Silvia deve ter achado que nos perdemos, já que ficamos o dia todo fora. Chamo Chloe, ela vem relutante e eu a ajudo a vestir a sua camiseta.

Pego Noah dos braços de Drew e deixo que ele traga as nossas coisas, enquanto Chloe anda ao meu lado.

— *Mama*. — Noah grita, quando eu o coloco em sua cadeirinha no carro.

Congelo em minha tarefa, antes que meu cérebro se dê conta do que acabou de acontecer. O meu bebê disse a sua primeira palavra, isso é tão especial. Mas, eu também ganhei a aposta que Drew e eu fizemos há tempos,

isso também é importante.

— Você ouviu isso, Drew? — eu pergunto com as mãos na cintura.

— Não, — ele desconversa. — o barulho das ondas é o único som que escuto agora.

— Não seja bobo, eu sei que você ouviu... — e voltando a olhar para Noah, eu peço. — Diga outra vez, meu amor.

Noah apenas grita, puxando o cabelo de Chloe em seguida. Eu peço mais uma vez e ele faz uma gracinha qualquer; mas sem repetir o *mama* que disse há minutos.

— Não tem problema, ele disse uma vez e isso é o bastante. — falo com seriedade, olhando para o Drew. — Você sabe o que significa. Eu ganhei a aposta.

— O combinado foi ele dizer *Mamãe ou Papai*, não apenas *Mama*.

— Isso é tão engraçado. — Debocho tentando beliscar a sua barriga, mas é impossível desde que não existe nenhuma pele extra nela. — Se ele tivesse dito *papa* você pensaria diferente.

— Tudo bem, você ganhou. — Ele aceita, me abraçando. — O que você quer?

— Eu não sei, são tantas coisas... — digo rindo, quando ele me beija. — Irei pensar em algo especial.

Ele ri também ao abrir a porta do carro para mim. Eu me sento, deixando o som da voz de Chloe conversando com Noah, chegar até o meu coração. Toco o braço de Drew quando ele liga o carro e sei que a nossa história também daria um livro... Um realmente lindo e que eu nunca, nunca me cansaria de ler.

*Ah, e se lembra daqueles limões?*

*Não preciso dizer o quão doce a minha limonada ficou, preciso?*



## Epílogo Dois

Chloe

A minha mãe Mi é uma princesa, a mais linda que existe. Seu cabelo é longo e dourado, brilha como o Sol, igual ao seu sorriso. Ela me disse que eu também sou uma princesa e a nossa casa é um castelo, onde nada de mal pode chegar.

Deve ser porque meu pai Drew, é um policial. Eu sei que os policiais protegem as pessoas e prendem os ladrões. Eu não gosto de ladrões e fico feliz porque nada de ruim vai acontecer com a gente.

Meu pai é um príncipe. Se a minha mãe é uma princesa e os dois se casaram, isso faz dele um príncipe, com toda a certeza. E eles se amam muito, eu posso perceber pela forma com que o meu pai olha para ela e como ela sorri para ele de volta.

Quando ela está cozinhando, ele a abraça e cheira o seu cabelo, então ele lhe diz alguma coisa que a faça rir.

Eu quero ter um príncipe um dia, quando eu crescer, claro... Agora eu acho os meninos muito bobos, eles jogam areia na gente e nos empurram do balanço. Um garoto da minha escola rasgou o meu desenho um dia, eu chorei e pisei no seu pé. Isso fez o meu pai rir e ele me disse, para não deixar nenhum garoto me machucar, nunca.

O único garoto que é realmente bom e legal para mim; é o meu amigo Dylan. Ele me traz chicletes e balas, às vezes e me deu uma pulseira de bolinhas coloridas, que ele mesmo fez. Eu gostei muito.

Eu também gosto do meu irmão Noah, mas ele não é um garoto ainda. Ele é um bebê babão. Foi assim que meu tio Adam o chamou uma vez. O meu pai ficou bravo, mas ninguém nunca mais esqueceu.

Chamo o Noah assim quando ninguém está olhando. O meu pai ficaria bravo se soubesse. Mas eu amo o Noah, mesmo que ele amasse os meus desenhos e às vezes babe nas minhas bonecas, eu gosto de ouvir a sua risada

quando eu converso com ele. Ele está andando agora e eu gosto de segurar a sua mão e andar com ele pelo quintal.

Acho que sou uma princesa mesmo, porque eu sou feliz como uma princesa, e eu nunca choro. Eu tenho muitos brinquedos que gosto e lápis para pintar todos os desenhos que faço. Muitos livros também. O meu pai ou a minha mãe leem para mim sempre e logo eu vou poder ler para o Noah, porque eu já tenho cinco anos e estou na escola.

Eu já sei escrever o meu nome e o do meu tio Adam, porque é o mais fácil e não porque eu gosto mais dele, mas eu gosto também. Ele é bonito e alto como o meu pai, e ele sempre diz coisas engraçadas. Sempre dou risada dele. Ele me disse que irá me dar um cachorro quando a minha mãe deixar. Um pequeno e que não faça muita bagunça.

Eu quero muito um cachorro, eles são legais e estão sempre felizes, abanando o rabo para você e pulando. Meu avô Joel tem um cachorro; o Alec. Mas ele é muito grande e minha mãe ficaria brava se eu ganhasse um cachorro igual. Ele derrubaria o Noah e estragaria os sapatos do meu pai. Isso me faz rir, porque eu gosto do Alec.

Minha avó Susan tem um gato; o Charlie. Às vezes a minha mãe me deixa ficar com ela e eu brinco com o gato o dia todo. Mas ele é gordo e um pouco preguiçoso e só quer ficar deitado, dormindo em meu colo. Eu queria ter um gato também, mas que não fosse tão preguiçoso. Acho que eu vou ser veterinária quando crescer, eu gosto de todos os animais e posso ter um milhão deles na minha casa.

Minha amiga Julie quer ser cantora, semana passada ela queria ser mágica. Mas as mágicas que ela fazia não eram tão legais. A sua voz também não é.

A minha mãe disse que posso ser o que eu quiser, basta acreditar nos meus sonhos. Eu acredito, acredito em todos os sonhos.

A minha família é muito especial e eu tenho um avô que mora em outro país; o Ian. Eu não me lembro dele, mas a minha mãe me contou que ele gosta de mim e me deu alguns presentes. Eu falo com ele, às vezes e ele é gentil e me disse que quando eu for uma *moça*, posso visitar a sua casa. Ele me manda cartas, com um cartão dentro, sempre. Meu pai me disse que são postais, com a foto de onde o Vovô Ian mora. Eu acho bonito.

E por último, tem a minha avó Silvia e eu a adoro. Ela é minha avó e minha amiga, foi ela quem me disse e eu acredito nela. Ela está sempre sorrindo e falando alto, o Noah também gosta muito dela, porque ele sempre sorri quando a vovó chega.

Eu acho que toda a criança deveria ser feliz. Eu não gosto quando um

amigo meu se machuca ou chora. Eu gosto quando as pessoas sorriem. Só deveria existir o amor... Mas existem os ladrões e eles não amam as pessoas, existem os bandidos também. Que bom que o meu pai Drew é o mocinho, por isso que eu o amo demais. Eu amo todos, porque meu coração é muito grande...

— Chloe, venha meu amor, estamos atrasados. A mamãe e o Noah já estão no carro. — Esse é o meu pai Drew falando. Ele está me esperando na sala.

— Já estou indo, papai... — eu digo com uma risada.

Pego o meu urso no colo e o levo até a minha cama. O meu urso adora ouvir as minhas histórias e eu gosto muito de conversar com ele, mesmo que ele não responda. Mas os brinquedos só falam quando não estamos por perto. Eu já me escondi e esperei para que ele falasse com a minha ursa bailarina, mas ele sabia que eu estava escondida, e ficou quieto.

— Fique bem, urso. Mais tarde eu volto! — dou um beijo no seu nariz e coloco a sua namorada bailarina na cama também. *Eles vão se casar um dia.*

Saio do meu quarto e corro pelo corredor da minha casa. Meu pai está no final da escada e me segura quando eu pulo em seu colo.

— Aí está você. — Ele fala com voz engraçada e me fazendo cócegas. — Você demorou, estava falando com quem?

— Com o meu urso! — dou risada quando ele me coloca no chão e fecha a porta.

— Com o panda? — ele pergunta e eu balanço a cabeça. — Se lembra de quando eu te dei ele?

— Não papai. — eu não me lembro, acho que eu era muito pequena quando isso aconteceu.

— Eu o comprei para que a sua mãe e você gostassem de mim. — ele segura a minha mão e sorri. — Funcionou, não foi?

— Sim.

Sento-me ao lado de Noah e papai me ajuda a fechar o meu cinto. A minha mãe se vira e sorri para mim. Ela está muito bonita hoje. Com um vestido vermelho e o cabelo solto, brilhante.

Eu também estou bonita, porque minha mãe arrumou o meu cabelo e fez uma trança igual a da Elsa. O meu vestido também é azul, eu adoro azul, é a minha cor favorita no mundo todo.

Por isso eu gostei tanto do mar da Califórnia. Ele é muito grande e muito, muito azul. A minha avó Silvia disse que eu posso voltar para lá quantas vezes eu quiser. Eu quero mesmo e pode até ser que o meu príncipe more lá e me encontre quando eu crescer... Eu iria gostar muito!



## **Nota da autora ♥**

É importantíssimo que eu deixe registrado aqui o meu agradecimento por sua leitura.

Desejo de todo o coração que ela tenha sido agradável e alegre. E se você gostou do livro, por favor, deixe uma avaliação. Se por algum motivo, não gostou. Por favor, deixe uma crítica construtiva.

Escrever e criar novas histórias, é um aprendizado diário e eu ainda estou no início da minha jornada. Portanto, mais uma vez, obrigada por ter escolhido esse livro entre tantos.

**Muito amor, muitos beijos...**

**Lucy ♥**

# Table of Contents

|                                |  |
|--------------------------------|--|
| <a href="#">Sinopse</a>        |  |
| <a href="#">Prólogo</a>        |  |
| <a href="#">Um</a>             |  |
| <a href="#">Dois</a>           |  |
| <a href="#">Três</a>           |  |
| <a href="#">Quatro</a>         |  |
| <a href="#">Cinco</a>          |  |
| <a href="#">Seis</a>           |  |
| <a href="#">Sete</a>           |  |
| <a href="#">Oito</a>           |  |
| <a href="#">Nove</a>           |  |
| <a href="#">Dez</a>            |  |
| <a href="#">Onze</a>           |  |
| <a href="#">Doze</a>           |  |
| <a href="#">Treze</a>          |  |
| <a href="#">Quatorze</a>       |  |
| <a href="#">Quinze</a>         |  |
| <a href="#">Dezesseis</a>      |  |
| <a href="#">Dezessete</a>      |  |
| <a href="#">Dezoito</a>        |  |
| <a href="#">Dezenove</a>       |  |
| <a href="#">Vinte</a>          |  |
| <a href="#">Vinte e Um</a>     |  |
| <a href="#">Vinte e Dois</a>   |  |
| <a href="#">Vinte e Três</a>   |  |
| <a href="#">Vinte e Quatro</a> |  |
| <a href="#">Vinte e Cinco</a>  |  |
| <a href="#">Vinte e Seis</a>   |  |
| <a href="#">Vinte e Sete</a>   |  |
| <a href="#">Vinte e Oito</a>   |  |
| <a href="#">Vinte e Nove</a>   |  |
| <a href="#">Trinta</a>         |  |
| <a href="#">Trinta e Um</a>    |  |
| <a href="#">Trinta e Dois</a>  |  |
| <a href="#">Trinta e Três</a>  |  |



[Trinta e Quatro](#)

[Trinta e Cinco](#)

[Trinta e Seis](#)

[Trinta e Sete](#)

[Trinta e Oito](#)

[Trinta e Nove](#)

[Quarenta](#)

[Quarenta e Um](#)

[Epílogo Um](#)

[Epílogo Dois](#)